ALEXIS AUBENQUE

SETE DIAS EM RIVER FALLS



ALEXIS AUBENQUE

SETE DIAS EM RIVER FALLS

Algumas garotas escondem terríveis segredos...

Tradução Fernando Scheibe

VERTIGO

Agradecemos a Eliane Marta Teixeira Lopes por sugerir a criação de uma série de romances policiais, inaugurada com a publicação deste volume.

Prólogo

– Tommy, você não acha que devíamos voltar pra casa? – perguntou Jeremy.

O sol já se pusera. As imensas sequoias filtravam os últimos raios de luz. Um vento frio se insinuava através da folhagem.

– Se está com medo, pode voltar. Eu vou continuar – respondeu Tommy.

Aos dez anos de idade, Jeremy não tinha nada de uma criança intrépida. Mas quando se tratava de seguir seu irmão, três anos mais velho, ele não podia recusar, com medo de passar por covarde.

Os dois continuaram a avançar pela trilha que levava ao lago.

As sombras tornavam-se cada vez mais ameaçadoras. A floresta fechava-se sobre eles. A temperatura diminuíra alguns graus, apesar de já ser primavera.

Jeremy sentia o corpo tremer. Estava morrendo de medo. Queria voltar pra casa.

– Tommy, acho que...

– Shhh! – interrompeu o irmão, parando atrás de um arbusto.

Jeremy ficou quieto.

Através da folhagem, podiam ver o lago. Um Subaru estava parado perto da margem. Jeremy encolheu-se o mais que pôde. Estava paralisado, incapaz de se mexer.

– Olhe, eu te disse que tinha ouvido um carro – sussurrou Tommy no ouvido do irmão mais novo.

Escutaram o ruído de passos. Pedrinhas brancas que rolavam embaixo das solas. Perceberam a silhueta de um homem.

Não conseguiam distinguir seu rosto. Um imenso chapéu de abas largas criava sobre ele uma vasta zona de sombra. O desconhecido vestia uma longa capa preta e botas de pescador.

– Estou com medo, Tommy – cochichou Jeremy, puxando o irmão pela manga do pulôver.

– Já disse pra ficar quieto, não faça barulho.

O silêncio era total. Tommy percebeu então que o homem também não fazia mais nenhum barulho.

Um arrepio percorreu sua espinha. Viu a silhueta do homem imóvel na margem do lago, com a cabeça virada para o bosque. Um frêmito gelado sacudiu Tommy, que abaixou os olhos para o irmãozinho aterrorizado.

Sem abrir a boca, Tommy colocou o indicador sobre os lábios e com os olhos intimou Jeremy a não dizer nada, a não fazer nada que pudesse atrair a atenção do desconhecido.

Estavam suficientemente afastados, o bosque era bastante denso e a escuridão, embora ainda não fosse total, já era espessa o bastante para dissimulá-los ao olhar do desconhecido.

Ficaram imóveis cerca de um minuto, até que o homem se decidisse a voltar para o Subaru e entrar nele.

– Jeremy, temos de ir.

Tommy segurou a mão do irmão e se pôs, muito lentamente, a subir a trilha. Quando já tinham feito cerca de dez metros, Tommy apertou um pouco mais a mão de Jeremy.

– Agora, vamos correr. Não largue minha mão de jeito nenhum, ok?

– Sim – respondeu Jeremy, com a voz trêmula.

Tommy sorriu e passou a mão no rosto de anjo do irmão. Era o mais velho, jamais se perdoaria se lhe acontecesse alguma coisa. Mas o medo ainda o dominava: não ouvira o barulho do motor do Subaru.

Puseram-se a correr. Apesar da escuridão cada vez mais densa, os dois meninos corriam o mais rápido que podiam. Conheciam bem a floresta, mas nunca tinham estado ali à noite.

Jeremy caiu de repente, arrastando o irmão na queda. Tommy se levantou imediatamente, mas Jeremy ficou no chão.

– Rápido, por favor, vamos!

– Machuquei a perna!

Sob a fraca luz que se infiltrava através da abóbada silvestre, Tommy pôde ver o rosto crispado de Jeremy, que segurava o tornozelo e gemia de dor.

– Você tem de se levantar. Me dê a mão – suplicou Tommy.

Jeremy lhe dirigiu um olhar embaçado de lágrimas.

– Está doendo demais, não vou conseguir.

Tommy se abaixou. Passou o braço por baixo das axilas do irmão e o forçou a se erguer. O menino soltou um grito, mas conseguiu ficar de pé.

– Vamos conseguir, maninho, vamos, seja corajoso. Somos os melhores, não? – disse o mais velho, forçando um tom alegre.

– Está doendo – foi a única resposta.

Tommy sentiu as lágrimas inundarem seus olhos. Não queria abandonar o irmão, mas não via outra saída.

– Escute, acho que ficamos com medo à toa. Ninguém está nos seguindo. A gente se apavorou por nada.

E, ao dizer isso, percebeu que era realmente o caso. Nenhum barulho característico de uma perseguição. O homem devia ter ido embora.

O medo que paralisava seus espíritos os impedira de ouvir o motor do Subaru.

– Acha mesmo? – perguntou Jeremy, que, mancando, se apoiava no irmão para se manter de pé.

– Claro que sim! Quem iria querer nos fazer mal? Somos dois estúpidos! – exclamou Tommy, sentindo todo o estresse passar.

Começou a gargalhar descontroladamente. Apesar da dor no tornozelo, Jeremy também se pôs a rir.

– Ei! Não conte isso pra ninguém – disse Tommy quando a crise de riso se acalmou. Senão, vamos passar por cagões.

Jeremy ainda estava rindo.

– É claro que não, vamos dizer que estávamos apostando corrida e eu caí – respondeu no mesmo tom.

Tommy estava orgulhoso do jovem irmão. Metera-o naquela roubada, mas, em nenhum momento, ele reclamara.

– Você é o melhor dos irmãos, Jem – disse, passando a mão gentilmente em seus cabelos.

– Sou o único que você tem! – replicou Jeremy sacudindo a cabeça.

Mas a dor voltou e ele soltou um grito. Tommy o ajudou a sentar de novo. Não tinha tempo a perder. Devia, a todo custo, procurar ajuda antes que a escuridão fosse total.

– Jeremy, tenho de ir buscar ajuda. Acha que aguenta ficar sozinho? – perguntou.

– Sem problemas, não sou nenhum fracote! Vá, rápido, e diga pra mamãe que não fiz de propósito.

Tommy não se perdoava por abandonar o irmão naquele estado, mas não tinha escolha. A noite já estava quase fechada sob a cobertura das árvores, e começava a fazer frio. Lançou um último olhar para Jeremy, deu uma piscada cúmplice e saiu correndo.

Logo alcançou o caminho principal que serpenteava, na floresta, da cidade até o lago. Não

enxergando mais quase nada, fiava-se nas asperezas do caminho para chegar até as primeiras casas de River Falls.

A noite caía, o silêncio se abatera sobre a floresta, impregnando-a de uma atmosfera mórbida. Tommy lutava contra os maus pensamentos que o torturavam. Apertava os dentes sem parar de correr.

Seus músculos começavam a se contrair. A dor no baço o torturava. Maldisse sua imprudência, jurando que nunca mais meteria o irmão numa situação daquela.

Apesar da dor e do remorso, continuou correndo, prestando atenção para não cair. Ao cabo de alguns minutos que pareceram horas, percebeu, enfim, as luzes dos primeiros postes.

Um sorriso hesitante tomou conta de seu rosto. Parou um instante à beira da estrada, curvado em dois, a mão apoiada no quadril esquerdo. Com a boca aberta, ofegava como um condenado.

Mas sabia que o mais difícil já passara. Não se perdera. Agora só faltava correr até a casa mais próxima. A fazenda do velho Johnson. Subiu no acostamento e retomou sua corrida.

A noite já estava fechada, mas não era muito tarde. Tommy esperava que um carro não tardasse a aparecer no horizonte, mesmo sabendo que aquela estrada era bem menos frequentada do que a que dava na outra entrada da cidade.

Já tinha quase descartado essa esperança quando a luz de um farol iluminou a estrada à sua frente. Parou e se virou. Não havia dúvida: era mesmo um carro.

Estendeu o braço, com o dedão erguido, enquanto o barulho do motor rugia cada vez mais alto.

O carro se aproximava num ritmo regular. Então, a luz o cegou, obrigando Tommy a proteger os olhos com a mão.

“O motorista esqueceu de baixar o farol”, pensou Tommy fechando um pouco os olhos.

O carro começou a diminuir a velocidade a menos de cinquenta metros dele e parou, com uma freada brusca, a menos de dez. Tommy quase se jogou no declive ao lado do acostamento. Uma porta se abriu e bateu assim que o motorista saiu do veículo. Tommy não conseguiu distinguir a marca do carro por causa dos faróis que o ofuscavam.

Uma silhueta maciça se aproximava dele, mas Tommy não podia ver seu rosto, tanto a luz contrastava com a escuridão circundante.

– Ei, pequeno, não devia estar em casa a essa hora? – perguntou o homem, aproximando-se lentamente. – É arriscado passear a uma hora dessas, ainda mais sem uma braçadeira. Quase que eu o atropelo, meu rapaz.

Tommy deveria estar mais tranquilo com a presença do homem, mas, sem saber bem por que, um sentimento de medo o invadiu.

– Eu perdi a hora. Minha mãe não vai ficar nada contente.

Deveria contar tudo. Explicar que seu irmão estava ferido na floresta e que precisava buscar ajuda a todo custo, mas não conseguia confiar naquele homem. Uma espécie de sexto sentido o advertia do perigo.

– Vamos, suba, vou levá-lo até a cidade. Não vamos deixar seus pais preocupados por mais tempo.

O homem parara de avançar. Tommy ainda não conseguia distinguir seus traços, os faróis altos embaralhavam sua visão.

– Vou voltar a pé. Já estou quase em casa – disse, recuando dois passos.

O homem não se mexeu e ficou em silêncio.

Tommy sentiu os batimentos de seu coração se acelerarem. Quase podia escutar as pulsações do sangue correndo em suas veias. Recuou ainda alguns passos, sem tirar os olhos do homem.

– O que é que há, meu rapaz? Do que você está com medo? – perguntou o homem, começando a avançar enquanto Tommy recuava.

– Mamãe disse pra não falar com estranhos – replicou, sentindo o terror a ponto de submergi-lo.

Seus olhos começaram a arder. Seu maxilar tremia. Uma vontade louca de fazer xixi o torturava.

– Não tenha medo, não vou lhe fazer mal – reforçou o homem, acelerando o passo.

Tommy fechou os punhos e deu meia-volta. Tinha certeza de que não estava longe da fazenda do velho Johnson. Com um pouco de sorte, o homem o deixaria em paz.

Sem olhar para trás, deu uma corrida de perder o fôlego. As lágrimas, retidas por tanto tempo, encharcaram seu rosto.

Estava arrependido por não ter obedecido a mãe. Deviam ter voltado logo da escola. Jamais deveria ter levado Jeremy junto.

Sentia uma raiva terrível de si mesmo. Pensava no irmãozinho esperando no frio e no escuro da noite. Se soubesse que isso ia acontecer!

A estrada fazia uma grande curva para a esquerda. Tommy reconheceu o lugar. A menos de dez metros dali ficava um monumento edificado em honra aos rapazes que tinham morrido no Vietnã trinta anos antes. A fazenda do velho Johnson não estava mais muito longe. Ia chegar lá. Estava salvo.

Um verdadeiro sorriso se estampou em seu rosto e uma nova determinação lhe invadiu o corpo, revigorando todos os seus músculos. Esquecera completamente a dor no baço.

“Mamãe, juro que serei o filho mais comportado do mundo”, prometeu a si mesmo, secando as lágrimas com as costas da mão. Seus pés pareciam mais leves, como se liberados de um peso.

Passou diante do monumento e percebeu enfim as luzes da fazenda. “Consegui, consegui!”, pensou, eufórico.

De repente, o barulho de um motor a toda a velocidade arrancou-o de seus pensamentos. Virou-se e, sem parar de correr, viu os dois faróis de um carro que vinha direto para cima dele.

Sentiu o coração falhar. Gritou, antes de olhar para a frente e deixar a estrada. Mas, desconcentrado, não notou um buraco no acostamento. Caiu com tudo. Seus braços se bateram no chão e uma dor terrível o invadiu.

Não tentou compreender. Pôs as mãos para a frente e tentou se levantar.

A luz o cercava. Ergueu a cabeça e teve tempo apenas de abrir a boca para soltar um grito antes que o Subaru o atingisse a toda a velocidade.

Segunda-feira, 23 de abril de 2007

1

Mike Logan chegou ao lugar do crime.

Todos os policiais do condado já estavam lá, esquadrinhando o terreno.

Voluntários das cidadezinhas próximas, devidamente controlados por policiais que ficavam na orla da floresta, tinham se juntado a eles.

Logan estacionou seu Cherokee na beira da estrada e saiu. Uma violenta rajada de vento cortou seu fôlego.

O sargento Portnoy veio falar com ele. Tinha vinte e cinco anos; seu rosto refletia uma seriedade pouco habitual em traços tão juvenis.

– Em que pé estamos? – perguntou Logan, tirando do bolso o maço de cigarros Chesterfield.

Portnoy o saudou levantando rapidamente o chapéu.

– Ainda não o encontramos. Continuamos procurando – respondeu, num tom desolado.

Logan balançou a cabeça e aspirou uma grande tragada de fumaça, depois soltou-a no ar frio da manhã.

Os topos das grandes sequoias tremiam ao vento. Nuvens tinham se formado acima de suas cabeças. Logo iria chover.

– Muito bem, levem-me ao lugar do acidente.

– Sim, xerife. É por ali – respondeu Portnoy, apontando a estrada com a mão.

A circulação fora bloqueada naquele trecho. Logan passou por baixo da fita amarela que delimitava o acesso e continuou seguindo o sargento.

Não podia deixar de ruminar sombrios pensamentos. Havia apenas três meses que fora eleito xerife da pequena cidade, no norte do estado de Washington, e já se deparava com um caso terrível.

Se as conclusões eram de uma simplicidade evidente – um barbeiro tinha atropelado um dos filhos dos Sheppard –, permanecia, no entanto, o mistério: onde estava o irmão mais novo?

Passaram a curva da estrada e avistaram uma grande casa à beira do caminho.

– Vocês interrogaram o proprietário?

– Sim, é a fazenda de Jonathan Johnson. Ele não viu nem escutou nada – respondeu Portnoy, apressando-se em acrescentar:

– Pode acreditar, é um bom rapaz, já um pouco velho.

Logan balançou a cabeça várias vezes em sinal de assentimento. Resolveu não dizer que sua passagem pela polícia de Seattle demonstrara que pessoas velhas podiam ser, tanto quanto as outras, perigosos matadores.

Chegaram diante de um ajuntamento de policiais locais que ajudavam Nathan Blake, um dos chefes da brigada científica do Estado, vindo especialmente de Seattle.

Equipados com material de ponta, analisavam cada centímetro quadrado do lugar onde fora encontrado o corpo sem vida de Tommy Sheppard. Basicamente, cacos de vidro.

– Nosso homem é um assassino – disse Blake, virando-se para Logan.

Munido de luvas de látex, ele segurava delicadamente um saquinho plástico com minúsculos pedaços de vidro. Seu olhar era de uma dureza terrível.

– Ou seja? – inquiriu Logan, resistindo à vontade de pegar mais um cigarro.

– O motorista não freou, esta é a primeira evidência. A segunda é que ele parou pra juntar os pedaços do farol. O idiota! – prosseguiu Blake, levantando os olhos para o céu. – Terceira: o menino

não morreu por causa do choque.

Atrás deles, os policiais continuavam sua minuciosa varredura do lugar do “acidente”.

– Talvez esteja me precipitando um pouco, mas o pescoço do garoto está num ângulo anormal pra esse tipo de choque.

Logan sentiu o pulso acelerar. Sabia que isso não mudava em nada o drama. O menino estava morto, de qualquer jeito. Mas saber que depois de tê-lo atropelado, o motorista tinha se dado ao trabalho de parar para quebrar a nuca de um garoto de 13 anos...

– Não pode ser! – disse, passando a mão nos cabelos castanhos.

Acabava de sentir uma gota de chuva. Ergueu os olhos para o céu. As nuvens começavam a se precipitar.

– Teremos que esquecer a tese do acidente. Tudo indica que esse garoto não foi morto por acaso. É cedo pra dizer, mas temo que tenha sofrido violências sexuais.

Tudo o que Logan não queria escutar. E, para aumentar sua angústia, um dos dois meninos ainda não fora encontrado. Imagens terríveis vieram-lhe à cabeça. Um menininho preso numa cela, nas mãos de infames torturadores.

Fechou os punhos e fez um esforço para se acalmar. Seu celular tocou.

– Xerife, o senhor tem de vir ver isso – disse uma voz alterada do outro lado da linha.

Era a sargento Martinez. Uma hispano-americana um pouco mais velha que Portnoy. Estava transtornada. Logan permaneceu na escuta. Imaginava o que ela ia lhe informar.

– Onde vocês o encontraram? – perguntou.

– No lago. Os mergulhadores acabam de tirar o primeiro corpo. Há pelo menos mais um. É monstruoso, xerife. Quem praticaria tais horrores contra uma moça?!

Martinez estava à beira das lágrimas.

Logan percebia a dor de sua jovem subalterna, mas o fim de sua frase o deixou perplexo. Entretanto, em vez de atormentá-la com perguntas, preferiu responder:

– Estou indo praí.

Guardou o celular no bolso da jaqueta e se virou para Portnoy:

– Temos de ir até o lago. Sabe chegar lá rápido?

O sargento desgrudou os olhos do chão ainda manchado do sangue que a chuva logo diluiria irremediavelmente:

– Há um caminho de terra que atravessa a floresta, ou a estrada, mas aí é preciso contornar pelo norte – respondeu.

– Então vamos pelo caminho de terra –, decidiu Logan. E virando-se para Blake: – Assim que tiver os resultados das análises médico-legais do garoto, me avise.

Blake assentiu e voltou ao trabalho.

Menos de dez minutos depois, chegaram à beira do lago.

Logan e Portnoy saíram da viatura de patrulha. Imediatamente um cheiro nauseabundo os agrediu.

A tenente Blanchett deixou o grupo de policiais para acolhê-los.

– Bom dia, xerife, não é bonito de ver – disse, sem preâmbulo.

Logan franziu as sobrancelhas. Avistou a sargento Martinez sentada num toco de árvore, cercada por três colegas. Estava inclinada para a frente, o rosto marcado pelo horror.

– É por ali – acrescentou Blanchett.

Conduziu-os pela beira do lago e entrou no ajuntamento de policiais.

Dois cadáveres de mulheres tinham sido depositados ali, lado a lado.

– Santo Deus! – exclamou Portnoy, que mal teve tempo de se virar para vomitar.

Logan se aproximou lentamente. Esquecendo o cheiro, observou cada um dos corpos e compreendeu que estava metido num caso bem mais sórdido do que imaginara inicialmente.

"Merda!", pensou, enojado com a carnificina.

Além do aspecto perturbador devido à rigidez cadavérica, Logan podia constatar que as duas vítimas pareciam ter sido torturadas antes de morrer, pois apresentavam mutilações terríveis: arranhões, cortes, ferimentos...

Parou de observar e se desviou dos cadáveres. Esperaria os resultados da autópsia.

– Ainda há corpos? – perguntou a um dos mergulhadores que se preparava para voltar à água.

– Não dá pra saber. Não se vê nada a mais de dois metros nessa água. As duas vítimas estavam dentro de sacos cheios de pedras. Não subiriam à superfície tão cedo.

A chuva se intensificou subitamente. Os topos das árvores que rodeavam o lago se curvaram ao vento. O céu ficou cinza escuro.

"Só falta, agora, um furacão!", pensou Logan. No entanto, sua expressão continuou impassível. Naquele momento, só uma coisa importava: encontrar o pequeno Sheppard.

Não saberia dizer por que, mas estava certo de que ele não estava no lago. O matador "gostava" de mulheres, não de menininhos.

– Continuamos as buscas na floresta? – perguntou Blanchett, afastando-o de seus pensamentos.

Logan ergueu a cabeça e olhou-a nos olhos.

– Jeremy está vivo. Ele não o matou – disse, utilizando de propósito o prenome do garoto. Não admitia falar dele como de um corpo sem vida.

– Espero que tenha razão – retrucou Blanchett.

Sob o chapéu que a protegia da chuva, seu rosto refletia um verdadeiro sofrimento interior.

Com trinta e três anos, mãe de uma menininha de sete, Blanchett nunca assistira a tamanho horror. Só sabia da existência de coisas assim pelos relatórios na academia de polícia de Seattle.

– Nosso matador deixou o corpo de Tommy em evidência. Esperava que acreditassem num simples acidente de estrada – começou a explicar Logan. – Deve tê-lo surpreendido observando quando jogava os cadáveres na água. Mas não viu Jeremy, senão o teria matado também. E, nesse caso, não teria deixado os dois corpos na estrada. Isso teria evidentemente despertado suspeitas. A tese do acidente seria menos plausível.

– Então, onde ele está? – perguntou ela.

Logan fez um gesto de ignorância, mostrando a floresta que os rodeava.

– Lá dentro. Está escondido, morrendo de medo.

A noite começava a se aproximar. Sob uma chuva torrencial, as equipes de busca redobravam seus esforços para encontrar o rastro do menino.

Nem os policiais nem os civis voluntários suportariam voltar de mãos abanando. Todos sabiam que, se não encontrassem Jeremy antes do anoitecer, teriam que considerar uma hipótese bem mais terrível.

Morgan Finley estava extremamente cansado. Apesar de seus sessenta e poucos anos, fizera questão de participar das buscas. Era caçador desde jovem e podia se gabar de ter um talento danado para rastrear a caça.

Seus dois filhos tinham morrido no Iraque, no ano anterior. Não era responsável pela morte deles,

mas, no fundo de si mesmo, não conseguia se perdoar. Deveria ter conseguido convencê-los de que essa guerra era uma verdadeira farsa. Um americano não tinha nada que lutar para defender um bando de muçulmanos!

Deixara seus dois filhos partirem para a guerra e eles jamais tinham voltado. Agora, estava patinhando na lama, a menos de vinte metros de seu parceiro.

– Juro que se encontrar quem fez isso o farei engolir os próprios bagos! – exclamou Malcolm Borg.

Era o melhor amigo de Finley. Sempre se reuniam à noite, na varanda de suas casas, para jogar cartas enquanto suas mulheres ficavam conversando.

– A pena de morte é suave demais para esse tipo de canalha – continuou.

Finley estava inteiramente de acordo com ele. Detestava os democratas e os abolicionistas da pena de morte. "Será que ao menos imaginavam o sofrimento das vítimas?", perguntava-se muitas vezes, quando pensava em todos esses crimes hediondos.

– Eu os torturaria até que... – e se pôs a gritar.

Seus pés escorregaram e seu corpo deslizou por uma ravina escondida por um espesso arbusto.

Assustado, Borg se lançou para a frente. Abriu caminho evitando os muitos galhos de árvores que atrapalhavam a passagem. Chegando ao lugar onde deveria encontrar Finley, avistou o buraco. Debruçou-se e avistou o amigo, que se debatia, praguejando, seis metros abaixo.

– Você quebrou alguma coisa? – gritou.

Ainda sob o choque da queda, Finley agradeceu ao Senhor pelo fato de a ravina não ser ainda mais íngreme. Escutou a voz de Borg e tentou se reerguer. Foi então que sentiu o braço. Estava torcido numa posição improvável.

– Merda, puta merda! – praguejou, sentindo a dor afluir subitamente ao cérebro.

Ia gritar para Borg chamar uma ambulância com toda a urgência quando viu, a menos de cinco metros à sua esquerda, uma forma alongada, imóvel. Apesar da dor, conseguiu avançar alguns metros.

Era Jeremy Sheppard. Mas estava inanimado.

Finley rogou ao Senhor e colocou a mão na garganta do menino. As lágrimas afloraram quando sentiu a artéria de Jeremy pulsar contra seu polegar.

Estava vivo.

"Deus seja louvado!", pensou, erguendo-se.

– Malcolm, chame rápido os tiras e uma ambulância, encontrei o garoto – gritou, enquanto se dava conta de que ia se tornar o herói da cidade.

Um enorme sorriso iluminou seu rosto.

2

De manhã cedo, nesse mesmo dia, Sarah Kent saiu de seu quarto com um roupão de banho. Levava na mão a *nécessaire* e uma toalha.

Atravessou o corredor do dormitório e entrou no banheiro. Vários chuveiros se alinhavam lado a lado.

Três garotas estavam se arrumando.

– Oi – disse Sarah, colocando suas coisas perto de uma pia.

As estudantes a cumprimentaram sem desviar os olhos do espelho em que se maquiavam ou penteavam.

Sarah entrou numa das cabines com seu xampu e seu sabonete, depois se fechou e pendurou o roupão na porta.

Ligou o chuveiro, pôs a mão embaixo da água e, quando a temperatura lhe pareceu boa, entrou, puxou a cortina e deixou correr sobre o corpo um poderoso jato d'água purificador.

Esse ritual matinal era uma verdadeira felicidade. Se dependesse dela, passaria horas tomando banho, massageada pela água que escorria sobre seu corpo.

Desligou a água o tempo suficiente para passar o xampu; então, depois de enxaguar os cabelos, esfregou o corpo com um sabonete de extrato de amêndoa que lhe assegurava aquela pele de cetim que era seu orgulho.

Abriu mais uma vez o chuveiro. Aumentou a pressão e a temperatura. Rapidamente, uma bruma benfazeja invadiu o interior da cabine.

Dez minutos depois, desligou o jato e saiu do chuveiro. Estendeu a mão para a porta e teve a má surpresa de não encontrar nem seu roupão nem sua toalha.

Olhou para o chão. Nada. Tinham desaparecido.

Mordeu os lábios e ruminou um palavrão.

– Vamos, garotas, sejam boazinhas, vou me atrasar – disse ela, sapateando sem sair do lugar.

Ninguém respondeu.

"Cadelas!", pensou, fechando os punhos.

Sabia que abusava da água. Todas as garotas enchiam seu saco por causa do tempo que levava para se lavar. Mas daí a lhe pregarem uma peça daquelas...

– Parem, não tem graça nenhuma. Se chegar atrasada, McCourt vai me chamar de novo – disse, esperando que seu tom de queixa fizesse com que se apiedassem.

Mas, depois de alguns segundos, teve de admitir que não devia esperar nenhuma piedade da parte delas.

Aquelas cadelas!

Colou a orelha na porta.

Nenhum barulho, nem mesmo o riso abafado de Babeth quando aprontava alguma.

Elas a tinham deixado completamente sozinha no banheiro.

Inspirou profundamente e resolveu abrir lentamente a porta. Assim que a abertura foi suficiente, colocou a cabeça para fora e verificou que não tinha ninguém.

Saiu da cabine. Na ponta dos pés, aproximou-se da porta do banheiro. Com o coração batendo forte, escutou atentamente. Nenhum barulho.

Não havia mais de vinte metros entre o banheiro e seu quarto, situado no meio do corredor. Vinte

metros a atravessar totalmente nua!

Fechou os olhos, amaldiçoou mais uma vez as garotas e fechou os punhos.

“Você consegue, você consegue”, repetia para si mesma, numa espécie de mantra.

Estava paralisada pelo medo. As batidas de seu coração dobraram de força.

E se alguém passasse no momento em que estivesse atravessando o corredor? Morreria de vergonha.

“Nunca vou conseguir”, pensou.

Por outro lado, não podia se imaginar a manhã inteira ali, à espera de que outra garota viesse ajudá-la.

Respirou várias vezes, esforçando-se para não pensar em nada. Colocou a mão na maçaneta e começou a abrir lentamente a porta.

De repente, ouviu um rangido atrás de si. Teve um sobressalto e se virou, escondendo instintivamente os seios e o sexo com as mãos.

– Jenny?! – disse, espantada, reconhecendo a garota que saía de outra cabine de banho.

A outra estudante riu, zombeteira. Estava com o roupão de Sarah na mão.

– Tinha de ver sua cara! Coitada, você é patética! – zombou abertamente, antes de jogar o roupão em cima de Sarah, que o agarrou e vestiu imediatamente.

– Sua vaca! O que deu em você? Ficou louca?! – urrou.

Passado o momento de estupefação, sentia uma raiva fulminante.

Jennifer se aproximou.

– Você não pensou que poderia roubar tão facilmente o que me pertence – disse, com uma dureza que paralisou Sarah.

Jennifer era uma verdadeira antissocial. Sempre no fundo da sala, isolada de todas as outras estudantes. Sempre vestida de preto.

Muitas pensavam que ela fazia parte de um movimento satânico ou alguma coisa do gênero. Uma garota que jamais deveria ter entrado na mesma universidade que elas.

– Do que você está falando? Nunca roubei nada de você! – respondeu Sarah na defensiva.

Aquilo era o cúmulo. Tinha agora que se justificar por um ato que não cometera.

– Ande, vá embora, um dia você compreenderá – disse Jenifer. Seu tom perdera a ferocidade. Um certo desânimo a invadira.

Sarah não tentou compreender e saiu correndo pelo corredor. Esbarrou num dos empregados da limpeza que estava passando pano no chão e se enfiou em seu quarto. Chaveou a porta e se jogou na cama.

Ficou um bom tempo deitada antes de se levantar e retomar o controle de suas emoções. Não conseguia entender. Que mosca picara Jennifer?

Sempre a achara estranha. Jennifer nunca se misturava com as outras garotas. Escutava *heavy metal* e usava sempre longos vestidos pretos que faziam com que parecesse uma bruxa. Sem esquecer seus piercings no nariz, nas orelhas e na língua, nem seus longos cabelos pretos, lisos, que realçavam uma maquiagem esbranquiçada e grandes olhos verdes! E o que dizer das unhas pintadas de preto?

Sarah mexeu a cabeça, manifestando nervosismo. Como lhe explicar que não tinha roubado nada dela?!

Apertou os lábios. Seu rosto refletia uma nova determinação. Tinha de dar a volta por cima: não estava acostumada a ser uma presa.

Era uma vencedora, um modelo para as outras estudantes. Precisava encarar a situação com firmeza. Jennifer a pegara de surpresa. Jurou que a faria pagar por essa humilhação. Um canto dos

lábios se ergueu, então um franco sorriso se desenhou em seu rosto.

“Você quer bancar a cadela, querida? Então, vamos lá!”

3

– Não se mexa... e, por favor, pare de sorrir – disse Leslie Callwin.

Morgan Finley obedeceu, embaraçado.

Estava num leito de hospital.

Fora internado na emergência algumas horas antes. Um médico colocara seu úmero no lugar. Agora, tinha o braço imobilizado do ombro ao cotovelo por um gesso volumoso.

Pela janela do quarto, via a chuva que continuava a cair sobre River Falls.

Leslie Callwin e Peter Minstry, seu fotógrafo, foram os primeiros a chegar ao hospital.

– Isso, muito bem, mantenha esse ar combativo e vingador – disse Callwin, quando ficou satisfeita com a pose.

Dois flashes crepitaram, um após o outro. Minstry sacudiu a cabeça, satisfeito consigo mesmo, e saiu do quarto.

Callwin se aproximou do ferido e se sentou no canto do leito, de frente para ele. Notou logo que o olhar do homem se dirigia a seu decote, posto em evidência por um terninho mal abotoado.

Ligou o gravador.

– Senhor Finley, fale-me da descoberta do pequeno Jeremy Sheppard.

Ele limpou a garganta e consentiu, finalmente, em levantar os olhos.

– Pois bem, eu estava junto com Malcolm, Malcolm Borg, meu vizinho – começou.

Contou então como ficara sabendo do desaparecimento do filho dos Sheppard pelo rádio amador de seu amigo e de como se ofereceu imediatamente como voluntário para participar da busca. Prosseguiu, demorando-se em detalhes insignificantes, até sua queda na ravina e a descoberta do menino sobrevivente.

Durante seu longo monólogo, não pôde deixar de interromper o relato para considerações pessoais sobre os assassinos de crianças e outros perversos, símbolos de uma civilização decadente, fruto dos anos Clinton!

Como jornalista profissional, Callwin permaneceu impassível, até rindo das piadas de mau gosto do ferido. Sabia que tinha nas mãos a história que projetaria sua carreira e lhe permitiria deixar definitivamente o *Daily River* e entrar num grande jornal de Seattle.

– Muito bem, senhor Finley. Agradeço seu depoimento. Boas melhoras.

Desligou o gravador e se levantou.

– Ei, senhorita, minha foto vai mesmo sair no jornal? – perguntou Finley, enquanto ela se preparava para deixar o quarto.

Callwin terminou de vestir o casaco e se virou para ele.

– Não se preocupe, você estará na primeira página.

Finley não pôde reprimir um sorriso de satisfação.

Callwin saiu. Tinha uma sensação estranha. Não gostava do que ia fazer desse homem: um herói.

Minstry a esperava na frente da porta.

– Esse cara parece ser um perfeito idiota.

– O quê?

Minstry assumiu uma aparência desolada.

– Dá pra escutar através da porta – explicou-se. – Esse cara é um fascista em potencial.

Callwin concordou.

– Eu sei, mas é ele o herói do dia. Querendo ou não, é assim.

Minstry coçou a barba de três dias e colocou a mão, afetuosamente, no ombro de Callwin.

– Você ainda precisa de mim?

– Não, chega de fotos. Vou terminar sozinha.

– Ok, vou voltar pra redação. Nos encontramos lá.

– Até daqui a pouco.

Observou o colega se afastando. Quando ele desapareceu, voltou para o corredor e subiu a escada que levava ao segundo andar do hospital. Cruzou com várias enfermeiras antes de avistar um sargento que controlava a circulação no corredor.

Quando chegou perto dele, abriu a bolsa e tirou a carteira de jornalista.

– Leslie Callwin, do *Daily River* – apresentou-se.

O sargento Portnoy pegou a carteira, examinou-a um instante e a devolveu.

– O xerife deu ordens pra que ninguém passasse. Lamento.

Callwin já esperava por isso. Assumiu uma atitude de profunda compreensão e olhou por cima do ombro do sargento.

– Em que estado se encontra o pequeno Sheppard?

O garoto estava na sala de reanimação, no fim do corredor, atrás de uma porta basculante.

– Não posso dizer nada por enquanto. O xerife Logan fará uma declaração pública no fim da tarde. Por enquanto, não posso dizer nada.

– Compreendo, mas você pode ao menos dizer se ele ainda está vivo.

Portnoy fez uma cara de embaraço. Não gostava muito de jornalistas. Quantas vezes o *Daily River* atacara as forças da ordem para denunciar a insegurança que reinava em alguns bairros, ou a propensão dos policiais para abusar de seu poder e fazer autuações sem discernimento.

Mas, desta vez, tratava-se da vida de uma criança. Sabia que os boatos mais absurdos não tardariam a se espalhar.

Resolveu desmentir pelo menos um deles.

– Está vivo. Em coma. Os médicos acham que vai se recuperar.

– Obrigada, sargento.

Não precisava dessa informação tão cedo. A edição do dia seria fechada após a intervenção de Logan. No entanto, isso tinha outras implicações.

Se o menino despertasse, poderia falar. Descrever seu agressor, fazer seu retrato falado, talvez até fornecer seu nome.

Callwin sabia que um caso não resolvido podia comprometer o impacto de seu artigo. Parou na saída do prédio, abrigada pelo pórtico central. Já podia até ver a primeira página do *Daily River* com a cara do assassino ilustrando sua reportagem.

“A consagração após uma longa e difícil investigação”, pensou, imaginando as frases que escreveria.

A chuva diminuíra. Callwin deixou seu guarda-chuva dentro da bolsa. Com firmeza, fez estalarem seus saltos altos no asfalto, acelerando o passo até o estacionamento onde deixara seu Escort vermelho.

Assim que os corpos foram colocados nas mesas de dissecação, Nathan Blake pegou sua câmera e começou as fotos. De todos os ângulos, com grande profissionalismo, imortalizou aquele horror.

– Envie isso a Seattle imediatamente – disse, estendendo o filme a Homer Pink, um dos seguranças

do hospital.

O necrotério ficava no subsolo do edifício, como se fosse necessário já preparar os corpos para sua futura moradia embaixo da terra.

Pink estava a seis meses da aposentadoria. Em toda a sua carreira, não se lembrava de ter visto tamanha selvageria. Vira corpos mutilados, mas sempre em acidentes. E isso mudava tudo a seus olhos.

– Isso não devia ser possível! – exclamou, ajustando o boné na cabeça careca.

Blake parou de calçar as luvas de látex. Seu olhar inquisidor fixou-se no segurança.

– O que você ainda está fazendo aqui?

Pink resmungou uma desculpa e saiu furioso. Não gostava de receber ordens, mas sabia reconhecer uma autoridade quando ela se impunha a ele.

Percorreu a sala com passo pesado antes de fechar a porta atrás de si.

Blake suspirou e terminou de vestir as luvas. Não estava realmente bravo com aquele homem. Mas a regra de ouro para todo médico legista era esquecer suas emoções a partir do momento em que entrava numa sala de dissecação.

Os indícios eram às vezes tão ínfimos que um só pensamento vagabundo podia fazê-lo perder o único elemento revelador.

Tinha quarenta e três anos, e não contava mais as abominações com que já trabalhara.

Enviado pelo escritório de Seattle, chegara de manhã ao local do drama. A partir de então, proibira a si mesmo qualquer sensibilidade. Uma vítima não era mais do que um objeto de trabalho.

Abriu sua maleta e dispôs com cuidado os instrumentos cirúrgicos sobre uma mesa. Pegou uma pequena pinça e se aproximou da primeira vítima.

O corpo ainda não estava inchado por uma imersão prolongada na água. Os olhos estavam bem abertos. Blake estendeu o braço para ajustar a lâmpada em direção à bacia. Feridas abertas a deformavam de maneira assustadora.

Estava na hora de fazer as primeiras coletas externas, antes de procurar traços de esperma no interior do corpo martirizado.

Duas horas já tinham se passado quando alguém bateu à porta. Blake se endireitou.

– Entre – disse, sem se virar.

A porta se abriu e o xerife Logan entrou na sala.

– Já obteve a identificação? – perguntou Blake.

Logan não pôde evitar olhar para o corpo que estava sendo dissecado. Acreditara, ao deixar Seattle, que nunca mais se depararia com esse tipo de cena. River Falls era uma cidade bastante tranquila, onde os crimes eram raros, e nunca de tamanha violência.

“Lá se vão minhas esperanças!”, pensou, esforçando-se para ignorar o insuportável fedor de putrefação.

– Não. A polícia científica remodelou seus rostos no computador. As garotas não aparecem em nenhum arquivo de desaparecidos.

Sabia que aqueles rostos estavam num e-mail em seu escritório. Ainda não tivera coragem de abri-lo. Aquilo podia esperar.

– Não é de espantar – disse Blake, recolocando o escalpelo sujo na mesa. Olhou para o relógio. Uma pausa não ia nada mal. Estava morrendo de dor nas costas.

Foi até uma cadeira e se sentou.

– Por quê? – perguntou Logan, que compreendera aonde o legista queria chegar. – Você conseguiu datar o momento da morte delas?

Tirou maquinalmente do bolso o maço de cigarros. Blake lançou um olhar indignado para ele, e Logan o recolocou no bolso.

– No ponto em que estou, não posso lhe dar uma hora precisa. Mas, pelo estado das necroses, posso afirmar que não mais do que um dia, dois, no máximo, se passou desde a morte delas. Mas as análises dos materiais coletados me permitirão ser mais preciso.

– Muito cedo para que um marido assinale um desaparecimento.

– Nenhuma aliança – observou Blake. E, antes, que o xerife o contradissesse, explicou: – Nenhuma marca no anular.

Logan emitiu um fraco sinal de assentimento. Daria tudo para estar em outro lugar.

– Apostaria que são estudantes. Perguntou ao reitor da universidade se estão faltando alunas? – acrescentou o legista.

– Que idade você lhes dá?

Blake passou o braço na testa enxugando um fio de suor.

– Entre dezoito e vinte e dois anos.

Em sua rigidez, o cadáver dissecado e o da outra garota pareciam escutá-los pensativamente.

Logan bateu com o pé no chão. Nunca teria pensado que esses rostos tão selvagemente entalhados pudessem ser de moças tão jovens. Estava persuadido de que tinham mais de trinta anos!

– Merda!

Sabia que isso era estúpido, mas estava ainda mais enojado por serem tão novas. Duas meninas!

Pegou o celular e ligou para o escritório da polícia. Quem atendeu foi a sargento Martinez.

– Sargento, vá ao meu escritório, abra o arquivo anexo ao e-mail de Seattle e imprima as fotos. Depois, vá direto à universidade e peça ao reitor pra verificar se essas garotas pertenciam a seu estabelecimento.

– Não é possível. Vi o rosto delas, pareciam... – começou a sargento com voz trêmula.

– Faça o que estou dizendo em vez de ficar se perguntando.

– Ok, xerife. Vou cuidar disso imediatamente.

Logan fechou o celular e o recolocou no bolso. Se isso não desse em nada, só lhes restaria colocar os retratos na imprensa. Deus sabe que não desejava isso. Detestava os abutres.

Sacudiu a cabeça e voltou à realidade presente.

– Elas foram violadas – disse.

Não era uma pergunta. Esperava apenas uma confirmação.

– Se você quer dizer por um pênis, ainda não tenho certeza. Fiz várias coletas – começou, apontando uma caixa cheia de saquinhos plásticos. – Será preciso esperar que eu volte de Seattle. Mas o cara fez de tudo com a vagina dela. Encontrei pedaços de vidro até no colo do útero.

Logan não pôde reter um arrepio. Um caco de garrafa no mais fundo de sua intimidade.

“Porcaria de doente!”, pensou com raiva.

– Acha que ele agiu de acordo com algum tipo de ritual?

Blake se levantou e se aproximou da outra mesa de dissecação.

– Ainda não estudei o segundo corpo, mas, à primeira vista, se as incisões e mutilações forem da mesma natureza, não se pode falar de método estrito.

– Um *serial killer*? – arriscou Logan.

Blake fez um gesto de ignorância.

– É possível. Talvez esteja ainda aprimorando sua técnica. Talvez não. O escritório de Seattle vai fazer comparações com outros assassinatos de garotas não elucidados. Mas, você sabe, nada se parece mais com uma mulher torturada do que outra mulher torturada – disse, num tom clínico.

Sem perceber, Logan se aproximara da segunda vítima.

O rosto estava cortado com selvageria e crueldade. Uma parte da bochecha fora completamente arrancada por algum instrumento de tortura. Metade do couro cabeludo estava solto do crânio. Faltava um dos seios.

Desviou o olhar e viu seu próprio rosto no espelho pendurado do outro lado da sala. Estava pálido.

– Ok – disse.

Limpou a garganta e enfiou as mãos nos bolsos.

– Assim que tiver redigido seu relatório mande-o pra mim imediatamente.

– Pode deixar – disse Blake, voltando para perto da mesa onde deixara seus instrumentos.

Logan sentiu um frio na espinha ao imaginar que um outro homem fizera os mesmos gestos, mas sobre seres ainda bem vivos e aterrorizados.

– A propósito, terminei a análise do corpo de Tommy Sheppard. Como presumia, sua nuca não foi quebrada no atropelamento. Há um vestígio de arranhão do lado do maxilar.

Logan imaginou a cena. O matador agarrando o menino inconsciente e, com um puxão violento, fazendo girar a cabeça até se quebrarem as vértebras cervicais.

Saiu do necrotério e subiu ao segundo andar do hospital.

– Alguém tentou vê-lo? – perguntou, ao encontrar o sargento Portnoy.

– Não; a mãe continua ao seu lado.

– Ok. Não saia daí. Wolf virá substituí-lo daqui a duas horas.

Portnoy olhou o relógio. Meio-dia. Aquele seria um dia interminável.

– Ah, sim! Ia esquecendo. Uma jornalista do *Daily River* esteve aqui. Evidentemente, não lhe disse nada.

Logan registrou o fato. O que ele poderia ter dito? Eles ainda não sabiam nada!

Sua única esperança era que o garoto despertasse e pudesse fazer um retrato falado do assassino ou, melhor ainda, o conhecesse pessoalmente.

Mas isso só funcionaria se o matador fosse da região. E, estatisticamente, a maior parte dos *serial killers* tomava o cuidado de viajar para executar seu ofício.

Saiu do hospital. A chuva cessara. Ouviu seu estômago roncar, mas se sentia incapaz de engolir o que quer que fosse. A imagem dos corpos das duas garotas ainda estava forte demais em sua cabeça.

Entrou no seu Cherokee e foi para a delegacia.

4

Sarah acordou sobressaltada. Pulou da cama e olhou o relógio. Meio-dia e vinte.

"Droga!", ia ser advertida de novo, com certeza!

Depois do episódio matinal com Jennifer, deitara-se na cama e, sem se dar conta, adormecera novamente.

Vestiu-se depressa, maquiou-se minimamente e desceu as grandes escadarias do dormitório. Deixou o edifício e atravessou quase correndo as alamedas cercadas por grandes ciprestes que levavam ao refeitório.

"Bem que elas podiam ter vindo me acordar depois da aula!", censurou mentalmente suas amigas.

Chegou pouco antes de pararem de servir.

Pegou um prato, talheres e um copo, sentindo que alguma coisa estava errada. A cantina nunca estivera tão silenciosa. Embora o ambiente continuasse caloroso como sempre, a atmosfera estava pesada.

Normalmente, da fila de espera do *self-service* ouviam-se os estudantes que já estavam comendo falando em voz alta uns com os outros, aproveitando para quebrar o silêncio imposto pelas aulas.

Não havia ninguém na sua frente. Deslizou o prato diante de uma variada opção de entradas. Escolheu uma salada de tomates. Diante dos pratos quentes, hesitou.

O cozinheiro, de origem mexicana, estava de frente para o fogão. Virou-se e perguntou o que ela queria. Seu rosto, sempre sorridente, parecia de gelo.

– Bom dia, quero um peixe acompanhado de batatas *sautées* – disse Sarah.

O cozinheiro aquiesceu num silêncio constrangido.

Assim que se serviu, a moça apressou-se em pegar uma sobremesa e uma água mineral antes de se juntar aos outros estudantes na sala de refeições.

Desta vez, não teve mais dúvida. Alguma coisa tinha acontecido. A atmosfera estava pesada, bem mais pesada do que as volumosas nuvens que pairavam sobre a cidade.

Os estudantes portavam-se com uma gravidade surpreendente: comiam em silêncio, evitando grandes gestos expansivos, quase murmuravam.

Sarah avistou suas três melhores amigas na mesa de sempre. Com um nó no estômago, atravessou a sala para juntar-se a elas.

Puxou uma cadeira e se sentou. As amigas a olhavam com um ar perdido.

– Posso saber o que está acontecendo? – tentou dizer em tom anódino.

Mas a voz a traía. Um leve tremor pontuara cada uma de suas palavras.

– Você ainda não sabe?! – admirou-se Shanice London.

Ela era alta, longilínea. Seu belo rosto oval de madona realçava os grandes olhos verdes.

– Do quê?

– Do *serial killer* – disse Lisa Stein.

Um arrepio gelado percorreu o corpo de Sarah.

– Mas... do que você está falando? – gaguejou.

– Duas garotas foram encontradas mortas, hoje de manhã, no lago. Ninguém sabe quem são, mas um carro da polícia acaba de chegar. Provavelmente são estudantes – interveio Courtney Fox.

O tempo parou. Sarah estava petrificada. Não tinha nenhum elemento concreto para atribuir um nome às vítimas, mas uma dúvida imensa se insinuava em sua mente. Tinha de se assegurar de uma

coisa.

– O que aconteceu com elas? – perguntou horrorizada.

– Não se sabe ao certo. Parece que foram violadas, torturadas e postas dentro de sacos antes de serem jogadas no lago – respondeu Lisa, uma moreninha. Como as amigas, tinha um corpo escultural que enlouquecia os rapazes.

– Parece que ele as jogou ainda vivas na água – acrescentou Courtney. Loira, com um rosto redondo sempre iluminado por um sorriso deslumbrante, capaz de derreter o mais empedernido dos homens.

– É horrível! Não dá pra acreditar! Quem será a próxima vítima? – disse Shanice.

Um curto e pesado silêncio se seguiu à sua observação.

– Mas quem disse que se trata de um *serial killer*? Talvez ele só quisesse matar as duas. De qualquer modo, suponho que todos os tiras da cidade vão investigar isso. Deve haver indícios, elementos – disse Sarah, tentando não dramatizar.

Mas sua fala caiu no vazio. Ninguém acreditava nisso, nem mesmo ela.

– Como você é ingênua! Os tiras de River Falls são uns caipiras. De qualquer jeito, todo mundo sabe que não se pode deter um *serial killer* a menos que ele mesmo faça tudo para ser pego – objetou Lisa.

– Coitadas, vocês conseguem imaginar o que elas devem ter sofrido? Um maníaco perverso tirando suas roupas, colocando suas patas sujas sobre seus corpos, torturando-as... – começou Courtney.

– Cale-se! – interrompeu-a Sarah.

Courtney sempre tivera um fraco por filmes de terror e histórias sórdidas. Até então, as amigas sempre tinham gostado de sua maneira de contá-los. Naquele dia, não era o caso.

– Espero que reforcem a segurança nas entradas do campus – disse Lisa, que, sem perceber, afundara a cabeça entre os ombros.

Sarah lançou um olhar para as mesas ao redor.

Todo mundo só falava disso. Viu Brian sentado na mesa grande com uma parte da equipe de futebol. Surpreendeu seu olhar e fez uma pequena careta de sofrimento que feriu o coração dele.

– Bom, eu não saio mais sozinha enquanto não o encontrarem – disse Shanice.

Courtney deu uma risadinha sacana:

– De qualquer jeito, você nunca sai sozinha! Está sempre com o Edward.

Assim como Brian Hoggarth, Edward Spatling fazia parte da equipe de futebol. Uma cabeça bem cheia sobre uma montanha de músculos.

– Sim, mas por mais forçudo que seja, ele não poderá fazer nada contra uma pistola na cabeça – retorquiu Shanice.

Lisa sacudiu a cabeça.

– Pare com isso, você realmente acha que um *serial killer* atacaria uma garota acompanhada de um cara como Edward?! – ironizou ela. – Esses assassinos são uns covardes. Só atacam garotas sozinhas. Têm medo demais de serem pegos.

– Umas bichinhas miseráveis que passam a vida se masturbando enquanto assistem vídeos! – acrescentou Courtney. A evocação da relação entre Shanice e Edward tranquilizara um pouco Sarah.

Ela própria saía havia quase três meses com Brian. Embora ele preferisse manter a relação discreta, sabia que podia contar com ele.

– Temos de arranjar uns caras fortes! – lançou Courtney, olhando para Sarah e depois para Lisa.

– Pobre garota! – murmurou Lisa, levantando os olhos para o céu.

Ela saía com Sam Hugues. Um rapaz que passava mais tempo na biblioteca do que nos ginásios de esporte.

– Sam é o cara mais legal do mundo. Se não é sarado como Ed, pelo menos tem um cérebro. Além disso, ele é quente, se entende o que quero dizer.

As garotas riram francamente. Adoravam provocar Lisa a respeito do físico do seu namorado, mesmo reconhecendo que era realmente simpático.

– Cérebro! Eles não precisam disso! – disse Shanice. As quatro explodiram de rir. De repente perceberam que todos os olhares estavam voltados para elas.

Todas ficaram vermelhas. Baixaram as cabeças sobre seus pratos e terminaram de comer tentando conter suas gargalhadas.

Tendo digerido o choque da notícia, essa era sua maneira de esquecer aquele horror.

– Vocês se fizeram notar de novo – disse Sam, aproximando-se das quatro garotas.

Todos os alunos tinham sido convocados ao estádio, situado atrás dos prédios administrativos. Sob um céu ameaçador, os dois mil e oitocentos estudantes da universidade esperavam pacientemente a intervenção do reitor, Gordon Augeri.

– Perdoe-nos, mas também não é caso de vida ou morte, não fizemos de propósito – disse Lisa, pegando na mão dele.

Sam franziu as sobrancelhas diante desse rasgo de humor inoportuno.

Uma agitação percorreu as arquibancadas. Augeri acabava de fazer sua aparição atrás do microfone.

– Meus caros alunos, o dia de hoje ficará marcado como um dia negro para River Falls e para nossa universidade em particular.

Os últimos murmúrios cessaram imediatamente. Só o do vento rompeu o silêncio que se instalara na assembleia. Augeri passeou o olhar para a massa de seus estudantes e retomou, em tom solene:

– Os corpos de nossas queridas Lucy Barton e Amy Paich acabam de ser descobertos. É uma notícia terrível, que nos mergulha a todos num grande sofrimento.

Um zum-zum-zum de estupefação se elevou. Sarah fechou os punhos. Sua intuição estava certa. Sentiu os olhos se encherem de lágrimas que logo correram por sua face.

– Nesse momento trágico, nosso dever para com elas nos obriga a uma grande solenidade e a um profundo recolhimento – continuou Augeri.

E prosseguiu, gabando os méritos das duas estudantes, recordando sua gentileza, seus bons resultados, sua participação nas diversas atividades esportivas...

Mas Sarah não o escutava mais. Não conseguia parar de pensar na carta que Lucy deixara embaixo de sua porta na noite de sábado.

Achara estranho que sua antiga amiga tivesse se lembrado dela depois de dois anos evitando-se mutuamente. Mas agora isso lhe parecia ainda mais suspeito, pelo fato da amiga estar morta! Haveria alguma ligação entre uma coisa e outra?

– Por isso, peço, em sua memória, um minuto de silêncio.

Uma revoada de andorinhas passou pelo céu. Augeri e seus subordinados as contemplaram, com o olhar ausente, enquanto os dois mil e oitocentos estudantes se recolhiam, com a cabeça baixa.

– Agradeço – disse o reitor.

Depois de uma pausa, acrescentou: – As aulas desta tarde estão suspensas. Haverá um toque de recolher a partir das dez horas da noite, até nova ordem. – Uma nova pausa, e concluiu: – Tenham um

bom pensamento para as famílias delas. Todos sentiremos a falta de Lucy e Amy.

Com o rosto grave, Augeri fez uma pequena saudação com a cabeça e se virou.

– Merda, não dá pra acreditar! – exclamou Courtney. – Lucy e Amy! Não posso crer.

– Você não era amiga delas, quando chegaram? – disse Shanice em voz baixa.

Sarah, sempre mestre de si mesma em todas as situações, parecia realmente emocionada. O rímel escorrera sobre sua face.

– Sim, éramos as melhores amigas do mundo – tentou dizer, mas o fim da frase ficou entalado em sua garganta.

Voltou a soluçar e se sentou na grama. Shanice se agachou a seu lado e a abraçou.

Em volta delas, garotas e rapazes emocionados pela solenidade do momento choravam, reconfortando-se uns aos outros.

– Chore, Lisa, chore – disse Sam, abraçando sua namorada.

Courtney nunca ficara tão triste quanto naquela hora por não ter alguém para abraçar.

Shanice acabava de acompanhá-la até seu quarto quando alguém bateu na porta de Sarah. Ela se levantou e abriu.

– Oi, Sarah – disse Brian.

Ela o fez entrar e, assim que fechou a porta, jogou-se em seus braços soluçando loucamente.

Brian levou-a para a cama. Sentaram-se por um longo tempo antes de se deitarem, abraçados. Lentamente, com delicadeza, Brian colocou a mão em um dos seios de Sarah.

– Não, por favor, eu lhe peço.

Brian estancou e sorriu com um ar desolado.

– Ok, eu compreendo – disse. Ficou em silêncio, depois acrescentou: – Sei que é horrível o que aconteceu, mas você não tem nenhuma razão pra ficar com medo. Você sabe como elas eram...

Foi a vez de Sarah endurecer.

– O que você quer dizer? – perguntou, num tom subitamente agressivo.

Descolou-se do corpo de Brian e sentou-se na cama.

– Ora, todo mundo sabe que elas frequentavam pessoas e lugares de má reputação.

Ele se sentou também e tentou passar o braço por cima dos ombros de Sarah, mas ela o repeliu imediatamente.

– De má reputação! E você acha que isso justifica tudo? Que elas tiveram o que mereciam, talvez?! – indignou-se Sarah.

Sua cólera precisava sair. Sabia que Brian não tinha culpa desse acesso de violência, mas ela precisava extravasar sua dor de uma maneira ou de outra.

– Nunca quis dizer isso – defendeu-se Brian. – Apenas que não é impossível que elas tenham caído nas mãos de um doente por causa de suas más companhias. Você não tem nenhum motivo pra encontrar um cara desse tipo.

Sarah abaixou a cabeça. Brian queria apenas tranquilizá-la, mas, de certa forma, era como se colocasse a culpa do assassinato em Lucy e Amy. Era abjeto.

– Escute, preciso ficar sozinha. Nos vemos à noite.

Ele acariciou seus cabelos. Dessa vez, ela deixou que fizesse.

– Estou aqui, Sarah. Nada poderá lhe acontecer enquanto eu estiver perto de você. Sabe disso, não?

Sarah ergueu a cabeça. Havia realmente amor nos olhos dele, ou, pelo menos, verdadeira compaixão.

– Eu sei, Brian. Amo você.

Ele sorriu e, aproximando seu rosto do dela, deu-lhe um suave beijo antes de se levantar.

– A gente se encontra à noite no Harry’s Bar, ok? Temos de esquecer tudo isso. A vida continua.

Sarah não estava com a mínima vontade de sair. Mas tinha ainda menos vontade de passar a noite toda sozinha.

– Estarei lá, Brian. Tchau.

Ele já estava saindo, mas, antes de abrir a porta, virou-se, deu um beijo na mão e soprou-o para ela.

Quando ele finalmente saiu, Sarah soltou um profundo suspiro. Quase lhe falara da carta, mas o comentário a respeito das más companhias de suas antigas amigas a fez temer que Brian a associasse a elas.

Levantou-se e foi até a escrivaninha. Abriu a segunda gaveta e tirou a estranha carta das amigas. Ficara muito emocionada quando a lera, e a guardara junto com as cartas de sua família.

Desta vez, abriu-a delicadamente e releu com uma atenção toda especial.

> *Querida Sarah, se desde nossa chegada à universidade nossos caminhos se separaram, lamentamos sinceramente todas as coisas feias que dissemos sobre você quando decidiu não nos ver mais. Mas vivemos tantos bons momentos em Silver Town que agora, mais maduras, gostaríamos realmente de reconstruir alguma coisa juntas. Mandamos essa carta, em vez de falar diretamente com você, porque sabemos que não somos mais do mesmo mundo. Não queremos de maneira alguma que você se sinta obrigada a aparecer em público com a gente se continua nos detestando. Mas, se topar conversar sobre os bons velhos tempos e tentar esquecer nossas desavenças passadas, encontre-nos amanhã às oito horas na Kingdom’s Tavern. Ninguém a verá, e poderemos conversar tranquilamente bebendo um gin-fizz.*

Uma lágrima caiu sobre a carta. Sarah apoiou os cotovelos sobre a mesa, com o rosto entre as mãos.

Por que elas tinham que morrer? Talvez, se tivesse ido ao encontro, as coisas tivessem sido diferentes. Teriam passado a noite juntas e evitado, assim, o homem que iria matá-las. Se não tivesse sido tão egoísta!

Mas um outro pensamento lhe ocorreu. Um pensamento bem mais terrível: ela também poderia ter sido morta, como suas amigas!

Um sentimento de pavor se apoderou de Sarah. Precisava ir à polícia, mas não se sentia capaz de fazê-lo, por enquanto. A delegacia devia estar fervilhando de jornalistas, e, se havia uma coisa que não queria, era que falassem dela. Tentaria ir na manhã seguinte. Talvez, então, todos já tivessem ido embora.

5

Logan não aguentava mais. Todos os figurões da cidade, das pequenas cidades vizinhas e mesmo de Seattle não paravam de assediá-lo. Pedira a sargento Julie Monroe para selecionar as chamadas. Mas não adiantava. Acabava de passar mais de duas horas no telefone respondendo a perguntas estúpidas.

Além disso, sabia que outros dois agentes seus estavam sobrecarregados de ligações de cidadãos comuns preocupados com os próprios filhos. Sem falar de todos aqueles que estavam certos de ter visto o assassino.

Monroe e Little anotavam metodicamente todas as declarações. Logan duvidava de que fosse tirar grande coisa dali.

Acabava de ter uma conversa com o prefeito da cidade, Clive Nolden, que o pressionara ainda mais. Logan precisara se esforçar para não estourar.

– Eles não vão me deixar em paz! – suspirou, colocando o telefone no gancho.

Se ao menos lhe dessem tempo para sair da delegacia e conduzir tranquilamente as primeiras verificações...

Olhou para o relógio de parede: 17h30. Soltou um suspiro, levantou-se, ajustou o cinto e saiu do seu escritório.

A tenente Blanchett foi ao seu encontro:

– Xerife, os jornalistas estão esperando sua declaração. Preparei isto pro senhor.

Logan pegou a folha de papel e leu rapidamente. Um sorriso amargo se esboçou em seu rosto. Ainda bem que podia contar com sua equipe, especialmente com a mais jovem de seus tenentes.

– Está ótimo. Deve bastar pra eles hoje. Obrigado.

Parada à sua frente, Blanchett o olhava, séria:

– O senhor sabe, não estamos acostumados com esse tipo de coisa. Fico contente que esteja aqui.

Fazia apenas três meses que fora eleito xerife de River Falls. Desde o primeiro dia, todo o pessoal da delegacia o apoiara. Gente corajosa, honesta e atenciosa, do tipo que fazia falta na megalópole que Seattle se tornara.

– Não é a melhor hora pra trocar elogios, mas também fico contente de ter uma equipe como a de vocês ao meu lado.

Mesmo fingindo que estavam cuidando de seus próprios afazeres, os policiais que estavam ali não puderam evitar um sorriso de satisfação. A única delegacia de River Falls era como uma grande família. Todos se conheciam e se respeitavam.

Logan se dirigiu à saída, releu mais uma vez a nota escrita por Blanchett, memorizou os principais eixos do discurso e saiu. Um estrado e um microfone tinham sido preparados.

Um zum-zum insuportável o atingiu imediatamente. Devia haver ali mais de trinta jornalistas, sem falar dos assistentes de som e dos câmeras.

“Toda a confraria foi convidada?!”, pensou, detestando-os ainda mais um pouco.

Conseguiu esconder seu desprezo e se dirigiu ao microfone.

– Caros concidadãos, é com o coração partido que devo lhes anunciar a morte de três de nossos moradores. Tommy Sheppard, Lucy Barton e Amy Paich. Em primeiro lugar, gostaria de transmitir às famílias de nossos desaparecidos, em nome de toda a polícia de River Falls, nossas mais sinceras condolências, e manifestar nosso sofrimento, que se junta ao deles. Quanto a Jeremy Sheppard,

estamos todos rezando por ele e torcendo para que saia do coma rapidamente e sem sequelas.

Deixou passar o tempo de um recolhimento. Os jornalistas tiveram ao menos a dignidade de não quebrá-lo. Então retomou, sob os flashes dos fotógrafos.

– Até agora, nada leva a pensar que se trate de um *serial killer*. Mesmo assim, junto com o prefeito Nolden, pedimos a todos os moradores da cidade que vigiem bem seus filhos, e também os dos outros. Tenham sempre o cuidado de saber aonde eles vão e com quem estão...

Continuou enfileirando enunciados de uma estupidez sem fim, mas que sabia obrigatórios numa situação daquelas.

Os moradores, assim como o prefeito da cidade, precisavam ser tranquilizados. Queriam que lhes dessem regras para obedecer. Como se fosse possível fazer grande coisa contra um *serial killer*!

Mas continuou a falar com uma voz vibrante de emoção:

– Por último, saibam que não mediremos esforços pra prender esse indivíduo. Se qualquer um de vocês se lembrar de um mínimo detalhe, por mais fútil que pareça, comunique-nos o quanto antes.

Era a frase mais difícil de pronunciar. Tinha certeza de que o telefone não pararia mais de tocar na delegacia, num interminável desfile de observações sobre o mínimo comportamento suspeito: “Vi um carro andando devagar”; “Notei um vagabundo ou um cara diferente vestido de forma estranha”; “Sempre desconfiei de que meu vizinho tinha práticas sexuais repreensíveis!”...

– Agradeço sua atenção. E que Deus nos ajude! – concluiu, esperando parecer sincero.

Era o sinal esperado pelos jornalistas. Uma onda ininterrupta de perguntas jorrou de todas as partes:

– Que elementos tangíveis vocês encontraram?

– Em que estado se encontravam os corpos de Amy e Lucy?

– Fala-se de estupro. O senhor pode nos falar mais a esse respeito?

– Por que acha que ele matou o pequeno Sheppard?

– Jeremy Sheppard disse alguma coisa?

Logan olhou-os friamente.

Aqueles porcos só pensavam em suas reportagens no jornal e na televisão. Nenhum pensamento para aquelas garotas e aquele menino mortos.

“Vocês querem que eu lhes dê a filmagem da autópsia para poder passá-la na televisão!”, pensou, com uma ironia cheia de fel.

Sentiu uma mão que o puxava para trás. Era Blanchett. Olhou nos olhos dela e lhe agradeceu deixando rapidamente o estrado.

– O senhor esteve perfeito – felicitaram-no.

Leu um verdadeiro e profundo respeito nos olhares daqueles homens e mulheres que não estavam acostumados a lidar com acontecimentos desse tipo, tão correntes em Seattle.

Voltou para o escritório e abriu seus últimos e-mails. Leu um, recém-enviado, de Nathan Blake:

> *Os cacos de vidro são realmente os de um farol, mas ainda não conseguimos identificar a marca. Nenhuma fibra explorável. Não achei nada nos corpos das três vítimas que permita dar início à menor pesquisa. Um dia vou telefonar para o Grayson e perguntar como ele faz para conseguir sempre.*

Logan sorriu. Assim como Blake, achava insuportáveis séries como *CSI*, *Las Vegas* e outros

folhetins do mesmo quilate. Na realidade, nem um assassino a cada mil era encontrado graças à polícia científica!

Continuou a leitura do e-mail. Blake expunha em seguida os detalhes imundos dos maus-tratos sofridos pelas garotas. Era abominável.

Abriu então as outras mensagens, entre as quais a de John Peart, xerife de Silver Town, a cidade onde as duas supliciadas passaram toda a adolescência.

Logan ficara aliviado por não precisar anunciar a morte das duas garotas a seus parentes.

Como seus outros correspondentes, Peart lhe desejava sucesso na investigação e oferecia sua ajuda caso necessário.

Respondeu a uma dezena de mensagens e então se afundou na poltrona. Ainda não comera nada. Seu estômago roncava, apesar do pouco apetite que sentia. Mas sabia que devia se obrigar a comer algo, senão desmoronaria.

Havia uma pizzaria na Avenida Billings. Uma das melhores da cidade. Situada num bairro popular de River Falls, era o lugar ideal para passar a próxima hora tranquilo.

Fez um esforço para se arrancar da poltrona, pegou a jaqueta pendurada no cabide e foi falar com Blanchett.

– Vou jantar. Vocês não são obrigados a fazer hora extra.

– É gentil de sua parte, mas já temos 15 pessoas esperando para dar seus testemunhos. Não sairemos daqui tão cedo.

Logan deu uma olhada nas salas vizinhas. Seus oficiais estavam ouvindo os primeiros cidadãos prontos a derramar suas suspeitas.

Fez uma cara de desolação.

– Se precisarem de mim, não hesitem em me chamar.

– Vá tomar um ar. O senhor não parou desde hoje de manhã.

Logan agradeceu com o olhar e saiu por uma porta lateral. Temia que algum jornalista aproveitasse sua saída para assediá-lo. Não estava mais seguro de poder manter a calma. Blanchett tinha razão, precisava de uma pausa.

Renunciou a seu Cherokee e pegou um dos carros civis da delegacia. Direção: Avenida Billings.

Callwin rodara uma hora sem parar. Deixara o rádio ligado nas emissoras de notícias o tempo todo e rezava para que a coletiva de imprensa do xerife Logan acontecesse o mais tarde possível.

Até então, ninguém sabia a identidade das vítimas. E ela estaria na mesma situação se Gene Brolin, um dos professores de educação física da Universidade de River Falls, não tivesse lhe telefonado assim que a sargento Martinez mostrou as reconstituições dos rostos das vítimas ao reitor Augeri.

Estacionou diante da casa da família Barton e esperou pacientemente o momento oportuno.

A fala de Logan ainda não começara. Callwin esperou cerca de 10 minutos até ver o carro do xerife local chegar à rua e estacionar na frente da casa.

Acendeu um cigarro enquanto o xerife Peart e seu assistente tocavam a campainha. Uma mulher de 40 e poucos anos, razoavelmente bonita, os acolheu com um sorriso nervoso.

Callwin tentou não pensar em nada, mas não conseguiu.

Os dois policiais entraram.

Menos de trinta segundos depois, a repórter ouviu um urro inumano sair da casa. Mordeu os lábios, fechou os punhos e tragou o cigarro.

Esperou ainda mais dez minutos até que o xerife e seu ajudante saíssem. Esperou os dois homens entrarem no carro para sair do seu.

"É agora ou nunca", pensou, criando coragem.

Foi até a porta, respirou fundo e bateu. Depois de alguns segundos, um cinquentão de rosto severo abriu a porta. Ronnie Williams. Era o padrasto de Lucy Barton.

– É com grande pesar que ouso incomodá-lo num momento como esse, mas estamos todos sob o choque do desaparecimento de sua filha. E...

– Você não é da polícia.

Não era uma pergunta. Elisabeth Barton chegou do corredor, quase desabando.

– Trabalho para o jornal de River Falls. Não quero que os cidadãos de nossa cidade pensem em Lucy a partir de uma simples foto. Gostaria apenas que vocês me falassem um pouco dela, para explicar a nossos concidadãos quem era Lucy, essa adorável garota de Silver Town.

Callwin sabia que o momento fatídico estava chegando. Uma bofetada ou a vitória.

– E você acha que este é o momento para isso! – exclamou Ronnie.

– É só porque não quero que um monte de imundícies seja contado sobre a filha de vocês. Já circulam boatos sobre suas más companhias. Gostaria apenas de passar uma mensagem diferente a nossos leitores. Temo que outros repórteres não tenham o mesmo senso moral que os de nosso jornal.

Uma veia latejava cada vez mais forte na têmpora do homem.

– Dê o fora! – gritou.

– Vá embora! – urrou Elisabeth, aproximando-se.

– A filha de vocês não era uma delinquente. É isso que eu quero que vocês digam para os cidadãos da América.

Callwin estava pronta para receber a bofetada que sabia merecer. Mas não: lentamente, suas palavras pareceram fazer efeito.

O homem conseguiu se acalmar e a convidou para entrar na casa.

Callwin rejubilou: a entrevista "a quente" dos pais de uma das vítimas. Isso era um furo! E dizer que era ela também que, sob um pseudônimo, espalhava os rumores sujos sobre a filha deles!

Isso também demonstrava a imparcialidade do jornalista: apresentar todos os ângulos de uma verdade.

Penetrou na modesta sala e pensou que eles deviam ter penado para oferecer estudos universitários à filha.

"Todo esse dinheiro gasto para nada", pensou, com cinismo.

– O que você quer? – perguntou Ronnie.

– Apenas que vocês me falem um pouco dela. E, se não for abusar, eu lhes pedirei uma foto.

Ele lançou um olhar para a esposa:

– Escute, querida, vá se deitar, não vou demorar.

Meia hora depois, Callwin saía da casa levando na bolsa seu gravador e uma foto de Lucy aos dezoito anos.

Ronnie não dissera mais do que um monte de banalidades, mas Callwin sabia que, reproduzidas, elas fariam correr lágrimas em todos os lares.

Restava-lhe apenas voltar para a estrada e redigir as matérias.

Havia dito para si mesma que um testemunho bastaria, mas, agora que estava na cidade, não pôde se impedir de tentar mais um. A família Paich morava num vilarejo na saída da cidade. O que lhe custava dar uma volta até ali?

Embora se sentisse esgotada, sentia que era seu dia de sorte.

Logan estacionou na alameda que dava em sua casa.

Morava em Cherry Lane, um bairro típico desse gênero de cidade. Uma longa avenida ladeada por casas parecidas, nenhuma cerca entre os gramados bem cuidados dos vizinhos, postes iluminando regularmente a rua. A cada dez metros, uma bétula. As calçadas eram limpas. Não se ouvia nenhum barulho àquela hora da noite. As famílias estavam tranquilamente reunidas em suas casas. Um bairro tranquilo de uma cidade tranquila.

Logan saiu do carro e se dirigiu imediatamente ao Chevrolet estacionado à beira da calçada. A porta se abriu. Uma mulher saiu, envolvida num longo sobretudo.

– Boa noite, Mike, posso falar com você?

Logan esboçou um sorriso. Estava esgotado e só tinha um desejo: tomar um banho e se deitar.

– E por acaso tenho escolha? – disse, como se pensasse realmente em recusar.

Jessica Hurley sacudiu a cabeça, fazendo ondular a longa cabeleira castanha. Tinha trinta e nove anos, um metro e setenta e um corpo de garota. Trabalhara com ele em numerosos casos no escritório de Seattle.

– Você não respondia a minhas ligações nem a meus e-mails, então vim aqui.

Uma psicóloga forense, especialista em traçar perfis de criminosos. Das melhores do estado. Ele não podia recusar sua oferta.

– Muito bem, entre. Os vizinhos vão se perguntar o que estamos tramando – disse ele, olhando para as raras janelas da vizinhança ainda iluminadas. “É o inconveniente de morar num recanto tranquilo: as pessoas passam seu tempo espionando a vida dos outros!” – pensou, enquanto andavam pela alameda.

À luz de um poste, Logan foi obrigado a admitir que Hurley continuava extremamente atraente.

Abriu a porta e a convidou a entrar. Ela tirou o sobretudo, revelando um tailleur escuro, muito chique.

– Posso lhe servir alguma coisa?

– Um conhaque.

Logan foi até a cozinha e voltou com dois copos na mão.

– Simpática, a sua casa – disse ela, colocando o conhaque sobre uma mesa baixa. – Você sempre teve bom gosto.

Ao contrário de muitos policiais solteirões, Logan sempre cuidara de sua casa. Para ele, era fundamental encontrar um refúgio repousante e caloroso depois do serviço.

Instalou-se numa poltrona, enquanto Hurley escolheu o sofá de couro.

– Tudo bem com o Max? – perguntou ele, num tom não tão indiferente quanto gostaria.

Hurley evitou seu olhar focalizando a lareira apagada.

– Sim. Ele quer que a gente more junto. – Fez uma pausa. – Mas não há por que apressar as coisas.

Logan emborcou um grande gole de conhaque. Tentava manter uma aparência indiferente, ainda que os batimentos de seu coração tivessem acelerado.

– É um cara legal – disse.

Jamais compreendera como ela se enrabichara por aquele negociante insosso. O protótipo do marido gentil, atencioso, fiel e politicamente correto.

– Sim, e me ama muito – respondeu ela.

Logan percebeu que ela o olhava fixamente, atenta à menor reação. Morria de vontade de dizer a ela tudo o que tinha no coração. Muitas coisas tinham acontecido. Sabia que não podia oferecer o que

ela esperava.

– Você tem sorte. Fico feliz por vocês – disse, com um sorriso forçado.

A história deles estava terminada. Não podia voltar atrás.

– Suponho que não está aqui pra ficar falando dos bons e velhos tempos. O que sabe sobre o caso? – disse ele.

Logan sentira que ela queria lhe falar de coisas pessoais, e não tinha vontade de escutá-las.

Hurley compreendeu que não era o momento de conversar sobre a relação deles e se obrigou a voltar ao presente:

– Blake me passou todos os relatórios. O assassino ou assassina...

– Uma mulher?! – interrompeu-a Logan, interrompendo também seu gesto, com o copo encostado nos lábios.

Jamais pensara que pudesse não ser um homem.

– Embora pouco provável, não é impossível. Pode ser também que se trate de um casal, pelo que se sabe até agora. As análises do DNA encontrado no corpo de Sheppard não deram em nada. Nosso assassino não está fichado. Pelo menos, não nos arquivos de delinquentes sexuais. Quanto às duas estudantes, como você sabe, o assassino tomou o cuidado de passar um lava-jato nelas antes de enfiá-las nos sacos. Nenhuma fibra explorável.

Era exatamente o que ele pensava. Se estavam diante de um *serial killer,* as coisas iam ser difíceis.

– Nada de esperma nas vaginas. Pelo estado delas, e na hipótese de que seja um homem, não se pode dizer se ele penetrou-as com seu membro antes de arrombá-las daquele jeito.

Precisava lembrá-lo dessas imagens terríveis? Ele fez uma careta e terminou seu copo num só gole. O álcool começava a fazer efeito.

– Então, qual é o perfil?

– Muito provavelmente um homem, e não é a primeira vez que mata. Não houve nenhuma contenção em sua violência.

– Ou seja?

– Os *serial killers* acentuam a barbárie de seus atos à medida que acumulam crimes. Quanto mais matam, mais o momento de gozo é breve. Sua insatisfação vai num crescendo e, consequentemente, a cada vez precisam provocar mais sofrimento.

Logan colocou seu copo na mesinha e se afundou na poltrona.

– Quanto aos meninos Sheppard, estou de acordo com você. Como está dito no seu relatório, eles estavam no lugar errado na hora errada. Nosso assassino acabava de jogar os corpos na água quando foi surpreendido pela aparição deles. Acho também que ele pensou que só havia um. Mas a morte de Tommy Sheppard nos revela algo interessante.

Logan inclinou-se instintivamente para a frente.

– Depois de tê-lo atropelado, o criminoso poderia muito bem levá-lo em seu carro – explicou ela, em resposta ao franzir de sobrancelhas de Logan. – Mas, em vez de levá-lo e submetê-lo ao mesmo suplício que as garotas, ele apenas o matou, sem se preocupar em fazê-lo sofrer.

“Sem se preocupar em fazê-lo sofrer!”– a frase ecoou na cabeça de Logan. “Vão lhe dar uma medalha quando o encontrarem!”

– E você conclui...?

– Não é impossível que não seja um *serial killer*. Talvez ele só quisesse matar aquelas duas garotas.

– Ou talvez ele não se sinta atraído por meninos e só mate mulheres, como a maioria dos *serial killers* – disse Logan, levantando-se.

Aquilo merecia um segundo copo de conhaque.

– Você mudou minha vida com essas novas informações. O caso avança a passos largos! Fez muito bem em percorrer toda essa distância pra me dizer isso!

– Não seja sarcástico. O Bureau me mandou vir. Eu teria ficado em Seattle se dependesse de mim.

O Bureau! O FBI não podia deixar de enfiar seu nariz em toda parte. No entanto, essa investigação era de sua jurisdição e, até onde sabia, Logan não tinha solicitado a ajuda deles. Embora tivesse pensado em solicitá-la no dia seguinte, gostaria que tivessem tido a delicadeza de esperar que formulasse seu pedido.

– Perdão, mas tudo isso me deixa muito abalado. Fugi de Seattle pra não ter mais esse tipo de pesadelo. – Soltou um longo suspiro. – Não aguentava mais todos aqueles cadáveres. Juro que não aguentava mais.

Dezenas de imagens de corpos enrijecidos ressurgiram na sua memória. Tantas vítimas, tantas vidas estragadas. Ele estivera a ponto de estourar.

– Eu acredito, Mike, eu acredito.

Hurley se levantou e se aproximou dele. Logan deixou acontecer, mas não pôde suportar seu olhar carregado de emoção e fechou os olhos.

Sentiu a mão dela acariciar seus cabelos. Saboreou a sensação por um instante antes de pegá-la e afastá-la.

– Vou preparar o quarto de visitas pra você. Está na hora de dormir. Prometi à minha equipe que estaria lá amanhã às sete horas.

O relógio de parede indicava 00h48. Seis horas para se recuperar. Mais do que suficiente... se tivesse a sorte de conciliar o sono.

– Posso dormir no hotel, se você preferir.

Ele deu um pequeno sorriso sarcástico:

– Não banque a tonta.

Tomou as mãos dele nas suas:

– Estou contente em revê-lo, Mike. – Eles se olharam bem nos olhos até ela desviar a cabeça. – Vou buscar minha bolsa no carro.

Eram cerca de duas horas da manhã quando Logan decidiu se levantar. Não conseguia dormir. Mesmo detestando o que ia fazer, não tinha escolha.

Vestiu uma cueca, saiu do quarto, atravessou o corredor e parou um instante diante da porta de Hurley. Um suave ronronar chegou-lhe aos ouvidos. Fechou os punhos e apertou os lábios antes de continuar seu caminho até o banheiro.

Abriu o armário de remédios escondido atrás da porta, à esquerda da pia. Pegou uma caixa de Lexotan. Sempre soubera que um dia precisaria de novo daquilo.

Terça-feira, 24 de abril de 2007

1

Sarah sentiu que tocavam em suas costas. Resmungou e se deitou de bruços.

– Sarah! Acorde! – sacudiu-a Brian.

Desta vez, ela se sobressaltou e saiu de seu devaneio matinal.

Que noite deliciosa... Esquecidas as terríveis notícias da véspera, passara a noite numa nuvenzinha. Brian fora perfeito, delicado, atencioso, tentando diverti-la.

Durante todo o jantar no Harry's Bar, uma lanchonete na entrada leste da cidade, ele não parara de reconfortar Sarah. Álcool e palavras gentis ajudando, ela acabara se deixando ir.

Quando chegaram ao motel ali perto, foi com um humor leve que se jogou nos braços dele e começou a se despir.

Fizeram amor por mais de duas horas, com uma sequência de orgasmos como raramente tivera. Dormiu sobre o peito dele. Feliz.

– O quê? Fale mais baixo. Que horas são? – disse ela, sentando-se na cama.

Brian já estava vestido e abrira as cortinas. A luz do amanhecer iluminava fracamente o quarto do motel. As nuvens tinham evaporado.

Um azul profundo misturado com diversos tons de laranja se espraiava no céu. O sol não tardaria a aparecer.

– Pode me explicar o que é isso? – disse ele, agitando sob o nariz dela a carta de Lucy e Amy.

Sarah ficou arrasada. Tinham passado uma noite tão doce. Por que o despertar tinha de ser tão brutal?

– Você fuçou nas minhas coisas?! – atacou-o.

Saiu da cama, o coração batendo a mil, a face em chamas.

– Caiu do seu casaco. Explique! O que isso quer dizer?

Ele estava completamente estressado. Jamais o vira daquele jeito. Por trás de sua cólera, percebia que ele estava em pânico.

Pegou a calcinha e a vestiu, sem pressa.

– Antes de mais nada, acalme-se! – disse, num tom que pretendia autoritário.

Não suportava os machões. Nunca se deixara dominar pelos homens. Não era hoje que isso ia começar.

– Encontrei essa carta, domingo de manhã, embaixo da minha porta. Não fui ao encontro, se você quer saber – disse, vestindo a calça jeans. – Como você pôde ler, não nos falávamos há anos. É pura coincidência que tenham me escrito logo antes de morrer. – Abotoou a calça e assumiu uma posição provocadora. – A menos que suspeite que fui eu que as matei?!

O absurdo da situação dava coragem a Sarah.

Sabia que Brian podia ceder facilmente à cólera, mas não acreditava que pudesse chegar ao ponto de utilizar a força.

Sua explicação pareceu convencer Brian, que se acalmou lentamente. Sua respiração se regularizou e o rosto se descontraiu.

– Mas você tem de admitir que é bastante estranho elas terem feito contato com você logo antes de morrer...

Sarah pegou o sutiã e o afivelou.

– O que mais você quer que eu diga? Passei um dia horrível ontem. Mas a noite foi fabulosa. Eu

lhe peço, Brian, não estrague tudo.

Aproximou-se dele e tomou a carta de suas mãos antes de passar os braços em volta do seu pescoço.

– Desculpe, mas é tão estranho que... – Ele não terminou a frase e fez uma expressão de despeito. – Eu não sabia mais o que pensar.

– Então está perdoado. Mas, de agora em diante, evite gritar.

Brian sorriu e lhe deu um longo beijo de reconciliação.

Suas bocas finalmente se separaram, e Sarah consultou o relógio.

– Bom, tenho que ir antes que as aulas comecem. Ainda mais que já faltei toda a manhã de ontem.

– Não tem pressa. São sete horas. Você me disse que tem aula às nove horas?

Era verdade, mas Sarah tinha de fazer uma coisa antes.

– Tenho que levar essa carta à polícia. Talvez ela possa ser útil. Suponho...

– O quê?! – exclamou Brian, recuando. – Você não vai entregar isso para os tiras! Está falando sério?

Sarah franziu as sobrancelhas. Ele estava ficando histérico de novo!

– O que você quer que eu faça? Lucy e Amy morreram domingo. De manhã, encontrei essa carta embaixo da minha porta. O que quer dizer que elas ainda estavam em liberdade na noite de sábado para domingo. Além disso, esse encontro marcado pode ajudar os tiras na investigação.

Brian sacudiu a cabeça e começou a andar em círculos no quarto.

– Mas... você não entende? Se for falar com os tiras, vai se tornar o suspeito número um. Você é a última pessoa a ter tido notícias delas. Lembra-se do que elas dizem na carta?! – continuou ele, fazendo grandes gestos nervosos com os braços. – “Adoraríamos nos reconciliar”: o que você acha que os tiras vão pensar?

– Eu, o suspeito número um?! Você está completamente sem noção, Brian – exclamou ela, voltando ao ataque.

Não gostara nem um pouco do tom dessa conversa. Nunca pensara que Brian fosse um covarde.

– Muito bem. Então me explique por que vocês estavam brigadas há tanto tempo?

– Não estávamos realmente brigadas – replicou Sarah, lembrando-se perfeitamente da razão pela qual elas não se viam mais.

– O que aconteceu, então?

Sarah suspirou e se aproximou da janela. Um pedaço cintilante do sol começava a surgir no horizonte.

– A vida, simplesmente. Mudei quando cheguei aqui. Lucy e Amy sempre foram mais excêntricas do que eu. A chegada à universidade aumentou o fosso que nos separava. Você sabe muito bem com quem elas andavam. Francamente, os *bad boys* não são minha praia.

Brian não sabia se devia tomar isso como um elogio ou não.

– É o que você está dizendo. Desculpe, mas não consigo acreditar. E os tiras vão acreditar menos ainda. Você deve saber que, nas investigações sobre *serial killers*, os tiras não têm quase nenhuma pista. O xerife vai se atirar sobre você pra acalmar a opinião pública, que exige um culpado. Você vai servir de bode expiatório. Eles vão vasculhar sua vida e trazer tudo a público, como se você fosse a pior das criminosas. Você realmente não tem nada pra esconder? Está preparada pra ver, na primeira página dos jornais, o menor desvio que já tenha cometido?

Nesse momento, a paranoia de Brian começou a se tornar contagiosa. Sarah nunca vira as coisas por esse prisma.

Era inocente. Queria apenas ajudar a polícia a prender o criminoso que tinha matado suas antigas

amigas. Daí a se colocar em perigo e ter seu passado vasculhado...

– Não sei. Eles logo vão perceber que não tenho culpa de nada. Além disso, eu passei o fim de semana todo com você.

Ela parou de repente. Compreendera finalmente por que Brian estava tão abalado. “Filho da puta!” – pensou. Não estava preocupado com ela, e sim consigo mesmo!

Soltou uma pequena risada de desdém:

– Você tem medo que nossa relação seja descoberta? Teme, talvez, que suspeitem que você seja cúmplice do inimigo número um que eu sou?! – agrediu-o, sentindo a raiva dominá-la.

– O que você está dizendo?! Você está delirando!

Parecia bem menos orgulhoso agora.

– O herdeiro dos Hoggarth! A estrela ascendente de nossa cidadezinha! O *quarterback*, o armador predileto de todas as madames suspeito de cumplicidade num crime hediondo! – Deixou escapar uma enorme risada zombeteira. – Ela vai ficar uma fera, a solicitadíssima *miss* Parker. Seu noivo a trai com uma assassina!

Brian se aproximou de Sarah e, sem aviso prévio, deu-lhe uma bofetada que fez sangrar sua boca.

Sarah levou a mão até os lábios. Quando viu o sangue, sua raiva se transformou em fúria:

– Seu imbecil! Você é realmente um babaca de merda!

Brian não sabia como tinha feito aquilo. Não pudera evitar.

– Não apenas vou falar com os tiras, como também, se você colocar de novo as mãos em mim, juro que vai pagar muito caro.

Sarah foi pegar o casaco, vestiu-o e se dirigiu para a porta. Brian segurou-a pelo braço e forçou-a a olhar para ele.

– Desculpe, perdoe-me, *baby*. Perdi a cabeça, não sei o que deu em mim.

Parecia sincero, mas isso não bastava para desculpá-lo.

– Pense bem no que vai fazer – acrescentou, no mesmo tom queixoso. – Imagine todos os problemas que vai criar se for ver os tiras. Não me importo que nosso relacionamento venha a público, mas pense em Elisabeth. Acha realmente que ela merece isso?

O imbecil! Brian era um verdadeiro Apolo. Um corpo magnífico, um rosto com traços regulares e um olhar encantador. Infelizmente, não entendia nada de mulheres. Fazer alusão, naquele instante crucial, à pessoa que Sarah mais detestava no mundo! Elisabeth Parker. A filha do dono do grande hotel de luxo River’s Dream. Sua rival!

Soltou-se dos braços dele e se precipitou para a porta.

– Vai se foder!

Pôs a mão na maçaneta, mas, antes que pudesse abri-la, Brian se interpôs e a impediu:

– Não perca a cabeça, Sarah. Estou falando muito sério. Se for ver os tiras, vai se meter numa merda enorme. Vai se arrepender – disse num tom que não tinha mais nada de amistoso.

Sarah viu uma centelha de loucura cobrir seu olhar. Um arrepio a percorreu.

– Me deixe sair, Brian. Me deixe sair. Prometo que não falarei de você.

Seus olhares se cruzaram ferozmente; então, Brian cedeu, sem dizer uma palavra.

Sarah deixou o motel e foi esperar o ônibus. Estava fora de questão que Brian a levasse para onde quer que fosse.

2

Eram sete horas quando o despertador tocou. Logan tirou uma mão de debaixo das cobertas e o desligou. Levou ainda dois longos minutos para sair de sua letargia. Finalmente, levantou-se.

Colocou uma cueca e avançou pelo corredor. A porta do quarto de Hurley estava aberta. Escutou barulhos no banheiro. Hesitou um instante antes de entrar também.

Hurley estava diante do espelho da pia, envolta em um roupão cinza, com uma toalha branca enrolada nos cabelos molhados.

– Bom dia, Mike, acordei você?

Ele notou a ponta da cicatriz que conhecia tão bem. Ela partia da base do pescoço até seu seio direito. Desviou imediatamente os olhos.

– Não, dormi como um urso.

Era estranho voltar a partilhar tal intimidade com Hurley. Por três anos, eles tinham vivido juntos em seu apartamento na Campton Street, em Seattle. Mas um ano se passara desde seu rompimento. Tantas lembranças voltavam à memória...

– Nenhuma nuvem. Pelo menos, teremos direito a um belo dia – disse Hurley, pegando sua escova de dentes.

– Esperemos que isso seja um bom augúrio.

Ele entrou no chuveiro, puxou a cortina e tirou a cueca. Isso também era estranho. Essa preocupação com o pudor diante de uma mulher que conhecia cada centímetro de seu corpo.

Pegou o chuveirinho da ducha, abriu a água e ajustou a temperatura. Quando se sentiu completamente revigorado, percebeu que Hurley já saíra. Melhor assim.

Foi se vestir e desceu para a sala. Hurley estava na cozinha. Pela janela, via-se o céu de um azul transparente.

– Aceita um café? – perguntou Hurley.

Estava vestida com uma calça preta e um pulôver bege. Seus cabelos ainda úmidos davam-lhe aquele ar de cigana que ele sempre apreciara.

– Sim, obrigado.

Hurley já torrara algumas fatias de pão e tirou do armário um doce de ameixas e uma geleia de groselha. Pôs na mesa também um tablete de manteiga que acabava de pegar na geladeira.

Agia como se estivesse em casa. Ele se esforçou para não pensar nisso.

– Sua casa é realmente bacana. Compreendo por que você não vem mais a Seattle – disse ela, depois de colocar uma cápsula de café na máquina.

Embora o tom fosse amistoso, Logan percebeu que não deixava de haver ali uma censura.

– É verdade que se vive bem aqui. Há vários passeios pra fazer. A floresta fica logo ali. O lugar dos sonhos pra quem gosta de paisagens bucólicas.

Pegou uma torrada e passou manteiga.

– Mas imagino que não seja bem o seu caso. Paisagens. A calma e a simplicidade – acrescentou.

Hurley trouxe duas xícaras de café e se sentou à mesa da cozinha.

– Você não se entedia?

Logan pegou sua xícara e tomou um gole de café. Estava fervendo.

– Não, finalmente tenho tempo pra ler e descansar. Os moradores são realmente simpáticos. Gosto daqui.

Hurley fez de conta que acreditava.

– Você tem uma namorada?

Logan pôs a xícara na mesa e desviou o olhar.

– Digamos que não passo todas as noites sozinho.

Não sentia a mínima vontade de se estender sobre o assunto.

Depois da separação deles, tinha saído com uma mulher que trabalhava num grande laboratório médico de Seattle. Mais por higiene do que por amor. Quando decidiu tentar ser xerife de River Falls, pusera fim a esse relacionamento.

Depois de sua vinda para a cidadezinha, passava ocasionalmente algumas noites com uma mulher divorciada que tinha encontrado num dos bares da moda dos bairros chiques da cidade. Uma pequeno-burguesa que estava sempre em viagens de negócio. Praticamente só sexo, sem maior envolvimento. Ele não pedia mais do que isso, por enquanto.

– Prefere não falar disso? – perguntou Hurley.

Tinha posto a mão sobre o pulso dele. Logan só tinha uma vontade: tomá-la em seus braços e arrancar suas roupas.

– Não, não há mais nada a dizer. Nossa história pertence ao passado. Nunca se deve despertar os fantasmas.

Na verdade, tinha muitas coisas a dizer para ela. Gostaria tanto de lhe explicar as verdadeiras razões de seu rompimento. Dizer-lhe o quanto gostava dela, tudo o que sacrificara para se assegurar de que ela estivesse feliz.

– Desculpe, não queria incomodá-lo. Aliás, você viu? Os Lakers de Seattle estão em segundo lugar no campeonato. Jamais pensei que chegariam lá.

Se havia uma coisa de Seattle que lhe fazia falta eram os jogos de hóquei no gelo.

Adolescente, fora um dos melhores jogadores da equipe de sua escola, durante o curso. Sonhava em se tornar jogador profissional. Um acidente de esqui pusera fim a seus projetos. Desde então, optara pela polícia.

Embora não se arrependesse de sua escolha, acontecia-lhe muitas vezes pensar naqueles momentos de pura felicidade, quando entrava na quadra de gelo.

– São bons rapazes. Callagan é um ótimo treinador. Faz um bom trabalho.

Continuaram a falar de tudo e de nada, relegando ao esquecimento as questões primordiais. Haveria outras oportunidades para falar do essencial.

Logan entrou na delegacia. Estava louco de raiva. Hurley se mantinha atrás dele.

– Bom dia, xerife, saudou-o a tenente Blanchett, indo a seu encontro.

– Vocês leram isto?! – exclamou ele, colocando embaixo do nariz dela a edição matinal do *Daily River*.

Blanchett assumiu um ar constrangido. Em volta deles, uma boa parte do efetivo já estava a postos.

– Li sim, é lamentável. Mas era de se esperar. É a primeira vez em anos que acontece algo assim em nossa cidade.

Logan praguejou, apesar disso. É claro que ela tinha razão, mas não podia evitar a raiva.

Na primeira página, viam-se as fotos das duas vítimas sorrindo para a vida. Em letras garrafais, UM *SERIAL KILLER* NA CIDADE!

Abaixo, o artigo de uma jornalista que não poupava os detalhes mais odiosos da mutilação. Na

segunda página, a foto de Morgan Finley em seu leito de hospital. Ele posava, mal refreando o orgulho.

"Um imbecil!", pensara Logan após conversar com ele. Seu relato era de uma idiotice sem fim. Martelava o tempo todo que tudo isso se devia à perda dos valores religiosos neste mundo vil...

Logan teria gostado de lhe falar de todos os casos criminais em que homens da Igreja estavam implicados. O idiota!

Finalmente, as entrevistas com os pais das garotas. Infecto! Não podiam deixá-los em paz num momento como aquele?!

Os meninos Sheppard também tinham tido direito a fotos. Não havia nenhuma entrevista com a mãe, mas a jornalista conseguira falar com o pai, que vivia em Miami desde a separação.

Abutres!

– Se cruzar com essa Callwin... – exclamou com raiva, levantando o punho fechado.

– Permita que me apresente – interveio Hurley dirigindo-se a Blanchett. – Agente Jessica Hurley, do *bureau* federal de Seattle.

– Prazer – disse Blanchett, apertando-lhe a mão.

Logan assumiu uma atitude menos tensa e tratou de se acalmar. Deixou o jornal numa mesa perto da entrada. Precisava recuperar o sangue-frio.

– A agente Hurley é uma psicóloga forense. Vai nos ajudar nesta investigação. Convoque todo mundo pra sala de reunião às – consultou seu relógio – oito e quinze, ok?

– Sem problema.

Acompanhado de Hurley, Logan atravessou os corredores, saudando diversos policiais, antes de se fecharem em seu escritório.

Pendurou a jaqueta no cabide e afundou em sua poltrona. Ligou o computador e, enquanto o sistema inicializava, tirou um cigarro da carteira.

Sentada à sua frente, Hurley estendeu-lhe um isqueiro.

– Nunca entenderei por que você sempre tem um isqueiro consigo – disse ele, tomando-o em sua mão.

– Isso me faz lembrar todos os dias que parei de fumar.

Logan fez uma expressão de quem não entende. Cada um tem direito a suas esquisitices!

Quando a inicialização terminou, foi direto ao correio eletrônico e encontrou dezenas de e-mails ainda não lidos. A maior parte enviada por jornalistas, mas também alguns de figurões, outros do *bureau* de Seattle e, finalmente, um do xerife Peart.

Abriu-o e leu lentamente, com um risinho sardônico.

– Posso saber o que é, ou é particular? – perguntou Hurley, na expectativa.

– É o xerife de Silver Town. Ele me pede pra dar uma dura no diretor do *Daily River*. Pra abrir uma investigação sobre suas finanças, sua vida particular, todo esse tipo de coisas!

– Não esqueça que a liberdade de imprensa é um dos pilares de nossa sociedade. É preciso saber lidar com ela.

Logan fez uma careta.

– Liberdade pra ganhar grana em cima do assassinato de umas pobres garotas! Em que mundo vivemos?! – indignou-se ele, erguendo os olhos para o céu.

– No único que conhecemos!

Logan conseguiu sorrir.

– Bom, não adianta nada ficar irritado com isso por muito tempo, não é?

Hurley cruzou as pernas e afastou uma mecha de cabelos.

– Me parece mais razoável. Poderíamos passar dias e dias lamentando a natureza humana. Mas acho que há coisas mais urgentes. Devemos nos concentrar nos poucos elementos de que dispomos.

– Opa! – exclamou Logan, que continuava abrindo seus e-mails. – Escute isto: Blake conseguiu identificar os cacos de farol encontrados no lugar da morte de Tommy Sheppard. Um Subaru, série 3.

– Essa é uma boa notícia – comemorou Hurley.

– E como! Blake já entrou em contato com os departamentos de trânsito de todo o estado. Agora é só esperar pra ver quem serão os felizes eleitos.

Um Subaru, série 3. Era um modelo bastante comum, mas talvez não tanto em River Falls. "Se é que o assassino é da cidade", pensou Logan.

Abriu ainda diversos e-mails durante mais dez minutos, quando o sargento Clark Spike veio bater à porta.

– Entre – disse, adivinhando sua figura por trás da porta de vidro.

– Xerife, temos uma pessoa que quer falar pessoalmente com o senhor.

– Tome seu depoimento. Não tenho tempo agora – disse, sem tirar os olhos da tela do computador.

Spike pareceu insatisfeito e insistiu.

– Ela disse que é muito importante. É a respeito de Lucy e Amy.

Logan suspirou alto. Seus subalternos tinham passado a tarde inteira do dia anterior escutando todo tipo de depoimentos. No fim da noite, tinham compreendido que não haveria ali quase nada de aproveitável. Evidentemente, deviam, mesmo assim, verificar alguns fatos.

– Acho que é uma amiga delas. O senhor deveria escutá-la. Ela parece realmente transtornada.

Logan suspirou. Compreendia que todas as estudantes da cidade se preocupassem com a própria sorte. Sabia que devia dar mostras de um pouco de comiseração para com elas, mas tinha uma reunião dali a menos de cinco minutos. Não tinha tempo a perder.

– Jessica, você pode ir no meu lugar? Mostre-lhe sua insígnia do FBI, isso deve convencê-la – disse, em conclusão.

– Vou tentar.

– Obrigado.

Hurley se levantou. Spike escutara Blanchett falar da chegada de uma psicóloga forense, mas não esperava que fosse tão bonita.

– Siga-me, por favor.

Atravessaram o corredor central e entraram num pequeno escritório.

Uma garota com o olhar perdido os esperava, sentada comportadamente. A janela dava para a Avenida Wilson. Um grande carvalho de galhos frondosos estendia sua sombra sobre várias viaturas policiais.

– Bom dia, senhorita, sou a agente Jessica Hurley, do *bureau* de Seattle – disse, mostrando seu crachá. – O xerife Logan está em reunião agora, mas você pode falar comigo. Estou oficialmente encarregada dessa investigação, em colaboração com a polícia da cidade.

Sarah não sabia mais o que pensar. Sua determinação anterior parecia ter derretido como neve ao sol ao longo dos minutos que passara esperando naquela sala.

Por mais covarde que Brian fosse, talvez ele tivesse razão. O que tinha dado nela de querer se meter nesse caso? Não tinha nada a ganhar, a não ser incômodos. No entanto, permaneceu sentada. Era a única coisa a fazer.

– Bom dia, sou Sarah Kent, apresentou-se. E... – parou bruscamente. Sua voz tremia. Sabia que, uma vez a carta revelada, não poderia mais voltar atrás.

– Estou escutando, senhorita. Temos tempo. Compreendo que você esteja sob o choque – disse

Hurley. – Quer que eu busque um copo d'água ou um café?

– Um café, por favor.

Sarah sentiu seu estresse diminuir. Aquela mulher parecia realmente escutar. Nada a ver com as imagens daqueles seres frios e arrogantes dos agentes do FBI que vira nas séries de TV.

– Sargento Spike, pode trazer um café, por favor? – pediu Hurley, virando-se para o policial. – E feche a porta, por gentileza.

Spike aquiesceu e lhe dirigiu seu mais belo sorriso. Com um pouco de sorte, conseguiria comê-la.

– Quantos anos você tem, Sarah? – perguntou Hurley, assumindo uma pose mais descontraída.

– Vinte. Vinte e um este verão.

– Estudante, não?

– Sim, estudo há dois anos e meio na Universidade de River Falls. Estou indo bem. Antes, morava em Silver Town, uma cidadezinha mais a leste.

Uma luzinha piscou no cérebro de Hurley. A cidade de onde vinham as vítimas. Talvez essa Sarah realmente tivesse alguma coisa interessante para lhes dizer.

– Você mora aqui? – perguntou, escondendo a excitação.

Percebia que Sarah estava relaxando. Era melhor não assustá-la.

– Sim. Moro no campus feminino. Meu quarto é pequeno mas ajeitadinho. Quanto às refeições, nem sempre é aquilo tudo, mas não posso me queixar.

Hurley afundou em sua poltrona e sorriu para Sarah.

– Eu também fui interna. Nem sempre é fácil ficar longe daqueles que amamos. Mas acabamos fazendo novos amigos.

Sarah concordou e tentou sorrir.

– Eu conhecia Lucy e Amy. Éramos amigas em Silver Town, da mesma escola. Prestamos nossos exames no mesmo ano e entramos juntas na universidade. Isso faz dois anos e meio, agora.

Spike apareceu atrás da porta de vidro e entrou.

– Trouxe um café pra cada uma, assim ninguém ficará com inveja.

Estendeu o primeiro para Sarah e o segundo para Hurley.

– Obrigada – disse esta.

Spike levantou os ombros.

– De nada, estou aí pra isso – respondeu, encostando-se na parede.

Hurley compreendeu que ele tinha a intenção de assistir à entrevista.

– Pode nos deixar. Creio que o xerife espera você na reunião.

Spike pareceu contrariado, mas não ousou se opor àquilo que, com toda a evidência, era uma ordem.

Fez um gesto amistoso com a mão e saiu com um passo bonachão.

Hurley aproximou a xícara dos lábios e soprou suavemente. Esperava que essa interrupção não tivesse quebrado o clima de confiança que começava a se estabelecer entre elas. Tomou um gole e colocou a xícara de volta na mesa.

– Está fervendo. Tome cuidado pra não se queimar – aconselhou-a com um grande sorriso.

Sarah agradeceu-lhe com o olhar e soprou sua xícara também.

– Vocês continuavam íntimas ultimamente? – perguntou Hurley.

Sarah desviou o olhar para a janela. Ela tocara no ponto certo.

– Não – respondeu, num tom que não deixava margem a dúvidas.

Fez uma pausa e acrescentou:

– Logo tomamos caminhos diferentes. É preciso saber que em Silver Town passávamos a maior

parte do tempo fazendo festa. Não nos preocupávamos muito com os estudos, apenas o necessário pra passar nos exames.

– É típico da juventude. Aproveitar enquanto é tempo.

– Sim, é verdade. Mas, chegando à universidade, logo compreendi que nossas aptidões pessoais não bastariam sem um verdadeiro trabalho de nossa parte e um mínimo de seriedade.

Parou para tomar um gole de café e retomou:

– Amy e Lucy não viam as coisas dessa forma. Continuavam a agir como se o nível de dificuldade não tivesse aumentado. Saíam direto à noite e andavam com pessoas de má reputação.

– Tudo é sempre uma questão de ponto de vista.

– Não pense que as culpo. Eu era como elas antes de chegar aqui. Mas desde o primeiro trimestre compreendi que precisava me dedicar pra passar no primeiro ano. Não tinha mais tempo de ficar saindo toda hora. Só nos fins de semana.

– Está arrependida?

Sarah assumiu uma postura defensiva.

– De jeito nenhum. Pelo contrário. Estou no terceiro ano e não repeti. Tenho certeza de que fiz a escolha certa.

Seu tom era seguro. Não estava mentindo.

– E Lucy e Amy? Conseguiram ir bem, apesar de tudo?

Sarah deu uma risadinha.

– Sim, elas não repetiram. Não imaginava que fossem tão capazes – disse, e acrescentou: – Mas não pense que estou acusando-as de terem trapaceado nos exames de fim de ano.

– Longe de mim esse pensamento, Sarah – replicou Hurley, que, entretanto, guardou essa ideia num cantinho do cérebro.

– Bom, acho que vou indo. Lamento tê-la feito perder tempo. Queria apenas saber em que pé estavam as investigações. Éramos bastante próximas, entende?

Diante dessa mulher, reencontrara a calma. Certa lucidez de espírito. Compreendera, sobretudo, que era melhor se calar.

Hurley perscrutou-a, conservando um sorriso afável. Sabia que ela não estava dizendo tudo.

Podia pedir-lhe para ficar, mas, sem nenhuma acusação concreta, não obteria nada enquanto a moça não se decidisse por si mesma a falar.

– Não há por que se desculpar. E, pra responder sua pergunta, dispomos de alguns elementos, mas não posso lhe dizer nada por enquanto, apenas aconselhá-la a ter cuidado. O ser que cometeu esses horrores ainda está em liberdade. Continue sendo uma boa garota, Sarah.

Sarah pôs sua xícara na mesa e se levantou. Abriu a porta e se virou para dizer tchau.

– Até mais – respondeu Hurley, levantando-se também. – A propósito, se lembrar de algum detalhe, qualquer um, mesmo que pareça insignificante, não hesite em me ligar. – Tirou do bolso um cartão de visita. – É o número do meu celular. Noite e dia!

Sarah hesitou um curto instante, pegou o cartão e saiu da sala.

Finalmente estavam todos na sala de reuniões, fora dois agentes que cuidavam da recepção. E Hurley, que estava com a estudante.

Spike chegou por último e fechou a porta atrás de si.

Logan estava de pé diante de seu público. Começou pela boa notícia:

– Em primeiro lugar, gostaria de agradecer-lhes pelas horas extras. Evidentemente, elas serão

pagas. Gostaria também de anunciar que o bureau de Seattle nos enviou uma psicóloga forense de renome, Jessica Hurley. Tratem-na com o mesmo respeito que tratariam alguém daqui. Não estamos competindo. Que isso esteja bem claro em seus espíritos.

Nenhum murmúrio. Estavam todos atentos.

– Em segundo lugar, há alguém entre nós que acha esperto divulgar informações confidenciais aos jornalistas. Aconselho-o vivamente a parar com isso, pois, se estou disposto a deixar passar desta vez, da próxima conduzirei uma investigação e o culpado será severamente punido. Será que fui claro?

Ninguém respondeu. Nenhum dos policiais queria parecer o culpado fazendo um sinal de assentimento.

Houve algum mal-estar.

– Bom, agora vamos aos elementos de que dispomos. Temos diversos testemunhos indicando a presença de marginais no Baker Park. Monroe, Heldfield, Ascott e Traviss, detenham-nos e interroguem-nos. Quero saber tudo o que fizeram no fim de semana. Enquanto não tiverem certeza de sua inocência, mantenham-nos detidos.

Os quatro agentes tomaram nota.

– Temos também o testemunho do Sr. Haldford. Ele teria escutado gritos suspeitos na casa do vizinho, o Sr. Cooper, na madrugada de sábado. – Algumas risadas se fizeram ouvir. – Beckett, encarrego-o de interrogá-lo, ainda que não ponha a mínima fé nessa pista – acrescentou, com um sorriso de conivência.

Todos sabiam do ódio que animava aqueles dois velhinhos havia anos. Nunca paravam de acusar um ao outro das piores torpezas.

Logan encarregou então a maior parte de seus subalternos da verificação dos testemunhos da véspera, antes de se dirigir aos que restavam. Alguns praguejaram, mas, no geral, tudo se passou sem problemas.

– Blanchett, Portnoy e Olivarez, vocês virão comigo à universidade. Vamos interrogar os amigos das garotas, tentar saber se elas tinham namorados e tratar de descobrir quem as viu pela última vez.

Fez uma pausa.

– Estou contando muito com a dedicação de vocês. Todos os nossos concidadãos esperam resultados de nós. Se quisermos reencontrar um pouco de calma nos próximos dias, temos de tranquilizar a população. Está claro?

Um murmúrio de assentimento serviu de resposta. Uma mão se levantou.

– Sim, Wolf?

– Sei que temos muito poucos elementos, mas, sinceramente, o senhor acha que se trata de um *serial killer*?

Logan estava persuadido que sim.

– É possível, assim como é possível que seja apenas uma vingança. Não devemos descartar nenhuma pista, nem mesmo as mais improváveis. – Abaixou a cabeça, depois a ergueu de supetão. – Bom, a reunião está terminada. Agradeço-lhes mais uma vez por não contarem suas horas.

Pronto, estava feito: a investigação podia começar.

Logan foi o primeiro a deixar a sala e voltou para seu escritório. Hurley o esperava.

– E aí, como foi?

Logan puxou um cigarro e Hurley, seu isqueiro.

– Um pequeno excesso de autoritarismo, com uma pitada de paternalismo, e tudo ok – disse ele, indo pegar seu casaco. – E você?

– Não sei – respondeu ela, enquanto Logan acendia o cigarro. – A garota era amiga das vítimas.

Disse ter vindo pra saber das novidades, mas não acredito nisso.

Logan vestiu o casaco e puxou o fecho quase até o queixo.

– Ou seja...?

– Acho que ela sabe alguma coisa, mas tem medo de falar.

Logan olhou-a, surpreso.

– E você não tentou fazê-la desembuchar?!

– Não tenho absolutamente nenhuma acusação contra ela. Com toda a certeza, ela não tem nenhuma culpa pelo desaparecimento das amigas. Senão, jamais teria vindo nos ver.

– A menos que sinta remorsos.

Hurley se levantou e pegou seu casaco.

– Não esqueça que sou a rainha das psicólogas forenses. Posso apostar minha carreira que ela não tem nada a ver com os assassinatos. Tenho a impressão é de que ela sabe algum segredo sobre as vítimas.

Logan assobiou, com uma admiração zombeteira.

– Muito bem, minha rainha, bravo! Melhor do que Hercule Poirot! Mas eu preciso de coisas mais concretas. Estamos indo justamente à universidade para interrogar os estudantes que as conhecem. Como se chama sua garota?

Hurley mordeu os lábios. Sentia que não deviam assustá-la. Mas talvez estivesse enganada.

– Sarah Kent. Ela é de Silver Town.

– Perfeito! Eis nosso suspeito número um – disse Logan, dirigindo-se para a porta.

– Não brinque com isso. Não gostaria de ver o rosto dela na primeira página dos jornais, marcado pelo selo da infâmia.

Logan colocou a mão afetuosamente sobre seu ombro.

– Foi só uma brincadeira boba. Vamos apenas interrogá-la e tentar fazê-la desembuchar... docemente.

Hurley sacudiu a cabeça e seguiu-o no corredor.

Todos se preparavam para sair, cada um para conduzir suas próprias investigações. Apenas cinco agentes ficariam tomando os depoimentos voluntários.

Blanchett, Portnoy e Olivarez já estavam prontos. Todos tinham posto suas jaquetas. Embora o sol tivesse voltado a brilhar sobre River Falls, o ar continuava bastante frio naquele início de primavera.

3

Quando se aproximaram da universidade, deram de cara com um ajuntamento de telejornalistas fazendo suas transmissões ao vivo em volta do campus.

Usando as sirenes, as duas viaturas policiais transpuseram as grades da universidade sob uma chuva de perguntas que ficaram sem resposta.

– Desinfetem! – praguejou Logan no volante de seu Cherokee.

– Não se preocupe. Daqui a alguns dias eles se cansarão – tranquilizou-o Hurley.

Ao menos, ela esperava.

Pararam no estacionamento situado não longe dos prédios administrativos. A caminhonete de Blake já estava lá. Logan sorriu. Duas idas e voltas River Falls-Seattle em dois dias. E Blake que detestava dirigir!

Saíram dos carros. Portnoy, Olivarez e Blanchett também.

Logan lançou um olhar em volta do parque e do campus. Lembranças de sua juventude vieram à tona. Tudo estava tão longe agora.

O reitor Augeri dirigiu-se com passo apressado até eles. O rosto fechado, a testa franzida, parecia extremamente preocupado.

– Xerife, o senhor podia ter me avisado da chegada deles – disse sem preâmbulo, apontando a caminhonete da polícia científica.

– Desculpe, pensei tê-lo feito – respondeu Logan, mas o tom não era de desculpas.

Tinha mais com o que se preocupar do que se desculpar por fazer seu trabalho.

– Acha realmente que o assassino poderia ser um de nossos estudantes? – perguntou Augeri, adotando uma atitude menos agressiva.

Logan fez um gesto de ignorância.

– Tudo é possível, senhor reitor. Tudo é possível.

Hurley se adiantou:

– Jessica Hurley, do FBI. Precisamos escutar todos os amigos das duas garotas. O senhor as conhecia bem? – perguntou.

Augeri pareceu surpreso com a pergunta. Limpou a garganta e finalmente respondeu.

– Não muito. Há quase três mil estudantes no campus. Se a maior parte dos rostos não me é estranha, temo no entanto não poder lhes ser muito útil.

– Poderia nos fornecer a lista dos estudantes que frequentavam as mesmas aulas que Amy e Lucy? Principalmente os dos trabalhos dirigidos – prosseguiu Hurley.

Nos TD, os alunos eram bem menos numerosos do que nos cursos gerais ministrados nos anfiteatros. Havia mais chance de que elas tivessem criado amizades com outros estudantes nesses momentos.

– Claro, posso obter isso rapidamente – respondeu Augeri, cujo olhar se dirigiu aos limites da universidade. – A propósito, não há como mandá-los embora? Os estudantes já estão chocados, não seria possível deixá-los em paz?

– Infelizmente, não. Bem que eu gostaria de poder fazer alguma coisa – respondeu Logan.

– Poderíamos atirar neles – interveio o sargento Olivarez.

Aos cinquenta e poucos anos, era um dos sargentos mais velhos da cidade. Logan nunca parara para conversar com ele. Lamentava isso agora.

Ninguém riu. Um silêncio constrangido se abateu sobre o pequeno grupo.

– Desculpem-me – disse ele, baixando a cabeça como uma criança pega em flagrante.

– Perfeito. Sigam-me, por favor, vou conduzi-los aos aposentos adequados para as entrevistas. Colocarei várias salas à disposição de vocês. A seguir, farei chamar os estudantes que vocês quiserem ouvir.

Logan não gostava da maneira de falar daquele homem, mas era obrigado a admitir que ele tinha o espírito vivo e, sobretudo, que não estava tentando entravar a investigação.

– É muito gentil de sua parte – disse Hurley, com um caloroso sorriso como só ela sabia dar.

Augeri pareceu perturbado e desviou o olhar.

Atravessaram uma longa alameda e chegaram diante da entrada principal dos prédios administrativos. Era realmente soberba. Logan constatou mais uma vez que dinheiro não faltava na boa cidade de River Falls.

Passaram por um grande *hall*, depois perto da recepção, diante da qual Augeri não se deteve.

– Espere. Será que eu poderia me juntar à equipe de investigação científica? – deteve-o Hurley.

Augeri olhou-a com um ar surpreso e se virou para uma das duas secretárias da recepção.

– Senhorita Dickinson, faria a gentileza de acompanhar nossa agente do FBI até o quarto de Lucy?

A senhorita Dickinson era uma mulher de cara redonda e maçãs do rosto bem vermelhas. Uma velha moça de sorriso juvenil.

– É claro, senhor reitor.

Levantou-se, vestiu um casaco de lã, certamente tricotado à mão, e passou para o outro lado do balcão.

– Encontre-me assim que tiver falado com Blake – disse Logan a Hurley.

De braços cruzados, Augeri mantinha uma postura neutra.

– É por aqui – indicou com um gesto quando as duas mulheres se puseram a caminho dos dormitórios.

Atravessaram um grande corredor e entraram num elevador que os levou ao quarto e último andar do prédio, o da reitoria.

No chão, um antigo parquete em marchetaria muito bem conservado. Na parede, as telas de um célebre pintor contemporâneo que residira vinte anos naquele condado, Arthur Dancour.

Cruzaram com diversos empregados que se esforçaram para evitar seus olhares.

O cidadão comum sempre se sente desconfortável diante da polícia. Logan tinha sua própria teoria a respeito disso. Segundo ele, todo mundo tinha seus segredos inconfessáveis.

Augeri abriu uma porta. A secretaria. Três mulheres e dois homens instalados diante de telas de computadores, cercados de formulários e outras papeladas, em escritórios separados por divisórias de vidro.

– Desculpem atrapalhar o trabalho de vocês, mas a polícia precisará conduzir aqui alguns interrogatórios. Se puderem parar um pouco e lhes ceder o lugar.

Os rostos dos empregados se tornaram sombrios. Arrumaram rapidamente suas coisas e deixaram o lugar sem um olhar para os quatro policiais.

– Pronto, fiquem à vontade. Logo mandarei pra vocês os nomes dos colegas de nossas queridas desaparecidas.

Logan agradeceu com um olhar. Augeri saiu da sala.

– Bom, estão todos com seus gravadores?

Seus três subalternos os brandiram como troféus.

– A manhã vai ser longa. É extremamente importante que escutemos tudo o que eles tiverem a nos

dizer. Deixem-nos à vontade e tentem descobrir o que Lucy e Amy podem ter feito nesse fim de semana.

– Pode contar conosco – respondeu Blanchett. Os dois outros endossaram sua resposta balançando a cabeça ao mesmo tempo.

Assim que dobrou uma esquina do corredor, Hurley soube onde ficava o quarto de Lucy. Não era difícil: o agente Freeman estava coletando impressões digitais na porta.

– Obrigada, senhorita Dickinson – disse, virando-se para sua guia.

Esta lhe dirigiu um sorriso e deu meia-volta. Todo o prédio fora interditado. Hurley avançou lentamente, mas o toque-toque de seus saltos no piso não alterou a concentração de Freeman, totalmente imperturbável.

– E mais uma – disse ele, após ter coletado uma impressão com a ajuda do adesivo adequado.

Colocou-a num saco plástico e finalmente se voltou.

– Agente Hurley, fico feliz em revê-la.

Era o mais jovem agente da polícia científica de Seattle. A pele escura, um corte de cabelo afro, era conhecido por suas inúmeras conquistas amorosas.

– O prazer é meu – respondeu ela.

Entrou no quarto e avistou Blake e Moore que fechavam as janelas.

– Tudo nos conformes? – perguntou ela.

– Bom dia – disse Moore.

Passado dos trinta, ele tinha um verdadeiro dom para fazer “falar” o menor elemento: fibra, bagana, impressão meio apagada. Um tesouro para o bureau.

– Prazer em vê-la, Jessica – disse Blake, por sua vez. – Se tiver dois segundos, já terminamos com isso.

Como alguns raios de sol ainda se infiltravam pela janela fechada, cobriram-na com um grande pano preto.

– Perfeito, chegou bem na hora. Vamos passar o luminol no quarto. Se houver sangue, logo saberemos.

– Incomoda-se de esperar lá fora? – perguntou Blake.

Eles eram quatro num quarto de quinze metros quadrados.

– Sem problemas, deixo-os entre homens.

– Vou com você – disse Freeman, entregando sua lanterna a Moore.

Blake pegou o vaporizador e começou a aspergir o chão, enquanto Moore dirigia a luz da lanterna para os lugares onde as gotas do líquido caíam.

Freeman e Hurley saíram, fechando a porta.

– E aí, qual é a sensação de rever o Logan?

Era também o mais desrespeitoso do bureau.

– Isso é comigo. Ou você cala a boca ou eu vou ter de calá-la – respondeu ela com malícia.

Freeman gargalhou.

– Você continua caidinha por ele! Mas – disse, levantando as mãos em sinal de defesa – isso é problema seu.

– Exato. E as impressões?

Se havia uma coisa de que não queria que lhe falassem era sua relação com Logan.

– Pois então, encontramos um número incalculável de impressões fresquinhas. Alguém veio a esse

quarto e o vasculhou de alto a baixo, embora tenha tomado o cuidado de arrumar tudo antes de sair.

– Devem ser da própria Lucy.

Freeman abanou a cabeça, negando:

– Tenho as impressões dela, e, embora ainda não as tenha passado pro computador, está na cara que não são as suas, nem as de Amy. Além disso, essa pessoa transpirava muito. Há várias pequenas marcas de suor. Um pequeno detalhe, mas que pode ter sua importância.

– Nosso bisbilhoteiro tinha medo de ser pego. Talvez não se trate do assassino, mas de uma de suas amigas que veio procurar alguma coisa?

– Pensei nisso. A menos que tenha sido seu namorado.

– Logo saberemos mais. Mike está ouvindo os colegas das duas garotas. Se elas tinham namorados, logo ficaremos sabendo.

– Há também seus computadores. Liam não deverá ter dificuldade em esmiuçá-los. Quem sabe se elas não se correspondiam com o assassino?

Uma hipótese como as outras. Hurley sabia muito bem que muitos pedófilos encontram suas presas dessa forma. Um novo meio simples e eficaz de produzir encontros. Bons ou muito ruins.

A porta do quarto se reabriu.

– Nenhum vestígio de sangue ou esperma – disse Blake, saindo.

Moore estava começando a tirar o pano da janela.

– O que quer dizer que ela não foi morta aqui e que, se ela transava aqui, tomava suas precauções – disse Freeman. – Avançamos muito!

Hurley lançou-lhe um olhar cheio de recriminação. Freeman ergueu os ombros e acrescentou:

– Bom, temos ainda o segundo quarto. Vamos lá, ou vamos ficar aqui parados?

– Entre, disse Logan.

Um rapaz de atitude desenvolta entrou na salinha. Olhou, através das divisórias de vidro, os dois outros estudantes que estavam sendo interrogados e finalmente se sentou diante do xerife.

– Bom dia, Clyde, sente-se – disse Logan num tom seco.

Clyde deu uma risadinha. Nunca tivera grande estima por aqueles que vestem o uniforme. Não era hoje que começaria a ter.

– Posso saber do que me acusam, xerife? – disse, insistindo pesadamente no título.

Logan detestou-o imediatamente. Mais um filhinho de papai metido a rebelde.

– Por enquanto, de nada, mas, se continuar assim, será por desacato a um policial no exercício de suas funções. Quarenta horas de detenção e todo o tempo que for preciso pra provar que você fuma maconha. E então, tirá-lo desta universidade e metê-lo num lugar bem menos agradável, cheio de verdadeiros *bad boys*.

O rosto de Clyde perdeu a soberba. Praguejou algumas palavras ininteligíveis e reergueu a cabeça.

– O que o senhor quer saber?

Logan se afundou na poltrona.

Já escutara seis estudantes. Quatro garotas e dois rapazes. Já ficara sabendo um bocado de coisas sobre as duas estudantes encontradas mortas. Nem todas boas.

– Você saiu com Lucy ano passado. O que pode me dizer sobre ela?

– Uma garota estranha. Saímos juntos por três meses.

Logan pegou um lápis entre seus dedos e ficou batucando com ele em um dos lados da escrivaninha.

– Por que vocês se separaram?

Clyde fez uma careta.

– Era uma verdadeira piranha. Só queria saber do meu dinheiro. Quando resolvi segurar o bolso, ela deu o fora sem hesitar.

– Você gostava dela?

Clyde se segurou para não rir.

– Ninguém se apaixona por uma garota assim. Uma puta num corpo dos sonhos.

Logan apertou os lábios num sorriso de raiva. Teria muito bem metido um soco na cara daquele babaca. Nem uma ponta de tristeza, apesar do fim trágico de sua ex-namorada. Se o acuasse um pouco, certamente o ouviria dizer que ela teve o que merecia.

– Sabe com quem ela andava ultimamente?

Clyde coçou o queixo, então ergueu os olhos.

– Larry Brooks, eu acho. Um cara que está sempre na Kingdom's Tavern. O senhor deve conhecer, imagino.

Um bar localizado num bairro popular, covil de *rednecks* e outros marginais. Rock a todo volume, e uma ou várias garotas seminuas sob os spots. Logan já fizera uma batida lá.

– Você tem ideia de quem poderia ter algo contra elas? – perguntou, sem responder à questão de Clyde.

Desta vez, o rapaz soltou uma verdadeira risada de desdém.

– Todos os caras que elas sacanearam. Eram verdadeiras piranhas.

– Você tem nomes?

– A metade dos rapazes desta universidade! – Ficou em silêncio, depois acrescentou: – Elas são de Silver Town, não são garotas da nossa classe. Acho que pagavam seus estudos arranjando otários e arrancando toda a grana deles.

– A propósito, qual era o bicho tatuado no alto da nádega esquerda de Lucy?

Logan viu o rosto de Clyde empalidecer imediatamente. Estava certo de que ele era inocente, mas tinha vontade de cozinhá-lo um pouco.

– Não lembro mais.

– Entretanto, dizem que é uma tatuagem inesquecível. Tenho todo o tempo do mundo, Clyde. Qual era o bicho?

Clyde começou a bater o pé no chão e a virar a cabeça para um lado e para o outro.

– Ok, nunca transei com ela. Está feliz agora? Era uma verdadeira cadela. A gente andava junto. Ela me dava um beijinho de vez em quando pra todos verem. Mas nunca transei com ela!

Não havia nenhuma tatuagem na bunda de Lucy.

– Você se torna assim um dos nossos suspeitos potenciais. Por enquanto é isso. Pode voltar pra aula. Mas vou avisando: se resolver deixar a cidade, você se tornará o suspeito número um. Tenha um bom dia.

Bastante abalado, Clyde se levantou. Tremia. Estava longe de ser o durão que queria parecer.

Logan chegava a entender por que Lucy jamais se rebaixara a transar com um cara como aquele.

– Juro que sou inocente. Meus pais podem testemunhar que passei todo o fim de semana com eles – disse Clyde, com uma voz quase chorosa.

– Vamos verificar. Até lá, siga minhas recomendações. Pode ir – disse Logan com um tom autoritário.

Clyde saiu.

No mesmo instante, Jane Houston, que acabava de dizer o pouco que sabia, deixava a salinha do

sargento Olivarez.

Dois outros estudantes entraram. Um rapaz e uma garota.

– Aproxime-se, senhorita – disse Logan, preferindo ouvir a garota.

O rapaz parecia um pateta completo. Embora os *serial killers* não tenham um perfil típico, era difícil acreditar que pudesse se tratar daquele garoto.

– Bom dia, sente-se. Seu nome?

– Sarah Kent. Passei na delegacia esta manhã e já contei tudo o que sabia à sua colega.

– Sim, sei, lamento, estava numa reunião importante.

Então era ela, a garota que escondia alguma coisa. Logan estava determinado a penetrar seus segredos.

– Compreendo, mas não tenho mais nada a acrescentar.

Logan se inclinou para a frente, cruzando os braços sobre a escrivaninha.

– Escute, Sarah. Sei que você está escondendo alguma coisa. De uma maneira ou de outra, nós a descobriremos. Então, a menos que você seja a assassina, não perderá nada se nos ajudar.

Sarah empalideceu. Pensou novamente no que Brian lhe dissera. Se falasse, se tornaria a suspeita número um e, sobretudo, começariam a vasculhar sua vida de adolescente. Não tinha a mínima vontade de que isso acontecesse.

– Escute, é algo estúpido. Certamente não tem nada a ver com o caso, mas fui agredida ontem de manhã.

Um alarme soou na cabeça de Logan.

– Estou escutando, disse ele, esperando não manifestar demais sua excitação.

– Pois bem, eu estava tomando meu banho antes de ir para a aula e, quando quis sair, percebi que todas as minhas coisas tinham desaparecido...

Logan voltou a se afundar na poltrona e pegou de novo sua caneta. Ela lhe contou o que Jennifer aprontara e como a ameaçara. As esperanças de Logan foram se dissipando à medida que ela entoava seu monólogo.

– Pelo que sabe, ela era amiga de Lucy e Amy? – perguntou, quando ela parou de falar.

Sarah levantou os ombros.

– Não sei. Mas é possível que tivesse ciúmes delas. É uma garota muito estranha. Sempre vestida de preto, com *piercings* e uma maquiagem branca. Não muito sociável, se entende o que quero dizer.

Logan entendia muito bem. Mas entendia sobretudo que não tiraria nada dessa história.

Estava persuadido de que fora um homem quem cometera os crimes. Um homem e não uma garota, nem um estudante recém-saído das saias da mãe.

– Escute, Sarah, compreendo seu medo. Vou ouvir Jennifer pessoalmente – disse, em tom paternalista. – Mas, pra dizer a verdade, isso me parece mais uma brincadeira de mau gosto do que outra coisa. Não se preocupe demais. De toda maneira, eu a manterei informada.

– Obrigada, xerife, se ao menos eu soubesse por que ela fez aquilo!

Sarah se levantou. Logan leu uma aflição real em seu olhar.

– Assim que ela me contar, eu a informarei.

Ele deu então seu melhor sorriso, esperando que isso lhe inspirasse confiança.

4

Logan entrou no O'Tolle's Beef, uma lanchonete da moda na Downtown Corner. Eram treze horas.

Ele pegara o carro de serviço na universidade, enquanto seus três colegas usavam seu Cherokee, atraindo assim a corja de jornalistas. A senhorita Dickinson fizera a gentileza de levá-lo até lá. Ele passara uma parte do trajeto deitado no banco traseiro, como um ladrão!

Hurley e a equipe de Seattle já tinham começado a almoçar na sala de cima que tinham reservado.

– Salve, desertor! – exclamou Freeman, levantando a mão em direção a Logan.

O xerife se aproximou deles e colocou sua jaqueta na única cadeira vazia. Sentou-se em frente a Moore e tocou, sem querer, a perna de Hurley, sentada à sua esquerda.

As grandes janelas deixavam entrar uma onda de luz. Embaixo, na rua cercada por fileiras de bétulas que veículos *off-road* desciam sem pressa, a vida continuava, tranquilamente.

– Salve, rapazes. Encontraram coisas interessantes?

Pelos dois torpedos que Hurley lhe enviara, sabia que não havia nada de muito significativo, mas a investigação deles apenas começara.

– Estamos esperando os resultados da análise digital. Fora isso, nada de muito interessante. Se as garotas escondiam segredos, tomaram o cuidado de não fazê-lo em seus quartos. Não encontramos nada de mais, apenas algumas carteiras de cigarro embaixo do colchão – disse Blake.

Passou a mão na cabeça raspada e deu a palavra a Moore.

– Consegui abrir os computadores delas e acessar suas caixas de e-mails. Nada de especial. Somente mensagens enviadas às famílias e a outros estudantes do campus. Ninharias. Nada que nos sirva.

Com seu terno fechado e seus óculos quadrados, ele parecia um verdadeiro agente do fisco, pensou Logan.

– No entanto, já sabemos que elas não eram tão comportadas assim. Em princípio, flertaram com diversos estudantes pra arrancar dinheiro deles – anunciou Moore.

Hurley depôs o garfo, pegou seu copo e tomou um gole.

– E o que mais? – perguntou, colocando o copo de novo na mesa.

– Saíam quase todas as noites. Às vezes, levavam amigas da universidade. Mas uma coisa é certa: as duas andavam sempre juntas.

– Talvez fossem lésbicas? – interveio Freeman.

– E daí...? – disse Blake, lançando-lhe um olhar cheio de recriminação.

Jamais questionara os talentos de seu jovem parceiro, mas às vezes ficava cansado de suas atitudes adolescentes.

– E daí nada. Estou apenas tentando estabelecer o perfil psicológico das duas.

Hurley deu uma gargalhada, seguida por todos que estavam à mesa.

– Ok, não está mais aqui quem falou – concedeu Freeman, um pouco vexado. – O que estava dizendo, Mike?

Logan interpelou o garçom e pediu um filé com fritas mal passado. Então retomou o resumo de sua manhã:

– Ambas frequentavam todos os bares da cidade. Pequenos clubes da periferia. Uma vez, no entanto, segundo uma das estudantes, elas a teriam feito entrar num clube superchique. O tipo do lugar onde se encontram todos os figurões da cidade.

– Você acha que elas faziam programas de vez em quando? – interrogou-o Moore.

Logan pegou o copo de Hurley e tomou um gole.

– É possível. Solicitei o histórico de suas contas bancárias. Talvez encontremos depósitos interessantes – disse, piscando para Hurley.

Hurley pegou de novo seu copo, como se não fosse com ela.

– Tenho também o nome do namorado de Lucy: Larry Brooks. Quanto ao de Amy, ninguém soube me dizer um nome. Em todo caso, seria também alguém de fora da universidade, alguém como Brooks, frequentador de lugares de má reputação.

– A propósito, você interrogou Sarah Kent? – perguntou Hurley.

– Já ia chegar aí – respondeu Logan. – Ela se sente perseguida por uma outra estudante, Jennifer Shawn, uma gótica que a ameaçou de morte ontem de manhã. A princípio, apenas uma brincadeira de mau gosto. Ela não tinha aula hoje de manhã, mas pedi a Augeri para levá-la à delegacia assim que der as caras.

Hurley mordiscou o lábio. Alguma coisa não fechava. Estava persuadida de que Sarah não teria hesitado em lhe contar essa história quando conversaram. Não, tratava-se de outra coisa. Sarah não tinha ido à delegacia para se queixar, e sim para revelar algum detalhe sobre Lucy e Amy. Servira-se dessa história apenas para que a esquecessem.

Mas a psicóloga forense estava decidida a descobrir seu segredo.

– Preciso de alguém pra segui-la. Não acredito nessa história. Sarah está mentindo para nós.

Logan viu seu prato chegar e começou a salivar. Não comera quase nada desde a véspera e seu estômago estava exigindo sua parte.

– Escute, vou interrogar essa Jennifer. Se continuar com dúvidas, prometo providenciar alguém para seguir Sarah, ok?

– Ok – disse ela.

"De qualquer jeito, eu mesmo a seguirei, se for preciso", prometeu a si mesma. "Sem dizer nada."

– Então, como é a vida em River Falls? Sente muito a nossa falta? – perguntou Freeman.

Logan estava saboreando seu bife, feliz, esquecido por um momento da lamentável realidade de sua investigação.

– Oh não! Nunca gostei dos *blacks* do seu tipo. Bonitinhos demais!

Os risos explodiram novamente em volta da mesa.

"A equipe quase completa, como nos bons e velhos tempos", pensou Hurley suspirando interiormente.

Callwin tocou mais uma vez o interfone. Nenhuma resposta. Desceu a escada exterior na fachada do prédio e recuou até a beira da calçada. Levantou a cabeça e tentou ver se havia alguém no segundo andar.

Estava na Hampton Street, nos bairros populares. Ali, os serviços públicos eram bem menos eficientes do que nos outros bairros da cidade. As lixeiras transbordavam. Um amontoado de lixo exalava um fedor horrível. As fachadas dos edifícios não eram renovadas desde que foram construídas. Tudo em perfeito abandono.

– Merda, merda! – praguejou ela.

Já decidira ir embora quando a porta do prédio se abriu.

Uma velha saiu, levando um cachorrinho pela coleira. Roupas fora de moda, um penteado de outras eras.

Callwin levantou os ombros. Era melhor do que nada.

– Com licença, a senhora mora nesse prédio?

– Quem é você? Dê o fora! – destratou-a a velha, descendo lentamente alguns degraus.

Callwin estendeu o braço para ajudá-la.

– Me solte, não preciso de ninguém!

Callwin manteve o sorriso. Um carro passou a toda a velocidade, tocando *hip hop* a todo o volume.

– Sou jornalista. Estou conduzindo uma investigação. A senhora sabe, Lucy e Amy.

A velha finalmente parou e soltou um suspiro de compaixão.

– Pobres meninas. Que desgraça! Você se dá conta? Mal tinham chegado aos vinte anos. Se pegarem o cara que fez isso, deviam matá-lo sem julgamento.

– Justamente, senhora. De minha parte, estou tentando resolver esse caso.

A velha voltou a falar num tom mordente.

– Esse não é o papel da polícia? Ouvi dizer que tem até uma especialista do FBI na investigação.

Callwin não se deixou abalar.

– A polícia! – respondeu, soltando um suspiro que dizia tudo. – A senhora realmente confia na polícia? Pode ter certeza de que, se o culpado for o filho de um figurão, a história será simplesmente enterrada.

Sua argumentação demagógica sortiu efeito.

– Eles nunca vêm quando chamamos, e Deus sabe tudo o que acontece neste bairro! – concedeu a velha. – O que quer saber exatamente?

– Gostaria de falar com Larry Brooks. Acho que ele mora no seu prédio.

Pela expressão em seu rosto, Callwin compreendeu imediatamente que ela sabia de quem se tratava.

"Mais um pouquinho de paciência, Leslie", pensou consigo mesma.

– Um pequeno marginal. Sempre tem gente estranha na casa dele. E a música! Nunca para. Fizemos até um abaixo-assinado pra tirá-lo do prédio, mas não adiantou. Ele continua lá, incomodando todo mundo.

– A senhora chegou a ver Lucy ou Amy na casa dele?

A velha assumiu um ar ultrajado.

– Está brincando. Essas estudantes nunca andariam com um delinquente desses. Mas é verdade que sempre havia moças vestidas como putas na casa dele. Já disse, é um imprestável...

Ela se interrompeu bruscamente e lançou um olhar desconfiado para Callwin.

– Você acha que ele poderia ser o assassino?

Callwin levantou levemente os ombros.

– É o que estou tentando descobrir.

A senhora soltou um gritinho abafado e pôs a mão na boca. Acabava de tomar plenamente consciência da informação.

– Meu Deus! Não diga no seu jornal que eu falei isso dele. Acha que ele é realmente perigoso?

Estava realmente com medo. Callwin decidiu torturá-la um pouquinho. Isso lhe ensinaria a ser mais amável.

– Acho que ele já foi preso por assassinato. Feche bem sua porta quando estiver em casa.

Colocou a mão afetuosamente em seu ombro e acrescentou:

– A senhora se importaria de abrir a porta do prédio para mim? Gostaria de confirmar se ele não está em casa. Ele não responde ao interfone.

– Sim, claro, mas não diga a ele que falei com você. Promete?

– Prometo.

A velha subiu os degraus e abriu a porta.

Callwin agradeceu e recomendou mais uma vez que fosse prudente.

Entrou no prédio e acendeu a luz. Tudo estava em mau estado. A pintura descascada, estragada pela umidade, e um cheiro de velho que dava náuseas.

Subiu a escada e se deteve no segundo andar. Encontrou a porta do apartamento de Larry e bateu com firmeza. Ninguém respondeu

Não sabia o que fazer. Tinha uma chave mestra na bolsa, mas, se fosse pega, no mínimo seus sonhos de glória ficariam comprometidos.

Bateu mais uma vez com força na porta. Talvez ele também estivesse morto? Que furo encontrar seu cadáver! Embora Minstry não estivesse lá pra tirar as fotos, tinha seu celular, quebraria o galho.

Mais adiante, no corredor, uma porta se escancarou.

– Querem parar com essa zona?!

Um homem saiu do apartamento. O rosto vermelho, careca, a barba malfeita. Uma camiseta manchada que deixava perceber a barriga de cerveja.

Callwin reprimiu um arrepio de nojo.

– Desculpe, estou procurando Larry Brooks.

– Ele não está em casa. Não o vi todo o fim de semana! Por que quer vê-lo? É da polícia? Vão finalmente prendê-lo?

Callwin esqueceu o nojo e se rejubilou interiormente. Finalmente poderia completar seu artigo.

– Sou jornalista. Estou investigando o assassinato de Lucy e Amy.

O homem levantou a cabeça e assumiu um ar preocupado. Aproximou-se dela com os polegares enfiados no cinto da calça.

– Uma história escabrosa essa – disse. – Acha que o moleque está metido nela?

E, como sempre, Callwin fez com que o olhar do homem recaísse sobre seus seios. Ao menos, sua agressividade passara!

– Não sei. Parece que ele saía com uma das vítimas.

O homem se aproximou mais um pouco e se apoiou com o braço na parede.

– No início não tinha certeza. Mas quanto mais seu rosto passava nos jornais, mais estava certo de já tê-la visto, até que finalmente me dei conta de que ela andava sempre com esse traste – disse, apontando com a cabeça a porta de Larry.

– O que pode me dizer sobre ele? – perguntou ela.

Tirou seu gravador.

– Incomoda-se se eu gravar?

Num grande sorriso, ele deixou aparecer uma dentição incompleta e amarelada.

– Assumo tudo o que digo, senhorita.

E não é que ele queria bancar o sedutor?! Callwin ligou o gravador e rezou para que ele não tentasse nada com ela.

– Pode falar.

Ele limpou a garganta e começou:

– É um pequeno canalha da pior espécie. Não deve ter mais do que vinte e cinco anos, mas se acha o cara! Faz barulho toda a noite e fuma maconha o tempo todo. Você não imagina a fauna que passa por aqui. Juro! Uma vez peguei-o pelo colarinho e prometi enchê-lo de porrada se não parasse com essa zorra. – Fez uma pausa, suspirando alto. – Um dia de tranquilidade. Mas no dia seguinte, a mesma algazarra. Tem os neurônios torrados. Não adianta nada falar com ele. Tinham que interná-lo.

Estou certo de que...

– Fale de Lucy – interrompeu-o Callwin.

Não sentia a mínima vontade de prolongar a conversa. O cara a repugnava.

– Bom, não sei bem. Com todo o respeito que devo à sua alma, tenho que dizer que ela se vestia como uma puta!

"E acha que vou transcrever isso assim?! Sei, as putas devem é conhecê-lo bem!", pensou Callwin, mantendo, no entanto, o sorriso.

– Você a viu nesse fim de semana com Larry?

– Não, é o que estava tentando lhe dizer. Ele não está em casa. Desde sexta-feira à noite, até hoje, nenhum barulho. Só uns três ou quatro babacas apertando o interfone pra que ele abrisse.

Então, estabelecendo finalmente a conexão, bateu na testa com a mão esquerda.

– Porra, como sou idiota! Ele as matou, esse desgraçado! Escute, tenho que chamar os tiras – disse, realmente chocado.

Callwin viu-o entrar em casa. Desligou o gravador. Seu sorriso desapareceu junto com a silhueta do homem.

"Pelo menos, estou um pouco na frente", pensou.

Logan voltava para a delegacia, atravessando as grandes avenidas comerciais da cidade. O tempo estava radiante.

Nesse início de primavera, muitas árvores estavam floridas, outras, cobertas por pequenas folhas, de um verde intenso, que se espalhavam pelos galhos frondosos. As pessoas andavam tranquilamente nas calçadas, ocupando-se de seus afazeres habituais. Uma vez passado o choque, a vida retomava seu curso em River Falls.

– Agradável esse almoço – disse Logan. – Talvez não devesse admitir, mas sinto falta desses loucos mansos.

Sentada à sua direita, Hurley esboçou um sorriso. "E de mim, não sente falta?", teve vontade de perguntar. Em vez disso, respondeu:

– Basta se demitir de seu posto de título imponente e voltar a Seattle.

Logan levantou os ombros enquanto parava num sinal vermelho.

– Não, estou muito bem aqui.

Firme e sem apelação. Hurley mordeu os lábios e voltou ao caso.

– Talvez pudéssemos ir direto pro endereço do namorado de Lucy...

– Hum, não tem pressa. Vamos primeiro à delegacia e depois pra lá. De qualquer jeito, já sei o que ele vai nos dizer: não as vi todo o fim de semana, e por boas razões!

Hurley não estava tão certa. Pelo perfil esboçado pelos estudantes, era evidente que Larry Brooks não teria nenhum motivo para cometer tais abominações. Ele transava com uma delas havia meses, talvez mesmo com as duas. Por que teria decidido de repente trucidá-las com uma selvageria bestial?

Entretanto, talvez tivessem falado com ele antes de partir. No ponto em que estavam, cada detalhe era importante.

– A propósito, quando Jennifer Shawn chegar, se você permitir, gostaria de interrogá-la.

Voltando a andar em velocidade moderada, Logan aquiesceu.

– Sem problemas. Se quer perder seu tempo... Acho que essa Sarah está morta de medo e quer simplesmente ser tranquilizada.

– Obrigada, mas cabe a mim avaliar isso.

Logan virou a cabeça para ela, mantendo um olho na estrada.

– Oh, madame está contrariada. A rainha das psicólogas forenses se acha mais esperta do que todo mundo. Escute, se essa Sarah nos levar a algum lugar, eu lhe dou tudo o que quiser.

Logan estendeu a mão. Hurley olhou para ele com ironia, mas bateu na palma de sua mão, selando o acordo.

Mal tiveram tempo de sair do carro e o sargento Traviss, que saía correndo da delegacia, veio ao encontro deles.

– Xerife, acabamos de receber uma ligação de um vizinho de Larry Brooks. Está persuadido de que ele é o assassino! – disse Traviss, engolindo as palavras.

Logan fechou a porta do carro e pegou Traviss pelo ombro.

– Acalme-se e repita exatamente o que ele lhe disse.

Mas também estava sentindo a adrenalina subir. Hurley se aproximou deles enquanto outros agentes os observavam pelas janelas.

– Chama-se Robert Quire. Diz que é vizinho de Larry e não sei mais o quê. Acho que tem provas ou alguma coisa assim!

– Ok, Daniel, você vai contatar Blanchet e pedir pra ela ir até o juiz e conseguir um mandato de busca pra casa de Brooks. Diga-lhe também pra me encontrar logo em seguida – disse Logan, sentindo o chão se tornar mais sólido sob seus pés.

– Ok, xerife.

Logan não teria apostado um tostão naquele moleque.

– O que foi? Esqueceu de me dizer alguma coisa? – exclamou, diante do olhar insistente de seu subalterno.

– O senhor acha que foi ele? Talvez fosse melhor mandar mais gente?

Logan pôs as duas mãos nos ombros de Traviss.

– Escute, isso sou eu que decido. E nada prova a culpa desse cara. Não vá lançar boatos por aí, se é que me entende.

Traviss corou. Entendera a alusão. No entanto, Deus sabia que não dissera nada aos jornalistas. Reergueu a cabeça.

– Xerife, jamais traí o código de honra da polícia.

“Sim, sei”, pensou Logan.

– Vá, encontre Blanchett e diga-lhe pra voltar assim que falar com o juiz.

Com a mão na maçaneta do Cherokee, voltou-se para Hurley, que já estava pronta para partir.

– Estraguei tudo de novo – disse ele.

Hurley dirigiu-lhe um olhar cheio de compaixão. Um instante mágico.

Logan ligou o carro.

– Ligue pro Nathan e sua trupe. Diga-lhes pra darem meia-volta. Acho que vamos precisar deles – disse, entrando na Avenida Wilson.

Hurley pegou seu celular e discou o número.

– Alô, Nathan, é a Jessica. Onde vocês estão?

– A menos de oitenta quilômetros de Seattle. Por quê?

– Meia volta, preciso de vocês na Hampton Street, 145. Ponha o GPS pra funcionar. Esperamos vocês lá.

Um tempo de silêncio e então Blake respondeu:

– Ok, mas, da próxima vez, tentem nos avisar antes de pegarmos a estrada!

Hurley sorriu ouvindo Freeman praguejar ao fundo. Guardou o celular e ficou de olho na rua.

– Sou realmente um idiota! Tínhamos que ter ido à casa dele desde o início, puta merda! – praguejou Logan, batendo na direção com a palma das mãos. Estraguei tudo! Merda!

Hurley compreendia que, se Brooks fosse mesmo o assassino, Logan passaria as próximas semanas ruminando sua falta de reatividade. Mas, no fundo, não acreditava nessa hipótese. Jovem demais, sociável demais. Por que teria cometido um horror desses contra a namorada?

– Ligue pra delegacia e pergunte o que temos sobre esse Larry Brooks. Só faltava ele ter uma ficha cheia – disse Logan, tentando se acalmar.

Não conseguia acreditar. Estava tão convencido de que estavam diante de um *serial killer*, que não levara a sério a hipótese de um crime passional. Que imbecil! Que imbecil!

Entrou no Market Square. Com a sirene em ação, passou no sinal fechado, evitando por pouco dois carros que frearam na última hora.

– Mike, não quero morrer num acidente de carro – disse Hurley, simplesmente.

Logan olhou rapidamente para ela e percebeu a preocupação em seu rosto. Isso bastou para atenuar seu nervosismo. Soltou o acelerador e retomou uma velocidade normal.

Terminaram o percurso num silêncio tenso. Logan estacionou na frente do prédio decadente. Saltou do carro e tocou todos os interfones ao mesmo tempo.

Três vozes responderam.

– Aqui é o xerife Logan. Abram.

Esperava certa reticência da parte dos moradores, mas, para seu alívio, um clique característico se fez ouvir. Abriu a porta. Correu pelo corredor que levava à escada. Bateu na primeira porta do térreo.

– Vá ao primeiro andar e pergunte ao vizinho qual é o apartamento – disse a Hurley.

Estava sapateando sem sair do lugar. Quando bateu de novo à porta, uma voz os interpelou do alto da escada.

– Xerife? É o senhor?

Logan se lançou escada acima e esbarrou com Robert Quire, que vinha descendo.

– Sim, você sabe qual é o apartamento de Larry Brooks?

Hurley estava logo atrás dele. Tinha de ultrapassá-lo a todo custo. Se Larry estivesse em casa, temia que Logan fizesse uma besteira impulsionado pela raiva.

– Sim, fui eu que telefonei pra vocês. Sigam-me, ele mora ao lado do meu apartamento.

Subiram a escada correndo e pararam um instante no patamar do segundo andar. Logan pegou sua arma, Hurley desabotoou a trava do seu coldre.

– Qual é a porta? – sussurrou Logan.

Quire apontou uma das portas do corredor.

– A terceira à esquerda – disse baixinho.

Logan se preparava para avançar quando Hurley o segurou pelo braço.

– Mike, nada prova que foi ele. Por outro lado, talvez seja uma testemunha importante. Nada de chegar atirando.

Não era uma opinião e sim uma ordem. Logan bufou, abaixou a cabeça e voltou a levantá-la.

– Perdão – disse. – Confie em mim, não tenho a intenção de matar quem quer que seja.

Hurley rezou para que ele estivesse dizendo a verdade.

Logan avançou lentamente para a porta. Ao chegar, encostou o ouvido nela. Silêncio.

Duas portas se abriram mais adiante.

– O que está acontecendo? – vozes perguntaram.

Hurley reagiu imediatamente. Pegou seu crachá e foi acalmar a vizinhança.

Nenhum barulho, nenhum movimento.

Logan respirou fundo e bateu com força na porta.

– É o xerife Logan, abra essa porta imediatamente! – gritou.

Pronto: em caso de tiroteio, poderia dizer ao juiz que seguira as regras de interpelação. E, sem esperar resposta, deu um violento chute na porta. Ela aguentou firme, mas ele sentiu uma intensa dor no tornozelo.

Carregou a pistola e mirou na fechadura. Dois tiros e mais um chute. A porta se escancarou até bater na parede.

Logan entrou na sala e, com um gesto circular, procurou seu alvo. Ninguém.

Atravessou a sala e entrou no quarto. Uma cama desfeita. Roupas no chão. Não havia ninguém.

Hurley chegou atrás dele.

– As janelas estão fechadas. Ele não acaba de fugir, se isso o tranquiliza.

Com a arma sempre apontada diante de si, Logan sentiu que toda a tensão acumulada pouco a pouco o deixava. Guardou lentamente a pistola no coldre e soltou um suspiro sonoro.

– Eu disse a seu colega, no telefone, que não tem ninguém desde sexta-feira! – interveio Quire.

– Você, dê o fora. Não tem nada a fazer aqui – exclamou Logan.

Quire sentiu a ameaça e saiu na mesma hora. Hurley fechou a porta como pôde. Voltou para perto de Logan e cruzou os braços.

– Qual é a sua? Está achando que é um tira de série de TV? – ralhou, num tom glacial.

Logan desviou o olhar e começou a inspecionar o lugar. Levantou o colchão, passou diante dela sem olhar e abriu um armário cheio de roupas empilhadas.

– Acha que pode mudar o passado! O que está feito está feito. Pensei que tivesse entendido! – disse ela, enquanto as lembranças afluíam.

– Me deixe em paz. Cale-se – murmurou ele, jogando um bolo de camisetas no chão.

– Isso, destrua todos os indícios, é muito esperto de sua parte, Mike!

Hurley estava farta. Jamais acreditara realmente na cura dele. O ódio continuava correndo em suas veias. Ele não conseguia se perdoar.

– Se eu pegar esse assassino, vou acabar com a raça dele. É pra isso que me elegeram xerife. Nada de advogado, porra nenhuma de blá-blá-blá: uma bala entre os olhos e tudo voltará à ordem – disse, cruzando o olhar dela.

Hurley viu a loucura em seus olhos. “Tudo voltar à ordem...” “Mas isso nunca será possível!”, tinha vontade de gritar.

Colocou a mão suavemente no rosto dele.

– Mike, por favor, acalme-se. Sente-se e controle-se. Esse Larry não é Ray Snider. Volte ao presente.

À evocação do *serial killer* que prendera quase quatro anos antes, Logan teve um ricto terrível. Hurley quase recuou. Então, lentamente, as chamas do inferno deixaram as pupilas de Logan. Ele se sentou na cama desfeita.

– Você pode interrogar o vizinho? Vou esperar Nathan aqui – disse, numa voz mais controlada.

Hurley aquiesceu. Era melhor mesmo que ele ficasse ali.

Logan viu-a deixar o quarto e se deitou na cama.

O olhar perdido no forro amarelado, uma única questão o torturava: “Onde você está, seu merda?!”.

5

Larry escutou um barulho de porta se abrindo. Seu coração saltou no peito. Estava à beira do esgotamento, amarrado àquela cadeira, no escuro.

Começou a tremer. Não saberia dizer há quanto tempo estava assim, trancado e isolado.

Sua última lembrança era de ter sido raptado quando ia fazer uma entrega para um novo cliente. Lembrava vagamente de ter telefonado para Lucy e Amy, mas talvez não...

Um raio de luz apareceu embaixo da porta, bem à sua frente.

Com sede e faminto, esvaziara a bexiga ali mesmo, e era com grande dificuldade que segurava a vontade de esvaziar o resto.

Tentara, até arrancar a pele, se soltar das amarras que o prendiam àquela cadeira solidamente fixada ao chão.

Ouviu barulho de passos se aproximando.

Sempre soubera que jogava um jogo perigoso, mas nunca imaginara que uma de suas vítimas ousaria chegar àquele ponto.

Durante todas aquelas horas de solidão, não pudera deixar de pensar no pior: torturas terríveis. Assistira a tantos filmes de terror, alimentando-se do sofrimento das vítimas, que imaginava sem dificuldade o que um prisioneiro podia sentir diante de seu carrasco.

Uma chave foi inserida na porta, que se abriu sem nenhum rangido, revelando um homem corpulento de grande estatura.

Larry obrigou-se a fechar os olhos.

"Não quero saber quem ele é", pensou, enquanto o suor escorria por sua testa e por suas costas.

O homem acendeu a luz e deu alguns passos adiante.

– Eu lhe peço, me deixe ir embora – disse Larry, com uma voz entrecortada.

– Abra os olhos – ordenou o homem.

Larry mordeu os lábios. Aquilo lhe recordava um filme de Jet Li. Só faltava agora o homem lhe aplicar o golpe o "beijo do dragão"! Esse pensamento bizarro não conseguiu fazê-lo esquecer o medo.

– Abra os olhos ou vou ter de cortar suas pálpebras.

A voz era dura, mas calma.

– Prometa que não vai me matar – suplicou.

Um silêncio angustiante foi a única resposta. Larry escutou o homem se aproximar mais e o rodear.

– Piedade, meu Deus, perdão, eu lhe imploro, nunca mais farei mal a ninguém. Me liberte, eu lhe suplico – gaguejou, não podendo evitar esvaziar de novo sua bexiga.

– Não tenho a mínima intenção de matá-lo. Abra os olhos agora.

A voz estava bem atrás de sua orelha direita. Podia sentir o hálito do homem. Um arrepio gelado o paralisou.

Abriu os olhos.

O homem se levantou e com um passo lento e calculado veio para a frente dele. Uma máscara de goleiro de *hockey* escondia seu rosto.

No entanto, Larry podia ver os olhos, que o fixavam com crueldade.

– Eu lhe suplico, não me faça mal, estou arrependido, eu lhe suplico...

Pôs-se a chorar como uma criança aterrorizada. Seu corpo tinha espasmos como uma marionete

manipulada por um velho com mal de Parkinson.

– Você não foi um bom rapaz, Larry – disse o homem.

Larry levantou a cabeça sem parar de fungar.

– Mas diga a si mesmo que hoje é seu dia de sorte.

Um novo longo silêncio.

O homem permanecia ali, plantado diante dele, fixando-o com um olhar impiedoso. Vestido com um jeans e uma jaqueta de camurça, podia-se adivinhar uma musculatura particularmente desenvolvida por baixo da camisa quadriculada.

– Vou soltá-lo, mas com uma condição. Se aceitar, poderá continuar a viver.

Larry se agarrou a essa esperança. Estava pronto a aceitar qualquer coisa para viver.

– Sim, farei tudo o que quiser, eu juro.

O homem pareceu satisfeito.

– Você é um bom rapaz, Larry. Só lhe peço uma única coisa. – Fez uma pausa antes de continuar: – Você não irá, sob hipótese alguma, contar à polícia nossa pequena conversa. Está entendendo? Sob hipótese alguma.

– Sim, eu prometo.

Temera algo muito pior. Embora a humilhação fosse total, sabia que manteria a promessa. Deixaria River Falls o quanto antes. Deixaria atrás de si o antigo Larry e recomeçaria a vida em outro lugar. Longe desse doente.

– Muito bem. Então tome cuidado pra não se deixar apanhar pela polícia.

– Sim, vou tomar cuidado. Vou parar com tudo, prometo.

O homem tirou do bolso um frasco de éter e um lenço.

– Muito bem, Larry, mas você precisa ficar sabendo que não será tão fácil quanto pensa.

Larry sentiu o medo voltar a galope. O homem ia mutilá-lo. Tinha certeza.

“Ele vai me torturar!”, pensou, à beira da histeria.

– Tomarei muito cuidado, juro. Me deixe ir embora – ainda conseguiu articular.

Filetes de suor frio provocaram uma nova onda de arrepios em todo o seu corpo.

– Se quer cumprir a condição para sua sobrevivência, saiba de uma coisa: você logo será procurado por assassinato. Um conselho: evite voltar à sua casa.

– O quê? – exclamou Larry. – Mas eu nunca matei ninguém!

– Eu e você sabemos disso, mas a polícia não. E não esqueça nosso contrato: se falar com eles, vou achá-lo. Onde quer que esteja e qualquer que seja sua proteção.

A voz era terrível. Impassível, neutra e, no entanto, ameaçadora. Larry não duvidou nem um instante de que estivesse dizendo a verdade.

– Quem você matou?

O homem se aproximou dele e embebeu o lenço no éter.

– Saberá quando acordar. Boa noite, Larry.

Com um punho poderoso, segurou seu queixo e aplicou o lenço sobre seu rosto. Larry tentou se soltar, mas logo seus músculos o abandonaram, e ele afundou na inconsciência.

6

Naquele belo dia de primavera, Sarah e seus amigos tinham decidido ficar no parque do campus entre o almoço e o início das aulas da tarde. Estavam sentados em círculo, embaixo de uma sequoia de mais de quinze metros de altura.

– Ao menos, o bom tempo voltou – disse Sam, tentando pôr fim ao interminável assunto.

Fazia quase uma hora que só falavam da morte de Lucy e de Amy. Todo esse tempo remoendo pensamentos sombrios e aventando hipóteses, umas mais terríveis do que as outras.

– Sim, você tem razão. Vamos falar de outra coisa ou acabaremos loucos – disse Lisa, deitando-se perto do namorado.

Sam mudou de posição e acolheu a cabeça dela em sua barriga.

– De qualquer forma, o cara já deve estar longe. Os *serial killers* não costumam ficar no mesmo lugar. Mesmo se estiver na região, ele deverá se manter discreto de agora em diante – interveio Edward.

Com um físico de atleta, ele era o oposto de Sam.

– Claro! – exclamou Shanice, terminando de engolir uma mordida de seu sanduíche. Perto de seu homem, ela se sentia serena. O medo da véspera fora se desvanecendo com a passagem das horas.

– Sim. Em todo caso, espero que os tiras estejam fazendo seu trabalho e que, quando o encontrarem, não hesitem em meter uma bala no meio da cabeça desse monstro – disse Courtney, pegando a garrafa de coca.

– Vamos esperar que sim – disse Sarah.

Não contara a ninguém sobre sua conversa naquela manhã. Queria, de agora em diante, esquecer aquela história. Começava mesmo a se arrepender de ter dado o nome de Jennifer ao xerife Logan. Mas o que estava feito estava feito.

– Ei, vocês querem parar?! – interveio Sam, com rispidez. – Vamos falar de outra coisa. Não vamos ficar aqui nos lamentando pelo resto da vida. O dia está lindo. E nada do que dissermos poderá trazer de volta Lucy e Amy. Ok?

– Sim, chefe! – disse Courtney, em tom zombeteiro.

Depois de um silêncio durante o qual todos pensaram no que Sam havia dito, Shanice retomou os planos para o fim de semana:

– Então, e aquele passeio na floresta, mantemos ou não?

Todo mundo olhou-a com os olhos arregalados, como se tivesse dito um absurdo.

– Bom, não sei. Temos de pensar – disse Lisa.

– Com esse assassino na cidade, dá medo! – acrescentou Courtney.

E balançou a longa cabeleira loira por cima dos ombros.

Edward deu uma gargalhada zombeteira.

– Minha cara, você acha mesmo que ele vai atacar seis pessoas, entre as quais um *quarterback*?

– Não, mas talvez fosse o caso de adiarmos – disse Sam, apoiando Courtney.

– Ei, fracote, vai amarelar?! – zombou Edward.

– Não me chame assim! – respondeu Sam.

Lisa deixou o conforto de sua barriga.

– Ei! Vocês não vão começar a brigar, né? Eu sou da opinião de que devemos manter nosso passeio. Acho que nos fará muito bem mudar de ares. Dois dias nas montanhas, nada melhor pra

esquecer nossa civilização! E sabe de uma coisa, Ed? O fracote te quebra em dois, se quiser – acrescentou.

Silêncio – e os risos explodiram. Fazendo das tripas coração, Sam também se obrigou a sorrir.

– E você, Sarah, o que acha? – perguntou Shanice quando a crise de riso passou.

– Sim, não, não sei. Tenho que pensar. Dou a resposta no fim da tarde, pode ser?

– Muito bem, mas tem de manter a palavra. Se você não for, vou ser a única garota sem namorado. Situação não muito agradável, se é que me entende – disse Courtney colocando a mão na de Sarah.

– É só você sair com o Liam, ele continua à sua espera – provocou Edward.

Liam também era da equipe universitária de futebol.

– Por favor, tudo menos ele – respondeu Courtney.

Embora fosse um belo rapaz, Liam era de um machismo infinito; várias garotas já tinham constatado isso.

– Como quiser – concluiu Edward.

A folga depois do almoço estava terminando. Antes de voltar para a aula, Sarah passou em seu quarto para pegar seus cadernos.

Mal os colocara na bolsa, alguém bateu à porta. Ela sabia quem era. Esperou sem fazer barulho. Não queria abrir.

– Sarah, abra, por favor. Preciso falar com você!

Evidentemente, era Brian. Ela se manteve em silêncio.

– Sei que está aí. Eu a vi entrar! Vamos, abra.

Ela suspirou, largou a bolsa e resolveu deixá-lo entrar. Quando abriu a porta, ele se inclinou para beijá-la, mas Sarah desviou a cabeça e recuou para a janela.

O sol continuava brilhando sobre o campus.

– Perdoe-me, *baby*. Não sei o que deu em mim. Perdi a cabeça. Essa história é tão terrível que reagi como o pior dos idiotas. Gostaria que você aceitasse isso – disse, estendendo-lhe um saquinho de papel muito elegante, proveniente, sem dúvida, de uma das grandes joalherias da cidade.

Embora não tivesse esquecido a bofetada daquela manhã, Sarah sabia que Brian não estava em seu estado normal naquele momento. Quem poderia estar depois de ver aquela carta?! Mas decidira não perdoar tão facilmente o namorado. Sobretudo, era preciso que ele esclarecesse seus sentimentos por ela.

– Acha que um presente pode fazer esquecer uma bofetada? – disse, em tom duro e seco.

Brian esboçou um sorriso e baixou os olhos.

– Não sei o que dizer pra que você me perdoe – retrucou, levantando a cabeça. – Bata em mim! Bata o mais forte que puder.

Sarah deu uma risadinha irônica. Era estúpido, mas muito tentador.

– Tão forte quanto eu quiser? – perguntou, num tom cheio de subentendidos.

Brian dissera isso para demonstrar a sinceridade de seu arrependimento, mas jamais pensaria que ela fosse levar ao pé da letra.

– Sim – sustentou, não ousando dar para trás.

– Ok.

E, sem esperar, ela lhe deu uma bofetada tão forte que deixou a marca de sua mão na cara dele.

Brian deu um pequeno grito, logo reprimido. Levantou a mão, mas foi para massagear o rosto, que estava ardendo. Respirou fundo; entretanto, não demonstrou nenhum rancor.

– Caramba, há quanto tempo você treina isso?! – tentou brincar.

Sarah deu de ombros.

– Eu lutava boxe quando era mais nova.

Era mentira, mas ele tinha bons motivos para acreditar!

Brian riu francamente, dessa vez, e estendeu de novo o presente.

– Pegue, por favor.

Sarah aceitou. Pegou o saquinho. Com mão impaciente, rasgou um pacote delicadamente embrulhado. Seu rosto refletia uma curiosidade alegre. Arrancou sem cuidado a preciosa embalagem e descobriu um porta-joias.

Então, quase com doçura, ela o abriu. Um diamante maravilhosamente engastado por um excelente joalheiro brilhava dentro da caixinha.

– Ficou louco?! Isso deve ter custado uma fortuna!

– Você gostou? – perguntou ele, ainda apreensivo.

Sarah olhou para ele e achou comovente seu jeito de cachorrinho que acabou de apanhar.

– É magnífico – disse, tirando o anel do porta-joias.

Colocou-o no anular direito. Parecia feito sob medida para ela.

– Não posso aceitar – disse então, tirando-o.

A surpresa invadiu o rosto de Brian.

– Por quê? É um presente. Um presente é algo que não se deve recusar – insistiu, esperando fazê-la mudar de ideia.

Mas Sarah permaneceu inflexível. Colocou o anel de volta no porta-joias e o devolveu a Brian. Se ele realmente a amava, teria de prová-lo de uma maneira menos óbvia.

– Escute, estou cansada de nos encontrarmos escondido. Você tem de escolher. Ou continua com *miss* Parker, ou fica comigo. Não quero continuar num relacionamento com alguém que tem vergonha de mim.

Estava exagerando, é claro, mas ele bem que merecera.

Brian respondeu em tom persuasivo:

– *Baby*, é você que eu amo. Mas as coisas não são tão fáceis. Elisabeth é uma garota frágil. Você pode entender que, por respeito a ela, eu preciso de um tempo para lhe explicar tudo.

– Isso é problema seu, Brian. Eu poderia esperar um pouco mais, mas sua reação de hoje de manhã me deixou perturbada. Então vamos resolver isso de uma maneira bem simples. Este fim de semana, estamos organizando um passeio com Shanice, Ed, Sam, Lisa e Courtney. Se você quiser, venha com a gente, à vista de todos; senão, estará tudo acabado entre nós.

Brian apertou os lábios. Foi para perto da janela. Pássaros cantavam a todo o volume nos galhos das árvores centenárias.

– Não amo Elisabeth. É com você que quero estar, mas me dê um pouco mais de tempo. Não muito, apenas mais um pouquinho.

Sarah rejubilava. Ele estava inteiramente à sua mercê. O adorável imbecil!

– É pegar ou largar! Se sábado de manhã você não vier com a gente, pode me esquecer.

Olharam-se nos olhos antes que Sarah lhe indicasse a porta.

– Vamos, deixe-me, vou me atrasar.

Brian tomou-a nos braços, suavemente, sem forçá-la.

– Você é a pior pestinha que já encontrei.

Mas não havia nenhuma recriminação em sua voz.

– É por isso que você me ama. Vamos, já disse pra ir embora. Vá.

Ele lhe deu um longo beijo na boca e consentiu finalmente em deixar o quarto.

Assim que ficou sozinha, Sarah deu uma risada triunfante. Os homens são tão previsíveis!

Terminou de arrumar a bolsa e se apressou a ir para as salas de aula. Atravessou o parque correndo e entrou no anfiteatro um segundo antes da Sra. Page.

Sentou-se ao lado de Shanice e tirou da bolsa seu caderno e seu estojo.

– Parece que o Sr. Augeri convocou a Jennifer. Dizem que eles saíram juntos de carro. Estranho, não acha? – sussurrou Shanice à amiga.

Sarah sentiu o sangue refluir no rosto. Lamentava de verdade sua inspiração matinal.

– E essa agora, você acha que ela pode ser culpada?!

– Não sei, mas é muito suspeito.

A Sra. Page estava se instalando lentamente na escrivaninha, depois de ter apagado a lousa, onde ainda estavam escritas frases da aula anterior.

Os estudantes conversavam, num zum-zum bem diferente da solenidade da véspera.

– Aquela garota me dá medo. Sempre isolada, sem nenhuma amiga... Mas daí a pensar que possa ter matado Lucy e Amy... Não, não consigo acreditar – disse Sarah tratando de acalmar as batidas do coração.

– Eu não disse isso, mas talvez ela possa ser cúmplice. Talvez ela tenha um namorado secreto, um esquisito como ela. Não me surpreenderia se ela participasse de alguma seita satânica. Já viu o tipo de música que escuta? – continuou Shanice.

Sarah sabia que ninguém deve ser julgado pela aparência, mas era verdade que Jennifer tinha atitudes estranhas. Não era a agressão da véspera que lhe provaria o contrário.

– Em todo caso, se for ela, espero que termine seus dias na prisão. Não gosto dessa garota.

A Sra. Page largou o apagador cheio de giz e se virou para o anfiteatro.

– Silêncio, por favor! – guinchou, com sua voz aguda. – Não quero ouvir nem mais um pio!

Lentamente, o zum-zum diminuiu. A aula podia começar.

Sarah pegou a caneta e começou a tomar notas. Mas não conseguia se concentrar. Jennifer podia realmente ser culpada?

7

Logan fumava um cigarro atrás do outro. Sentado ao volante do Cherokee, esperava Hurley havia mais de meia hora. Mas, como se sentisse um prazer maligno em abandoná-lo a seus pensamentos tenebrosos, ela continuava no prédio, interrogando os vizinhos.

Passantes, curiosos, paravam diante do número 145 da Hampton Street para perguntar ao sargento Portnoy e a Monroe, que vigiavam a porta de entrada, o que estava acontecendo.

A cada vez, a mesma resposta: “Circulando, não há nada pra ser visto”.

Logan estacionara o carro do outro lado da rua. Pelo vidro aberto, jogou mais uma bituca no asfalto.

Com um gesto mecânico, pegou o maço de Chesterfield. Esperava tirar dele um enésimo cigarro quando percebeu, com irritação, que estava vazio.

– Droga! – praguejou.

Irritado, saiu do carro. Avistara uma tabacaria no alto da rua.

Enquanto subia a Hampton Street, constatou que andar o acalmava um pouco.

À luz declinante do sol, acariciado por uma suave brisa primaveril que fazia tremer as folhas das árvores, tentou sem sucesso relaxar um pouco.

Como pudera ser tão estúpido?! Crime passional! Um simples crime passional! O bê-á-bá de qualquer investigação! Por que não acreditara nessa hipótese?

Cuspiu na calçada e lançou um olhar raivoso para um velhinho que o vira fazer isso. Soltou um profundo suspiro. O importante era ter recuperado o controle das coisas. Enviara a todas as polícias locais, e também ao FBI, a identificação de Larry Brooks.

Enquanto isso, Blake e sua equipe passavam um pente fino no apartamento. Hurley interrogava os vizinhos e Portnoy e Monroe dispersavam os curiosos.

Logan sabia que os jornalistas não tardariam a entrar em ação. Ainda mais que, muito a contragosto, fora obrigado a enviar as fotos de Larry a toda a imprensa.

E ele que esperara que esse caso fosse rapidamente esquecido! Acreditara que River Falls não podia ser mais do que um local de passagem para um *serial killer* itinerante... Agora, tinham um culpado, mas ele escapara bem debaixo das barbas da polícia da cidade.

De acordo com as informações que obtivera, Logan sabia que ninguém vira Larry desde sexta-feira à noite. Ou seja, bem antes de descobrirem os cadáveres. Isso não impediria que ele fosse ridicularizado por um erro pelo qual se sentia, apesar de tudo, responsável.

Onde ele poderia estar? Certamente, já passara a fronteira e estava agora no Canadá.

Logan chegou à tabacaria. Entrou sob o olhar inquiridor do vendedor.

– Que bafafá é esse? Vocês pegaram alguém?

– Não, mas estamos seguindo pistas.

Os outros clientes lançaram-lhe um olhar cheio de apreensão.

– O senhor não pode dizer quem é? É isso, xerife?

Sim. Não devia lhes dizer. Mas sabia que a televisão logo espalharia a informação.

– Larry Brooks – disse simplesmente, acrescentando: – Um pacote de Chesterfield.

De repente, um tumulto de blasfêmias e xingamentos se fez ouvir na loja.

– Dizer que isso me surpreende seria mentir, xerife – disse o comerciante, colocando o pacote no balcão. Nunca engoli esse babaca com aquela cara de cafajeste. Mas, por Deus, jamais pensei que

pudesse cometer um crime desses. E os dois meninos Sheppard?! O senhor se dá conta?

E como! Pagou e saiu dali sem responder às perguntas dos clientes, que já começavam a assediá-lo.

– Haverá um comunicado no fim da tarde. Deixem-me passar – disse, ao perceber que aquelas pessoas não o largariam tão facilmente.

Liberou-se e voltou a passos rápidos para o prédio. Logo avistou Hurley, que o esperava apoiada no Cherokee.

– Acabamos de receber uma ligação de Seattle – disse ela.

– E?

Na mesma hora, a caminhonete da River's TV apareceu, vinda de uma rua perpendicular. Logan deu um soco na carroceria de seu carro.

– É isso. O carro falou – disse ela, e acrescentou: – Larry Brooks tem um Subaru serie 3, o mesmo modelo que atropelou Tommy Sheppard.

– Mesmo que Blake não encontre nada concludente no apartamento, já temos uma prova para incriminá-lo. Finalmente, uma boa notícia! – disse Logan, com seu sorriso predador.

Na verdade, nada, nem no corpo das vítimas, nem no apartamento, provava de maneira definitiva que Larry fosse o assassino. Pelo menos, até aquele ponto das pesquisas preliminares de Blake.

– Bom, vamos dar o fora daqui. Não estou com a mínima vontade de falar com esses babacas – continuou, apontando com a cabeça a caminhonete que chegava na direção deles.

– Vamos encontrá-lo. Tenho certeza de que vamos encontrá-lo – afirmou Hurley.

Mas, no fundo, não estava tão segura assim. Não conseguia tirar da cabeça que o rapaz era jovem demais para cometer tamanhos horrores e, sobretudo, nada se encaixava com o perfil psicológico que ela começara a estabelecer para o assassino.

Apesar de todos os vizinhos definirem Larry como um jovem delinquente, nenhum notara nele, até então, acessos de violência. Desprezo e falta de respeito, sim, mas nenhuma violência.

Nunca um grito escapara de seu apartamento, a não ser gemidos e outros sons desse tipo. "Enfim, entende o que quero dizer...", declarara a Sra. Danley, levantando os olhos para o céu.

Mergulhado em reflexões, Logan dirigiu em velocidade moderada no caminho de volta. Pouco a pouco, começava a admitir seus erros na maneira como interpretara o caso.

Só pensava agora no futuro imediato. Não havia mais dúvida quanto à identidade do assassino. Como Hurley, pensava que não era mais do que uma questão de tempo para encontrá-lo.

Quando o FBI tinha um nome, ninguém podia lhe escapar em todo o território dos Estados Unidos; e, mesmo que aquele bosta tivesse atravessado a fronteira, sabia que a CIA poderia se encarregar disso.

Hurley colocou a mão suavemente em seu braço direito.

– Você fez um bom trabalho, Logan. Não tem nada a se censurar.

Passaram diante do Garden State.

Logan olhou com o canto do olho as crianças que brincavam na grama do jardim em frente à prefeitura. Rindo e saltando para todos os lados, estavam totalmente inconscientes dos perigos que rondavam a cidade.

Seu humor instável o fez passar de um estado limite de depressão a uma ligeira euforia. Hurley tinha razão, era um bom tira. Os cidadãos de River Falls podiam contar com ele.

– A propósito, você já sabe quem repassa as informações para a jornalista do *Daily River*? –

perguntou Hurley.

Logan franziu as sobrancelhas.

– Não, mas prometo que logo saberei. Pode abrir uma carteira de cigarro e acender um pra mim, por favor?

Sua boca já estava que era puro alcatrão, mas a necessidade de nicotina era poderosa demais.

– Ninguém sabe ainda do Subaru. Com um pouco de sorte, Brooks ainda ignora que estamos atrás do seu carro. Se tentar fugir nele, nós o pegaremos esta noite – disse Hurley pegando um cigarro.

Colocou-o entre os lábios de Logan e lhe estendeu o isqueiro.

– Acha que ele pode ser estúpido o bastante pra continuar com o Subaru? – perguntou Logan, tragando o cigarro com empenho.

A brasa logo consumiu toda a ponta.

– Não sei. Mas não creio que estejamos lidando com um profissional. Certamente, essa é a primeira vez que ele age. Deve estar em pânico. Roubar um novo carro não é tão fácil assim.

Logan fez uma careta, pouco convencido. O certo era que, no estado atual das coisas, eles não tinham muita chance de rever Larry Brooks em River Falls. Enquanto não estivesse trancafiado, seu rosto estaria afixado em todos os locais públicos.

"*Wanted dead or alive*!", pensou, lembrando-se dos *westerns* de antigamente.

Chegaram à delegacia. Assim que transpôs a soleira, Logan sentiu que a pressão das últimas vinte e quatro horas arrefecera. Os rostos estavam menos marcados pela dúvida e pela tensão.

– Xerife, o reitor Augeri o espera, acompanhado de uma certa Jennifer Shaw. Parece que o senhor a intimou – disse Blanchett, indo em sua direção.

Esquecera-se completamente. Na verdade, não tinha mais nada a fazer com aquilo.

– Jessica, você pode cuidar disso?

Hurley aquiesceu com uma piscada.

– Ok.

– Ele está esperando na sala de reuniões. Terceira porta à direita – indicou Blanchett com a mão.

Hurley agradeceu e seguiu pelo corredor.

– Estou contente que tenhamos conseguido tão rápido identificar nosso assassino. Poderemos tirar a guarda do quarto de Jeremy Sheppard, disse Blanchett.

Logan também se esquecera dele.

– Como ele está?

– Falei com o Haldford. O pequeno ainda está em coma, mas, ao que parece, seu cérebro não foi comprometido. Os exames não apontaram nenhuma hemorragia interna. Os médicos estão bastante otimistas e acham que ele deve despertar nos próximos dias.

Excelente notícia. Não podia deixar de pensar na dor de Maggie Sheppard. Perder um filho já é algo insuportável, mas perder dois filhos de uma vez só deve ser pior do que morrer.

– Está bem, disse ele. Mas deixe a guarda ainda mais alguns dias. Embora não veja que interesse Brooks teria em tentar matá-lo agora, nunca se sabe o que pode se passar na cabeça de um assassino. Não quero correr riscos inúteis, e acho que a mãe deve se sentir melhor assim.

– Tem razão.

– Bom, se precisar de mim, estou no meu escritório. Em todo caso, estou satisfeito com a maneira como lidamos com esse crime.

– Sim, agora só falta pegá-lo.

Havia ali uma ponta de recriminação? Logan podia compreender que, para alguns, o caso estava apenas começando; mas, para ele, era como se tivesse terminado. Brooks não voltaria a cometer

crimes em River Falls. Isso já era certo.

– Ah, já ia esquecendo, informe todos os agentes que Brooks tem um Subaru classe 3, cinza metálico. Duvido muito que ainda esteja com esse carro, e mais ainda que ele continue na região, mas nunca se sabe. Por via das dúvidas, avise a todo mundo que se, por acaso, essa informação vazar pros jornais, eu chamarei o FBI pra descobrir quem é o informante deles. Deixe isso bem claro.

– Sim, pode contar comigo.

Logan sorriu para ela e atravessou dois corredores até chegar a seu escritório. Pendurou a jaqueta no cabide e se sentou diante do computador. Mais uma vez, dezenas de e-mails esperavam para serem abertos.

Fez uma triagem. Os primeiros a lhe chamarem a atenção foram os da polícia científica de Seattle.

– Ora, ora! – disse, ao perceber um e-mail cujo assunto era dos mais interessantes.

Abriu-o e, depois de ler, ficou parado, perplexo, por um longo momento. Era estranho. Mas talvez não tanto, no fim das contas. Não havia dúvidas quanto à culpabilidade de Brooks.

De qualquer jeito, Hurley estava com o reitor Augeri. Poderia verificar aquilo dali a alguns minutos. Ia abrir outros e-mails quando o telefone tocou.

– Xerife, Nolden está na linha.

– Pode transferir a ligação.

Não tinha vontade de falar com ele, mas sabia que não podia se esquivar.

– Bom dia, senhor prefeito – disse com uma voz amigável.

– Xerife Logan, gostaria de felicitá-lo pessoalmente pela condução dessa investigação. Preferimos todos ter o nome do culpado do que passar o tempo todo desconfiando de nossa própria vizinhança. Estou feliz por não ter me enganado ao depositar minha confiança em você.

Um verdadeiro discurso político!

Logan vencera o antigo xerife nas eleições. Sua carreira em Seattle, e, especialmente, a captura do *serial killer* Ray Snider, somada à sua idade, seu carisma viril e o apoio do prefeito permitiram que ganhasse de lavada de Van Zante, o xerife anterior, um homem sobre quem o opróbrio caíra por causa de boatos, bem fundados, relativos a suas numerosas ligações com mulheres casadas.

– Obrigado, mas só estarei plenamente satisfeito quando esse desgraçado estiver atrás das grades – respondeu ele.

A conversa continuou ainda por alguns minutos até que Logan pudesse desligar sem parecer descortês.

Hurley entrou na sala. Augeri e a estudante estavam sentados perto da escrivaninha.

– Seus colegas nos informaram que vocês identificaram o assassino. É um grande alívio pra nós. Quando acham que conseguirão prendê-lo? – perguntou o reitor, levantando-se.

– É apenas uma questão de tempo – tranquilizou-o ela.

Depois, virando-se para Jennifer:

– Você é Jennifer Shawn. Confere?

– Sim, o que querem comigo? – replicou imediatamente a garota com um tom agressivo.

Hurley manteve seu sorriso e se sentou diante dela. Augeri voltou a se sentar perto das duas mulheres.

– Oh, nada de especial, gostaria apenas que você me explicasse por que fez aquilo com Sarah Kent ontem de manhã.

Jennifer lhe retribuiu com um sorriso de desprezo.

– Vocês não têm mais o que fazer?! – ironizou. – Foi uma brincadeira, nada mais. Vão me prender por isso?

– O que você fez exatamente? – perguntou Augeri.

Durante todo o trajeto até a delegacia, ela jurara não entender por que razão fora intimada. Não era próxima nem de Lucy nem de Amy. Afirmara estar tão perplexa quanto ele próprio.

– Enquanto ela tomava banho, peguei suas coisas e, quando saiu, totalmente nua, pensou que teria de voltar até seu quarto daquele jeito. Realmente, nada demais!

Augeri lançou um olhar interrogativo para Hurley.

– Sarah era amiga de Lucy e Amy. Não podíamos deixar de averiguar – explicou ela.

Percebia que tudo aquilo era um bocado pueril e, de fato, estava longe de merecer uma intervenção da polícia.

Exasperada, Jennifer ergueu os olhos para o teto.

– Tem algo errado com vocês! Pensavam realmente que eu poderia ter matado Lucy e Amy?!

– Sim, era uma possibilidade – respondeu Hurley com tom firme.

Jennifer suspirou.

– Bom, agora que já têm o culpado, podem me soltar?

Augeri se inclinou para Jennifer.

– Por que fez isso? Ela fez alguma coisa para você?

– Com todo o respeito que lhe devo, isso não é da sua conta. É algo entre mim e ela.

– Por enquanto, Jennifer, por enquanto – corrigiu-a Hurley. – Suponho que você já esteja elaborando um plano para se vingar desta intimação.

Jennifer fez cara de quem não estava entendendo.

– Não percebo o que você quer dizer.

– Jennifer, apesar de seu ar rebelde, você é uma boa aluna. Eu realmente lamentaria ter de fazer você voltar aqui por incomodar novamente Sarah.

– Ela roubou meu namorado, satisfeita?

Hurley leu a sinceridade nos olhos da garota. Não pôde reter um sorriso. Era bem coisa daquela idade. Ciúmes de garota rejeitada.

– Você tem razão num ponto, Jennifer. Isso realmente não nos diz respeito. Mas, cá entre nós, vou lhe dar um conselho de mulher: o culpado, se é que existe um, é o seu ex-namorado. Não esqueça que foi ele que a deixou – disse, lembrando-se de seus anos de universidade. – Se a amasse de verdade, por mais que Sarah desse em cima dele, ele não a teria deixado.

– Está bem, está bem! Não sou uma menininha! – insurgiu-se Jennifer.

“Ao contrário, é exatamente o que você é!”, pensou Hurley.

– Jennifer, você pode me prometer que não fará mais nada contra Sarah? – interveio Augeri.

Jennifer baixou a cabeça. Nunca se sentira tão constrangida. Se havia uma coisa que não desejava era falar de seus sentimentos com o reitor da universidade e com uma agente do FBI!

– Não posso prometer nada. Sei muito bem o que dizem pelas minhas costas. Todos me tomam por uma marginal e zombam de mim. Pela primeira vez, tinha encontrado um cara legal!

– Jennifer, sei muito bem que você não está nem aí pros meus conselhos, mas, por favor, não perca tempo com rumores e maledicências. Você sabe o que vale e, a crer no reitor, é uma boa aluna. Não estrague tudo por causa de uma bobagem. – Jennifer olhou-a com desprezo. – Conheço bem os homens e posso lhe garantir que esse seu lado extravagante arrasaria corações numa cidade como Seattle.

Essa última frase pareceu surtir efeito.

– Detesto River Falls. Um bando de caipiras de espírito tacanho! Sim, você tem razão. Preciso

partir pra civilização.

Augeri escondeu um sorriso.

– Está bem, Jennifer. Vamos, pode voltar pro campus. E tente manter sua promessa – disse ele.

– Não prometi nada – retificou Jennifer.

Mas o tom já mudara. Hurley sabia que conseguira tocá-la.

– Em todo caso, não se preocupe. Isso fica entre nós. Ninguém saberá de nada – acrescentou Augeri.

– Devo lhe agradecer? – perguntou Jennifer com um tom belicoso.

– Não é indispensável.

Jennifer fez uma expressão bizarra e se levantou.

Os três deixaram a sala e entraram no corredor.

– Senhor Augeri, se dispuser de um minuto, gostaria de lhe falar – interpelou-o Logan, chegando do corredor paralelo.

– É claro – respondeu ele. – E, virando-se para Jennifer: – Vá me esperar no carro, não demorarei.

– Eu a acompanho – disse Hurley, tomando-a pelo braço.

Logan esperou que as duas desaparecessem e convidou Augeri a segui-lo até seu escritório. Enquanto se sentavam, Logan acendeu um cigarro.

– Não deveria fumar num lugar público – observou Augeri, franzindo o nariz.

– Oh! Se fôssemos respeitar todas as leis, não faríamos mais nada, senhor reitor.

– Compreendo, mas você representa a lei nesta cidade. É pena.

"Esse aí se acha!", pensou Logan. "Creio que vamos nos divertir, agora."

– Gostaria apenas de saber: quando recebeu a notícia da morte de Lucy e Amy, o que o senhor fez?

Augeri se crispou imediatamente.

– Não estou entendendo. Por que essa pergunta?

Logan tragou o cigarro e soltou uma grande nuvem de fumaça antes de continuar:

– É apenas uma pergunta. Vê algum problema em respondê-la?

O tom era desenvolto, mas a ameaça era bem real.

– Não, é claro que não – retorquiu Augeri, assumindo o ar de alguém que tenta se lembrar. – Reuni meus colaboradores e alguns professores. Contei-lhes o que sabia e então discutimos sobre a melhor maneira de dar a terrível notícia aos estudantes. Sim, foi isso o que fiz.

Certamente era verdade. Mas faltava algo.

– Tem certeza de que não fez mais nada, senhor Augeri?

O reitor parecia cada vez mais desconfortável.

Logan conhecia bem essa atitude. Dizer logo a verdade ou esperar para ver se não é apenas um blefe.

Augeri baixou a cabeça e fixou a janela, evitando o olhar inquisidor de Logan.

– Está bem, fui ao quarto de Amy. Pensei que poderia encontrar alguma coisa que ajudasse a polícia. Mas, na verdade, não havia nada ali que pudesse colocá-los na pista do assassino.

Enfim. Preferia isso.

Logan assumiu um ar concentrado e reformulou.

– Ao quarto de Amy e ao de Lucy, estamos de acordo?

– Sim, claro – confirmou Augeri.

O suor começava a brotar de suas têmporas.

– Você diz ter feito isso pra ajudar a polícia, não é?

– É o que acabo de lhe dizer.

Logan balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Está achando que sou um imbecil! Qualquer idiota sabe que nunca se deve tocar nos lugares que serão inspecionados pela polícia. O que estava procurando, senhor reitor?

A ameaça era cada vez mais tangível. Grandes gotas de suor começaram a pingar do rosto de Augeri.

– Não estava procurando nada. Já lhe disse: tentava ajudá-los. Estava sob o choque. Desculpe-me por ter esquecido, talvez, todo senso de responsabilidade. Pensei que era preciso não perder tempo.

– Humm... – murmurou Logan, pouco convencido. – Encontramos suas digitais nos quatro cantos dos dois quartos. Um ladrão não teria procurado melhor do que você.

– Justamente – interrompeu-o Augeri. – Se tivesse más intenções, não acha que usaria luvas pra não deixar impressões?

Sua voz estava ofegante, mas Logan viu uma luz de esperança em seu olhar. Augeri tinha razão.

Esse era o xis da questão. Por que vasculhar tudo, sem proteção, sabendo que as equipes científicas descobririam suas digitais? A menos que, na hora do pânico, ele realmente tivesse esquecido essa precaução elementar.

– Escute, vou lhe contar tudo, mas prometa guardar isso pra você.

Logan detestava esse tipo de introdução. Costumava anunciar as piores mentiras.

– Não posso lhe prometer nada. Mas saiba que não costumo revelar o conteúdo de minhas conversas quando não dizem respeito a minhas investigações.

Augeri parecia estar se recompondo.

– Eu realmente quis ajudar a polícia. Foi um erro. Reconheço. Se não lhes disse nada foi porque, quando me dei conta do que havia feito e compreendi que podia ter destruído indícios sem querer, fiquei tão sem jeito que não ousei falar nada.

Retomou fôlego e, baixando os olhos, acrescentou:

– Além disso, é preciso que saiba que, na minha juventude, não fui um adolescente modelo. Fui detido várias vezes por roubos em mercados e depredação de lugares públicos. Não queria que vocês se interessassem por mim.

O tom era verdadeiramente patético. Parecia sincero.

– Em New York, senhor Augeri. Sabemos disso. As amostras de suas impressões continuam guardadas num arquivo da delegacia da Big Apple – disse Logan, agradecendo mentalmente Seattle por lhe ter enviado o e-mail. – Muito bem – continuou –, tudo isso ficará entre nós desde que você me dê um álibi relativo ao fim de semana passado.

O rosto de Augeri ficou ainda mais vermelho.

– Você não está suspeitando de mim, está? Vocês já têm o culpado! Não acredita que eu pudesse participar de tamanha ignomínia!

O tom era agressivo. O tom de um homem que se sente desonrado. Parecia realmente sincero.

– Não disse nada disso, mas nosso homem talvez tivesse um cúmplice. Então desfaça minha dúvida e logo esqueceremos esta penosa conversa, senhor reitor.

Augeri não pôde reprimir um arrepio.

– Eu não matei essas garotas! Se a imprensa ficar sabendo de suas suspeitas, eu sou um homem morto! Não faça isso comigo. Eu não mereço.

Para seu grande espanto, Logan de repente se sentiu desconfortável. Jamais acreditara na culpabilidade daquele homem. Queria apenas lhe dar uma lição. Não gostava de seu ar arrogante e, ainda menos, de seu mal dissimulado desprezo pela polícia. Mas daí a servi-lo em um banquete à vingança popular por um crime que não cometera...

– Tem minha palavra, senhor Augeri. Ninguém maculará sua reputação. Apenas detalhe-me o que fez no fim de semana.

– É muito fácil. Fiquei com minha família todo o fim de semana. Basta ligar imediatamente pra minha esposa. Assim não poderá dizer que combinamos.

Era uma ótima ideia. Logan tirou o telefone do gancho e se inclinou para Augeri:

– Seu número, por favor.

8

Larry despertou lentamente. Sentia dores em todo o corpo. Soltou um grunhido enquanto emergia do limbo. Abriu os olhos e ficou totalmente desorientado.

Piscou várias vezes e se esforçou para recobrar os sentidos. Estava em seu Subaru. O carro estava parado numa estradinha secundária em algum lugar da floresta.

– Que loucura é esta? –, murmurou, ao perceber que tinham trocado suas roupas. As que vestia agora estavam limpas e não correspondiam absolutamente ao seu gosto. Uma calça de pregas e um pulôver listrado que não podia ser mais brega!

Foi então que viu sua cara no retrovisor. Não pôde evitar um grito de estupefação: o homem raspara completamente sua cabeça. Era monstruoso.

– Doente filho da puta! – praguejou, passando a mão pela cabeça.

Não podia acreditar. Aquele cara era realmente louco!

As lembranças de seu cativeiro voltaram em bloco à sua memória. Uma raiva surda se apoderou dele. Viu-se de novo na cadeira, aterrorizado e impotente. Nunca sofrera tamanha humilhação.

– Porcaria de doente!

Fechou os punhos e, graças à raiva, encontrou uma energia vingativa que o fez esquecer o medo que o dominara nas últimas horas.

Sentiu uma pressão no intestino. Abriu o porta-luvas e pegou um pacote de lenços de papel. Com dificuldade, conseguiu sair do carro e pôde finalmente se aliviar atrás de uma árvore.

Então voltou para o Subaru. As chaves estavam na ignição. Rezou para que aquilo não fosse mais uma sacanagem. Girou a chave. O motor rugiu normalmente. Um sorriso de alívio iluminou seu rosto. Olhou-se de novo no retrovisor e sacudiu a cabeça de raiva.

O homem tinha avacalhado mesmo com ele. Embora compreendesse o porquê dessa vingança, não conseguia acreditar que uma de suas vítimas tomasse uma atitude daquelas. Nunca pensaria que um deles tivesse colhões para tanto.

Em todo caso, uma coisa era certa: não daria mais aquele tipo de golpe. Deixaria a cidade e encontraria outro lugar para recomeçar a vida.

Lembrou-se das últimas palavras do homem. Acusado de assassinato! Bobagem! Mais uma maneira de torturá-lo psicologicamente.

Deu meia-volta e começou a rodar pela estradinha.

Não tinha a mínima ideia de onde estava. Pensou, no entanto, que não devia estar longe de River Falls: as montanhas se erguiam no horizonte.

Ligou o rádio e caiu na WKFM. “Armageddon It”, um velho clássico de Def Leppard.

Enquanto acompanhava o ritmo da música com a cabeça, não parava de pensar no que acabara de viver. O maior pavor que já passara na vida! Acreditara mesmo que o sujeito ia torturá-lo até a morte!

“Desgraçado!”, pensou, batendo com a mão no volante.

Só lhe restava encontrar uma explicação plausível para convencer as garotas de que sua mudança de *look* era uma escolha pessoal.

Já podia imaginar a cara de Lucy quando visse seu novo penteado. Com certeza, ia tirar o maior sarro, secundada por Amy.

Deu uma olhada no retrovisor e tentou se acostumar a seu novo retrato. Pensando bem, não lhe caía tão mal assim. Sempre gostara de seus cabelos meio longos e de suas mechas rebeldes, mas a

cabeça raspada lhe dava um ar de *bad boy* que até que não o desagradava.

A canção de Def Leppard terminou. A próxima foi de Journey, “Girl Can’t Help It”. Adorava aquela.

Finalmente chegou a uma estrada. Não fazia ideia de que direção tomar. Ao acaso, optou pela esquerda, pela descida.

Não tinha vontade de deixar Lucy. Ela tinha tudo de que gostava: uma beleza do diabo, e era uma selvagem que sabia fazê-lo urrar de prazer.

“Merda! Vou lá me deixar intimidar por um babaca!”, pensou.

Mas ignorava a identidade do homem que o raptara. Não vira seu rosto e não pudera reconhecer sua voz.

Um capanga, provavelmente. Seu físico dava a impressão de que não passara dos trinta anos. Talvez mesmo vinte e cinco! Um calhorda disposto a tudo por um pacote de dólares. Até o assassinato?

Larry esqueceu essa ideia. Se quisesse matá-lo, teria feito. Não, era apenas uma advertência. Uma advertência e tanto.

Tinha de deixar a região. As coisas tinham ido longe demais. Quem sabe Lucy não toparia ir com ele? Ela não estava nem aí mesmo para seus estudos. De qualquer jeito, nunca seria uma trabalhadora. Um dia encontraria um surfista cheio da grana, e adeus Larry!

Em todo caso, se pudesse continuar com ele mais um tempo, não seria tão mal.

A estrada continuava. Uma placa indicando Pearcy a dezesseis quilômetros apareceu à esquerda. Estava na direção certa. River Falls ficava a menos de quarenta e oito quilômetros desse vilarejo.

A música de Journey terminou. A voz do apresentador da rádio informou:

– Você está na WKFM. São dezoito horas. As informações de Patricia Kulick.

Depois do jingle, a voz profissional da jornalista se fez ouvir.

Larry estendeu a mão para mudar de estação, mas parou bruscamente.

– Última informação: o assassino de River Falls foi identificado pela polícia. Trata-se de Larry Brooks. Ele era namorado de uma das duas vítimas, Lucy Barton, e desapareceu de seu domicílio...

Larry freou bruscamente e parou à beira da estrada. Pulou do carro e vomitou tudo o que ainda tinha no estômago.

Não conseguia controlar os tremores do corpo. O sangue abandonara seu rosto. As lágrimas jorraram sem que pudesse impedir.

Não podia crer em seus ouvidos. Caralho, Amy e Lucy estavam mortas. O cara realmente as matara!

– Não, não, não! – gemeu, colocando a cabeça entre suas mãos crispadas. – Meu Deus, diga que estou sonhando, não é possível, não é possível!

Um carro que descia a encosta começou a reduzir a velocidade.

Larry recobrou subitamente o controle. Esfregou o rosto. Por cima da mão, cruzou com o olhar da mulher que dirigia, mas ela não pareceu reconhecê-lo.

Acabava de compreender por que o homem raspara sua cabeça. Sacudido por tremores nervosos, voltou para o carro e o ligou novamente. Em velocidade moderada, retomou a estrada.

O boletim terminara. Agora estava tocando “Summer 69”, de Brian Adams. Mudou de estação e encontrou uma só de notícias. Um jornalista estava descrevendo seu perfil. Sua juventude em River Falls, suas pequenas contravenções de adolescente...

“Assim vou ficar louco”, pensou. “Parem, parem!”

Começou a choramingar. Sua visão se embaralhou, e ele parou o carro de novo.

Não podia voltar para a cidade. Tinha de pensar. Tornara-se O Procurado!

Conseguiu retomar o fôlego e moderar as batidas de seu coração. Deu meia-volta. Voltaria para a estradinha secundária. Lá, tentaria se acalmar, analisar a situação.

Sabia que devia procurar a polícia, mas a ameaça do homem adquiria agora toda a sua dimensão: “Se quiser viver, não diga nada à polícia, sob hipótese alguma!”

O que fazer? Não se imaginava como um fugitivo pelo resto de seus dias!

– Eu não matei ninguém! Eu não matei ninguém! – gritou, enquanto o jornalista continuava a falar sobre o caso.

9

A notícia se espalhara como um rastro de pólvora. O assassino de Amy e Lucy não era outro senão o namorado desta última.

As aulas do dia tinham acabado. Sarah e suas amigas se reencontraram na entrada principal da universidade para uma saída só de mulheres: mesmo Larry ainda estando solto, o reitor Augeri suspendera o toque de recolher.

Ninguém acreditava que ele ainda pudesse estar em River Falls, ou mesmo no estado de Washington.

– Então, vamos pegar um cinema ou jogar boliche? – perguntou Shanice.

– Somos quatro, duas equipes de dois: um boliche! – respondeu Lisa.

O sol estava se pondo. Um vento leve começara a soprar.

– Ok, mas não jogo com a Courtney. Você é muito ruim! – disse Sarah.

Courtney olhou para ela com os olhos arregalados.

– Ah, você acha?! Muito bem, o que vamos apostar?

Sarah adorava implicar com a amiga. Courtney era tão pueril.

– Não sei, pode escolher.

O ônibus chegou à parada da universidade. As garotas subiram.

– Então? – perguntou Sarah assim que se sentou.

Lisa e Shanice tinham se sentado nos dois lugares atrás de Sarah e Courtney.

– Bom, se eu ganhar, você vai ter de me dizer com quem está saindo escondido!

Sarah sentiu seu rosto corar.

– Que bobagem! Que história essa? – defendeu-se, estupefata.

– Vamos, pare com essa farsa. A gente sabe muito bem que você tem um cara! – interveio Shanice, colocando a cabeça entre os assentos de suas amigas.

– Que disparate é esse?! Eu não tenho namorado nenhum! Se tivesse, acham que perderia meu tempo com vocês?!

O ônibus pegou velocidade e penetrou na cidade. Os galpões da periferia deram lugar aos primeiros prédios residenciais.

– Obrigada pela parte que nos toca! – disse Lisa, colando sua cabeça contra a janela do ônibus.

– É brincadeira! Mas, sério, por que eu esconderia de vocês se tivesse um namorado?

Sarah não tinha a mínima vontade de lhes falar da relação com Brian. Daria tudo para não estar ali. Infelizmente, conhecia suas amigas, sabia que não a deixariam em paz tão cedo. No entanto, Deus era testemunha de que fizera tudo para não ser descoberta.

– Porque tem medo de que eu o roube – disse Courtney, erguendo o corpo e empinando os seios. – Objetivamente falando, sou bem mais bonita do que você.

Os risos de Lisa e Shanice explodiram atrás. Sarah estava escarlate.

– Não sei, não... De qualquer jeito, você é tão insuportável que nenhum rapaz consegue ficar com você mais do que uma semana – atacou ela.

Courtney ergueu os olhos para o céu.

– Estou procurando o príncipe encantado. É meu direito, não? Um cara bonito, musculoso, inteligente, cheio de humor e... – assumiu um ar maquiavélico – e de grana, é claro!

Todas caíram na gargalhada. Courtney era realmente a mais engraçada entre elas!

– Então, querida, vai ficar sozinha por muito tempo! – zombou Shanice, quando conseguiu controlar o riso.

– Agora entendo por que suas relações são tão efêmeras! Se soubesse das suas exigências antes, já teria acendido umas velas pra você na capela! – disse Lisa, brincando.

– Não brinquem, tenho certeza de que ele existe, e talvez seja o seu namorado, Sarah! – disse Courtney, voltando ao ataque.

Sarah ficou em silêncio, olhando para fora da janela.

O ônibus estava entrando no centro da cidade. O boliche ficava ainda a uns dez minutos dali.

– Você é realmente estúpida. Às vezes me pergunto por que ando com uma garota como você! – replicou finalmente Sarah.

Seu tom foi mais seco do que desejara. O rosto de Courtney se fechou. Sarah olhou-a com cara fechada, antes de explodir de rir.

– Idiota, cheguei a pensar que estava falando sério – disse Courtney.

Lisa e Shanice morriam de rir no banco de trás.

– Pronto, já sei! – disse Shanice.

– Já sabe o quê? – perguntou Courtney, virando-se para trás.

– Já sei quem é o namorado dela.

Sarah apertou os lábios. Sabia que Brian era um dos melhores amigos de Edward. No entanto, tinha jurado para ela que não contara nada a ninguém. Edward não tinha como saber. Pelo menos era o que pensava até aquele momento.

– Não quero saber, guarde suas bobagens pra você – disse Sarah.

Tinha medo de sua própria reação se a amiga acertasse. Aquelas piranhas saberiam ler a verdade em seu silêncio ou em seu desprezo!

– É o Larry Brooks! – disse Shanice bem baixinho.

Um longo “oh!” saiu da boca de Lisa e de Courtney.

– Você sabe escolher um namorado, hein?

– Compreendo por que você não fica falando dele pra todo mundo!

Se estava aliviada por não terem tocado no nome de Brian, não estava contente com o rumo que a conversa tomara.

– Não tem graça nenhuma. Vocês parecem ter esquecido que ele matou Lucy e Amy.

– Justamente, e a gente aqui com você! Ou você é a próxima vítima, ou a cúmplice dele. Bonnie and Clyde! – disse Courtney.

– Me desculpe, mas eles não eram *serial killers*, e sim ladrões de banco! – corrigiu Shanice.

O ônibus parou pela quinta vez. Sarah não tinha mais a mínima vontade de rir. Estava prestes a sair do ônibus.

– Está bem, vamos parar com isso – disse Lisa, ao perceber que a brincadeira não estava divertindo nem um pouco a amiga.

Sarah sacudiu os ombros, mas seu coração estava triste. Não queria pensar em Lucy e Amy. Muitas lembranças dolorosas, mas também momentos maravilhosos. Começou, involuntariamente, a chorar em silêncio.

As três garotas se sentiram terrivelmente constrangidas.

– Sarah, desculpe-nos, somos umas idiotas – disse Courtney, pegando suas mãos.

Sarah deu um grande suspiro e conseguiu se acalmar.

– Sabe de uma coisa, Courtney – disse, com uma voz carregada de emoção. – Eu e Lisa vamos lhe dar uma surra no boliche!

As garotas sorriram, aliviadas.

– Ei! Quem disse que eu queria jogar com essa pereba! – interveio Shanice num tom falsamente ultrajado.

Os sorrisos se transformaram em gargalhadas. Sarah também se deixou contagiar. Tinha realmente necessidade de extravasar.

O ônibus continuou sua rota. Os últimos raios de sol desapareceram atrás dos prédios do centro da cidade.

10

Logan estava esgotado. A noite caíra havia cerca de duas horas quando estacionou seu Cherokee na frente de casa. Com o motor desligado, ficou ali, sentado ao volante, olhando a longa avenida ladeada de casas que se estendia à sua frente.

Recebera uma mensagem de Ashley Bounter, sua transa do momento, mas não tivera coragem de responder.

Embora tivesse se obrigado a acreditar no contrário, sentira muita falta de Hurley naqueles meses. Reencontrá-la sempre tão encantadora e atenciosa o deixava, no mínimo, pensativo. Ainda mais que o estresse das últimas horas passara.

Tirou um maço do pacote, abriu e acendeu um cigarro.

Gostaria muito de dizer a Hurley que, para ele, ela importava mais do que tudo no mundo. Que ela era tão indispensável para sua vida quanto a água e o ar. Mas sabia que não podia fazê-lo. Se queria que ela continuasse viva, devia a todo custo mantê-la afastada de si, por mais dolorosa que essa decisão fosse.

Apoiou a cabeça no encosto e reviu o olhar demoníaco de Snider. Não, não podia ceder. Não enquanto aquele homem continuasse vivo.

Esmagou no cinzeiro o cigarro pela metade e finalmente saiu do carro.

Hurley estava na janela da cozinha e o observava com os braços cruzados.

Olharam-se por um momento, mas logo ele desviou o olhar. Tinha de esquecer todos os pensamentos que assaltavam seu espírito. Um casal perfeito, morando numa bela casa, num belo bairro de uma cidade média de uma América abençoada.

Um sonho que não era para eles. Irrealizável, sob pena de se transformar, um dia, em pesadelo.

– Espero que tenha feito alguma coisa para comer. Estou morrendo de fome –disse, ao entrar.

Hurley recebeu-o com um sorriso que mal escondia sua preocupação. Quando o vira devanear no carro, receara que ele decidisse ir embora.

– Uma boa salada de tomate e pepino, espaguete à bolonhesa e um vinho da Califórnia. Está bem assim?

Só de ouvir aquilo, Logan já ficou com água na boca. Tirou a jaqueta e se aproximou de Hurley.

–Você é um anjo – disse, passando a mão afetuosamente em seu rosto. Vou tomar um banho antes, pode ser?

– Vou por a mesa na sala. Não gosto de jantar na cozinha. Tudo bem?

Logan sorriu. Caralho! Se pelo menos fosse possível eles ficarem juntos!

– *No problem.* Já volto.

Comeram em silêncio, assistindo a um episódio dos Simpsons. Sob uma luz tênue, estavam absorvidos pelas peripécias delirantes da família mais louca dos Estados Unidos. Uma sátira ácida e grotesca que teve o grande mérito de apaziguar seus espíritos esgotados por um longo dia de trabalho.

Quando terminaram de comer, começou a passar um filme que recebera vários Oscars, *Crash*. Hurley o assistira no cinema, mas Logan só ouvira falar; num acordo tácito, decidiram vê-lo, deixando para mais tarde as notícias pessoais.

Logan ficou encantado com a visão multipolar do diretor. Um retrato pertinente, doloroso e sofrido de seu próprio país. A miséria das comunidades hispânicas, a loucura das armas de venda livre, o ódio pelos muçulmanos, o desprezo pelos negros, a condescendência para com os brancos...

Logan apertou os dentes diversas vezes e, quando começaram a passar os créditos, ainda estava mergulhado na emoção. Esse filme era um concentrado de tudo o que detestava nos Estados Unidos, mas também uma evocação da profunda humanidade que reside em toda e qualquer pessoa.

– Sabe, quando vejo isso, realmente não sinto vontade de voltar para Seattle – disse, desligando a televisão.

Semideitada no sofá, Hurley voltou a se sentar.

– Como quiser. Mas não estou segura de que desistir seja a melhor coisa a fazer.

Ataque frontal. Direto. Logan esperava por isso.

– Não acredito que eu possa ser o salvador da pátria. Não sou eu que mudarei a sociedade. Enquanto tiver gente enchendo o rabo de dinheiro vendendo armas, enquanto o governo fizer vista grossa para os traficantes de coca e crack nos guetos, enquanto os jornais continuarem a transformar em estrelas todos os maníacos e pervertidos sexuais, e a televisão, a banalizar cada vez mais a carnificina e a violência, os Estados Unidos permanecerão esse país onde cada um só pensa em si e no seu lucro!

Logan preparara bem seu discurso. Levantou-se e dirigiu-se ao bar.

Hurley permaneceu muda. Ele nunca fizera um retrato tão derrotista de sua nação, que, sabia, ele continuava a amar. Logan jurara ter ido embora de Seattle para preservar sua saúde mental. Mais uma mentira!

– E acha que vir para River Falls não foi por acaso um ato egoísta?

Não tivera intenção de dizer isso. Saíra sem pensar. Ela queria entender.

Logan abriu o bar e pegou uma garrafa de uísque.

– Sim, você entendeu tudo. Num dado momento, percebi que, se não cuidasse de mim mesmo, ia acabar tão maluco quanto os caras que eu prendia – disse, colocando a garrafa sobre a mesa.

Abriu-a e serviu dois copos. Hurley deu uma risadinha zombeteira.

– Oh, sim, você parece estar no ápice de sua realização pessoal. É um prazer ver um homem tão feliz!

Logan olhou-a, consternado. Ela não conseguia evitar escarafunchar suas feridas. Isso o fazia se lembrar de seu rompimento! Será que ela não podia se calar?

– Não acredito na felicidade. Aqui, ao menos, consigo dormir sabendo que não descobrirei um cadáver cortado em pedacinhos no dia seguinte.

Pegou seu copo, bebeu de um gole só e se serviu outro.

– Acho que não deu certo – disse ela.

Logan suspirou para tentar se acalmar.

– Escute, Jessica, não quero brigar com você. Tudo vai bem até agora. Tente não estragar as coisas. Esse tipo de conversa não leva a nada, e você sabe disso.

Hurley pegou seu copo e tomou um gole. Nunca conseguira se conformar com o rompimento deles.

Revia-se dois anos antes. Uma chamada no celular: “Jessica, está tudo acabado entre nós”. Nenhum sinal anunciando e, depois, proibido tocar no assunto!

Detestara-o por meses e não procurara mais vê-lo. Mas, mesmo com o passar dos dias, não conseguia suportar a ficar sem entender. Precisava saber. Ele lhe devia uma explicação. Antes, entendiam-se à perfeição. O yin e o yang... Por que ele quisera terminar?

Vê-lo assim, na sua casinha, como um velho acomodado, dava-lhe vontade de vomitar. Não era este o homem que conhecia. Não podia estar satisfeito com aquela vida insípida!

– Esse tipo de conversa não leva a nada porque você não quer! Você esconde alguma coisa de

mim. Não aguento ficar assim sem saber. Você me deve a verdade. É tudo o que lhe peço.

Logan estava num suplício. Via o sofrimento nos olhos de Hurley. Era insuportável.

Bebeu seu segundo uísque e se levantou de supetão.

– Vou deitar. Estou exausto – pretextou, evitando o olhar dela.

Deu alguns passos; antes de chegar ao *hall* de entrada, virou-se:

– A propósito, a que horas você vai embora amanhã?

Hurley fechou os olhos e praguejou baixinho. A raiva estava pronta para explodir. Mas não podia se permitir isso. Nada de bom resultaria de um verdadeiro embate.

– Se minha presença não lhe for insuportável, gostaria de ficar ainda mais alguns dias.

Logan franziu a testa.

– Por quê? Já temos o nosso homem. A sequência não lhe diz mais respeito.

Felizmente, o tom se suavizara um pouco.

– Sei, mas há alguns detalhes que quero esclarecer.

– Que tipo de detalhes?

– O motivo.

Logan voltou à sala.

– Como assim?

A raiva de Hurley diminuía lentamente. Retomou o fôlego e, com uma voz profissional, explicou:

– Larry Brooks só foi fichado por bagatelas, furtos sem importância, brigas sem gravidade, um pouco de tráfico. Nunca por crimes sexuais. Nada de exibicionismo nem tentativa de estup...

– O rapaz é do gênero bonitinho, não consigo vê-lo violando uma garota, bastava-lhe seduzi-las – interrompeu-a Logan, aliviado por mudar de assunto.

– Justamente. Por que ele as teria violentado daquele jeito? Não consigo compreender – disse Hurley, levantando as mãos em sinal de impotência.

Logan veio se sentar diante dela e serviu mais um uísque para cada um.

– Quem pode saber o que se passa na cabeça de um louco desses. Ele tomou uma droga ruim que o fez delirar...

– Não, não – disse Hurley, rejeitando essa hipótese com um gesto da mão. – Ele não é um *junkie*. Todos os testemunhos são bastante claros: fora maconha, não usava nenhuma droga.

– Escute, Jessica, qual é a importância desses testemunhos? Não se deixe desorientar por isso. Ele é o nosso homem – disse, destacando cada sílaba. – O motivo ele nos contará quando estiver atrás das grades. Esse tipo de cafajeste adora se gabar.

Hurley continuou hesitante.

– Deve haver alguma coisa. Amanhã, volto ao apartamento dele e ao das garotas. Devemos ter deixado escapar algum indício. Posso sentir.

Logan pegou seu copo de uísque, sopesou-o e colocou-o de volta na mesa.

– Intuição feminina, é isso? – disse Logan com ar cúmplice.

– Pode-se dizer que sim.

Logan deu um tapa seco nas coxas e se levantou com um salto.

– Ok, você pode ficar aqui o tempo que quiser, com uma condição.

Hurley olhou-o com o rosto atento.

– Nada de falar do passado, ok?

Hurley considerou-o com certo desprezo por um longo momento antes de responder:

– Ok, xerife! – disse, com uma pontinha de ironia na voz.

Logan resmungou alguma coisa e deixou a sala de vez.

Quarta-feira, 25 de abril de 2007

1

Larry abriu a porta. Estava aterrorizado. Um longo túnel escuro se estendia à sua frente. Uma luzinha cintilante indicava seu fim. Virou-se para trás e viu a silhueta do morcego.

Não havia tempo para pensar. Meteu-se correndo no túnel.

Para sua surpresa, o chão se movia sob seus pés. Tinha de prestar atenção para não cair. Escutou um grito atrás dele e se virou.

O que viu deu-lhe um arrepio de horror e o paralisou por um instante. Então, esforçando-se para manter o sangue-frio, voltou a correr. Mas, por causa da escuridão, tropeçou sobre uma massa compacta. Caiu com tudo no chão.

Na fraca luminosidade que o cercava, adivinhou um cadáver. Seu próprio rosto, paralisado pela morte. Começou a gritar...

Larry abriu os olhos e permaneceu imóvel alguns segundos, deitado no banco traseiro do carro. Seu coração batia descompassado. Ainda sentia arrepios nas costas.

– Puta que pariu! – praguejou, quando seu cérebro voltou a funcionar. Levantou-se e saiu do carro. A aurora iluminava a floresta ao redor de maneira feérica. Deu alguns passos e foi mijar. Uma brisa fresca contribuiu para que esquecesse seu pesadelo. Um simples pesadelo

Por mais real que tivesse parecido, não era mais do que um sonho ruim, ele disse a si mesmo, enquanto suas visões começavam a se dissipar.

Não podia entrar em pânico. Na véspera, passara várias horas pensando na melhor atitude a adotar. Finalmente, optara pela mais sensata: entregar-se à polícia.

Por piores que fossem as ameaças do homem, não conseguia se imaginar passando a vida inteira fugindo. Não tinha dinheiro, só falava inglês e, mesmo que conseguisse passar para o Canadá, sem dúvida acabaria sendo extraditado.

Voltou para o carro. Apesar de um insidioso terror que espreitava do fundo de sua consciência, mantinha um relativo sangue-frio.

Sua vida sofrera uma reviravolta completa. Tornara-se o inimigo público número um.

Acusado pelo bárbaro assassinato de duas garotas e, acessoriamente, do de um garotinho. No entanto, nesse comecinho de uma bela manhã, espantava-se com sua própria calma.

Na adversidade, o homem volta a ser animal. Agarra-se a seu instinto de sobrevivência e chega a aceitar o inaceitável para enfrentar todas as provas.

Não, ele não recuaria. Por mais terrível que fosse entregar-se por um crime que não cometera, sabia que era a única solução. Não tinha alternativa. Era inocente.

De uma maneira ou de outra, conseguiria prová-lo. OJ Simpson estava em liberdade, e olha que ele era realmente um assassino! Mas Larry sabia que não devia esperar demais. Não tinha milhões em sua conta bancária...

Saiu da estradinha secundária e retomou a estrada principal, que serpenteava até River Falls. A primeira coisa a fazer era passar em sua casa para mudar de roupas e, sobretudo, resgatar os únicos elementos capazes de semear a dúvida num júri de cidadãos dispostos a fazê-lo fritar numa cadeira elétrica!

Sintonizou o rádio na WKFM. Uma música do Foreigner aqueceu agradavelmente seus ouvidos. Conseguiu esboçar um sorriso.

I’ve been waiting for a girl like you..., conseguiu cantarolar em harmonia com Lou Gramm.

Hurley passara uma noite péssima. Acordara por volta das quatro da manhã e não conseguira mais conciliar o sono. Não parava de pensar em Logan e em todo o impasse que viviam. Ele era às vezes tão teimoso, tão duro, que ela chegava quase a odiá-lo.

Virou-se e revirou-se mil vezes na cama antes de decidir se levantar. Embora tivesse vontade de tomar um banho, preferiu se vestir e, após uma rápida maquiagem, descer direto para a cozinha. Não queria acordar o dono da casa com o barulho da ducha.

No mais completo silêncio, preparou algo para comer. Pela janela, observou a rua ainda adormecida sob um céu que começava a clarear ao leste.

Bebeu um grande copo de suco de laranja, acompanhado de pãezinhos recheados com chocolate. Quando ficou satisfeita, foi para a sala. Pegou o controle da televisão, mas logo largou. Precisava sair.

Olhou para o relógio. Cinco e quinze. Hesitou um pouco e então, com andar determinado, foi buscar seu casaco. Em seguida, voltou para a cozinha e deixou um bilhete colado na geladeira. Saiu, tomando cuidado para não bater a porta.

O frescor matinal a surpreendeu. Apressou-se até seu Escort. Assim que entrou, deu a partida e pôs o aquecedor no máximo. Programou o GPS para a Hampton Street e engatou a primeira.

Larry sentiu seu estado zen se dissipar à medida que entrava na cidade. Havia pouco trânsito. A maior parte dos habitantes acabava de se levantar. Apesar disso, seu panicômetro atingia o zênite cada vez que cruzava um carro. No entanto, não escutara nada no rádio sobre seu veículo.

“Ainda tenho chance!”, pensara.

Adentrou os bairros populares e chegou enfim no alto da Hampton Street. Desligou o rádio e reduziu a velocidade, segurando a respiração. Passou na frente do número 145: nenhuma viatura policial parecia estar estacionada na rua.

Trabalhava com a hipótese de que seu apartamento já teria sido revistado na véspera. Não via por que estariam lá ainda hoje. Uma coisa era certa: não tinham encontrado seu pequeno tesouro, senão a rádio o teria anunciado com prazer.

Quanto à eventualidade de um policial ter ficado vigiando seu apartamento durante a noite, parecia improvável. Os policiais certamente não imaginavam que ele fosse voltar para casa. Achavam que tinha deixado a cidade na sexta-feira à noite, tendo preparado sua partida bem antes disso. Ao menos, era esse o roteiro que lhe parecia mais provável. Melhor: era o que esperava!

“Coisa estranha”, pensou, estacionando a quinze metros de sua casa. Ia se apresentar logo na delegacia, mas temia ser pego antes disso por um guarda.

“Meus últimos minutos de liberdade!”, pensou, enquanto o medo voltava a se insinuar em sua cabeça.

Desligou o motor do Subaru mas deixou a chave na ignição. Saiu do carro sem bater a porta e subiu a rua num passo que esperava parecer natural.

Do lado de fora, não havia ninguém. Subiu os degraus de seu prédio sem se fazer notar. Digitou o código e a porta fez um clique. Empurrou-a lentamente.

Apesar da escuridão do *hall*, não apertou o interruptor e preferiu se esgueirar às cegas até a escada.

Enquanto subia os dois andares, amaldiçoou o síndico do edifício por não fazer nenhuma manutenção ali havia anos. A cada passo, os degraus de madeira estalavam sob seu peso. O barulho ecoava em sua cabeça como deflagrações nucleares!

Chegou a seu andar. Através das portas alinhadas ao longo do corredor, podia perceber os barulhos de um prédio que desperta lentamente.

Avançou com cuidado até sua porta. Viu as famosas fitas amarelas *Do Not Cross* coladas diagonalmente na porta que estava entreaberta e a nesga de luz que saía por ela.

Com passo de gato, avançou um pouco mais. Não havia dúvida, alguém estava vasculhando seu apartamento.

"Merda!", praguejou. Com certeza era algum vizinho larápio tentando roubar suas coisas! Para sua própria surpresa, a raiva venceu o medo. Parou diante da porta.

Seu coração batia forte. Não tinha se preparado para isso. Ou dava o fora e ia diretamente aos tiras, ou expulsava o intruso a socos, resgatava seu pequeno tesouro e ia para a delegacia.

Fechou os olhos, respirou fundo e pôs a mão na maçaneta.

Um celular tocou dentro de seu apartamento. Ele permaneceu imóvel.

– Logan? – disse Hurley, atendendo a chamada.

– Oi, Jessica. Onde você está?

Hurley sentou-se numa cadeira, na pequena sala.

– Estou na casa de Brooks.

Logan suspirou.

– Então, encontrou alguma coisa nova?

Hurley deixou seu olhar vagar pela biblioteca à sua frente.

– Acabei de chegar. Mas se há alguma coisa pra encontrar aqui, eu a encontrarei. Pode confiar em mim.

– Faça como quiser, Jessica, mas, cá entre nós, está perdendo seu tempo.

Hurley olhou pela janela e viu que as nuvens engrossavam no céu.

– É o que gosto nesse trabalho, perder meu tempo – respondeu.

Um silêncio se instalou, e foi Logan quem o rompeu.

– A propósito, lamento por ontem à noite. Estava exausto, de mau humor, e sei que fui grosso.

Desta vez, foi Hurley que silenciou um pouco antes de responder.

– Não se preocupe, já está esquecido – mentiu. – Embora você continue sempre um enigma para mim, sou incapaz de lhe querer mal. No entanto, Deus sabe se você merece meu perdão!

Logan limpou a garganta.

– Lamento sinceramente, Jessica. Preciso de tempo. Preciso resolver diversas questões comigo mesmo. Não quero lhe prometer nada, mas no dia em que conseguir expulsar meus demônios interiores, você será a primeira pessoa com quem falarei.

Hurley sorriu com ceticismo.

– Bom, a gente se encontra ao meio-dia pra almoçar? – perguntou.

Não queria se aprofundar no assunto. Logan dava provas de arrependimento. Não queria zangá-lo de novo, ainda que as eternas questões continuassem a tamborilar em sua cabeça.

– Ok, até logo.

Hurley guardou o celular e demorou um pouco antes de se levantar. Acreditara poder esquecer Logan saindo com Max Bronson, mas era inútil. Não estava apaixonada por aquele homem. Embora ele fosse gentil, engraçado, atencioso, isso não bastava. Faltavam-lhe tantas coisas, se comparado a Logan... Na verdade, não era bem isso. Simplesmente, ele não era Logan.

Ela suspirou e voltou ao presente. Aproximou-se da estante e começou a folhear os livros um a um. Metodicamente. Esperando encontrar... não sabia o quê.

"Uma tira?", cogitou Larry.

A conversa fora das mais estranhas. Começara no tom de uma investigação, mas logo a mulher caíra num tom patético! Era ridículo!

Em todo caso, sua raiva evaporara, e o medo voltara a dominar. Melhor não arriscar: um gesto em falso e ela lhe meteria três balas no peito.

Fazer o quê? Com um pouco de sorte, essa mulher encontraria seu tesouro e, quem sabe, deporia em seu favor. Recuou um passo quando, de repente, a porta de seu vizinho, Robert Quire, se escancarou.

– Ei, o que está fazendo aí? – perguntou o homem, que não o reconheceu imediatamente.

Com umas coisas informes nos pés, uma cueca e uma camiseta toda amassada, acabara sem dúvida de se levantar.

Com o rosto lívido, Larry cruzou seu olhar. Por um instante, que lhe pareceu não acabar nunca, eles se encararam.

De repente, Quire começou a gritar:

– Seu desgraçado, vou arrebentar sua cara!

Larry não tentou entender: saiu correndo e se precipitou escada abaixo.

Hurley saiu do apartamento e viu Quire correndo no corredor.

– Onde pensa que vai? – disse, lançando-se atrás dele.

Larry escutara a voz da tira.

– Merda, não quero morrer! – gemeu.

Devia ter parado, deitado e posto as mãos na cabeça, como vira tantas vezes na televisão. Mas o medo de que ela atirasse nele mesmo assim e a eterna necessidade de permanecer um pouco mais em liberdade obrigaram-no a continuar descendo a escada.

– Volte aqui, seu filho da puta! Você não vai escapar assim, estou dizendo!

Quire não costumava ser muito corajoso, pelo contrário. Naqueles últimos meses, mal ousara se queixar ao vizinho quando este fazia barulho demais.

Mas agora teria sua revanche. Se conseguisse pôr as mãos nele, sabia que Larry terminaria seus dias entre quatro paredes brancas, com uma intravenosa letal no braço. Sem chance de se vingar!

Assim, ignorando a forma como estava vestido e o frio que começava a sentir, desceu as escadas saltando a metade dos degraus.

Larry chegou primeiro embaixo, atravessou o corredor escuro e abriu a porta. Lançou-se para fora e, pela segunda vez em sua vida, se entregou à Providência:

– Meu Deus, eu lhe suplico, ajude-me. Não quero morrer – murmurou baixinho.

Se não fosse toda aquela adrenalina, sabia que desabaria ali mesmo. Escutou Quire gritar de novo atrás dele. Mas conseguiu não olhar para trás. Viu seu carro e agradeceu aos céus por não tê-lo trancado.

Hurley saiu do prédio, quase sem fôlego. Viu Quire perseguindo alguém.

“Essa não!”, pensou, pegando sua arma.

Não dava para acreditar. Embora ainda não tivesse reconhecido o fugitivo, reconhecera o Subaru. Larry tinha voltado para casa. Devia estar atrás da porta quando Quire o interpelou.

“Que idiota!”, pensou. “Fez ele entrar em pânico.” Larry entrou no carro e girou a chave. As lágrimas subiram-lhe aos olhos quando o motor roncou. Vira tantos filmes em que, como por acaso, o carro se recusava a pegar justo naquele momento...

Quire abriu a porta do carona. Larry engatou a primeira e pisou fundo no acelerador. Meio preso no veículo, Quire foi projetado para trás e caiu dolorosamente na calçada.

Hurley baixou sua arma. Não era mais necessária. Olhou para seu próprio carro e pegou o celular.

Na precipitação, não tivera tempo de pegar a bolsa, onde estavam as malditas chaves!

O Subaru já estava longe, tinha virado no primeiro cruzamento.

Estupefatos, transeuntes matinais tinham se apressado em ir ao socorro de Quire, que se levantava com dificuldade.

Hurley digitou o número de Logan.

– Atenda, atenda – dizia, enquanto os segundos pareciam durar horas.

– Hurley, encontrou alguma coisa? – perguntou ele quando atendeu.

– Encontrei nosso homem! Brooks acaba de passar na casa dele e está fugindo no Subaru. Coloque todas as equipes atrás dele. Vou ligar para o FBI. Com as polícias das cidades vizinhas, eles vão organizar o esquadrinhamento de todas as estradas e colocar barreiras nos principais entroncamentos.

Logan não conseguia acreditar. Estava sentado na cozinha com uma xícara de café na mão. Os olhos escancarados, um grande sorriso na boca.

– Hurley, sabe de uma coisa?

– Não sei de nada, mas neste instante não temos tempo a perder! – disse ela, sorrindo diante da entonação dessa última frase.

– Adoro você!

Apesar do frenesi do momento, ela ficou feliz da vida.

– Eu sei! Bom, chame logo todas as suas equipes. Eu me encarrego do FBI.

Ia desligar quando Logan lhe fez uma última pergunta.

– Você está bem?

O tom era realmente preocupado. O adorável cabeçudo!

– Sim, só o vizinho é que foi derrubado na calçada. Vamos, vou desligar.

Larry choramingava como uma criança, dirigindo o Subaru. Nada acontecera como planejara. Não sabia mais o que fazer.

Sua determinação desaparecera sob o efeito do pânico. A única coisa razoável que lhe restava fazer era ir diretamente se entregar à polícia.

Mas um medo dos diabos o impedia de fazer isso. Desceu a Avenida Washington a toda a velocidade e passou pelo sinal vermelho.

Era incapaz de qualquer ideia coerente. Só a necessidade de deixar a cidade dominava seus pensamentos. Prestando atenção para não sair da pista, dirigia como nunca fizera na vida. Virou na Garden Corner e se enfiou na Gork Street.

Nessa hora da manhã, poucos veículos circulavam.

“Vou conseguir, tenho que conseguir!”, repetia, numa ladainha desesperada.

Um caminhão de lixo apareceu no horizonte. Dois funcionários municipais colocavam tranquilamente as lixeiras atrás do veículo, para que o mecanismo hidráulico derrubasse o lixo dentro da caçamba.

Larry franziu as sobrancelhas, concentrou-se e, sem diminuir a velocidade, ultrapassou o caminhão. Um carro vinha no sentido inverso. Por alguns centésimos de segundo, seu olhar cruzou com o de uma jovem mulher apavorada.

Agarrou-se com toda a força ao volante e se preparou instintivamente para a colisão frontal. Mas, num reflexo inesperado, a mulher desviou seu Chrysler para a calçada da direita. Os retrovisores do Chysler e do Subaru bateram e se arrebentaram.

Larry deu um grande grito, que se transformou numa risada histérica quando compreendeu que

ainda estava vivo. As duas carrocerias tinham chegado a menos de um centímetro uma da outra!

"É seu dia de sorte, Larry!" Ele estava quase chorando de felicidade. Voltou para a pista da direita, colocou o cinto de segurança e continuou sua corrida desenfreada.

– Está brincando! Esse imbecil voltou pra casa?! – exclamou Spike, respondendo à chamada da delegacia. Portnoy estacionara na frente de um Starbuck e fora comprar dois cafés e alguns *brownies*.

– Sim, todas as nossas viaturas estão em alerta. Patrulhem o setor de vocês. Se o virem, contatem-nos imediatamente – respondeu Blanchett pelo rádio da polícia.

– Não o perderemos, pode ter certeza! – disse Spike.

– O FBI está coordenando todas as polícias da região. Estão sendo montadas barreiras em todas as vias principais. Vamos pegá-lo, Clark! Então, não faça nenhuma besteira.

– Pode contar com a gente.

– Bom, vou desligar e chamar Monroe e Jefferson.

– Ok – respondeu Spike, desligando.

Era a melhor notícia do ano. Nunca pensara que fossem encontrá-lo. Desaparecido desde sexta à noite, Larry tivera todo o tempo do mundo para fugir. "Mas, puta que pariu, que idiota!", pensou Spike, cujo sorriso crescia a cada segundo. Pelo vidro do carro, viu Portnoy voltando com os dois cafés e os *brownies*.

– Henry! Mexe essa bunda! Rápido! – abriu o vidro e gritou para o parceiro.

Portnoy arregalou os olhos e acelerou o passo, cuidando para não derramar os cafés encaixados na bandeja.

– Estou indo! O que houve?

Contornou o carro e se sentou ao volante. Spike pegou as compras e colocou sobre o joelho.

– Larry Brooks está na cidade. Está tentando fugir. Vamos pra saída leste, tenho certeza de que esse desgraçado vai tentar ir para Seattle.

– Merda, não pode ser! O que deu nele de voltar pra cidade? – perguntou Portnoy, dando a partida.

– Não faço ideia, mas...

Spike interrompeu a frase quando escutou atrás deles o barulho de um motor a toda.

Portnoy deu uma olhada no retrovisor e balançou a cabeça.

– Não pode ser! Não acredito!

– Merda! – praguejou Larry.

Uma viatura da polícia! Passou diante dela abaixando-se o máximo que podia. Só faltava explodirem-lhe os miolos quando passasse.

Mas não: ultrapassou-os sem problema. Endireitou-se e, de repente, ouviu a sirene. Tinha sido visto. Estava fodido!

"E o que é que você achava, idiota?! , pensou, batendo diversas vezes com as mãos no volante. "Vamos, pare, é o melhor que você tem a fazer."

Mas era incapaz de soltar o acelerador. O pânico era mais forte do que a razão.

Lembrou-se de *Thelma e Louise*, o filme, e soltou um grito de raiva.

"Se for pra morrer, quero morrer bonito!"

O problema é que não tinha a mínima vontade de morrer. Seus olhos arderam de novo. Obrigou-se a reprimir a crise de lágrimas que se anunciava.

Olhou pelo retrovisor. A viatura da polícia vinha atrás dele a toda a velocidade. “Merda! Merda!”

Felizmente, chegara à periferia da cidade, onde as avenidas eram mais largas. Ultrapassou diversos veículos, provocando freadas intempestivas. Infelizmente, a viatura policial não se distanciava nem um centímetro.

Aquela porra de sirene ia deixá-lo maluco! Ligou de novo o rádio na WKFM. “Dude Looks Like a Lady”, do Aerosmith. Pôs o volume no máximo. Um sorriso demoníaco deformou seus traços.

O helicóptero decolou, com Logan sentado atrás do piloto.

Assim que acabara de falar com Hurley, ele tinha ligado para o quartel de bombeiros e solicitado um helicóptero para uma decolagem imediata. Com uma mão no volante e o celular na outra, dera instruções aos agentes que ficariam na delegacia.

– Pode dizer agora o que está acontecendo? – perguntou o comandante Conrad quando ganharam altitude.

Logan sorriu-lhe.

– Brooks está fugindo! Já tenho uma viatura na sua cola. Conto com você pra não perdê-lo de vista. Dirija-se para a Gold Avenue. Acho que ele vai tentar fugir pra montanha.

Uma expressão de determinação se apossou do rosto do piloto.

– Brooks, nosso assassino de merda? – perguntou, empurrando a alavanca para a direita.

– Exatamente. Se o perdermos, jamais o encontraremos – disse Logan.

Mas não temia essa hipótese. Para assassinatos excepcionais, recursos excepcionais. Sabia que podia contar com a polícia das outras cidades do setor para fazer dessa perseguição o objetivo número um do dia.

Brooks não tinha como escapar.

– Então pode confiar em mim. Assim que o tivermos na mira, pode considerá-lo preso! – disse Conrad com uma segurança implacável.

As primeiras gotas de chuva bateram contra o vidro da cabine. Apesar do vento, Conrad pilotava seu helicóptero com uma precisão notável. Nenhuma turbulência. Voavam suavemente.

Sobrevoaram o centro da cidade, depois os bairros a nordeste; enfim, desceram cerca de cinquenta metros, aproximando-se das casas.

Logan ia voltar a chamar Spike quando avistou mais adiante, à sua direita, dois carros enlouquecidos a toda a velocidade.

– Eu os avistei! Ele é nosso! – exclamou Conrad, colocando-se rapidamente bem acima do Subaru.

Ignorando completamente as intenções do fugitivo, Hurley finalmente escolhera as montanhas. Entre todas as opções que se ofereciam a Brooks, supusera, depois de refletir um pouco, que ele escolheria aquela que poderia lhe permitir alguns instantes suplementares de liberdade: perder-se nas imensas florestas montanhosas que cercavam a cidade.

Após ter escutado no rádio qual era o trajeto efetuado por Spike e Portnoy, ela duvidou por um momento do acerto de sua decisão. Entretanto, ao contrário de Brooks, ela não estava em pânico. Teve tempo de ligar o GPS para encontrar o caminho mais curto até seu objetivo.

Enquanto todas as viaturas se dirigiam para o leste, ela era a única que continuava no sentido nordeste. Alguns minutos depois, soube que fizera a escolha certa: Brooks dirigia-se para o norte por fora da cidade. Finalmente, escolhera um rumo. Aquele que Hurley imaginara!

Se tudo corresse bem, ela chegaria em sentido contrário pela autoestrada. Não havia tempo para montar uma barreira, mas poderia participar da perseguição nas posições de frente.

Quanto mais viaturas houvesse na cola do Subaru, mais rápido Brooks compreenderia que não tinha chance de escapar.

Ela estava correndo a cerca de cento e quarenta quilômetros por hora. Como não tinha sirene, usava a buzina para abrir caminho. De repente, escutou a sirene de Portnoy. Iam passar ao lado dela em sentido contrário.

Armou-se de coragem e subiu no canteiro que havia entre as pistas, virou a direção para a esquerda, puxando o freio de mão, esperando assim dar uma meia-volta completa.

"Panama", do Van Halen, ressoava no carro. Larry estava em transe. Incapaz de pensar, mergulhara numa espécie de hipnose. Seus olhos, suas mãos e seu pé direito pareciam formar um só bloco.

Não tirava os olhos da estrada nem por um segundo. "Não olhe pra trás!", dissera a si mesmo. Acabara virando o retrovisor para não ver mais a viatura que o perseguia.

Estava na segunda estrada, que levava a Calber Town. Conhecia aquela região como a palma da mão. Era o lugar ideal para todos aqueles que gostavam de passear. Se conseguisse chegar à estradinha que subia pela montanha, ninguém conseguiria mais ultrapassá-lo. E, se conseguisse uma vantagem razoável, teria tempo de sair do carro e se esconder na imensidão sem fim da floresta.

Sim, era possível, tinha uma chance, ainda que mínima.

Estava sacudindo a cabeça ao ritmo da música quando, de repente, percebeu à sua frente uma cena espetacular.

Um carro que vinha em sentido contrário acabava de subir no canteiro central; depois, capotara e dera uma série de cambalhotas.

Isso aconteceu tão rápido que Brooks nem teve tempo de frear. Viu o Escort vir em sua direção e atingir um outro carro, vinte metros à frente. Parou de respirar por um momento interminável e esbarrou no Escort a menos de um metro.

Acabava de sobreviver a um maldito acidente e, no mesmo instante, teve de evitar três carros que tinham se enfiado uns nos outros. Passou através do engavetamento e voltou a acelerar. Explodiu de novo num riso histérico. Ainda estava vivo! Decididamente, era seu dia de sorte.

Ajeitou o retrovisor e teve a má surpresa de constatar que a viatura de polícia continuava no seu encalço. Mas ganhara cerca de duzentos metros. Já era alguma coisa. Pelo menos não o abateriam como gado!

Estava retomando lentamente o autocontrole quando escutou pela primeira vez o barulho de um helicóptero. Desnecessário pôr a cabeça para fora do carro para compreender que era com ele.

– Caralho! – praguejou, apertando os dentes. – Era só o que faltava!

Apesar de tudo, conseguiu se controlar e permanecer no comando de seus movimentos. A saída ficava a menos de seis quilômetros, antes de chegar à estrada para Calber Town. A partir dali, a coisa ficaria mais fácil. Pelo menos, era o que esperava.

Com a chuva, que começava a cair cada vez mais abundantemente, talvez o helicóptero fosse obrigado a desistir. "Sim, com um pouco de sorte", martelou Brooks em sua cabeça.

– Puta que pariu! O que foi isso?! – praguejou Spike.

Sabia que tinham acabado de roçar a morte. Por um fio de cabelo o carro de Hurley não os atingira, e fora parar na terra batida da beira da estrada.

– Estava vindo do outro lado! – disse Portnoy, cujas mãos tremiam no volante. Teria dado tudo para parar e respirar um pouco.

Quando vira aquele carro dar uma enésima cambalhota na direção deles, pensou que estava morto!

– Vamos, acelere, que porra você está fazendo?! Não vamos perdê-lo agora! – impacientou-se Spike.

Ele também sentira o maior medo de sua vida, mas a ideia de ser ele a prender o assassino de River Falls o fez esquecer isso rapidinho.

– Sim, sim, mas entenda, não estou me sentindo bem! – queixou-se Portnoy.

– Pare de bobagem, não vai chorar agora. Quer que eu conte o que a Logan? Que deixamos Brooks escapar pra você poder chorar um pouco? – zombou Spike. – Vamos, enfie o pé!

Portnoy deu uma olhada no parceiro. Ambos eram jovens policiais, mas tudo os separava. Ele sempre fora um rapaz correto e respeitador da lei, enquanto Spike era um desses "fala mansa" que sempre flertaram com a ilegalidade até o dia em que foi preciso arranjar um emprego.

– Cale a boca, Spike, ok?

Era a primeira vez que Spike via Portnoy se irritar. Era quase comovente! Assumiu uma atitude humilde.

– Desculpe. Esqueça o que eu disse. Vamos, a gente vai pegá-lo.

Esse pequeno confronto verbal bastou para devolver a combatividade a Portnoy, que meteu de novo o pé na tábua e tentou recuperar a distância que perdera.

Enquanto isso, Spike pegou o celular e enviou uma mensagem.

– Como assim? O furo é meu! Não pode vendê-lo! – revoltou-se Callwin.

Acabava de informar Richard Bolton de que uma perseguição envolvendo Brooks estava ocorrendo a nordeste da cidade. Esperava que Bolton aceitasse negociar com a televisão local para enviá-la no helicóptero. Mas ele não pensava assim.

– Leslie, sente-se, por favor, e pare de se agitar desse jeito – disse, confortavelmente instalado em sua poltrona de diretor do *Daily River*. – Você é a melhor jornalista que tenho, todo mundo sabe disso, eu em primeiro lugar. É também uma das mais bem pagas, não se esqueça disso.

Callwin sapateava no mesmo lugar. O que estava fazendo naquele escritório quando já devia estar nos ares?!

– Mas não posso pedir à River's TV pra levá-la num de seus helicópteros pra que você faça os comentários ao vivo. Seus próprios jornalistas nunca aceitariam. Veja as coisas como elas são. Você é uma jornalista da mídia impressa, não uma repórter de TV.

Ali estava o problema. Callwin não aguentava mais aquela situação. O jornal impresso! A mídia mais lamentável do mundo!

– Acha que nossas vendas vão aumentar se virem seu rosto na TV? – continuou Bolton.

Callwin estava vermelha de raiva. Sabia muito bem que ele tinha razão. Janet Stand jamais entregaria seu posto de jornalista principal da River's TV a uma pequena repórter de jornal. Principalmente num furo desses.

– Vamos, tenho que dar um telefonema. Fique perto de mim, precisarei das dicas de nosso informante.

Callwin foi para perto da janela de vidro que dava para o Garden Square. Crianças brincavam sob o

olhar de suas despreocupadas mães, sem imaginar o drama que se desenrolava a alguns quilômetros dali.

– Ok, mas minhas informações vão lhes custar caro, muito caro.

– Não esperava menos de você – disse Bolton, enquanto Callwin voltava para se sentar à sua frente.

Larry chegou ao entroncamento que levava a Calber Town, dezesseis quilômetros mais adiante, no final de uma estrada simples que serpenteava, em grande parte, dentro da floresta.

Um problema que subestimara logo se impôs: como ultrapassar os caminhões e outros veículos lentos?!

Havia lugares em que a estrada tinha uma faixa suplementar por cerca de quinhentos metros, mas não era o suficiente para que pudesse continuar acelerando sem problemas.

Estava atrás de uma geringonça enorme, que não passava dos sessenta por hora. Com a chuva, que dobrara de intensidade, era suicídio ultrapassar.

Mesmo assim, tentou. Mas, na hora em que estava passando, um carro veio em sentido contrário, buzinando desesperadamente, e ele teve de voltar.

– Merda, merda, merda! – praguejou, retomando o fôlego.

Menos de dez segundos depois, ouviu a sirene do carro da polícia.

– Vá para o acostamento imediatamente! – ordenou o megafone fixado sobre o capô.

Larry mostrou ostensivamente o dedo médio, pela janela.

Talvez não fosse a coisa mais inteligente a fazer, mas, no ponto em que estava... Começou a rir, mas logo parou ao ver a luz de freio do caminhão acender.

“Filho da puta, está diminuindo a velocidade!” Agora não tinha mais escolha.

Acelerou fundo e, soltando um grande grito de guerra, ultrapassou o caminhão mesmo com um carro vindo do outro lado. Felizmente para ele, teve tempo de passar.

Viu o carro dos tiras fazendo uma tentativa fracassada.

Acabava de ganhar alguma vantagem. Não era muito, mas já era alguma coisa.

– Clark! Que porra vocês estão fazendo? – gritou Logan no celular.

Vira a tentativa perigosa de Portnoy, e seu sangue gelou nas veias quando pensou que iriam bater.

– Não vamos perdê-lo, portanto parem de fazer loucuras. Há uma zona de ultrapassagem a menos de três quilômetros. Sejam pacientes. Vão alcançá-lo, ele está bloqueado atrás de dois carros.

– Ok, xerife, vamos ter paciência – disse Spike, mas o tom de sua voz indicava o contrário.

Como chefe da polícia local, Logan podia compreender o que levava seus homens a exagerar, mas não tinha a menor vontade de ter de responder por todos os acidentes causados pela perseguição. A imagem do carro fora de controle que capotara mexera profundamente com ele. Já era o bastante por hoje.

– Uma barreira está sendo montada perto de Calber Town. Ele não tem mais muitas opções, fora algumas estradinhas em que terá de continuar a pé. Se ele sair do carro, não poderemos mais perdê-lo – assegurou.

Outros helicópteros já deviam estar a caminho para ajudar, caso Brooks saísse do carro e a perseguição tivesse de continuar no meio da floresta.

De repente, percebeu um outro aparelho em seu campo de visão: o helicóptero da River’s TV. Só

faltava essa!

A transmissão ao vivo das perseguições automobilísticas sempre lhe parecera uma prática particularmente nauseabunda. Como se aquilo fosse um entretenimento, ou um videogame!

Larry desligou o rádio. A música estava começando a lhe ferir os ouvidos. A excitação estava baixando e o desespero voltava a galope.

– Estou fodido, estou fodido! – lamentava.

Não tinha nenhuma chance de escapar. Já assistira a perseguições como aquela na televisão. Nunca, nem uma só vez, vira alguém escapar. E, no entanto...

Assim como os fugitivos da televisão, era-lhe impossível parar. Enquanto o Subaru pudesse andar, não soltaria o acelerador.

Aproveitou a faixa extra para ultrapassar dois carros que estavam entravando seu caminho, apesar de suas buzinadas. Mas logo percebeu que o carro da polícia também aproveitava para ultrapassar o caminhão. Então, como por mágica, os carros que o tinham atrapalhado foram para o acostamento para o dos policiais passar.

Estavam novamente em sua cola.

Larry sentia as forças o abandonarem. Precisava parar. Mas um novo elemento obrigou-o a pisar fundo no acelerador.

– Merda, vê se tenta andar reto, porra! – praguejou Spike.

Debruçado para fora do carro, mirara nos pneus, mas sua primeira bala fizera explodir o vidro traseiro do Subaru.

Com a chuva e o vento, que lhe cortavam o fôlego, a quase cem quilômetros por hora, era difícil acertar o tiro.

– Não faça isso! É muito arriscado! – respondeu Portnoy.

– Escute, não vamos deixá-lo escapar. Pense na sua mulher e no seu filho. Vamos nos tornar os heróis da cidade.

Portnoy estava a ponto de explodir atrás do volante. Justamente, não parava de pensar em sua mulher e no seu filhinho de quatro anos!

Quantas crianças já tinham ficado órfãs de pais que tentaram bancar os heróis? Não tinha nenhuma ideia da periculosidade real de Brooks, mas não tinha vontade de descobri-la por si mesmo.

O sujeito não tinha nenhuma chance de escapar. Barreiras estavam sendo montadas. Pelo rádio, sabia que quatro viaturas de River Falls já estavam quase os alcançando. Não precisavam bancar os super-homens!

– Parem já com isso! Henry, passe o Clark pra mim! – a voz de Logan ressoava no rádio.

Enquanto Spike tentava acertar o tiro, Portnoy esticou o braço e o puxou pela manga da jaqueta.

– O que foi?! – bradou Spike.

– Logan quer falar com você – respondeu Portnoy estendendo-lhe o rádio.

Spike lhe dirigiu seu pior olhar e o pegou.

– Xerife?

– O que deu em você? Quer causar mais um acidente? Sigam-no sem fazer besteiras. Vamos pará-lo tranquilamente. Entendeu?

O tom era inapelável. Spike desprezava Logan, aquele forasteiro desembarcado de Seattle. Não era

um cara da região. Desprezava-o ainda mais pelo fato de que todos os seus colegas tinham bem mais respeito por ele do que pelo xerife anterior.

– Ok! – disse contrariado, depois de um longo silêncio.

– Clark, eu entendo que você receie que ele escape, mas confie em mim, ele está no papo. É só uma questão de tempo até que ele pare por si mesmo, ok?

O tom era mais suave. Logan tentava amansá-lo. Pobre idiota!

– Ok, xerife. Entendido.

Spike guardou o rádio e resmungou algumas palavras. Portnoy fixou seu olhar na traseira do Subaru, prometendo-se nunca mais ser parceiro daquele babaca!

Com o vidro traseiro quebrado, Larry dirigia todo encolhido em sua poltrona. Iam abatê-lo como a uma mosca! O suor escorria de sua testa. Suas mãos estavam tão úmidas que tinha dificuldade em segurar o volante.

“Preciso parar, tenho que parar antes que eles me matem!”

Mas o medo era tão intenso que não conseguia se decidir a frear. Sabia, no entanto, que tinha de abandonar a estrada. Os policiais certamente já teriam feito uma porrada de barreiras mais à frente.

Foi então que viu uma placa indicando uma estradinha secundária a menos de dois quilômetros. Recuperou a coragem.

No último instante, virou com tudo a direção e entrou na estradinha de terra que se perdia na floresta.

O carro de polícia, surpreendido pela manobra, passou direto, incapaz de virar a tempo.

Larry levantou o punho direito em sinal de vitória. Acabava de ganhar um bom minuto de vantagem. Tempo mais do que suficiente para se enfiar na floresta e sair correndo do carro.

A estrada não era mais asfaltada, era um caminho pedregoso cheio de buracos.

Larry teve de usar toda a sua habilidade para evitá-los. A chuva torrencial dificultava ainda mais as coisas.

Estava quase resolvido a parar e tentar sua sorte a pé quando a roda direita entrou num buraco bem mais fundo do que imaginara.

O carro perdeu estabilidade e, por causa da velocidade excessiva, derrapou.

– Merda!

O Subaru perdeu seu centro de equilíbrio e capotou antes de dar com tudo numa árvore. Larry foi violentamente lançado para a frente. O cinto o segurou. Ele desmaiou.

– Ali, olhe! Nós o pegamos! – gritou Spike, apontando a estrada à sua frente.

Achara que ia ficar louco quando viu o Subaru entrar de repente à direita e se enfiar numa estradinha de terra. Felizmente, Portnoy reagira rápido. Depois de uma ré perigosa, conseguira pegar o mesmo caminho que Brooks.

– Xerife, o carro dele saiu da estrada. Vamos nos aproximar – disse Portnoy, adivinhando o veículo através da folhagem.

No helicóptero, Logan estava inquieto. Não havia nenhum lugar para pousar ali perto.

– Ok, mas tomem cuidado, talvez ele esteja armado. Monroe, Price e Wolf já estão chegando.

– Ok – respondeu Portnoy, diminuindo a velocidade.

– Pare logo, aqui está bom! – exclamou Spike, impaciente para enfrentar Brooks.

Portnoy freou. O Subaru tinha atravessado uns vinte metros de floresta antes de se chocar contra uma árvore.

Spike pulou para fora do carro. Seus pés se enfiaram alguns centímetros na lama. A chuva redobrou de intensidade. Logan não conseguiria pousar tão cedo.

Com passo rápido, Spike se aproximou, a arma apontada para o carro capotado. Não tinha medo nenhum. Sentia a adrenalina correr em suas veias como um verdadeiro néctar. Quando chegou suficientemente perto, descobriu Larry inanimado e preso em sua poltrona. Um sorriso se esboçou em seu rosto.

O cara não se mexia. “Esse idiota está morto!”, pensou Spike.

Já podia se imaginar na primeira página dos jornais. Callwin saberia fazer um retrato heroico dele.

No entanto, faltava alguma coisa para embelezar o quadro. Um ato que o inscrevesse para sempre nos anais de River Falls. Bastaria que se justificasse pretextando uma atitude agressiva da parte de Brooks.

Deu uma olhada e verificou que Portnoy ainda estava na viatura. Respirou fundo; mesmo sabendo que ia atirar num cadáver, hesitou um instante.

Então, fechando os olhos, apertou o gatilho.

Larry sentiu uma dor brusca no ombro e despertou. Abriu os olhos. Estava estatelado dentro do carro capotado, o corpo pendendo para a poltrona do carona. Um tira olhava aturdido para ele.

Larry pôs a mão no ombro e viu o sangue que escorria, encharcando suas roupas. “Ele atirou em mim!”, pensou, empalidecendo.

– Quero ver suas mãos! Suas mãos! – gritou Spike.

Por causa da posição desconfortável, Larry, apesar de seus esforços, escorregava na poltrona.

– Não consigo. Eu me rendo, eu me rendo! – respondeu.

Spike olhou-o na cara. O imbecil não estava morto! Como ia explicar sua cagada?

Ouviu o barulho da porta do carro. Portnoy devia ter ouvido o tiro. Não demoraria a chegar até ali.

Nesse instante, Spike se sentiu sem chão. Tinha de salvar sua carreira.

– Não faça isso! – gritou.

Com as mãos estendidas sobre o para-brisa quebrado, Larry franziu os olhos. “Não faça o quê?”, perguntou-se.

De repente, o barulho de um tiro ressoou e uma bala entrou na cabeça de Larry.

Portnoy chegou correndo.

– O que aconteceu?! – perguntou, atônito, vendo a cena.

– Ele pôs a mão no bolso. Ia tirar sua arma. Tentei dissuadi-lo, mas ele continuou mexendo no bolso – disse Spike, incapaz de controlar os tremores da voz.

Suas pernas cederam e ele caiu na terra lamacenta. Soltou a arma e olhou suas mãos. Não conseguia acreditar. Tinha matado um homem! Pela primeira vez na vida matara um homem!

– Puta que pariu, puta que pariu! – exclamava, sob choque.

Portnoy se precipitou para o Subaru e subiu sobre o lado esquerdo do carro. A visão de todo aquele sangue lhe dava vontade de vomitar. Reprimiu o medo e conseguiu abrir a porta.

Larry jazia morto numa posição grotesca.

Portnoy olhou para o céu através da cortina de chuva. O helicóptero tentava se aproximar. Olhou de novo para Brooks. Com delicadeza, abriu o casaco ensanguentado de Larry.

Depois de uma inspeção cuidadosa, foi obrigado a constatar que o rapaz não tinha arma nenhuma.

Fechou os punhos de raiva. Como iam explicar isso a Logan?

Desceu do carro e voltou para junto de Spike, que continuava sentado na lama.

– Porra, era ele ou eu, entende?

Portnoy olhou para ele como se fosse um monte de merda. Aí está o grande herói!

– Brooks não estava armado. Você entrou em pânico! Você nos enfiou na merda!

Spike lançou-lhe um olhar suplicante.

– Escute, eu realmente achei que ele ia atirar em mim. O que devia fazer? Esperar que ele estivesse com a arma apontada pra mim pra me defender?

– Por que ele teria posto a mão no bolso, se não tinha uma arma?

– Não acredita em mim? Acha que eu o matei a sangue-frio? – defendeu-se Spike, retomando o controle sobre si mesmo.

Portnoy mediu-o com os olhos. “Sim, você é bem capaz!”

– Não sei, não sei de nada.

– Escute, de qualquer jeito vamos ser os heróis do dia. Mesmo que eu tenha perdido o controle, Logan não poderá fazer nada contra nós. Pusemos fim aos dias do inimigo público número um. Somos intocáveis. A população não compreenderia se fôssemos censurados por isso. Está vendo? Não temos nada a temer.

Portnoy detestou esse raciocínio e, ainda mais, a maneira como Spike o implicava na sua burrada; mesmo assim, ficou em silêncio e voltou ao carro para anunciar a Logan o fim da perseguição.

2

Sarah, Lisa, Shanice e Courtney estavam grudadas na televisão do quarto de Lisa.

Foi ela que, acordando às sete horas, como toda manhã, escutara a reportagem relatando a perseguição de Larry Brooks.

Ainda de pijama, saltara da cama e telefonara às amigas, convidando-as para assistirem com ela à transmissão ao vivo da perseguição na River's TV.

– Ele não tem nenhuma chance de escapar – disse Courtney, fascinada pelas imagens tomadas do helicóptero.

O carro de Larry acabava de conseguir ultrapassar por um triz um caminhão, ganhando assim um pouco de distância do da polícia.

– Ele é louco! – exclamou Shanice.

Um carro vindo do outro lado quase batera de frente com ele.

Sarah também estava hipnotizada pelas imagens. O assassino de suas duas ex-amigas estava naquele carro. Já assistira a perseguições semelhantes, mas nunca as acompanhara com tanto interesse.

"Tomara que o peguem e o matem como a um cão!", disse consigo, sentindo uma brusca onda de ódio.

Sabia que Lucy e Amy tinham sido atrozmente mutiladas. Esse cara não merecia viver!

Alguns minutos depois, sob os comentários enérgicos da jornalista que estava no helicóptero, o Subaru deixou a estrada principal e entrou numa estradinha escondida pelas árvores.

– Merda, não dá pra ver nada! – queixou-se Courtney.

– Eles vão perdê-lo! – exclamou Shanice, fechando os punhos sob o efeito da frustração.

Lisa se virou para a amiga.

– Impossível, para onde você acha que ele pode ir?! Não há nada a vários quilômetros dali. Os tiras levarão o tempo que for preciso, mas não têm como perdê-lo.

A apresentadora disse que o carro da polícia, que fora surpreendido pela brusca manobra de Larry, dera à ré e entrara por sua vez na estradinha de terra.

O câmera tentava aproximar a imagem com o *zoom*, mas os galhos das árvores escondiam a maior parte da estrada.

– Olhe, acho que ele bateu! – exclamou Shanice.

O que foi corroborado pela jornalista. Mais um *zoom*, e as garotas puderam distinguir, entre a folhagem, o Subaru capotado.

A voz da jornalista estava cada vez mais carregada de emoção.

– Vamos tentar pousar, embora as condições atmosféricas não sejam favoráveis – disse ela.

O carro de polícia estava chegando perto do Subaru.

As garotas tiveram dificuldade de distinguir o que estava acontecendo.

Aparentemente, um dos tiras tinha saído do veículo e estava se aproximando do carro capotado.

– Merda de folhagem! Não dá pra ver nada! – gemeu Courtney.

O helicóptero procurava um lugar para pousar. Os comentários da jornalista se tornavam frenéticos.

Nos dez minutos que se seguiram, o silêncio reinou no quarto. Estavam hipnotizadas pela voz da jornalista.

O helicóptero finalmente encontrou um lugar para pousar. A jornalista pulou do aparelho, seguida pelo câmera.

As garotas continuavam ofegantes diante da televisão. Por uma espécie de empatia, tinham a impressão de também estar correndo na floresta.

Ao final de uma longa corrida, temperada por comentários esbaforidos, o câmera e a jornalista chegaram ao local do acidente. Três viaturas de polícia já estavam ali. O xerife Logan também acabava de chegar.

A jornalista foi em sua direção.

– Xerife, vocês prenderam Larry Brooks? – perguntou à queima-roupa.

As garotas retiveram a respiração. A chuva caía sobre o rosto do xerife.

– Só tenho uma coisa a dizer: Larry Brooks está morto. Agora, vou pedir que deixem o local. Nós lhes daremos mais detalhes ao longo do dia.

– O senhor confirma então que nossa cidade está fora de perigo? Não há mais assassino?

Logan apertou os lábios e demorou algum tempo a responder:

– Exatamente. Agora, se permitem, temos muito trabalho a fazer. Queiram deixar o lugar. Uma declaração pública será feita na delegacia durante o dia.

Alguns policiais escoltaram a jornalista, que continuava a falar em seu microfone. Lisa já tirara o som da TV.

As garotas se entreolharam e, de repente, explodiram de rir. Um riso que não continha nenhuma alegria, apenas um poderoso alívio.

– Bem feito! Espero que tenha sofrido! – disse Courtney.

– Oh, isso não importa. Mas, ao menos, estou contente que ele esteja morto – confirmou Shanice.

Lisa, como suas camaradas, estava aliviada com a morte de Larry, mas não se regozijava com isso.

– Não se pode aplaudir a morte de alguém, mesmo que esse alguém fosse a pior das criaturas – disse.

Shanice olhou-a com raiva.

– Está brincando, querida! Esse cara merecia morrer. Você viu o que ele fez com Lucy e Amy? Já pensou na dor da família delas?

Seu rosto demonstrava repugnância. Buscou apoio junto a Courtney.

– Esse cara era um doente. Com um bom advogado, aposto que teria escapado da pena de morte, e vai saber se não estaria livre daqui a dez anos. Não a incomodaria saber que um monstro desses poderia voltar a ser livre depois dos crimes que cometeu?

– E, sobretudo, que ele poderia recomeçar... – acrescentou Sarah.

Lisa compreendia os argumentos das companheiras, mas também sabia que a pena de morte não servia absolutamente de exemplo. Pelo contrário: institucionalizava o assassinato.

Nos Estados Unidos o número de assassinatos por habitante era maior, enquanto na Europa, onde a pena fora abolida, esse número era bem menor.

Mas Lisa não tinha vontade de provocar esse debate, que sabia perdido. O objetivo principal da justiça americana era saciar a gana de vingança pessoal das vítimas, mais do que buscar a melhor solução para proteger a sociedade em seu conjunto. Nada podia convencer alguém que quisesse se vingar.

– Não digo que esteja triste por ele ter morrido, mas teria preferido um processo. Imagine, por um segundo, que não tenha sido ele? – disse, sem acreditar muito.

As três outras riram com sarcasmo.

– Dá um tempo, Lisa. Fique feliz por ser nossa amiga, porque, francamente, ser democrata, que

vergonha! – disse Courtney.

Shanice riu entre os dentes.

– Eu também sou democrata, mas sou a favor da pena de morte – disse Sarah, tentando defender a amiga.

– Ninguém é perfeito, minha cara! – comentou Courtney.

– Bom, não vamos brigar por esse desgraçado. Eu proponho um café da manhã bem quentinho e bem reconfortante pra festejar – disse Shanice.

Lisa achou sua última observação extremamente inoportuna, mas sabia que Courtney era uma garota legal. Não tinha ódio dentro dela. Era apenas o fruto de uma educação conservadora.

– Ok, mas você vai me desculpar por não soltar foguetes.

As três outras garotas sorriram, e Shanice veio lhe apertar afetuosamente a bochecha.

– A gente só estava provocando você, Lisa. A gente adora você, embora às vezes seja difícil compreendê-la. Mas é isso que torna você encantadora...

Lisa balançou a cabeça e ergueu os olhos para o teto.

3

Donald estava excitado como nunca. Acabava de voltar da escola. Salivava antecipadamente com a ideia do que ia fazer.

Entrou em casa. A televisão estava ligada.

Com a cabeça baixa, transpôs o vestíbulo e chegou à sala. Os protagonistas de uma novela digladiavam na tela. A cabeça de sua mãe aparecia acima do sofá.

Aproximou-se sem fazer barulho. Seu rosto se iluminou com um sorriso malicioso quando percebeu que a mãe dormia profundamente. Uma garrafa de uísque e um copo ainda pela metade jaziam sobre a mesa.

Aos nove anos, ele conhecia na pele as devastações causadas pelo alcoolismo.

Pé ante pé, deixou a sala e subiu até seu quarto para deixar a mochila. Então, com o coração batendo de excitação, desceu ao térreo. Na cozinha, vestiu luvas de plástico antes de voltar a sair.

Naquele início de outono, o céu era de um azul deslumbrante. O sol começava lentamente a se pôr. Donald atravessou o quintal malcuidado e foi até o galpão situado na extremidade do jardim.

Sua casa ficava isolada na periferia do vilarejo. O vizinho mais próximo morava a mais de trezentos metros.

Donald abriu a porta do galpão.

A luz se infiltrava através de uma janelinha no espaço lotado de tudo quanto é tipo de objetos. Velhos utensílios, ferramentas de jardim, inseticidas, adubos, latas de tinta. No chão, botas de borracha; acima, pendurada num cabide, uma velha capa impermeável. Mas Donald tinha um objetivo específico: a caixa que escondera ali naquela manhã, antes de ir para a escola. Rezou para que ainda estivesse ali.

Chegando ao fundo do cômodo, ficou aliviado ao encontrar o cobertor velho exatamente como o deixara. Levantou-o lentamente: lá estava a caixa. Abriu-a como se fosse o mais belo dos tesouros e contemplou seu troféu.

Pegou o corpo sem vida do animal e, lentamente, como um sacerdote que se prepara para um sacrifício, colocou-o sobre a bancada. Então foi buscar a caixa de ferramentas de seu pai e voltou para junto do gato morto.

Com as mãos enluvadas, segurou o gato e abriu sua barriga. Um sangue espesso escorreu. Descobriu as vísceras bem enroladas em si mesmas. Estava completamente fascinado.

Embora estivesse acostumado a brincar com todos os tipos de insetos e mesmo com sapos, era a primeira vez que o fazia com um animal tão grande. E não era qualquer um.

Era o gato de Emily Robertson.

Emily era uma pestinha que resolvera implicar com ele desde a volta às aulas. O tempo todo zombando dele. De sua magreza, de seus cabelos desgrenhados...

Mas a sorte mudara naquela manhã, quando, a caminho da escola, vira o famoso gato angorá dela passeando na frente da casa dos Robertson. A adrenalina foi imediata. Não havia ninguém na rua. Ele sorriu para o bichinho e sussurrou "gatinho, gatinho" com voz doce.

Não sendo nada arisco, o gato se aproximara dele, com o rabo levantado. Deixara-se tomar nos braços sem dificuldade. Donald olhou para a casa dos Robertson.

Ninguém o observava.

Então, com um gesto enérgico, quebrou a nuca do animal, que não teve sequer tempo de gritar.

Donald abriu a mochila, escondeu-o ali e voltou correndo até o galpão de sua casa.

Sabia que chegaria atrasado à escola, mas valia a pena. Raramente se sentira tão forte em toda a vida. Ele, o solitário de que todos zombavam, tinha enfim sua revanche.

Donald tirou as tripas do animal e procurou o coração. Achou-o com facilidade. Ficou surpreso ao constatar que era tão pequeno. Pegou uma chave de fenda, enfiou-a sob um dos globos oculares e tentou arrancá-lo.

Mas, para sua surpresa, o olho parecia inamovível.

Frustrado, pegou um martelo e começou a bater na cabeça do animal. Os ossos do crânio se quebraram. Donald estava em transe. Uma emoção intensa apoderou-se dele. Sentia-se tão poderoso.

– Donald, é você? – chamou uma voz rouca e ligeiramente preocupada.

Donald largou imediatamente o martelo e correu para se refugiar no fundo do galpão. Escondeu-se embaixo do cobertor e rezou ao Senhor para que seu pai chegasse naquele momento.

Mas sabia que isso não aconteceria. Seu pai tinha uma farmácia bem no centro de Silver Town. Não estaria lá antes das dez da noite.

Escutou os passos da mãe entrando no galpão.

De repente, um grito de terror:

– O que você fez?! – exclamou ela, com uma voz cheia de raiva e indignação. – O que você fez?!

Os passos se aproximaram.

Donald se encolheu embaixo do cobertor. Todos os seus membros tremiam. Lágrimas silenciosas corriam pela sua face.

"Meu Deus, faça com que ela não me encontre!", rogou silenciosamente.

Mas os passos se aproximavam, implacavelmente.

– Donald, saia daí imediatamente! – ordenou ela, num tom que não prenunciava nada de bom.

Paralisado de medo, Donald permaneceu embaixo do cobertor. Seu pinto doía. Estava quase mijando nas calças. "Meu Deus, por favor!" rogou pela enésima vez.

Sua mãe estava ali, bem perto. Arrancou o cobertor e soltou um gemido ao ver o filho manchado de sangue.

– Você está doente! Meu filho está completamente doente! – disse ela, dando-se conta, com horror, do sadismo infantil de seu filho.

Donald chorava sem parar.

– O que eu fiz a Deus pra ter um filho desses? – gritou ela, à beira de uma crise de histeria.

Desviou-se dele e foi para o outro lado do galpão. Pegou um cabo de vassoura.

– Donald, por que você me obriga a fazer isso, por que, hein? – disse, antes de lhe assentar um golpe nas costas com toda a força.

Donald não pôde reter um grito de dor.

– Por que, meu tesouro, por quê?

Dois novos golpes.

A boca aberta de dor, dois fios de ranho saindo do nariz, os olhos cheios de lágrimas, Donald olhava para a mãe.

Implorou-lhe que parasse. Mas não adiantou, ela continuou batendo.

Deus sabe que ele estava habituado a ser espancado pela própria mãe. No entanto, a dor tinha sempre a mesma intensidade. Nunca se acostumaria. Nunca.

Com um salto, Donald pulou da cama. A dor era insuportável. Isso tem de acabar, disse para si

mesmo, tomando consciência de que acabava de ter um pesadelo. Ou, antes, de que uma velha lembrança recorrente se aproveitara de seu sono para lhe voltar na memória.

Com o rosto coberto de suor, saiu do quarto, acendeu a luz do corredor e foi ao banheiro. Passou diante do espelho. Embora seu corpo não tivesse mais nenhuma marca das centenas de golpes que levara, tinha a impressão de ainda senti-los na carne.

Abriu a torneira da banheira, tirou a camiseta e a cueca. O banho era um dos raros momentos em que se sentia plenamente vivo. Um sentimento de bem-estar, de leveza. Quase de despreocupação.

Ligou o rádio. As notícias da manhã tinham começado. De repente, um sorriso cruel apareceu em seus lábios. Larry Brooks morrera após uma perseguição e um acidente de carro.

O *serial killer* de River Falls estava morto. O dia começava sob os melhores auspícios!

Donald entrou na banheira, que se enchia lentamente. Pensou na mãe.

Se ao menos ela pudesse ver o homem que se tornara...

4

Logan abriu a porta do quarto de hospital. Deitada em seu leito, Hurley virou lentamente a cabeça em sua direção e lhe dirigiu um vago sorriso.

– Como está se sentindo? – disse ele, fechando a porta atrás de si.

À luz do céu nublado, o rosto de Hurley parecia cadavérico.

– Vai passar, não quebrei nada – articulou com dificuldade.

Sua voz era fraca. O choque fora de uma violência terrível.

– Pergunto-me se devo lhe dar uma bronca ou agradecer aos céus por não ter acontecido nada com você – disse Logan, vindo se sentar ao seu lado.

Hurley quis esboçar um gesto com a cabeça, mas sentiu uma forte dor na base do pescoço enfiado num colar cervical.

– Não sei o que deu em mim – disse, quando a dor amainou. – Queria tanto participar da prisão. Temia que seus homens fizessem uma asneira.

Logan soltou um suspiro desolado...

– O pior é que acho que você tinha razão – disse baixinho. – Não acredito nas explicações de Spike. Brooks não estava armado. Não tinha nenhuma razão pra pôr a mão no bolso. Além disso, notei que Portnoy ficou muito constrangido quando pedi pra me contar o que tinha acontecido.

– Hum, ele está protegendo seu parceiro, não podemos censurá-lo.

– Sim; em todo caso, esta tarde terei uma conversa mais séria com eles. Mesmo que não seja aberta nenhuma investigação, preciso tirar a limpo essa história.

– Não esperaria menos de você.

Para além da dor física, ela se sentia completamente deprimida. Continuava persuadida de que Brooks era inocente. Falhara em sua missão.

O que quer que encontrasse agora para inocentá-lo, era tarde demais. O rapaz já tinha morrido nas mãos de um policial ávido por glória.

– Diga-me, preciso saber se meu acidente fez vítimas – disse ela, num tom cheio de nervosismo.

Logan se inclinou e pegou a mão dela com ternura.

– Tivemos muita sorte: uma dezena de carros bons para o ferro-velho, vários feridos, mas nenhum morto. Chego a me perguntar se Deus mora por aqui.

Hurley tentou sorrir. Os médicos não quiseram responder à sua pergunta. Talvez quisessem fazê-la pagar por sua conduta irresponsável.

– Obrigado. Que tipo de ferimentos?

– Braços e pernas quebrados e, evidentemente, diversos rostos machucados. Todos vão escapar. E, pra acabar de tranquilizá-la, nenhuma criança nos carros. Ainda bem que ainda era bastante cedo.

Um raio cortou o céu e o trovão rugiu logo em seguida. Gotas de chuva voltaram a bater nos vidros.

Logan se levantou e foi acender a luz.

Não era nem meio-dia. Maldisse o mau tempo.

Quando lhe disseram que o carro que causara o engavetamento na avenida periférica era o de Hurley, sentira-se desfalecer. Vendo seu abatimento, Blanchett lhe informara imediatamente que Jessica não estava morta e devia sua vida aos *airbags*.

– Você me deu um susto daqueles. Aquilo foi completamente insensato. Desde quando você é um

ás do volante?

Logan precisava fazê-la tomar consciência da gravidade de seu ato, embora desconfiasse que ela já estivesse sendo roída pelo remorso. Ela brincara com a própria vida e com a de outros sem pensar nas consequências.

De maneira muito egoísta, Logan se perguntara o que seria dele se Hurley tivesse morrido no acidente. “Um farrapo humano!”, fora a resposta vinda de seu íntimo.

– Não sei o que dizer. Perdoe-me.

Logan voltou a sentar a seu lado. Apesar da palidez, ela continuava linda. Ele deixara Seattle para não sentir mais esse tipo de medo. Mas o tiro saíra pela culatra.

– Tenho de ir. O prefeito quer falar comigo, ele quer dar a medalha da cidade a Spike e a Portnoy, e a mim também.

– Ele lhe falou de mim? – ela o interrompeu.

Logan desviou seu olhar para a janela. Os relâmpagos se sucediam ininterruptamente. Um verdadeiro tempo de cão.

– Em termos diplomáticos, diria que ele não está muito contente. Estava prestes a solicitar uma sindicância aos seus chefes. Eu lhe lembrei, no entanto, que foi você que pôs a mão em Brooks e que, sem sua obstinação, nunca o teríamos encontrado.

– Então, também tenho direito a uma medalha. Você pode lhe pedir uma pra mim?

O tom era irônico.

– Pega leve! Se ele quisesse, poderia ter criado sérios problemas pra você. Mas tudo bem, ele reconheceu que lhe devíamos uma e, afinal, não houve mortos.

Hurley soltou um suspiro de alívio. Evitara pensar naquilo, mas esperava uma repreensão ou, ao menos, uma séria advertência – e, sobretudo, ser desligada da investigação e enviada de volta a Seattle.

– Então posso permanecer na cidade?

– O dia inteiro, se quiser – respondeu Logan sorrindo-lhe. – Liguei pro Max, ele virá esta noite.

– O quê?! – exclamou Hurley, erguendo a cabeça, o que lhe arrancou um grito de dor que conseguiu abafar apertando os dentes.

– O que queria que eu fizesse? Ele estava apavorado. Mas não se preocupe, disse-lhe que você está bem, só com alguns hematomas. Você teve muita sorte hoje, Jessica.

– Sim, mas não é possível! Não acredito que você tenha telefonado pra ele!

Ela gostava muito de Max, mas não queria vê-lo naquele momento. Ainda precisava resolver vários problemas. Não tinha a intenção de voltar para Seattle.

– Você é que devia ter ligado pra ele. Vocês continuam noivos, se não me engano...

Hurley mordeu os lábios e lançou-lhe seu pior olhar.

– Pode pegar meu celular? Deve estar na minha bolsa.

– O que pretende fazer?

– Dizer-lhe que não vale a pena ele se deslocar de Seattle a River Falls no meio da semana num momento em que está sobrecarregado de trabalho.

– Ele me disse que ia tirar um dia de folga.

Hurley soltou um longo suspiro.

– Escute, é minha vida privada. Assim como você não quer que eu me meta na sua, peço-lhe a mesma atitude para comigo, ok?

Logan estava de acordo. Na verdade, não sentia realmente vontade de vê-la partir tão rápido da cidade. Imaginava-se vindo com prazer, todas as tardes da semana, pegar sua mão no hospital.

Foi pegar o celular e o entregou.

– Bom, até mais, volto à noite.

– Confesso que me sinto um pouco fraca, mas posso ficar de pé. Não tenho a mínima intenção de dormir neste hospital.

– Escute, você não vai fazer escândalo. Vai fazer exatamente o que os médicos mandarem. Está em observação até amanhã de manhã. Se tudo estiver bem, então, poderá sair durante o dia.

Hurley não tentou argumentar; pegou e abriu o celular.

– Vamos, vou sair, procure descansar. Volto à noite.

Ele se levantou, inclinou-se para ela e lhe deu um beijo na testa.

– Até a noite, Mike – disse ela quando ele se ergueu.

Seus olhares se cruzaram por um longo momento antes que ele se virasse para a porta.

Spike saiu do escritório do xerife, e foi a vez de Portnoy entrar.

– Sente-se – disse Logan, indicando a poltrona à sua frente.

Portnoy olhou para trás e viu Spike fechar a porta atrás de si.

Logan pegou um cigarro e estendeu a carteira para Portnoy.

– Obrigado – disse este, pegando um.

Acenderam seus cigarros e então Logan, após uma longa tragada, colocou os dois cotovelos sobre a mesa.

– Bom, agora, diga-me exatamente o que aconteceu.

Portnoy tinha o olhar fugidio. Era evidente que estava embaraçado.

– É como Clark lhe contou. Brooks pôs a mão dentro do casaco e Clark ordenou que não o fizesse; quando percebeu que ele não estava obedecendo, atirou, duas vezes.

Duas balas, uma no ombro e outra bem na cabeça. A versão oficial!

– Ok, Henry. Agora você me conta a verdadeira versão.

Continuou olhando para ele e reparou no suor que escorria de sua testa.

– Não tenho mais nada a acrescentar.

Logan franziu as sobrancelhas e se afundou na poltrona. Gostava de Portnoy. Um rapaz simpático, bom marido, pai de um menininho encantador. Não gostava de vê-lo nesse estado.

– Não me tome por um imbecil – disse, antes de dar uma tragada em seu cigarro. – Não acredito numa palavra do que Clark acaba de dizer. Mas, se isso o tranquiliza, não abrirei nenhum inquérito contra ele. Não por achar normal o que ele fez com Brooks, mas porque nem a cidade nem nosso prefeito suportariam isso. Entende?

Portnoy abanou lentamente a cabeça e se decidiu:

– Não sou um justiceiro. Se entrei pra polícia, foi justamente pra ajudar a fazer reinar a ordem e aplicar nossas leis.

“Um bom começo”, pensou Logan, enquanto Portnoy dava uma tragada no cigarro.

– Brooks era um merda, isso está claro, xerife. Mas não cabia a nós matá-lo. A justiça devia fazer o seu trabalho. Spike entrou em pânico!

Pronto, estava dito.

Logan sentiu o alívio de seu agente. Portnoy era realmente um cara correto. Não suportava a mentira nem o mínimo comprometimento de seus ideais. Um bom rapaz.

– Conte-me tudo.

Portnoy recuperou o vigor e narrou os fatos.

Ao final do testemunho, Logan ficou pensativo por um momento. Nunca fora com a cara de Spike. Não era só o fato de ter matado Brooks daquele jeito, mas não tinha gostado nem um pouco do seu ar glorioso quando o prefeito o parabenizara e lhe dera a medalha da cidade.

Matar um homem, por mais abjeto que ele fosse, era sempre um ato difícil de digerir, pelo menos era o que pensava.

– Aprecio sua franqueza, Henry. Mas tudo isso deve ficar entre nós. A única coisa que lhe peço é que, se você vir de novo Clark fazendo alguma besteira, me avise imediatamente – disse, esmagando o cigarro no cinzeiro. – Não preciso de um cachorro louco nesta delegacia. Somos pagos pra fazer a lei ser respeitada nesta cidade, não pra nos permitirmos alguns desvios de vez em quando.

– Sim, xerife.

Logan olhou bem para Portnoy e pensou que, em alguns anos, quando estivesse um pouco mais endurecido, ele teria todas as qualidades para ser um bom xerife.

– Vá, pode voltar pra casa. Sua mulher e seu filho esperam a volta do herói.

Ao ouvir essas palavras, um verdadeiro sorriso iluminou o rosto de Portnoy. Sim, tinha realmente vontade de voltar para casa. Esquecer aquele dia terrível. Esquecer aquele extermínio, que torturava sua alma.

Logan esperou o agente sair para se levantar. Olhou para o relógio. Dezenove horas. Tinha uma pilha de papéis para preencher e um monte de e-mails para responder. No entanto, aquele dia o extenuara.

Vestiu a jaqueta e fechou o zíper até o queixo. Lá fora, a tempestade se acalmara, mas fazia bastante frio.

Quando viu a luz acesa em sua casa, por um breve instante Logan pensou num ladrão. Mas quando a porta se abriu e Hurley veio a seu encontro, ergueu os olhos para o céu e soltou um profundo suspiro.

– O que está fazendo aqui? Não deveria estar no hospital?

A noite caíra. O frio doía em seu rosto.

– Parece que não. Entre logo. Preparei uma das minhas melhores especialidades pra você.

Logan entrou. A casa estava quentinha.

– Você está completamente louca. Aposto que não pediu a opinião de ninguém.

– Algumas equimoses e alguns arranhões: não ia ficar ocupando um leito quando verdadeiros doentes precisam de um. A menos que o incomode continuar me oferecendo abrigo...

– É claro que não. O que Max pensa disso?

Hurley respondeu negligentemente:

– Eu o tranquilizei. Cá entre nós, acho que ele ficou aliviado por não precisar fazer um bate e volta Seattle–River Falls.

– Encantador, um verdadeiro cavalheiro!

Hurley não reagiu ao sarcasmo e voltou para a cozinha. Um delicioso cheiro de peixe vinha de lá.

Logan salivou instintivamente. Ela não era apenas uma das melhores psicólogas forenses de todos os Estados Unidos, era também um verdadeiro *cordon-bleu*.

– Você está com uma cara péssima. Tente dormir cedo esta noite.

“E você, viu a sua?!”, pensou ele, mas guardou para si mesmo.

Sentou-se à mesa e deixou-a servir-lhe um sortido de legumes acompanhado de um molho vinagrete.

– É o que pretendo fazer. Estou acabado. O contragolpe do estresse, imagino.

Hurley sorriu-lhe e sentou ao seu lado.

– Suponho que a investigação esteja definitivamente fechada. Brooks está morto. Seu carro é o mesmo que atropelou o pequeno Sheppard. Fim do último ato.

– Pode-se dizer que sim – respondeu ele. – Pode me servir um pouco de vinho?

Hurley pegou a garrafa e encheu seus copos.

– Então, todo mundo está contente. River Falls pode voltar à sua lendária calma.

– Sabe, não é tão tranquilo assim. Um monte de brigas nos bairros pobres e roubos de todo o tipo. Mas, no geral, é passável. Os assassinatos realmente não são nosso cotidiano.

– Sim – disse Hurley, pensativa.

Um bom gole de vinho inundou agradavelmente a boca de Logan, antes de aquecer suas entranhas.

– Vamos, não gosto de vê-la assim. Qual é o problema?

Hurley ergueu os ombros.

– Oh, nada, uma ninharia, mas não consigo tirá-la da cabeça.

Logan deu uma grande garfada e mastigou gulosamente. Depois de engolir, virou-se para Hurley.

– E qual é essa ninharia?

– Pois bem, eu simplesmente me pergunto: por que Brooks voltou pra casa depois de ter desaparecido por dois dias?

– E eu lá é que sei? Tinha esquecido alguma coisa. Dinheiro, talvez? Isso realmente importa, agora?

– Pra ele, definitivamente não! Mas digamos que é pela beleza de nosso esporte! – disse ela, sem realmente estar brincando. – Ele podia ter fugido para onde quisesse. Sabia que a polícia estava atrás dele. Não creio que possa ter partido sem dinheiro. Não, ele voltou pra casa com um objetivo preciso. Enquanto não souber qual era, não deixarei esta cidade.

O tom era determinado. Logan franziu as sobrancelhas e largou seu garfo.

– Continua achando que ele é inocente, é isso?

– Acho que uma investigação está definitivamente fechada quando temos todos os elementos na mão. E, pra mim, é evidente que vários pontos ainda têm de ser esclarecidos. Se o imbecil do seu agente não tivesse perdido o controle, teríamos agora todas as respostas às minhas perguntas.

Logan só podia lhe dar razão quanto a este último ponto.

– Não consigo entender por que ele mataria Lucy e Amy com tanta selvageria. Nada em seu perfil combina com isso. Era um rapaz bonito que nunca teve problemas com as garotas – continuou Hurley.

– Isso não quer dizer nada. Há sádicos com cara de anjo – argumentou Logan.

– Sim, mas nesses casos geralmente se encontra uma queixa. Antes de matar, os sádicos costumam passar anos violentando sem ir até o fim de suas fantasias mórbidas.

Era verdade. Brooks nunca fora objeto de qualquer queixa da parte de uma de suas ex-namoradas, nem de nenhuma outra mulher. Bom, mas isso não provava nada.

– Tudo bem, pode continuar suas investigações. Mas, francamente, se até domingo à noite não tiver encontrado nada, você deixa pra lá, ok?

– Ok, era tudo o que eu queria ouvir – disse ela em tom amigável.

Logan levou o copo à altura do rosto.

– Podemos brindar a uma noite em que vamos parar de falar de trabalho? – perguntou.

Hurley levantou seu copo e lhe deu um grande sorriso.

– Tem razão: esta noite, uma boa janta e vamos dormir.

Ela fez um pequeno movimento com o quadril que lhe provocou uma grande dor nas costas. Fez uma careta eloquente.

– Hurley? – preocupou-se Logan.
– Tudo bem, tudo bem. Não foi nada. À sua medalha da cidade! – disse, e bateram os copos.

5

Vários estudantes da universidade tinham decidido comemorar a morte de Larry Brooks passando a noite nos bares e nos *pubs* da cidade. O reitor Augeri tinha dado a entender que não puniria eventuais atrasos nas aulas do dia seguinte.

Lucy e Amy tinham sido vingadas e seu assassino não poderia recomeçar. Um vento de alegria soprava na Universidade de River Falls.

– Vamos, Sarah, você não vai nos abandonar agora, vai? – queixou-se Courtney. – Hoje é noite de festa. Vamos todos ao Red Dwarf. Consumação gratuita para as mulheres. Se quer encontrar um rapaz, é a oportunidade ideal!

As três amigas de Sarah estavam à sua cabeceira para convencê-la a sair com elas. Eram quase sete da noite e Sarah já estava de pijama, no quentinho, embaixo das cobertas.

– Estou com uma dor de cabeça terrível. Não estou em condições de sair.

Shanice puxou-a pelo braço.

– Bobagem! Vamos, coloque sua roupa mais bonita e venha com a gente. Vamos nos divertir, prometo.

Em outras circunstâncias, não teria hesitado um segundo em acompanhá-las, mas tinha algo bem mais importante a fazer.

– Está bem, deixem-na, não estão vendo que ela realmente está com dor? – disse Lisa, menos agitada que suas amigas.

Courtney e Shanice se indignaram.

– Não é uma dor de cabeça que vai impedi-la de sair com a gente. Tome um ibuprofeno e levante daí. Prometo que vou lhe arranjar o cara mais bonito da cidade – insistiu Courtney.

Sarah dirigiu-lhe um olhar intencionalmente abatido.

– Já tomei dois e não quer passar. Escutem, vou descansar um pouco e, se me sentir melhor daqui a uma hora ou duas, encontro vocês, pode ser?

As garotas não ficaram muito convencidas.

– Eu a conheço, sei que não vai – assegurou Shanice.

Naquele instante, alguém bateu à porta. Courtney foi abrir. A imponente silhueta de Edward e a mais esguia de Sam apareceram no corredor.

– E aí, estão prontas? Gary e Linda estão nos esperando no carro.

– Sarah não quer ir! Falem com ela! – insistiu Courtney.

Não tinha a mínima vontade de ser a única garota desacompanhada da noite. Sabia que dá muito mais certo caçar em dupla.

– Deixem-na em paz. Se ela está dizendo que está cansada, é porque está cansada – disse Sam, vendo o ar abatido de Sarah.

– Finalmente, alguém sensato – disse ela, agradecendo Sam com o olhar.

– Bom, chega. Shanice, você vem ou devo ir sozinho? – interveio Edward.

Shanice lançou um último olhar à amiga.

– Bom, pior pra você! Amanhã não venha se queixar!

– Sim, mamãe – disse Sarah com voz de criança.

Lisa bateu palmas.

– Bom, já chega: todo mundo pra fora. Estou com vontade de dançar até o dia raiar!

O quarto se esvaziou num instante. Sarah pôde, enfim, respirar aliviada. Não gostava de mentir para as amigas, mas, naquele caso, não tinha outra saída.

Ficou ainda dez minutos na cama, temendo que, num último acesso de remorso, elas voltassem à carga. Finalmente, quando teve certeza de que não voltariam, levantou-se e se vestiu para sair.

O ônibus a deixou na parada do Garden Park. Eram oito e meia da noite. O sol se pusera havia pouco. A iluminação urbana estava acesa.

Sentou-se no banco da parada de ônibus e pôs-se a pensar em Lucy e Amy. Tudo terminara. Seu assassino estava morto. Sarah não podia evitar sentir certo alívio.

Um rapaz de cerca de vinte e cinco anos se aproximou lentamente e sentou ao lado dela. Ela lhe lançou um rápido olhar e notou seu físico atlético. Um belo rapaz de olhos verdes. Seu rosto não lhe era estranho, mas não conseguia identificá-lo.

"Perfeito para Courtney!", pensou.

Ele tirou uma embalagem de chicletes do bolso e ofereceu a Sarah.

– Quer um?

Sua voz era suave, amigável.

– Não, obrigada.

O rapaz sorriu para ela e pegou um. Sarah deixou seu olhar vagar pela rua.

– Nunca gostei muito de Al Gore, mas, pensando bem, pergunto-me se ele não tem razão...

– O quê? – sobressaltou-se Sarah quando percebeu que ele falava com ela.

– Desculpe-me, estava apenas dizendo que me pergunto se o desequilíbrio climático profetizado por Gore já não é uma realidade. Hoje, por exemplo, durante o dia não parou de chover e agora todas as nuvens se foram e a noite se anuncia suave.

Sarah sorriu. Estava acostumada a ser paquerada. As conversas sobre o tempo, de uma banalidade infinita, faziam parte das técnicas de abordagem desse tipo de cara.

– Estamos na primavera, é normal – replicou, jogando o jogo.

– Tem razão. Mas, de qualquer jeito é preocupante – continuou ele com um tom cheio de incerteza.

Sarah olhou para o relógio. Brian estava atrasado de novo.

– O ônibus não vai demorar – observou o rapaz. – Você é estudante, não?

Depois de uma banalidade qualquer, eis que ele atacava o lado pessoal!

Sarah sempre se divertia com esse tipo de fenômeno. Uns dons juans seguros de seu charme que tentam se fazer de simpáticos quando seu único objetivo é trepar com ela!

– Sim, estou no sexto semestre, e você?

O rapaz deu um grande sorriso com um pequeno movimento da cabeça.

– Eu sou fotógrafo. Trabalho para o *Seattle Tribune*. Acho que você pode imaginar a razão de minha vinda pra cá.

O clima esfriou na mesma hora. Sarah manteve silêncio.

– Imagino que todos os estudantes devem ter ficado em estado de choque depois do assassinato de suas duas colegas.

Sarah não tinha vontade de falar disso. Ele não podia evocar coisas mais leves, tentar fazê-la rir, como todos os paqueradores?

– A gente tenta esquecer – respondeu ela.

O rapaz deu um risinho de ironia.

– Desculpe-me, lamento. Compreendo. – Depois de um silêncio tenso, retomou: – Você tem realmente um rosto lindo, sabe. Estou com minha câmera no hotel, topa fazer uma sessão de fotos? Gostaria de sair desta cidade com outras imagens além de um carro capotado e um prefeito orgulhoso

de sua polícia.

O golpe do fotógrafo! Um clássico.

Sarah duvidou de que aquela fosse sua profissão. Como todos os fala-mansa, ele devia ser ligeiramente mitômano. De repente, imaginou-o atrás de um balcão do McDonalds, com um bonezinho na cabeça, ou, melhor ainda, disfarçado de Ronald McDonald para fazer as crianças rirem!

Não pôde reprimir um risinho. O rapaz não se mostrou vexado. Pelo contrário, manteve um sorriso sincero.

– Não sou o que você está pensando. Sou noivo. Minha noiva e eu nos casaremos este verão. Além do mais, com certeza você tem um namorado. Não, você não tem nada a temer de mim.

Passos se aproximavam.

– Sarah!

Sarah ergueu a cabeça e avistou Brian chegando na direção deles. Virou-se para o rapaz.

– Bom retorno a Seattle, e até a próxima – disse, levantando-se para ir ao encontro de seu homem.

– Quem é esse cara? – perguntou Brian, passando o braço pela cintura de Sarah.

– Um fotógrafo de Seattle que veio cobrir a morte de Brooks.

Brian lançou um olhar desconfiado para o rapaz e então conduziu Sarah para o caminho que entrava no parque.

– Humm, e ele não convidou você pra tomar uma cerveja?

– Não, queria apenas tirar uma foto minha no seu quarto de hotel!

O rosto de Brian se decompôs.

– Que imbecil! Espero que você não tenha acreditado nisso nem por um instante!

Sarah fez uma carinha de safada.

– Não sei. Ele até que é bonitinho...

Brian permaneceu frio como mármore.

– Não faça essa cara, estou brincando.

Brian parou e a abraçou. Sob um grande pinheiro, deram um longo beijo antes de continuar seu passeio noturno.

– Então, pensou na minha proposta? – perguntou Sarah. Era estranho. Não conseguia mais sentir raiva dele pela bofetada que lhe dera.

Tudo parecia ter voltado à ordem. Tudo ia voltar à ordem.

– Não precisei pensar. É com você que quero ficar. Só não é fácil anunciar isso pra Elisabeth.

– Fácil ou não, se quiser que fiquemos juntos, vai ter de escolher.

Alguns notívagos circulavam pelos caminhos do parque. Brian pegou a mão de Sarah. Retomaram o passeio.

– Continua de pé, a excursãozinha desse fim de semana?

Sarah olhava o caminho diante deles. O lugar ideal para um anúncio romântico. Não podia negar que Brian tinha muitas qualidades.

– Sim, irão todos, Shanice e Edward, Lisa e Sam, e nossa solteira desesperada, Courtney! – disse ela, apertando um pouco mais a mão dele.

– Pois bem, se minha companhia não for incômoda, adorarei ir com vocês.

Sarah regozijou-se interiormente. Por muito tempo, pensou que Brian não abandonaria a filha do grande diretor do River’s Dream por uma garota de família bem mais modesta.

Parece que ele realmente gostava muito de transar com ela!

Pararam de novo. Sarah ficou de frente para o seu homem.

Na fraca luminosidade do parque, feita para valorizar as composições paisagísticas, olharam-se

longamente nos olhos. Nos de Brian, Sarah só conseguia ver amor. Era comovente.

– Um presentinho seria perfeito para selar nossa reconciliação – ela sugeriu.

Brian sorriu-lhe ternamente e lhe estendeu o porta-joias que guardara no bolso de sua jaqueta. Sarah o abriu e ficou maravilhada com a beleza do anel de diamante.

Colocou-o no anular direito, pegou o rosto do namorado entre as mãos e o beijou ternamente.

O fim de semana seria perfeito. Uma nova etapa de sua vida ia começar.

6

Donald viu os dois namorados partirem sem perder o sorriso.

Tentara a sorte, mas não pensava mesmo que fosse conseguir, sabia que Sarah era uma garota comportada, que não sairia assim com o primeiro cara que aparecesse.

Não havia pressa. Os policiais tinham encerrado a investigação sobre os assassinatos. Ninguém mais desconfiava da presença de um assassino rondando a cidade.

Donald se esticou no banco, depois se levantou. Com as mãos no bolso, andou pela calçada e decidiu terminar a noite no Red Dwarf, onde estavam os amigos de Sarah, que ele seguira de carro quando saíram da universidade, uma hora antes.

Imaginava que a noite seria bem regada. Com um pouco de sorte, conseguiria algumas informações sobre os próximos passos de Sarah.

Sentia-se sereno. Olimpicamente calmo. Tudo se desenrolara como previsto. Logo poderia esquecer o passado e iniciar uma nova etapa de sua vida.

Finalmente encontraria o gosto da felicidade. Um sentimento que só experimentara muito raramente...

Donald avançava a pequenos passos. Seu pai vinha logo atrás dele, armado com seu fuzil de caça. Fazia duas horas que andavam na floresta.

Um pequeno ruído acabava de alertá-los da presença de um animal.

Tinham parado e então retomado sua caminhada com todo o cuidado para não fazer o menor barulho.

Donald sentiu o coração batendo mais forte no peito. Com o fuzil na mão, avançava através dos arbustos quando percebeu a silhueta de um cervo.

Olhou para trás e viu o sorriso de apoio do pai. Deu ainda alguns passos e amaldiçoou os galhinhos que estalavam a seus pés. Mas o animal não pareceu escutar.

Um toque em seu ombro o fez parar.

– Aqui está bom, senão ele vai nos notar – sussurrou seu pai.

Donald aquiesceu silenciosamente e apontou o fuzil. Fazia semanas que seu pai o treinava no jardim, fazendo-o atirar em garrafas e outros potes. Prometera-lhe que, aos catorze anos, teria o direito de caçar com ele. Embora isso não fosse legal, Donald sabia que quase todos os caçadores faziam a mesma coisa com seus filhos.

"Quando as leis são injustas, é dever do cidadão não respeitá-las", respondera o pai à sua observação. Uma simples frase que fizera crescer ainda mais aquele sentimento de amor e admiração que nutria pelo pai.

Reteve o fôlego, fez a pontaria e, quando sentiu o braço firme como uma rocha, apertou o gatilho.

No silêncio da floresta, a detonação o surpreendeu, mas conseguiu não se mexer. O cervo saiu saltando pela vegetação.

– Merda, errei!

Lançou um olhar desolado para o pai, mas ele passou à sua frente sem censurá-lo.

Correram até o lugar onde o cervo estava antes. Seu pai se abaixou. Pegou um pouco de terra com a ponta dos dedos: estava embebida do sangue do animal.

– Você o acertou! – disse, mostrando os dedos sujos de sangue. – Com um pouco de sorte, não irá muito longe.

Donald sentiu o rosto corar. Nunca vira tamanho orgulho nos olhos do pai.

Seguiram o rastro deixado pelo cervo ferido. Menos de dez minutos depois, ao termo de uma corrida desenfreada, encontraram o animal deitado, sem fôlego.

Donald ficou fascinado com o animal morrendo. Parecia-lhe poder ler o medo nos olhos do cervo. O que quer que dissessem os cientistas, Donald tinha certeza de que aquele animal tinha consciência da proximidade da morte.

– Um belo animal! Estou orgulhoso de você, meu filho – gabou-se o pai. – Vamos, me dê o fuzil que acabarei com ele.

Mas Donald segurou o fuzil com mais força. Não queria que aquele momento acabasse. Uma emoção completamente nova o invadira.

Estava fascinado pela vida que abandonava lentamente o animal ferido. Ele se dirigia ao nada. Nunca mais suas patas pisariam o chão da floresta.

Donald se sentia num estado quase místico, como um deus que viesse retomar a vida que concedera.

– Vamos, me dê – disse seu pai, segurando o cano do fuzil.

– Não, deixe-me matá-lo, você me prometeu que eu poderia matá-lo.

Seu pai se preocupou um instante com a atitude do filho, mas tinha prometido. E, no final das contas, era apenas uma peça de caça.

– Então vá, atire bem no coração.

Donald apontou a arma e, como um soldado do exército, abateu seu inimigo em plena cabeça.

– Droga! Errei o coração – mentiu.

– Não tem problema, pelo menos não está sofrendo mais – respondeu seu pai. Bom, vamos comemorar isso com uma bela refeição no Gibber's Forest. Você vai ver, eles têm as melhores carnes de todo o país.

Donald continuava com o olhar fixo na cabeça ensanguentada do animal. Gostaria de ficar ainda mais algum tempo junto de sua presa. Mas talvez os guardas florestais tivessem escutado seus tiros.

A caça ilegal era severamente reprimida na região: era melhor voltar o quanto antes. Outros animais se encarregariam de se banquetear com aquele despojo.

Sentaram-se no restaurante localizado à margem da floresta. Para festejar seu primeiro troféu, o pai lhe concedeu a honra de pedir uma cerveja para ele. Donald agradeceu-lhe com emoção e um grande sorriso nos lábios. Não era pela cerveja, fazia dois anos que bebia escondido, mas, com esse gesto, seu pai o introduzia em seu mundo.

O pai pediu a seguir dois Maxi-Steacks acompanhados de batatas fritas.

– Estou orgulhoso de você, Donald, vai ser um grande caçador – predisse, quando as cervejas chegaram.

Ergueu o copo e brindou com o filho. Donald estava no céu. Sempre tivera uma ligação privilegiada com o pai. Ele nunca se esquecia de comemorar seu aniversário e volta e meia lhe dava presentes.

Frequentemente, os dois viajavam juntos, por longos fins de semana, para outros estados da costa oeste. O Grand Canyon, Disneylândia, Los Angeles, San Francisco, mas também Las Vegas; uma vez, tinham até ido a Aspen para andar de trenó.

Donald se lembrava de cada um desses momentos como se fossem boias de resgate quando sua mãe enlouquecia. Mas, naquele dia, sentia-se mais próximo do que nunca de seu pai.

Naquele início de tarde ensolarado, no terraço do Gibber's Forest , tivera a impressão de que eles acabavam de iniciar uma etapa decisiva em sua relação pai-filho. Como se tivesse vencido a última prova que lhe permitiria ser o digno herdeiro de seu pai.

A caça sempre desempenhara um papel importante na vida dele. Evidentemente, Donald ficava triste ao vê-lo partir por vários dias, com seus amigos, durante os períodos oficiais da temporada de caça. Mas o respeitava muito por isso, embora tivesse de ficar sozinho com a mãe, que aproveitava a situação para "corrigi-lo".

– Você é um rapaz valente, Donald – acrescentou seu pai.

Trouxeram os pratos. Enquanto comiam, conversavam sobre tudo e nada. Antigas lembranças, mas também as sensações da caçada daquela manhã.

Donald tinha a impressão de se tornar mais um amigo, um confidente, do que um simples filho de seu pai. Adorava aquilo!

Seu pai pediu uma garrafa de vinho para ele e um copo grande de Coca-Cola para Donald.

Quando a sobremesa foi trazida, o pai colocou a mão em cima da mesa e segurou a do filho.

– Sei que sua mãe nem sempre age corretamente com você. Sei também o quanto você se esforça pra aguentar essa situação.

Já tinham falado várias vezes desse assunto, mas, a cada vez, Donald respondia dizendo que aquilo "não era nada", "que ela não o machucava de verdade".

Naquele dia, seu pai decidira não mais se deixar iludir. Seu filho estava se tornando um homem. Não podia mais fechar os olhos para atos que poderiam prejudicá-lo seriamente.

– Ela não me bate com frequência, e não chega a me machucar – disse Donald, como sempre. – Mamãe está doente, não é culpa dela.

Belas frases, nas quais não acreditava nem por um segundo.

Donald detestava a mãe como nunca detestara ninguém. Se não fosse o amor de seu pai, havia muito tempo já teria fugido de casa. Ao menos, era o que pensava. Pois, por outro lado, a ideia de se tornar um mendigo o amedrontava. Sabia que era jovem demais para pegar a estrada e temia as reprimendas quando fosse pego após sua fuga.

De qualquer jeito, aquilo acabaria. Bastava esperar.

– Eu sei, já falamos sobre isso. Sua mãe é alcoólatra. Uma doença que demora pra ser curada. Embora ela possa lhe parecer severa demais, saiba que ela o ama de todo o coração.

O pai continuava a amar sua mãe. Uma louca cuja beleza ainda não fora completamente destruída pelo álcool. Sabia que, pelo bem do filho, devia tê-la deixado havia muito tempo, ou tê-la internado para uma desintoxicação. Mas, ao mesmo tempo, não conseguia se imaginar sem ela. Os momentos de paixão insensata que ela lhe proporcionava lhe fariam falta demais.

– Eu sei, papai, eu sei – disse Donald, baixando os olhos para sua banana split. *– Não quero falar disso.*

A pressão sobre sua mão se acentuou, e Donald ergueu os olhos. O pai o examinava com um olhar implacável. O momento era importante.

– Se sua mãe ousar levantar a mão mais uma vez para você, não hesite em lhe dar um soco na cara – disse, em tom solene. – Você tem minha bênção, Donald.

Embora fosse uma cadela libidinosa, dona de seu corpo, achava que a mulher merecia uma lição. Daquele momento em diante, Donald devia se tornar um homem de verdade e não mais temer a mãe.

Não sabia muito bem o que resultaria desse confronto, mas sabia que era a única solução, se não

quisesse que o filho se tornasse um frouxo. Já adiara muito essa decisão. O que quer que acontecesse, Donald não devia mais sofrer aquele martírio. Susteve com força o olhar do filho.

– Eu não seria capaz – disse Donald piedosamente.

Deus sabia quantas vezes se imaginara batendo nela, devolvendo golpe por golpe todos os maus-tratos que o fizera sofrer, mas daí a transformar seus desejos em realidade, havia um passo que não se sentia pronto para dar.

– Você será. Se é meu filho, você será. Talvez isso possa curar sua mãe, quem sabe? – disse o pai.

Donald baixou de novo os olhos para a sobremesa e murmurou:

– Eu tentarei papai, eu tentarei.

Houve um grande silêncio.

– Então, vai comer ou vai deixar pra mim? – disse o pai com uma voz quase alegre.

Donald ergueu a cabeça e, como se a conversa anterior nunca tivesse acontecido, respondeu com a mesma leveza:

– Pode sonhar, é minha e ninguém tasca.

E enfiou a colher na banana split.

Quinta-feira, 26 de abril de 2007

1

Logan bateu à porta do quarto de Hurley.

– Entre – respondeu ela com voz sonolenta.

Logan abriu a porta. Hurley ainda estava na cama. Uma fresta de luz se infiltrava pela veneziana.

– Como está se sentindo? – perguntou ele.

– Sinto dores por toda parte, em todos os músculos. Mas, fora isso, tudo bem.

– Quer que eu lhe traga um analgésico?

– Sim, por favor.

Ele ficou algum tempo olhando para ela e não resistiu a acrescentar:

– Tem certeza de que não quer voltar pro hospital?

Hurley fez um pequeno gesto tranquilizador.

– Não quebrei nada. É só esperar que as equimoses passem. Mas agradeço sua preocupação.

Logan saiu do quarto e foi ao banheiro, onde ficavam os remédios. Hurley era realmente uma mulher excepcional. Quase morrera, mas falava como se não tivesse sido nada. Um acidentezinho à toa!

Encheu um copo de água e colocou um comprimido efervescente. Não estava seguro de que aquele analgésico seria muito eficiente, mas era o que tinha em casa.

Voltou ao quarto e se sentou na beira da cama.

Hurley pegou o copo e tomou tudo de um gole. Estava um bocado cadavérica. Logan pôs a mão em sua testa: não tinha febre.

– São sete horas. Vou sair daqui a pouco. Mas quero que você prometa que não vai sair hoje. Tem de descansar e recuperar as forças.

– Estou dizendo que está tudo bem. Mas prometo me cuidar. Se me sentir muito fraca, ligo e você me leva de volta pro hospital, pode ser?

Logan olhou-a, não muito convencido.

– Está pensando em ir à casa de Brooks?

– Gostaria muito. Não consigo parar de pensar nele. Preciso entender.

Logan esfregou o rosto.

– Não crie muita expectativa, corre o risco de se decepcionar. Se Blake, Moore e Freeman não acharam nada, não imagino o que você pode encontrar.

– Eles estavam procurando sobretudo restos de sangue. Não tinham nenhuma razão pra vasculhar o apartamento de cima a baixo. – Em tom seguro, acrescentou: – Ele escondeu alguma coisa naquela casa, e eu vou encontrar, Mike.

– Se você diz – respondeu Logan sem por muita fé. – Bom, tente dormir mais um pouco. Não se canse demais.

Ela sorriu e ele saiu do quarto.

Ao chegar à delegacia, constatou certa alegria. Fechou-se no escritório e começou a ler os jornais que Blanchett juntara para ele.

Os jornais matinais não poupavam elogios ao trabalho da polícia. Pela primeira vez na vida, sentiu algum prazer em ler os comentários.

Spike e Portnoy tiveram direito à primeira página.

Logan também não fora esquecido. Havia um pequeno resumo de sua carreira louvando seus

méritos passados e, sobretudo, o profissionalismo e a rapidez com que pusera a mão no *serial killer* de River Falls.

Duas entrevistas com cidadãos completavam as colunas do jornal. Eles também estavam felizes com a morte de Larry Brooks.

"Tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos", disse a si mesmo, largando os jornais.

Viu os relatórios de Spike e Portnoy em cima da mesa. Folheou-os rapidamente e ficou satisfeito com o que leu. Também devia escrever o seu, mas isso podia esperar até a tarde.

Ligou o computador e passou cerca de meia hora respondendo aos e-mails pendentes.

Passou o resto da manhã respondendo aos agentes que vinham fazer perguntas sobre os casos habituais. A rotina, ora!

À uma da tarde, Blanchett veio bater à sua porta.

– Xerife, o advogado dos Heller quer falar com o senhor sobre o roubo da casa deles.

Logan ergueu a cabeça do dossiê que acabava de consultar.

– Veremos isso mais tarde – disse, sentindo o estômago roncar. – Por ora, estou com uma fome de lobo. O que acha de ir comer no Billy's Burger?

Blanchett estava de regime havia vários dias. A ideia de comer hambúrgueres transbordando de gordura e de molho não lhe parecia muito boa.

– Não faça essa cara, eles têm também saladas light. Francamente, se continuar assim, vai acabar completamente anoréxica! – zombou Logan, gentilmente.

Blanchett não deu bola.

– Acho que ainda tenho certa margem de manobra – disse, batendo na barriga ligeiramente saliente.

Logan sorriu e se levantou.

– Não estou vendo nada. – Foi pegar sua jaqueta e a vestiu. – De qualquer forma, não é um hambúrguer que vai matá-la. E, além disso, eu sou o chefe, você tem de executar minhas ordens!

– Sim, xerife!

Logan tomou-a pelo braço e os dois atravessaram os corredores da delegacia.

Já estavam na sobremesa quando o celular de Logan tocou.

– Com licença?

Blanchett aquiesceu maquinalmente, contemplando suas três bolas de sorvete de baunilha. Aquilo era totalmente insensato. Mas o almoço fora tão agradável que não queria estragar o momento.

Tinha um profundo respeito por aquele homem vindo de Seattle que logo tomara o controle da delegacia e banira, em pouco tempo, os procedimentos do antigo xerife. Não havia mais puxa-saquismo. Todos os agentes eram tratados com igualdade e, se no começo houve alguns atritos com os partidários do antigo xerife, rapidamente, fora um ou dois ressentidos, todo mundo acabara se acertando.

O ambiente era mil vezes melhor desde que ele assumira a função.

– O quê? Onde? – respondeu Logan no telefone.

O tom parecia preocupado. Blanchett não gostava disso.

– Está bem, já estou indo – concluiu ele, desligando.

Pôs as duas mãos na mesa e lançou um olhar desolado para a tenente.

– Alguém ligou pra delegacia. Tem um cara fazendo a ex-mulher e a filha de reféns e ameaçando matá-las se não lhe devolverem a guarda da menina. Você vem comigo?

Blanchett olhou sua sobremesa e quase passou a acreditar na Providência.

– É claro, vamos lá!

Hurley forçou-se a levantar somente ao meio-dia. Então tomou um banho de quase meia hora que lhe permitiu recuperar um pouco de suas forças.

Mais uma vez, o tempo mudara completamente. O céu estava de um azul intenso, iluminado por um sol que brilhava em seu zênite.

Hurley preparou uma refeição frugal escutando, na rádio, "A primavera", das *Quatro estações* de Vivaldi.

Quanto mais pensava, mais as palavras de Logan lhe pareciam pertinentes. O que poderia encontrar na casa de Brooks? Todos os elementos estavam contra ele. Por que não conseguia aceitar a realidade?

Ficou um longo momento deitada no sofá da sala. Considerou mil vezes os prós e os contras. No final do balanço, teve de admitir que estava cada vez menos convencida da inocência de Brooks.

No entanto, tinha ao menos uma certeza: Brooks não agira sozinho. Devia ter se deixado levar numa maquinação que o ultrapassara. Seu cúmplice devia tê-lo usado e depois abandonado.

Pegou o telefone e chamou um táxi. Dali a menos de quinze minutos, tocaram à porta. Foi abrir. Um jovem paquistanês se apresentou, sorridente.

Pegou seu sobretudo e acompanhou o homem de turbante até o veículo. Deu-lhe o endereço de Brooks. Visivelmente, o sujeito não estabeleceu nenhuma relação com o assassino do dia, embora não parasse de falar disso.

– Em meu país, não haveria nem sequer investigação. O assassinato de duas mulheres teria sem dúvida indignado a população, mas as autoridades não fariam mais do que uma pseudoinvestigação – contou, dirigindo prudentemente.

Hurley não duvidava da sinceridade do motorista. Sabia que era luxo das grandes democracias colocar em ação tantos meios para prender os criminosos.

– O Paquistão tem muitas outras questões a resolver, não?

– Sim, mas não respeitar as mulheres é o princípio do integrismo.

Hurley concordou e sorriu para ele no retrovisor.

O homem, aparentemente, tentava ser agradável. Ela sabia que os muçulmanos costumavam ser agredidos, pelo menos verbalmente, por muitos cidadãos americanos. Por isso, mais do que outros, as pessoas pertencentes a essa comunidade tentavam se adequar aos costumes em vigor em seu país de adoção.

– Sabe, não é apenas em seu país que os direitos das mulheres são desrespeitados. Nossas lindas democracias fecham totalmente os olhos para a escravidão sexual praticada em seus territórios. Você não imagina o número de pobres mexicanas que se prostituem por necessidade, em meio à indiferença geral.

O chofer apreciou a observação, e continuaram a conversar, abordando assuntos tão sérios quanto o terrorismo e os movimentos migratórios.

Chegaram finalmente ao 145 da Hampton Street. No momento de pagar, Hurley deixou cinco dólares de gorjeta.

A conversa lhe fizera muito bem. Lembrara-a de que nunca se deve ter preconceitos. Entrou no prédio e subiu direto para o segundo andar.

O chaveiro ainda não fora ali, e a porta de Brooks estava fechada apenas com fitas adesivas. Foi

jogo rápido descolá-las, passar pelas faixas *Do Not Cross* e entrar no apartamento.

Um sentimento ruim a invadiu. Se encontrasse uma prova que inocentasse Brooks, sabia que, para ele, seria inútil. Talvez pudesse, ao menos, encontrar o verdadeiro culpado.

Fechou a porta atrás de si e recomeçou a inspeção minuciosa, tão dramaticamente interrompida no dia anterior.

Por cerca de duas horas, enquanto lá fora um sol radiante chamava para a alegria de viver, ela esvaziou os armários, as gavetas, as caixas que estavam pelo chão.

Vasculhou o bolso das roupas, as mesas atulhadas de objetos heteróclitos, embaixo da cama, embaixo do colchão. Abriu cada livro.

Procurava, mesmo não sabendo o que estava procurando.

Então se pôs a bater nas tábuas, na esperança de ouvir um som oco, diferente dos outros. Mal começara essa operação, alguém bateu à porta. Parou e foi até a entrada. Sem surpresa, encontrou Robert Quire, o vizinho.

– Escutei barulho, fiquei preocupado – disse ele, ao reconhecer Hurley.

– Inspeção regulamentar, não tem com o que se preocupar.

O homem lhe deu um sorriso contrito.

– Em todo caso, gostaria de lhe agradecer. Nunca acreditei muito na eficiência da polícia de River Falls. Mas acho que você é de Seattle, não?

Hurley lera o artigo a seu respeito. Mesmo a jornalista Callwin, que gabava sobretudo os méritos da polícia local, tivera de mencionar o papel ativo de Hurley na caça a Brooks. Surpreendentemente, o nome de Quire não aparecia.

– Foi em parte graças a você e sua coragem, vou ver o que posso fazer para que tenha direito à sua medalha.

Quire corou. Embora feliz com a morte de Brooks, ficara decepcionado ao constatar que a jornalista com quem conversara não citara seu nome. Decididamente, essa mulher do FBI, além de ter um dos traseiros mais bonitos que já vira, era realmente uma mulher justa.

– A propósito, pode avisar aos vizinhos que talvez eu faça um pouco de barulho? Não gostaria de ser incomodada.

– Sem problema, madame, vou fazer isso imediatamente.

“Um verdadeiro menino”, pensou Hurley, que o achou quase comovente. Um homem que não estava acostumado a ser bem tratado pelas mulheres, se é que o merecia!

Fechou de novo a porta e voltou a bater nas tábuas com o martelo que encontrara embaixo da pia. Estava quase desistindo. Decidiu verificar os ladrilhos do chão. Percorreu toda a sala, batendo metodicamente em cada quadradinho. Depois, deslocou a mobília.

Estava suando quando decidiu fazer uma pausa. Foi até a cozinha e pegou na geladeira uma cerveja de um pacote começado. Fez uma careta. A geladeira estava cheia de bebidas.

Abriu a lata e bebeu direto dela. O fio leve e gelado que escorreu por sua garganta a refrescou instantaneamente.

Hurley enxugou a testa e se sentou numa cadeira perto da janela da sala.

Logan tinha razão, não havia nada para encontrar naquele apartamento. Do banheiro ao quarto, dos pacotes de alimentos na cozinha às caixas de sapato do armário, não encontrara nada de suspeito além de um saquinho de maconha.

Terminou tranquilamente sua cerveja, observando a vida que retomara seu curso na rua.

As pessoas passavam levando seus filhos ou cachorros para passear. Os caprichos da primavera acabavam de lhes trazer de volta o sol. Elas aproveitavam.

“Seria melhor voltar pra casa”, pensou, enquanto as dores provadas pelo acidente se tornava mais intensa.

Entretanto, sempre extremamente conscienciosa, decidiu terminar primeiro com o assoalho do quarto.

Recomeçou a bater no chão; então, deslocou a cama e, no terceiro quadradinho, escutou o som abafado que já não esperava mais ouvir.

Largou o martelo e foi à cozinha buscar uma faca para servir de alavanca.

“Não se empolgue, não se empolgue!”, dizia consigo mesma, sentindo a excitação dominá-la.

Voltou ao quarto.

De quatro, passou a faca na greta do rejunte e, lentamente, retirou o ladrilho. Viu então um objeto inconfundível.

Fechou os olhos e pensou que a investigação estava apenas começando.

Do outro lado da cidade, Logan mantinha-se perto da porta do apartamento da ex-senhora Hamilton. O alucinado ex-marido continuava com a recusa de se render. Exigia agora um carro blindado e um milhão de dólares!

“Imbecil”, pensava Logan, sabendo que esse tipo de maluco era capaz de tudo.

Além do alucinado, sua ex-mulher e a filhinha deles, estava ali também o bebê que ela tivera com o novo companheiro. Este estava mais atrás no corredor, vigiado de perto por Blanchett e Wolf.

Numa confusão familiar daquelas, era preciso estar pronto para tudo.

– Garth, não podemos reunir uma soma dessas em tão pouco tempo. Solte pelo menos uma das crianças, em sinal de boa vontade – disse Logan através da porta.

– Vão se foder! Não tenho mais nada a perder. Se não posso mais ver minha filha, prefiro morrer aqui mesmo! A voz demonstrava medo e loucura. Logan não gostava nem um pouco daquilo. Tinha de acalmá-lo, a todo custo.

Se ao menos Hurley estivesse ali. Ela tinha o dom se fazer simpática até para o pior dos loucos furiosos!

– Seu desgraçado, devolva meu filho! – interveio então o novo marido, que logo foi controlado por Wolf e Blanchett.

Logan se virou e se aproximou dele:

– Agora você dá o fora daqui. Já lhe disse duas vezes pra ficar quieto. Se quer rever sua mulher e seu filho, é melhor não irritá-lo! Parece até que você está interessado no seguro de vida deles! – disse, com os nervos à flor da pele.

Detestava esse tipo de cretino. Quatro vidas estavam em jogo naquele apartamento, sem contar as dos policiais no momento do assalto.

Não precisava de um metido a valentão que podia detonar uma verdadeira matança.

– É o meu filho que está lá dentro, você não tem o direito...

– Vamos, vamos, venha comigo – cortou Wolf em tom autoritário, empurrando-o para a escada.

Por causa do tamanho de Wolf, o homem não tentou resistir, mas continuou a gritar insanidades dirigidas tanto ao alucinado quanto à polícia.

Logan voltou a se posicionar perto da porta.

– Garth, seja razoável. Até agora você não cometeu nada de irreparável. Ainda dá tempo de voltar atrás. O júri compreenderá sua situação e você não irá para a prisão.

– Vão se foder! Não confio em vocês. Se abrir a porta, vocês vão me matar como fizeram com

aquele imbecil do *serial killer*! – Ficou em silêncio, depois retomou: – Dou meia hora pra me trazerem o carro blindado e o dinheiro. Senão, juro que vou fazer uma carnificina.

Logan fez uma careta. Imaginava o terror que essas palavras deviam provocar em crianças pequenas. O que quer que acontecesse depois, elas ficariam traumatizadas para sempre.

Era preciso, a todo custo, evitar que aquela situação se eternizasse.

Ele recuou e pediu para Blanchett e Wolf assumirem seu posto.

– Continuem falando calmamente com ele e lhe garantam que o carro está a caminho.

– O que está pensando em fazer? – perguntou Blanchett.

– Vou tentar chegar à sacada. Quando eu estiver lá, vocês farão um carro andar. Com o barulho do motor, imagino que ele aparecerá na sacada.

– Isso é loucura! É melhor esperar. Ele vai acabar se cansando. Sua adrenalina vai baixar e nós o pegaremos nesse momento.

Blanchett tinha razão. Era a atitude mais segura em semelhantes circunstâncias. A não ser que o cara fosse um suicida. E Hamilton já tentara se matar duas vezes num dos hospitais psiquiátricos de Portland.

– Quando escutarem um tiro, arrombem a porta e protejam a mulher e as crianças. Não hesitem em atirar em Hamilton se preciso. Eu os cobrirei.

Três outros agentes se mantinham recuados, atrás de escudos que protegeriam a parte superior de seus corpos na hipótese de uma entrada forçada. “Uma paródia das unidades da SWAT”, pensou Logan, adivinhando a indecisão em seus olhos.

Blanchett tentava conversar com Hamilton. O celular de Logan tocou:

– Caralho – praguejou baixinho.

Felizmente, ainda estava no corredor!

Atendeu. Era Hurley.

– Mike, você precisa vir aqui!

– Escute, não é o momento. Estou em plena intervenção. Até depois – interrompeu-a.

Ela parecia muito excitada, mas ele não tinha tempo para conversar. Naquele momento, tinha algo mais urgente a fazer.

Desligou o celular e entrou no apartamento vizinho. O locatário fora tirado dali, bem como os outros moradores do prédio.

Foi até a porta mais próxima do apartamento da ex-senhora Hamilton e, cuidando para não fazer barulho, abriu-a e chegou à sacada.

Havia uma ligação entre as duas sacadas, de dois metros de comprimento e nem vinte centímetros de largura. Ele se inclinou sobre o parapeito. Sua decisão lhe pareceu, de repente, extremamente insensata.

Quatro andares o separavam do chão. A multidão de curiosos fora evacuada da rua e mantida afastada.

No prédio em frente, Morris e Bentley mantinham sob mira as duas grandes venezianas, totalmente fechadas, do quarto e da sala.

Logan prendeu a respiração e passou por cima do parapeito.

Felizmente, a chuva e o vento da véspera tinham desaparecido.

Mesmo assim, sentiu seu estômago revirar enquanto atravessava aquela estreita ponte que ligava os dois apartamentos.

Com frio na barriga, avançou lentamente, mas sem fraquejar, para a direita. Não havia dúvida: se algum de seus homens tivesse tentado uma manobra daquelas ele teria lhe dado um esporro e tanto!

Estava no meio do percurso e já começara a tremer.

Sobretudo, não olhe para baixo. A barriga colada à parede, os braços formando uma cruz, centímetro por centímetro, seus pés seguiam para a direita.

Finalmente, pôde segurar a calha.

Parou por um instante.

O problema é que agora não havia mais nenhum barulho no apartamento. Se tentasse passar por cima do parapeito da sacada, corria o risco de ser ouvido.

Virou a cabeça lentamente para o prédio em frente e articulou sem emitir nenhum som: “Façam barulho”.

Morris, que tinha Logan na luneta de seu fuzil, não era nenhum ás na leitura de lábios, mas entendeu o que o xerife esperava deles.

Ligou para o celular de Wolf e lhe transmitiu a ordem de provocar agitação.

Logan escutou que estavam batendo na porta do apartamento. Depois, a voz de Blanchett, que intimava Hamilton, gentilmente, mas com firmeza, a se render. Respirou fundo e penetrou na sacada.

Colou-se às venezianas fechadas e escutou Hamilton gritar:

– Acham que não estou falando sério, é isso?

O tom era verdadeiramente tresloucado.

“O idiota! Ele vai surtar de vez!”, pensou Logan. Mas, nesse instante, a rua foi aberta e um Mercedes passou, fazendo roncar o motor. Com a orelha colada na janela, Logan escutou Blanchett.

– Seu carro chegou. O dinheiro está dentro dele.

Logan estava alerta. Com a arma empunhada, recuou um pouco.

Como em câmera lenta, viu a veneziana tremer e se entreabrir ligeiramente. Era tudo o que precisava.

Passou o revólver pelo espaço estreito e deu dois tiros, antes de soltar com a mão esquerda a tranca da janela.

Precipitou-se no quarto e aterrissou sobre Hamilton, que estava deitado, coberto de sangue.

No mesmo instante, Logan escutou a fechadura da porta estourar. Todos os seus agentes entraram no apartamento, protegendo imediatamente, com seus escudos, a mulher e as duas crianças, que tinham se refugiado num canto da sala.

A ambulância que esperava mais acima na rua foi autorizada a passar. Em menos de dois minutos, um médico e duas enfermeiras prestavam os primeiros socorros a Hamilton.

– Eu quero morrer, me deixem morrer – gemia ele, enquanto o cirurgião lhe pedia para parar de se mexer.

Logan saiu do apartamento.

– Parabéns, mas o senhor se arriscou demais – disse Blanchett num tom cheio de censura. – Poderia ter morrido.

– São os ossos do ofício! O principal é que todos saíram sãos e salvos.

Blanchett olhou pela porta. Hamilton continuava a gemer, deitado no chão da sala.

– Esperemos que sim.

Logan entendeu a alusão. Mas não acreditava no risco zero. Hamilton era conhecido por suas tendências suicidas.

Se alguém tivesse de morrer nessa tragédia, que ao menos fosse aquele que o desejava, disse para si mesmo, sabendo que nunca convenceria Blanchett com aquele argumento.

Lembrou-se então do telefonema de Hurley.

Afastou-se do tumulto do corredor e ligou para ela.

Havia uma mensagem de Hurley. À medida que a lia, seu rosto foi se crispando.

Hurley explicava que finalmente encontrara um elemento capital que podia indicar a inocência de Brooks.

“Caralho!”, pensou Logan, transtornado, compreendendo todas as implicações daquela descoberta.

2

As aulas do dia tinham acabado de terminar. Sarah voltou para o quarto para se trocar. Tinha um encontro com toda a turma para combinarem o programa do fim de semana. Estava eufórica. Brian prometeu comparecer ao encontro e, assim, oficializar seu namoro.

Estava atravessando o corredor do dormitório quando distinguiu a silhueta de Jennifer, que a esperava na frente de seu quarto. Todo vestígio de alegria se esfumou num relance. Uma grande raiva a invadiu. Não se deixaria pegar duas vezes.

Fechou o punho, pronta a enfiá-lo na cara da outra à primeira palavra agressiva.

Sentiu certa apreensão, mas nem por isso diminuiu o passo.

O rosto de Jennifer estava tão firme quanto o seu. Sempre com sua maquiagem esbranquiçada, os lábios pintados de preto e seu medonho *piercing* no nariz.

– O que quer de mim? Vá embora – disse Sarah com voz segura.

Jennifer olhou-a bem nos olhos.

– Gostaria de falar com você e, antes de mais nada, lhe pedir desculpas.

O tom não era sarcástico. A surpresa deu lugar à raiva. Qual era o jogo dela? Mais uma que queria lhe aprontar?

– Podemos conversar longe das curiosas? – acrescentou Jennifer.

Assim como Sarah, outras garotas voltavam para seus quartos e lançavam olhares interrogativos para as duas.

Sarah avaliou a colega por um longo momento e então abriu a porta.

– Entre, mas aconselho-a a não surtar, Jennifer.

Esta tentou sorrir, mas o sorriso ficou preso em seus lábios.

Entraram no quarto. Sarah permaneceu de pé, com os braços cruzados diante da inimiga.

– Então, o que tem de tão importante a me dizer?

Sarah imaginava que ela fosse lhe falar da intimação da polícia. Mas não sentia nenhum remorso. Aquela piranha tivera o que merecia!

– Fui covarde. Nunca devia tê-la agredido – começou Jennifer, encostando-se na janela.

Lá fora, o parque se enchia de estudantes que aproveitavam o sol primaveril daquele fim de tarde.

– Se ao menos eu soubesse do que você me culpa – disse Sarah.

– Você está saindo com Brian. Brian Hoggarth.

Sarah sentiu o sangue estancar. Como ela podia saber? Há quanto tempo a estaria espionando?

– Pois bem, lamento decepcioná-la, mas se veio me chantagear, chegou tarde demais, minha cara. Brian rompeu oficialmente com Elisabeth Parker.

Jennifer deu uma risadinha de desdém. Sarah se conteve para não esbofeteá-la.

– Errou feio! – respondeu Jennifer. – Eu só estava com ciúmes porque aquele desgraçado me deixou por você.

Depois de um instante de estupor, Sarah explodiu num riso nervoso, incontrolável. Era tão absurdo! Jennifer, a feiosa gótica, com Brian! Pobre louca!

Para grande constrangimento de Jennifer, Sarah não conseguia parar de rir.

– Não acredita em mim?

– Você é mitomaníaca ou o quê? Já se viu no espelho? – zombou Sarah, sempre rindo.

Jennifer não previra que seria tão humilhante. Então, falou de um detalhe anatômico bem

particular do corpo de Brian.

Sarah parou imediatamente de rir.

– Fomos juntos a um show do Depeche Mode no verão passado. Foi logo depois dos exames de fim de ano. Eu estava pedindo carona para Seattle. Ele estava sozinho no carro. Ia visitar o irmão mais velho. Fez a gentileza de me dar carona. Conversamos sobre várias coisas. Puxa, ele não era tão babaca quanto parecia quando estava com seus amigos. O mimetismo das massas, se entende o que quero dizer.

Sarah não entendia, mas lembrava-se de ele ter falado de um show do Depeche Mode.

– Em suma, a gente se divertiu. Dei um baseado pra ele, depois falei do show que ia assistir. Ele também gostava da banda e decidiu me acompanhar – continuou Jennifer.

Seu olhar perdeu-se no parque.

– Passamos todo o verão juntos. Sabia que nossa relação não tinha futuro. Ele me contou que saía com uma garota de família rica e que seria obrigado a casar com ela. Não sou nenhuma romântica, mas tenho de admitir que gostava muito dele. Nos separamos assim que as aulas voltaram. – Suspiro. – Fico realmente mal quando o vejo, ainda mais que ele faz tudo pra me evitar. Então, segui-o algumas vezes e, quando o vi com você na semana passada, surtei, quando na verdade você não tem culpa de nada.

– Desculpe, Jennifer, mas é difícil de acreditar.

Sarah não sabia mais o que pensar. Jennifer parecia tão sincera. Em todo caso, estava mais tranquila por finalmente saber o motivo do ódio da colega por ela. Uma simples mágoa de amor. Não era uma assassina louca como Larry Brooks!

– Escute, estou contente que você tenha vindo se desculpar, mas, sabe, você devia se esforçar um pouco. Olhe como se veste! E sua maquiagem! Tenho certeza de que, com alguma ajuda, você poderia se dar bem com os rapazes daqui.

Jennifer rejeitou essa última frase com um gesto, embora achasse a atenção comovente, apesar da falta de jeito.

– Em suma, no final do verão, vou dar o fora daqui. Nunca me integrei aqui, mas, por outro lado, também nunca fui molestada por ninguém. Não queria ir embora com isso na cabeça.

Sarah olhou-a longamente. Apesar de continuar achando que aquilo tudo podia ser uma farsa, quase sentia pena dela.

É verdade que ninguém falava com Jennifer. Vivia isolada. Uma boa aluna, fechada em seu mundo. Era a primeira vez – fora a agressão – que se falavam e, francamente, ela não parecia uma louca devota de algum culto satânico.

– Legal, Jennifer.

“Espero não estar sendo uma grande otária”, disse para si mesma, decidindo confiar nela.

– Então, você faz um baseado e a gente fuma o cachimbo da paz?

Jennifer fingiu estar chocada, depois, com um sorriso cúmplice, tirou do bolso interior do casaco de couro um baseado finamente enrolado.

Acenderam-no e ficaram ali, falando de tudo e de nada. Até de Brian, para zombarem de suas manias!

No fim do segundo baseado, estavam morrendo de rir na cama, e já iam acender um terceiro quando o celular de Sarah tocou.

– Ok, já vou. Estou saindo do banho, me enxugo, me visto e estou aí. – Sua interlocutora disse algo e Sarah acrescentou: – O quê? Não, é sério. Até já, Shanice.

Sarah fechou o celular. Olhou Jennifer no olho. As duas explodiram de rir.

– Não acredito!

– Que piranha!

– Vocês avacalharam com a nossa cara!

Lisa, Shanice e Courtney ficaram atônitas. Estavam todos sentados no fundo do Memories of Ireland, um *pub* de um irlandês legítimo.

– Sim, mas não espalhem. Ainda não contei a Elisabeth – disse Brian.

Com um caneco na mão, ele acabava de revelar a elas seu relacionamento com Sarah.

– Nunca engoli aquela chata. Uma filhinha de papai. Além disso, francamente, não se pode dizer que seja muito bonita – disse Edward. – Ela tem um corpo de menininho. Deve ser seu lado *gay*!

– Cale a boca, Ed. Quer realmente que eu conte pra todo mundo sobre aquela noite na casa do Martin? Lembra-se, há dois anos, a morenaça com um traseiro dos diabos?

Edward não riu mais, e dava para vê-lo corar, apesar da luz fraca.

– Olhem só, está com vergonha. O que aconteceu nessa noite? – perguntou Shanice, vendo o namorado daquele jeito.

– Ele deu em cima dela uma boa parte da noite, e então eles subiram pro quarto, se vocês me entendem. Mas era um cara! Um puta de um traveco! – zombou Brian.

– Eu não trepei com ele. Não cheguei nem a beijá-lo! – defendeu-se Edward.

– Conta outra! – disse Sam.

– Você se deu conta de que era um cara quando ele enfiou o pau no seu cu! – disse Brian, morrendo de rir.

As garotas se olharam, constrangidas.

– Não precisa dizer mais nada – disse Lisa. – De qualquer jeito, depois disso ele parece ter feito sua escolha. Prefere as mulheres. – Olhou para Shanice, então com tom malicioso: – Se bem que...

– Ei! Não me olhe desse jeito!

Os risos explodiram e a conversa recomeçou mais amena.

A porta do *pub* se abriu. Sarah entrou com um grande sorriso nos lábios.

– Suponho que já tenham sido informados quanto a Brian e eu? – disse, sentando-se ao lado dele.

– Sim, você é uma excelente atriz! Há três meses que nos faz de bobas. Bravo, viva a confiança! – disse Courtney. – E eu que pensava ser sua amiga!

– A propósito, você ligou para o Juan?

Courtney ergueu os olhos para o céu. Encontrara aquele jovem hispânico na noite anterior.

– Nem me fale. Um verdadeiro babaca. Toda aquela lábia pra acabar quase me insultando por não transar com ele na primeira noite. Decididamente, não tenho sorte!

– Coitadinha – disse Shanice com ironia.

– E se falássemos do nosso fim de semana – interveio Edward. – De minha parte, está tudo certo, meus pais toparam me dar as chaves da fazenda.

Todos acolheram a proposta com entusiasmo.

Embora as garotas tivessem um monte de perguntas para fazer a Sarah sobre sua relação com Brian, preferiam guardá-las para quando estivessem sozinhas, entre mulheres.

– Como tenho um carro, só precisamos alugar mais um – prosseguiu Edward. – Posso pagar a caução, se quiserem. Mas vamos combinar uma coisa: dividimos tudo em sete. Não vamos ficar fazendo as contas de cada um.

– Nem pensar! – disse Courtney, com tom falsamente sério. – Shanice é uma comilona, não vou

pagar a comida dela!

– Sua inútil! – respondeu esta, enquanto todos caíam na gargalhada.

– Agora, sério, todo mundo concorda em dividir tudo? – perguntou Sam.

Seis “sim” foram a resposta.

A seguir, Lisa informou a todos a previsão meteorológica e anunciou que pretendia fazer um churrasco.

Estavam radiantes. Sua pequena excursão prometia ser deliciosa.

Sarah se sentia extremamente serena. Seria o efeito residual dos baseados ou apenas o calor da amizade daquele grupo? Tinha a impressão de que todo o estresse ligado ao assassinato de Lucy e Amy pertencia já a um passado longínquo.

Pegou a caneca de Brian e deu um grande gole.

A vida decididamente era bela em River Falls.

3

Sentado no banco logo atrás dos estudantes, Donald jubilava-se interiormente. Apesar da música *folk* que impregnava o ambiente, pudera ouvir toda a conversa deles. Não poderia imaginar uma situação mais propícia.

Como a cada fim de tarde, desde o início da semana, estacionara perto da saída do campus universitário e ficara escondido dentro do carro, esperando. Vira então os amigos de Sarah, entre os quais seu namorado, subindo num ônibus.

Decidiu segui-los em vez de ficar esperando Sarah.

Quando desceram bem no centro, conseguira facilmente estacionar para segui-los à distância até o *pub*, onde entrara evitando ser visto pelo namoradinho de Sarah.

Mas este estava tão absorvido pelas conversas bobas de seus camaradas que nem percebeu quando Donald se sentou no banco localizado logo atrás deles.

– Então só me restam duas noites pra arrumar um namorado! – disse Courtney.

Pena. Se soubesse disso antes, teria dado em cima dela. Com um pouco de sorte, teriam saído juntos, e ele poderia acompanhar o grupo no tal fim de semana na montanha. O jogo seria mais difícil, mas não menos interessante.

Aproveitou a chegada de alguns clientes para sair sem ser visto. Deixou o *pub* e, com passo tranquilo, andou até seu carro.

Sábado marcaria o fim de um ato de sua vida. Uma apoteose grandiosa e jubilosa.

"Se mamãe pudesse ver o que me tornei!", pensou, enquanto uma velha lembrança voltava à sua memória.

– Venha, ali ninguém nos incomodará – disse Wendy.

Donald se sentia acabrunhado. Tinha dezessete anos e ainda era virgem.

Sempre tivera dificuldade com as garotas. Não que não fosse atraído por elas, mas quando estava diante de uma garota que o interessava, ficava sem saber como agir.

Apesar de seu porte imponente, era como um menininho, nessas horas. Nunca conseguira ir até o fim.

– Relaxe, campeão.

Era verão. O segundo em que trabalhava como jardineiro das mansões de Silver Town para ganhar algum dinheiro.

O salário não era ruim e lhe permitia ampliar sua coleção de armas de fogo e facas.

A caça se tornara uma verdadeira paixão. Já perdera a conta de quantos animais matara. Ele era o orgulho do pai.

– Uau! Que barriguinha sarada – disse Wendy, que acabava de tirar a camiseta dele.

Ele sentiu a pele suave da mão dela acariciar-lhe a barriga; adorava essa sensação.

Wendy Sullivan era a esposa do maior agronegociante da região. Uma bela mulher, apesar de seus quarenta e poucos anos.

– Você não fala muito. Eu o deixo tão abalado assim? – disse ela, olhando-o nos olhos.

A empregada tinha saído logo depois do almoço. Donald logo compreendera o que ia acontecer quando ela lhe pediu para segui-la até um quarto no segundo andar.

Donald suava. Seu coração estava acelerado. Ia finalmente perder a virgindade.

Ele pôs sua cabeça para frente e ela aproximou a dela. Eles se beijaram e se abraçaram. Não era tão bom quanto imaginava. Um gosto ruim de cigarro agrediu suas papilas.

Passou a mão pelas costas de Wendy até chegar à bunda.

– Safadinho – sussurrou Wendy desprendendo-se de seus lábios.

Deu um passo para trás e ficou de joelhos. Colocou as mãos no cinto dele e foi tirando-o lentamente, dirigindo-lhe longos olhares langorosos.

Donald transpirava cada vez mais. Não estava se sentindo bem.

Wendy desabotoou lentamente a braguilha e baixou sua calça. Viu a cueca dele e endireitou a cabeça.

– O que foi? Não vai me dizer que você é gay, não um garoto bonito desses!

Donald não respondeu. Seu rosto ardia, sentia vontade de sair correndo. Mas sabia que não conseguiria se perdoar se fugisse como um covarde.

Depois que batera na mãe, logo após sua primeira caçada, recuperara a autoestima.

Adorara o sentimento de poder que o invadira quando sua mãe caíra no chão da sala e lhe implorara para parar de bater nela. Sim, aquilo fora tão bom!

Wendy tomou seu silêncio por aquilo que realmente era: constrangimento. Colocou sua mão na cueca e tocou seu membro adormecido.

– Mamãe Wendy vai dar um jeito nisso. Você está estressado, mas não se preocupe. Vai dar tudo certo – disse, abaixando a cueca.

Colocou o pênis dele dentro de sua boca. No entanto, apesar de todo o know-how de Wendy, o membro de Donald permanecia completamente inerte. Ela ia desistir quando ele, finalmente, falou:

– Sua puta! – exclamou, sentindo-se humilhado pela situação.

Foi então que aconteceu o milagre. Ele sentiu uma primeira contração e seu pênis começou a inchar.

– Sua putinha suja! – repetiu.

Sem parar de chupar o pênis de Donald, Wendy o olhava nos olhos, sem manifestar nenhuma animosidade. Havia quase um sorriso no fundo de suas pupilas à medida que o pênis de seu jovem iniciado endurecia.

Quando sentiu que a ereção chegara ao máximo, Donald agarrou Wendy pelos cabelos e obrigou-a a se levantar.

– Gosta disso, cadela?

Sua voz não tinha mais nada da voz de um adolescente tímido.

– Sim, me xingue! – disse Wendy.

Donald lhe dirigiu um olhar de desprezo e começou a despi-la, quase arrancando suas roupas.

Quando ela ficou nua à sua frente, empurrou-a para a cama e, sem nenhuma preliminar, penetrou-a.

– Gosta disso, puta suja? – disse, dando-lhe um forte tapa na bunda.

– Sim, não pare.

Ele continuou a insultá-la e maltratá-la. Seus gestos eram bruscos e viris. Sentia-se um verdadeiro homem. Essa mulher que o tomara por um anjinho ia conhecer o poder que dormia nele.

Tirou o pau de sua vagina e, sem avisar, virou-a de bruços e forçou a passagem.

Wendy soltou um grito. Donald ordenou que se calasse. – As putas aguentam caladas – disse.

Wendy começou a não gostar daquilo.

– Pare, está me machucando.

– Cale a boca! – ordenou ele, e lhe meteu um tapa tão forte na bunda que deixou uma marca.

Alguns instantes depois, gozou entre suas nádegas.

Wendy se afastou. Saiu da cama olhando para ele, dividida entre a raiva e o medo.

– O que deu em você? Não bate bem da cabeça? Você realmente me machucou.

Donald se sentou na cama e olhou-a com desprezo. Voltara ao mutismo inicial, mas, desta vez, sentia-se no controle da situação.

Era assim que se devia tratar as mulheres. Era tão bom sentir seu medo e seu desejo misturados. Eram todas umas cadelas libidinosas, mesmo!

Wendy recolheu suas roupas e se trancou no banheiro.

Donald se vestiu tranquilamente e saiu da casa. Sabia que tinha iniciado uma nova etapa de sua vida. Dali em diante, as mulheres aprenderiam a respeitá-lo. Como sua mãe, que parara de bater nele depois da surra que recebera.

Elas tinham que reconhecer a supremacia do homem sobre a mulher.

4

Logan chegou em casa por volta das três da tarde. Hurley o esperava na sala, com seu notebook em cima da mesa.

– Acabo de ficar sabendo de seu ato de bravura pela televisão. Deu agora pra bancar o herói? – disse ela, recebendo-o.

– Tentei ser tão insensato quanto você – respondeu Logan, indo sentar-se ao lado dela, depois de ter largado a jaqueta numa poltrona. – Vamos, mostre-me isso.

Hurley conectara ao notebook o *pen drive* que encontrara na casa de Brooks. Abriu os arquivos.

Após alguns instantes carregando, a primeira foto apareceu na tela.

– É o Augeri – disse Logan, estupefato.

O reitor da Universidade de River Falls estava completamente nu e lambia os seios de Lucy, que ainda estava de calcinha. Amy, também de calcinha, estava sentada na cama, com uma taça de champanhe na mão.

– Filho da puta – exclamou, enquanto Hurley passava para a segunda foto.

De novo Augeri, deitado na cama com as duas estudantes. Desta vez, totalmente nuas, usando suas bocas para lhe dar prazer.

Uma terceira foto, e sempre as mesmas imagens pornográficas.

– Agora entendo por que ele vasculhou de cima a baixo o quarto das duas garotas – disse Logan, cujo olhar estava hipnotizado pelas fotos na tela.

– Em todo caso, esse quarto não se parece com os que Lucy e Amy tinham na universidade. Certamente é de algum motel da região – constatou Hurley.

– Merda! Enganamo-nos completamente!

Logan estava enojado. Por certo, não havia nada de repreensível no fato de transar com garotas maiores de idade que, com toda a evidência, estavam de acordo, mas havia algo de obsceno naquelas fotos.

Aquilo não tinha nada a ver com o amor. Um tarado, louco por carne fresca, e duas pobres coitadas dispostas a tudo para ganhar dinheiro.

– Brooks devia estar escondido dentro do armário. Em seguida, suponho que o tenham chantageado – disse Hurley, pensando a mesma coisa que ele.

– Sim – disse Logan simplesmente, enquanto uma segunda série de fotos aparecia. – Merda! Esse porco!

– O reverendo Adams – disse Hurley.

– Exatamente, um iluminado radical que prega aos sete ventos as virtudes da castidade antes do matrimônio, o criacionismo e outras idiotices do gênero.

Hurley não pôde evitar um sorriso. As garotas eram realmente espertas. Sabiam escolher suas vítimas. Personalidades públicas que não podiam permitir que River Falls ficasse sabendo de tamanha ofensa aos bons costumes.

Diferentemente de Augeri, Adams tivera outros desejos. Vestidas de couro, as garotas portavam todo um aparato sadomasoquista e o utilizavam alegremente nele, que parecia em êxtase.

– E ainda tem a cara de pau de dar lições de moral! Puta que o pariu! – praguejou Logan, enquanto um close abjeto lhe arrancava uma careta de nojo.

Hurley passou rapidamente por essa segunda série de fotos para chegar logo à terceira.

– O juiz McArthur! – disse Logan, reconhecendo o rosto do magistrado de cerca de cinquenta anos.

– Ele mesmo – confirmou Hurley.

Apesar da neutralidade da voz, ela também estava enojada com aqueles homens libidinosos que, esquecendo todos os seus preceitos, afundavam-se na luxúria sem nenhuma contenção.

Hurley parou de rodar as fotos e desligou o computador.

Um silêncio pesado se instalou na sala. Logan não parava de coçar o queixo. Não conseguia acreditar no que vira.

No entanto, Hurley o avisara, pelo telefone, da presença de Augeri e de outros figurões, e do caráter pornográfico das fotos. Mas uma coisa era saber: ver com os próprios olhos era outra.

Logan levantou-se do sofá e foi direto para o bar servir dois copos de uísque.

– Augeri tem um álibi – observou, tentando ordenar seus pensamentos.

Hurley pegou o copo que ele lhe estendeu e tomou um pequeno gole. Suas dores musculares tinham se acalmado graças aos analgésicos, a não ser na base da coluna, onde uma dor surda continuava a torturá-la.

– Você me disse: a mulher dele. Acho que ela merece uma intimação.

Logan tomou um grande gole e, com o olhar pensativo, aproximou-se da janela. Lá fora, o sol banhava a rua com uma luz suave.

A calma que se desprendia das casas bem cuidadas, que se sucediam com regularidade numa harmonia artificial, estava em completa oposição à tempestade que assolava seu cérebro.

– Tenho um mau pressentimento. Você vai ver que tanto Adams quanto McArthur terão também seus álibis – disse, perguntando-se como agir da melhor forma.

– Não creio que o assassino tenha sido um deles – retorquiu Hurley. – Mas sim o mandante do crime. Um dos três pode ter pagado a um doente disposto a tudo por um pacote de dólares.

Uma ideia germinou no espírito de Logan. Uma ideia que, por mais terrível que fosse, tranquilizava-o um pouco.

– Talvez tenha sido mesmo Brooks? Afinal, imagino que Lucy e Amy guardassem a maior parte da grana e lhe dessem apenas algumas migalhas. Ele quis mais e propôs a uma das três vítimas resolver seu problema em troca de um bom pagamento.

Hurley não pensara nessa hipótese. No entanto, ela era possível. Brooks era de fato quem estava na situação mais propícia para raptar e matar selvagemente as duas estudantes.

Agora, Hurley tinha finalmente um motivo. Tudo se encaixava... a não ser pelo fato de que não conseguia imaginar aquele garoto cometendo semelhantes atos de barbárie.

– É provável, mas, desculpe, continuo em dúvida.

Quanto mais pensava nessa teoria, mais Logan a achava infalível. Era exatamente assim que as coisas deviam ter acontecido.

– Não, Hurley. Tudo se encaixa. Brooks estava cansado de ter uma parte tão pequena do bolo. Sem falar no que devia passar em sua cabeça vendo sua namorada fazendo todas aquelas posições com aqueles três grandes porcos imundos. Não tinha mais respeito por elas. Embora participasse desse jogo maquiavélico, Lucy e Amy o enojavam tanto quanto esses caras.

“Ponto pra você”, pensou Hurley. De fato, aquela explicação colava.

Talvez ele estivesse realmente apaixonado por Lucy e aceitara, muito contrariado, participar daquela chantagem sórdida. Em certo momento, não suportara mais fazer amor com uma garota que considerava seu corpo como uma simples fonte de renda.

– Apesar de tudo, é apenas uma hipótese. Não temos nenhuma prova. Nosso trabalho é encontrá-las.

– Confie em mim. Esses desgraçados vão falar. De uma maneira ou de outra, vão acabar desembuchando.

Hurley deu mais um gole em seu uísque e se levantou com dificuldade.

– McArthur é juiz. Ele certamente já colocou um bom número de delinquentes sexuais na prisão. Pode facilmente saber os endereços daqueles que já voltaram à liberdade. Caso não tenha sido Brooks, coloco McArthur na *pole position* dos suspeitos – disse, enquanto seu cérebro funcionava a todo vapor.

– Faz sentido – disse Logan, olhando-a nos olhos.

Era estranho. Tinha a impressão de voltar alguns anos, à época em que passavam horas levantando hipóteses sobre as investigações em que estavam trabalhando. Os bons e velhos tempos!

– O reverendo em segundo e Augeri em terceiro. Temos nossos três primeiros colocados! – disse Logan, tentando ser divertido. Hurley saudou seu esforço para aliviar a atmosfera, mas não chegou a sorrir.

– É isso aí.

Logan foi até a poltrona e pegou sua jaqueta.

– Vou à delegacia organizar a prisão deles.

Hurley o segurou pelo braço.

– Posso lhe pedir um favor?

– É claro.

– Espere até amanhã pra prendê-los. Gostaria de participar dos interrogatórios, mas, neste momento, não me sinto em condições.

Logan franziu a testa.

– Vou prendê-los e os interrogaremos amanhã, pode ser?

Hurley sacudiu a cabeça.

– Conheço você. Assim que estiverem detidos, não vai conseguir esperar. De qualquer forma, eles não vão fugir. Se temessem a descoberta destas fotos, já teriam sumido faz tempo.

– Mas talvez eles o tenham feito.

– Não, Augeri ainda estava lá terça e até nos ajudou. O reverendo, por sua vez, celebrou uma missa excepcional em sua paróquia, dedicada à memória de Lucy, Amy e do pequeno Sheppard. Quanto ao juiz, telefonei pro Palácio de Justiça fingindo ser advogada corporativa, ele estava lá hoje à tarde.

Logan soltou um breve suspiro.

– Em suma, você pensou em tudo. Há mais alguma coisa que eu deva saber?

Hurley fez cara de quem está pensando.

– Nada de especial. Mas, amanhã, coloque seus melhores homens na operação: ficarei muito decepcionada se houver mais uma cagada. Se Brooks ainda estivesse vivo, teríamos uma testemunha capital nesse caso.

Logan pôs a mão afetuosamente em seu ombro e lhe disse sorrindo:

– Você me toma por um iniciante? Não se preocupe. Vou lidar com isso com discrição. Só quero que me prometa uma coisa.

– O quê?

– Que você estará deitada quando eu voltar. Você precisa recuperar suas forças. Se quer que eu deixe você participar dos interrogatórios, preciso de uma Hurley em plena forma, ok?

– Combinado.

Ela lhe deu o seu mais belo sorriso, Logan vestiu sua jaqueta e saiu.

De volta à delegacia, Logan convocou seus tenentes para a sala de reuniões. Os outros agentes não deram bola. Ninguém perguntou nada.

Quando todos estavam reunidos, Logan tomou a palavra com voz grave.

– Novos elementos acabam de ser descobertos a respeito do assassinato de Lucy e Amy. Elementos que podem alterar toda a nossa visão do caso.

Um rumor percorreu o grupo.

– A agente do FBI Jessica Hurley fez uma nova busca na casa de Larry Brooks e encontrou fotos extremamente comprometedoras.

Estavam todos na expectativa.

Logan evitara trazer o *pen drive*. Sabia que se os tenentes vissem as fotos, a comoção seria forte demais. Não sabia se conseguiria convencê-los a esperar até o dia seguinte para a interpelação.

– Nelas podem ser vistos claramente o reitor de nossa universidade, Kenny Augeri, assim como o reverendo Peter Adams e o juiz Steven McArthur em posições escabrosas com as duas vítimas.

– Um zum-zum de estupefação tomou conta da sala. Logan lhes deu o tempo de assimilar a informação antes de retomar:

– Tudo indica que era Brooks quem tirava as fotos, escondido, e depois os chantageava.

– Pegamos o cara errado – deixou escapar Morris, num suspiro mais audível do que esperava.

Logan dirigiu-se a ele.

– É possível, mas não certo. Ele pode ter feito um jogo duplo – disse, explicando a seguir sua teoria segundo a qual Brooks teria vendido seus serviços a um dos três figurões da cidade.

Cada um começou a pensar nas consequências dessa notícia. Não seria fácil prender tamanhos figurões. Especialmente o reverendo e o juiz, que todos sabiam serem muito próximos do prefeito.

– Tem certeza de que não são fotomontagens? – perguntou Blanchett.

– Sim, absoluta. Há closes que não deixam dúvidas. Nenhum software poderia chegar a tal realismo.

– Podemos ver essas fotos? – perguntou Ascott.

– Hurley está neste momento enviando as fotos a Seattle para verificar sua autenticidade – replicou, congratulando-se com sua capacidade de improvisação. –Teremos o resultado esta noite. É por isso que, até nova ordem, não quero que ninguém saiba destes novos fatos. Augeri, Adams e McArthur são personalidades importantes em nossa cidade. Não quero que, sob hipótese alguma, seus nomes sejam manchados enquanto não tivermos a confirmação da autenticidade das fotos.

– Se veicularmos seus nomes, quaisquer que sejam os resultados da investigação, quer sejam culpados ou não do assassinato, a população não lhes perdoará seus desvios de conduta – afirmou Blanchett, consciente do puritanismo que reinava em River Falls.

Logan agradeceu-lhe com o olhar por esta intervenção. Os outros tenentes aprovaram.

– A propósito, como vai a agente Hurley? Ela não está mais no hospital? – perguntou Heldfield.

"Pergunta capciosa!", pensou Logan.

– Ela teve muita sorte, já pôde sair ontem à noite. Ela estará entre nós amanhã para conduzir comigo os interrogatórios.

– Se realmente forem eles, é claro – corrigiu Ascott.

– Evidentemente, mas, pra ser sincero, não acredito na hipótese contrária. Se dependesse apenas de mim, já estaríamos na casa desses caras pra fazê-los desembuchar. – Acrescentou, em tom mais calmo: – Mas esperaremos os resultados do laboratório.

Agora que utilizara essa desculpa, anotou em vermelho, num cantinho da memória, que tinha de

mandar uma mensagem para Hurley pedindo que ela efetivamente transmitisse as fotos a Blake e sua equipe.

– E eu que achei que tudo voltaria ao normal! – suspirou Heldfield.

– Se essas fotos não forem um truque, essa história vai causar o maior escarcéu – acrescentou Morris.

– O senhor realmente acredita que um deles pode ter cometido tal crime? Compreendo que possam não ter mais suportado ficar nas mãos de um chantageador, mas daí a pagar alguém para fazer as moças sofrer tamanhas atrocidades... – comentou Blanchett, hesitante.

– As profundezas da alma humana são insondáveis – respondeu Logan, sentencioso.

– Sim, mas esses homens são inteligentes demais pra não saber que tal procedimento seria extremamente arriscado. Por que confiariam em Brooks, precisamente o cara que tirara as fotos? Não me parece plausível que um deles tenha pagado justamente a ele pra matar as garotas.

"Faz sentido", pensou Logan.

Assim, ou um deles cometera o crime com as próprias mãos, no que não acreditava, ou contratara outra pessoa e, nesse caso, Hurley tinha razão: o juiz McArthur era quem estava mais bem posicionado para encontrar um doente destes.

– Não afirmei que Brooks trabalhava para um deles, disse que essa era apenas uma possibilidade. De qualquer forma, saberemos mais amanhã.

– Se as fotos forem autênticas – corrigiu de novo Ascott.

– Se elas forem autênticas – repetiu Logan, sorrindo.

Mas não tinha a mínima dúvida. Lembrava-se do rosto extasiado de cada um dos três homens. Não, nenhum *software* poderia imprimir tamanha emoção a um rosto a partir de uma foto.

– Bom, quero todos aqui às sete e meia. Nós os interpelaremos às oito. – Virando-se para Ascott, acrescentou: – Se as fotos forem autênticas.

Todo mundo riu, inclusive Ascott.

– E por que não mais cedo? – perguntou Blanchett.

– Quero ser o mais discreto possível, embora tenha certeza de que são eles mesmos que estão nas fotos. Transar com duas garotas maiores de idade não é crime em nosso país...

– Por enquanto! – disse Heldfield, um democrata convicto.

– A vizinhança acharia estranho se chegássemos cedo demais pra buscar um pai de família. E vocês sabem que, se os interpelarmos no trabalho, a discrição já era. Mesmo que o motivo alegado seja apenas uma investigação de rotina.

Os tenentes concordaram com o plano de ação.

– Vamos, voltem ao trabalho e lembrem: nem uma palavra a quem quer que seja – disse Logan.

Com o ouvido encostado à porta da sala de reuniões, Spike se regozijava interiormente. Aquele xerife desgraçado ia ver só.

Nunca fora com a cara dele, e a maneira como o inquirira sobre a "cagada" ficara atravessada em sua garganta.

Ele era o herói da cidade, e aquele babaca sequer o parabenizara!

Sumiu dali pouco antes de os tenentes saírem. De maneira natural, sem se fazer notar, atravessou os dois corredores que o separavam da saída e transpôs a porta da delegacia.

Assim que saiu, pôs-se ao abrigo de olhares indiscretos, pegou seu celular e ligou para Callwin.

– Alô? – disse a jornalista.

– Querida Leslie, passei uma noite maravilhosa.

– Sim, eu lhe devia isso.

Este era o acordo deles: informações em troca de uma boa trepada!

– Escute, tenho o furo do século. Está interessada?

Silêncio.

– Brooks não era o assassino? – disse ela por fim.

Spike se admirou da perspicácia da jornalista. Decididamente, ela era tão boa no trabalho quanto na cama!

– Em todo caso, não o mandante.

Novo silêncio.

– Explique-se, tenho mais o que fazer.

O tom era frio. “Por que ela não podia demonstrar um pouquinho de ternura?”, pensou ele, detestando-a de repente.

– O xerife encontrou fotos comprometedoras de três figurões da cidade. Três grandes porcos fodendo com Lucy e Amy. Sacou?

Claro que tinha sacado! Callwin não conseguia acreditar. Era lindo demais. Um furo e tanto!

– Diga-me os nomes.

Sempre aquele tom autoritário.

– Claro, mas antes você tem de me prometer um pequeno favor.

– Meu corpo não é mais suficiente? No entanto, você parecia bem satisfeito ontem à noite.

“E o amor em tudo isso?!” Spike detestava quando ela falava desse jeito da relação deles.

Ele era bonitão e usava um uniforme. Porra, ela podia respeitá-lo um pouco mais!

– Foi ótimo, mas quero que da próxima vez você aceite a única coisa que recusou até agora.

Longo silêncio. Por fim uma resposta.

– Ok, mas espero que não seja um blefe.

– Não se preocupe, minha linda, a coisa é da pesada. Vi as fotos – mentiu ele, antes de entregar os nomes.

5

– O amor escolhe caminhos tortuosos, às vezes – filosofou Sarah.

– Por que você diz isso? – perguntou Brian.

Estavam sentados num dos melhores restaurantes da cidade. O ponto de encontro de todos os ricaços da região. Sarah tivera uma tremenda dificuldade em encontrar uma roupa suficientemente chique para não passar vergonha ali.

– Dois dias atrás, você estava batendo em mim e me ameaçando de não sei o quê, e agora me pede em casamento! É no mínimo surpreendente, não?

A noite caíra sobre a cidade.

A luz suave das pequenas lâmpadas colocadas sobre cada mesa criava um ambiente íntimo na sala do grande restaurante.

Ninguém estava prestando atenção neles, isolados num canto. As pessoas falavam em voz baixa. Como fundo sonoro suave, Chopin.

Brian sorriu. Pegou a mão de Sarah em cima da mesa.

– Você ainda não respondeu minha pergunta. Mas compreendo que precise de algum tempo.

Sarah o engolia com os olhos. Jamais o vira tão bem vestido. Um verdadeiro *gentleman*. E sua maneira de olhar! Aquilo não era apenas desejo sexual, havia mesmo algo além.

O verdadeiro amor, talvez?

– Estamos saindo juntos há apenas três meses e, ainda por cima, escondidos. Será que nos suportaremos, no cotidiano?

– Sei que sim – afirmou Brian.

Desde que tomara a decisão de revelar a todos sua relação com Sarah e, consequentemente, acabar de uma vez com sua pseudo-história com Elisabeth Parker, sentia-se aliviado de um grande peso. Via as coisas com muito mais clareza.

Aquele casamento arranjado entre ele, o filho do arquiteto Hoggarth, e a filha do diretor do hotel mais prestigioso da cidade era uma grande farsa.

Nunca amara Elisabeth. Ela não era feia, mas fazer amor com ela era um tédio mortal e suas conversas eram completamente insípidas.

Sarah tinha tudo aquilo que ele desejava. Um corpo de deusa, um caráter forte e uma verdadeira paixão pelo futebol americano.

– E seus pais, o que vão dizer? Uma provincianazinha de Silver Town fisgando um dos melhores partidos da cidade.

– Ninguém me fisga. Esqueceu que fui eu que dei em cima de você e não o contrário?

Não, Sarah não esquecera.

Sempre fora fascinada pelos jogadores de futebol. Saíra com dois deles, mas jamais teria ousado dar em cima do *quarterback* vedete da equipe universitária de River Falls. Ainda mais que ele já era noivo.

Embora gostasse de provocar os homens, não era como Lucy e Amy. Nunca transara com um cara só pelo sexo. Não era como elas!

– Algum problema? – inquietou-se Brian, vendo o rosto de sua amada se fechar.

– Hein? O quê? – disse ela, endireitando a cabeça. – Nada de especial, estava pensando na época em que morava em Silver Town.

– Lucy e Amy?

– Sim – respondeu ela com um suspiro.

Brian recuou em sua cadeira e olhou-a com ternura. Não sabia nada de seu passado, mas logo compreendera que ela não gostava de falar daquilo.

– Vocês eram mesmo grandes amigas? Não consigo imaginá-la com elas. Sem querer faltar com o respeito a elas, as duas eram...

Deixou a frase em suspenso.

– Piranhas, pode dizer. Mas se as tivesse conhecido quando crianças. Aprontamos todas juntas. Chegamos até a parar na delegacia por nossas bobagens.

– Tipo?

– Lembro-me do dia em que Lucy pôs na cabeça que queria roubar balas na mercearia do velho Gillis. Amy e eu devíamos fingir uma crise de choro no fundo da loja para atrair Gillis até lá, enquanto ela encheria os bolsos com todas as guloseimas expostas no balcão. O velho não era besta. Segurou-nos, eu e Amy, enquanto Lucy fugia rindo. Meu pai me deu uma bela surra aquela noite. Mas, no fundo de mim mesma, estava contente, tornara-me uma rebelde!

Brian tentou imaginá-la mais nova. Uma pestinha andando com maus rapazes!

– Sabe, por mais que tenha me afastado delas quando cheguei à universidade, não me arrependo de nenhum dos momentos que vivemos juntas durante nossa adolescência. Éramos irresponsáveis e estávamos prontas pra qualquer aventura. Nunca ri tanto quanto com Lucy e Amy. Tudo parecia possível. Detestávamos Silver Town e só tínhamos um desejo: deixar aquela cidade e ir pro litoral. Amy queria se tornar uma cantora famosa, e Lucy e eu sonhávamos em ser novas Marilyns. – Sarah suspirou. – Mas a realidade nos venceu, com os anos. Não tínhamos índole artística. Num certo momento, decidimos estudar. Amy e Lucy continuaram com sua atitude um pouco extravagante quando chegaram aqui, mas seus resultados nas provas mostravam que não desprezavam completamente os estudos.

– Sim, eu sei, e não consigo entender por que vocês se afastaram tanto.

– Já lhe disse. Meus pais se sacrificaram pra pagar minha entrada na universidade. Eu não podia mais seguir o ritmo de Lucy e Amy. Elas saíam todas as noites e nunca paravam pra estudar. Se não tinham nenhum talento pra se tornar *stars*, tinham a sorte de ser muito dotadas para os estudos. Todos tinham a impressão de que elas não estavam nem aí. Mas basta ver: elas passaram nos dois primeiros anos sem nenhum problema, enquanto eu, você não imagina as horas que fiquei na biblioteca pra tentar compreender e assimilar todas as matérias. Se tivesse seguido Lucy e Amy, teria sido reprovada em tudo.

Brian suspeitava que ela não estava lhe contando tudo, mas parecia tão sincera...

– Sim – disse ele, sem convicção. – Em todo caso, fico feliz que você tenha se afastado delas. Você se dá conta, se ainda andasse com elas?... E aquela carta que lhe enviaram sábado à noite? Se você tivesse ido ao encontro...

– Podemos falar de outra coisa? – interrompeu-o abruptamente Sarah.

Não queria pensar naquilo. Toda aquela história ficara para trás. Precisava seguir em frente.

– Perdão, sinto muito – desculpou-se Brian. – Então, e a resposta a meu pedido?

Sarah sorriu. Não se sentia pronta para o casamento.

– Vou pensar, mas não lhe digo “não”. Só preciso conhecê-lo um pouco melhor.

Brian assumiu uma atitude de surpresa enquanto o garçom lhes trazia as entradas.

– O que quer saber de mim? Não tenho nada pra esconder.

– Fale-me de Jennifer Shawn.

Brian, desta vez, não fez cara de surpreso: ele realmente estava.

– Você sabe disso?! – perguntou, na defensiva.

– Sim! Mas você não tem nada pra esconder, não é? – replicou ela, com um sorriso cheio de malícia.

Brian baixou o olhar para a mesa, depois, ergueu a cabeça.

– Pois bem, saí com ela esse verão. E, se quer saber, ela está longe de ser o ET que todos acham. Muito pelo contrário, ela é superlegal. Não tenho a mínima vergonha de ter ficado com ela.

– Ei, não fique assim, não o estou acusando de nada. É verdade que ela é bem legal.

– Foi ela que lhe contou?

– Sim, mas não se preocupe. Ela não está com ciúmes. Ao menos, não está mais. Apenas ficou triste por você tê-la deixado.

Brian estava realmente constrangido. Jamais imaginara que teria de falar daquilo com Sarah.

– Não pense que, ao voltar para a universidade, eu tenha ficado com vergonha de aparecer com ela. Não é isso. Ela tem muitas qualidades, mas não era a mulher da minha vida. Ela tem uma visão sombria demais das coisas e, além do mais, é uma democrata.

– Eu também sou democrata.

Brian rejeitou sua resposta com um gesto.

– Mas você é diferente. Não está fixada em suas convicções. Além disso, você me disse ser a favor da pena de morte. De qualquer jeito, pouco importa. Passei ótimos momentos com Jennifer, mas não estava apaixonado por ela. Isso é o que importa.

Sarah ficou satisfeita com a resposta. Estava contente por ele não ter falado mal de Jennifer. Detestava os caras que falavam mal de suas ex-namoradas.

– Ok, é o bastante – disse ela.

Brian foi um pouco mais para a frente em sua cadeira e assumiu uma atitude mais descontraída.

– Sabe que você é a mulher mais bonita do mundo?

O elogio, embora batido, a agradou muito.

– Amo você, Brian.

6

Donald estava em transe. Nunca fora tão longe. Sentia cada um de seus músculos, cada gota de seu sangue circulando nas veias. Sentia-se como um deus.

Os olhos da garota refletiam a imagem do terror final. Ele nunca desfrutara de tamanho sentimento de potência.

Lágrimas corriam sobre a face da jovem supliciada. A vontade de lambê-las foi tão forte que ele se aproximou de seu rosto e saboreou aquele néctar divino.

Soltou um suspiro de prazer próximo ao orgasmo. Endireitou-se e colocou as mãos novamente no pescoço da prostituta.

Fazia cerca de uma hora que a amordaçara e amarrara na cama. Passara esse tempo todo golpeando-a e violando-a.

Não era a primeira vez que maltratava uma prostituta, mas, desta vez, sentia-se maduro para ir até o fim de suas pulsões.

Apertou um pouco mais a garganta da mulher e sentiu as pulsações desenfreadas sob seus dedos.

Com a boca cheia de tecido e vedada por um poderoso adesivo, a garota sabia que ia morrer.

Donald podia ler isso em seus olhos. Era fascinante. Como era belo ver o rosto da morte. Nunca imaginara que os olhos podiam exprimir tanta emoção.

Apertou ainda mais forte e, lentamente, a garota parou de se mexer. Seu olhar se tornou, no espaço de alguns segundos, totalmente vítreo. Sua vida acabava de partir.

De quatro sobre sua vítima, Donald respirava profundamente. O corpo suado, o espírito totalmente impregnado de seu ato, ficou longos segundos contemplando sua obra, sem afrouxar os dedos.

Lentamente, as palpitações de seu coração voltaram ao ritmo normal. Lentamente, Donald voltou à realidade.

Largou sua vítima e se deitou ao lado dela. Um riso quase infantil escapou de seus lábios. Estava atônito. Quanta emoção. Nunca imaginara atingir tamanho prazer. Seu membro ainda estava duro de desejo.

Cerca de dez minutos depois, levantou-se para tomar uma ducha. O jato gelado o fez voltar completamente à realidade.

Voltou para o quarto e ficou decepcionado com o espetáculo. Um monte de carne morta, sem alma. A magia do momento se desvanecera. O frio da morte varrera todas as emoções que o tinham penetrado durante seu ritual mortal.

Vestiu suas roupas.

Teria de ser mais cuidadoso do que das outras vezes. Embora fosse apenas uma prostituta, os tiras seriam obrigados a conduzir uma investigação. Mas ele previra tudo.

O hotel estava localizado na periferia de Los Angeles. Deixara seu carro num estacionamento a trinta quilômetros dali e fizera o resto do caminho de ônibus.

Pôs de volta a peruca sobre sua cabeça raspada e coçou a barba que deixara crescer especialmente para aquele momento. De volta a Seattle, tiraria a barba e jogaria a peruca no lixo.

Por mais que os tiras investigassem, nada o ligava à sua vítima. Na pior das hipóteses, obteriam a descrição sumária de um voyeur *que, de sua janela, ficasse observando as putas na calçada: um homem branco, barbudo, de cabelos longos.*

Nunca fora preso. Seu DNA não figurava em nenhum banco de dados do país. Não havia como chegarem a ele pelo esperma.

Saiu do hotel, esforçando-se para passar despercebido. Mas o empregado da recepção nem o viu sair, tão absorvido estava por uma comédia na televisão.

Donald reencontrou o ar quente e seco de Los Angeles.

Aquilo o lembrou das férias que ali passara com seu pai. Se soubesse que seria nesta mesma cidade que conheceria o êxtase mais total!

Naquela hora da noite, não havia mais ônibus. Então, após ter atravessado várias ruas e chegado a uma grande avenida, parou um táxi e pediu para deixá-lo no centro.

Acabara de completar vinte anos. Desde sua primeira relação sexual, com Wendy, embora ela não tivesse prestado queixa contra ele, compreendera que não poderia renovar aquele tipo de aventura impunemente. Sabia que teria de ir mais longe com suas fantasias, e que nenhuma garota normal aceitaria acompanhá-lo.

As prostitutas lhe pareceram a solução perfeita. Não precisava conquistá-las. Não sabiam quem ele era.

Se fossem prestar queixa por maus-tratos e ferimentos, sabia que os tiras arquivariam o caso sem sequer tentar resolvê-lo. Além disso, para maior segurança, sempre tomara o cuidado de esperar pelo menos um mês entre cada ação e de cometê-las sempre em cidades diferentes.

Donald não via como poderiam prendê-lo um dia.

Chegou ao estacionamento. Entrou no carro e fechou os olhos. Viu o rosto aterrorizado da garota, como se ainda estivesse lá.

Um sorriso de gozo desabrochou em seus lábios.

Sexta-feira, 27 de abril de 2007

1

Ainda de pijama, Hurley bateu à porta do quarto de Logan e entrou sem esperar resposta. Ele estava dormindo. Ela se aproximou e o observou à luz que se infiltrava pelas venezianas fechadas.

Ele parecia tranquilo. Seu peito subia e descia num ritmo regular. Ela se sentou na cama e o sacudiu suavemente. Logan resmungou e abriu os olhos.

– Que horas são?

– Seis e quinze.

Logan estendeu o braço e ligou o abajur.

– Não tínhamos combinado às seis e meia? – disse, olhando para o despertador.

Hurley fez uma expressão desolada.

– Acordei lá pelas cinco e não consegui mais dormir.

Logan sentou na cama. Percebia que alguma coisa estava incomodando Hurley.

– O que houve? Você parece não estar bem. Quer que eu a leve pro hospital?

Hurley meneou a cabeça.

– Não, fisicamente está tudo bem, mas...

Deixou a frase em suspenso. Sentia-se uma idiota. Passara uma parte da noite pensando em como abordar o assunto sem que ele se zangasse, mas, na hora, era incapaz de pronunciar as esmeradas frases que preparara.

– O que foi, então? Tem uma nova teoria sobre o caso?

Hurley juntou coragem e – danem-se as consequências! – deitou-se ao lado dele e beijou sua boca.

Logan permaneceu insensível.

Hurley recuou. Logan olhava para ela com uma surpresa incrédula.

– Desculpe-me, fui uma idiota. Vou embora – disse ela sentindo o rosto corar.

Idiota! Maldisse a si mesma por aquele comportamento de adolescente tardia. O que dera nela?! Ele já não a avisara de que estava tudo terminado entre eles?

Uma mão firme segurou seu braço.

– Não peça desculpas.

E atraiu-a para ele.

Fizeram amor com uma intensidade animal. Cada um conhecia de cor o corpo do outro. Seu êxtase era tão grande quanto seu desejo. Carícias, beijos, palavras doces, gritinhos, gemidos. Reencontravam-se como se sua longa separação jamais tivesse acontecido.

Ofegantes, impregnados de um amor que os fundia, atingiram um orgasmo que os remeteu às mais belas horas de suas vidas.

Logan fechou os olhos e se desgrudou do corpo de Hurley para se deitar ao lado dela.

Sabia que acabara de cometer um grande erro, mas não conseguia se arrepender. Era tão bom!

Tinha esquecido como era delicioso fazer amor com ela. Por mais que tivesse se esforçado ao longo desses anos, continuava amando-a loucamente.

Levantou-se e, sem uma palavra, foi até o banheiro. Hurley juntou-se a ele embaixo do chuveiro.

Logan estava na cozinha e preparara dois cafés. Já vestira sua jaqueta e só estava esperando Hurley. Escutou o barulho de seus passos na escada. Alguns segundos depois, ela estava com ele na

cozinha.

– Preparei um café pra você, estamos em cima da hora.

Hurley olhou para o relógio de parede. Sete e dez.

– Obrigada.

Pegou sua xícara.

Beberam seus cafés olhando-se nos olhos. Nenhum dos dois ousava pronunciar uma palavra. Houve um silêncio constrangido.

– Vamos, vista seu casaco, vou esperá-la no carro.

Hurley aquiesceu e observou-o sair.

Sabia o que ele estava pensando em fazer, mas não o deixaria escapar tão facilmente.

Pegou o casaco e a bolsa, trancou a porta e se juntou a Logan, que a esperava no carro com um cigarro na boca.

– Vou deixar Max – disse ela assim que se sentou ao seu lado.

Logan deu a partida. Com o olhar fixo na estrada, engatou a primeira.

– Escute, não acho que seja uma boa ideia.

Não queria falar daquilo. Os dois tinham enlouquecido. Ela devia esquecer o que acabara de acontecer.

– Não pedi sua opinião. Você acha que a escolha é sua?!

Logan segurou a direção com mais força.

"Que imbecil!", xingou a si mesmo. Por que cedera depois de todo aquele tempo? Mas, ao mesmo tempo, sabia que tudo aquilo era inevitável. Sua amante ocasional era muito gostosa, mas a relação deles não era mais do que uma pálida cópia do que vivera com Hurley.

– Jessica, não vamos conversar sobre isso agora. Mas prometo que esta noite responderei a todas as suas questões, pode ser?

Hurley olhou-o com intensidade. Finalmente, ia compreender.

– Se mentir pra mim uma vez que seja, prometo que o mato.

– Talvez seja melhor assim – disse ele, tentando sorrir.

Chegaram à delegacia às sete e trinta e dois. Assim que viram a cara dos primeiros agentes que encontraram, perceberam que alguma coisa estava errada.

Blanchett foi direto a Logan e lhe estendeu o *Daily River*. Ele o pegou.

Uma onda de pura raiva o invadiu assim que leu a primeira página. As fotos dos três suspeitos acompanhavam o texto de Leslie Callwin.

Todos os seus tenentes estavam à sua volta. Observou-os um a um. Um imenso constrangimento dominava o ambiente.

– No meu escritório, já! – trovejou.

Seguiram-no pelo corredor. Hurley foi a última a entrar no escritório.

– Quem falou? – disse ele tirando seu maço de cigarros do bolso.

Morris, Blanchett, Ascott e Heldfield ficaram em silêncio.

– Não sairei daqui enquanto o culpado não se entregar – garantiu, acendendo um cigarro.

– Não fui eu – defendeu-se Ascott.

– Nem eu – disse Blanchett.

– Não tenho nada a ver com isso – assegurou Heldfield.

– Por que o faríamos?! – ironizou Morris. – O que ganharíamos com isso?

Ali estava a questão. Logan não conseguia acreditar que pudesse ser um deles. Conhecia-os bem. Não podia imaginar tamanha traição da parte de nenhum deles.

– Não estou acusando ninguém de ter feito de propósito, mas algum de vocês contou a alguém. E quero saber para quem!

O silêncio voltou a reinar. Os quatro tenentes se entreolharam, mas nenhum manifestou o menor sinal de remorso.

– Por que está nos olhando assim? – queixou-se Heldfield. – Pode ter sido ela – acrescentou, apontando Hurley com a cabeça.

Logan virou-se para ela.

– A agente Hurley foi quem encontrou as fotos. Se quisesse nos sabotar, não as teria mostrado a mim, e sim enviado direto pra essa vaca dessa jornalista.

De novo, silêncio.

Logan procurava algum sinal na atitude deles. Heldfield era o que parecia mais embaraçado, mas era também o mais tímido dos quatro. Aquilo não provava nada.

– Aviso-lhes que, se ninguém se entregar, terei de abrir um inquérito contra cada um de vocês. Vasculharemos o passado de cada um atrás de elementos suspeitos. É realmente o que desejam?

– Isso não é justo – insurgiu-se Ascott. – O senhor não tem nada a nos censurar. Se um de nós é culpado, não deve fazer a culpa recair sobre todos os outros.

Logan olhou-o nos olhos. Ascott não estava errado, mas o que ele podia fazer? Havia uma maçã podre no seio de sua equipe, e não via como se livrar dela sem utilizar métodos de impacto.

– Dê-nos o tempo de acertar isso entre nós – interveio Blanchett. – Se um de nós for culpado, prometo que se entregará. O senhor nos conhece bem e nunca teve nada a nos censurar. Confie em nós. Dê-nos o dia de hoje pra conduzirmos nossa investigação. Gostaria de ir ver essa Callwin. Talvez possamos fazê-la falar.

Logan deu uma risadinha sarcástica.

– A liberdade de imprensa, Blanchett! Não conseguirão nada com ela.

– Deixe-nos tentar.

Logan apagou seu cigarro ainda pela metade no cinzeiro.

– Ok, dou-lhes até amanhã de manhã pra encontrar o culpado. Por ora, concedo-lhes o benefício da dúvida. Morris e Blanchett, vocês vão trazer Augeri. Ascott e Hurley pegarão o reverendo Adams, Heldfield, você vem comigo buscar o juiz.

Não tinha nenhuma dúvida sobre a idoneidade de Hurley e Blanchett. Ao menos, cada um teria seu suspeito sob os olhos.

– Juro que não fui eu – afirmou Heldfield com firmeza, ao entrar no Cherokee.

– Não o estou acusando. Mas só vocês estavam a par. Mais ninguém. O que pensaria no meu lugar?

Heldfield suspirou e respondeu:

– Exatamente a mesma coisa que o senhor, embora isso me pareça aberrante. Conheço Tania, Jeff e Stan há anos. Poderia pôr minha mão no fogo por cada um deles.

Logan virou a cabeça para Heldfield mantendo um olho na estrada.

– Tem uma confissão a fazer?

– Se quer mesmo um bode expiatório, prefiro que me escolha. Sou o único solteiro e não tenho filhos. Não suje a reputação de todos conduzindo investigações sobre eles.

– Mas você é o culpado? Sim ou não?

– É claro que não, mas não o deixarei sujar todo mundo por simples suposições.

Logan pensou por um instante que Heldfield fosse falar, mas, com toda a evidência, não era ele.

Parecia realmente sincero, e era verdade que nunca tivera nada a lhe censurar. Muito pelo contrário.

– Não consigo entender. Talvez Blanchett tenha razão. Irei eu mesmo ver essa Callwin. Quem sabe o que dirá com o cano de uma pistola na cabeça – disse, sem o menor traço de humor.

Heldfield franziu as sobrancelhas e olhou-o, preocupado.

– Estava brincando, ainda que sonhe com isso!

Heldfield ficou em silêncio. Não achara aquilo nem um pouco engraçado.

Chegaram à mansão do juiz McArthur. Uma magnífica construção de três andares no estilo colonial de Nova Orleans. Uma anomalia arquitetônica em Washington.

O sol acabava de aparecer no horizonte, mas uma multidão de jornalistas já estava amontoada diante dos portões da mansão.

Logan se conteve para não xingá-los em voz alta. Não queria dar a Heldfield a impressão de que o considerava culpado.

Utilizou a sirene para abrir passagem e parou o carro na frente da entrada da mansão.

Quatro jornalistas se precipitaram sobre eles. Mal tinha aberto a porta do carro, já choviam perguntas sobre Logan:

– Vocês têm provas categóricas?

– Acham que ele as matou?

– McArthur, Adams e Augeri podem ter se juntado para se vingar?

Logan atravessou a multidão de curiosos que tinham se amontoado em volta da mansão. Vizinhos encantadores, felicíssimos por poderem se horrorizar com a perversidade de seu querido juiz!

– Não responderei a nenhuma pergunta. Deem o fora! – trovejou Logan, aproximando-se do portal.

Apertou o interfone. A voz trêmula de uma mulher lhe respondeu.

– É o senhor, xerife?

Logan disse para si mesmo que a mulher devia ter escutado sua sirene.

– Sim, preciso falar com o juiz – disse, enquanto os jornalistas e os vizinhos continuavam a interpelá-lo.

Nenhuma resposta, só um clique. O portão se abriu. Logan entrou novamente no carro onde Heldfield o aguardava. Atravessaram o portão, que voltou a se fechar atrás deles.

Entraram numa alameda que atravessava um suntuoso jardim, especialmente florido naquele início de estação. Logan estacionou o carro diante da escada da entrada. Uma mulher os recebeu chorando.

– Senhora McArthur – cumprimentou-a o xerife, chegando ao patamar.

– Meu marido se trancou no escritório. Recusa-se a abrir pra mim. Imploro-lhe, xerife, não o mate. Meu marido é inocente.

Logan assumiu uma atitude compreensiva.

– Seu marido é apenas uma testemunha privilegiada no caso de Lucy e Amy. Não é suspeito de nada.

– Mas no jornal dizem que vocês tinham a intenção de prendê-lo.

– Mentiras pra vender papel. Quero apenas esclarecer alguns pontos com ele.

A mulher pareceu um pouco mais tranquila e deixou-os entrar na casa. Uma menininha de oito anos estava no vestíbulo.

– Querida, volte pro seu quarto.

– Estou com medo, mamãe! – disse ela, correndo para a mãe.

Heldfield se afastou para deixar a menina chegar até a mãe. Olhou pela porta de vidro. Uma

impressionante coleção de quadros cobria as paredes da sala.

"Certas funções públicas são muito mais bem pagas do que outras", surpreendeu-se pensando.

– Onde fica o escritório dele? – perguntou Logan.

– No segundo andar, é a porta ao final do corredor.

– Senhora McArthur, fique aqui embaixo com sua filha. Vamos tentar falar com ele. Vai dar tudo certo. Vai dar tudo certo – repetiu, olhando para a menininha, que o observava, chorando.

Logan e Heldfield subiram em silêncio uma grande escadaria. Quando chegaram ao segundo andar, pisaram num espesso tapete que abafava seus passos.

– Pegue sua arma e me dê cobertura – sussurrou Logan no ouvido de Heldfield.

Lentamente, Logan foi até o fim do corredor. Os batimentos de seu coração se aceleraram.

Bateu à porta.

– Senhor McArthur, é o xerife Logan. Deixe-me entrar.

Logan colou seu ouvido à porta e pareceu-lhe escutar um barulho de cadeira arrastada e, a seguir, passos que se aproximavam.

Recuou e, com um gesto, mandou Heldfield abaixar a arma.

Um clique na fechadura, mas a porta não se abriu.

– Pode entrar. Sozinho! – intimou uma voz através da porta.

– Ok – respondeu Logan.

– Vou com você - sussurrou Heldfield, adiantando-se.

– Vou deixar a porta ligeiramente entreaberta. Ao menor sinal suspeito, você entra e atira no ombro dele – cochichou Logan.

A porta se abriu. Entrou no escritório e puxou lentamente a porta atrás de si sem fechá-la.

McArthur voltara à escrivaninha e apontava um 38 para Logan.

– Encoste-se na parede e deixe suas mãos bem à vista – ordenou.

Parecia ter bem mais do que seus cinquenta anos. O suor pingava de seu rosto. Seu olhar era o de um possesso.

– Solte essa arma. Eu lhe peço. Não tenho nada contra o senhor, por enquanto. Não cometa um ato de que possa se arrepender depois – disse Logan, afastando as mãos do quadril.

Uma risada sardônica foi a resposta de McArthur. Logan permaneceu tranquilo, esperando que o juiz se acalmasse.

– Nunca teria pensado isso de você. Sempre pensei que fosse um homem íntegro. Por que comunicou à imprensa?

Logan apertou os lábios. Não gostava de servir de alvo. McArthur continuava apontando sua arma para ele.

– Não tive a intenção. A informação vazou através de algum dos meus agentes. Garanto-lhe que, assim que souber quem foi, ele responderá a um processo por divulgação de informações confidenciais.

O juiz riu novamente.

– Acredito, mas é tarde demais pra mim. Minha carreira já era. Quem elegerá um juiz que fornicou com duas meninas!

Com a mão direita, o juiz digitava no teclado de seu computador, enquanto continuava a apontar a arma para Logan com a esquerda.

Se ele fosse destro, levando em conta os tremores que podia observar, Logan tinha chance de conseguir dominá-lo sem ser atingido. Quatro metros o separavam da escrivaninha. Era possível.

Arriscado, mas possível, pensou. Dois enlouquecidos em dois dias. Estava virando um hábito!

– O senhor está ligado de alguma maneira ao assassinato de Lucy e Amy? – perguntou Logan.

O juiz terminou de digitar algumas frases e olhou de novo para o xerife.

– É claro, trepei com aquelas duas piranhas. E, qualquer que seja o resultado de suas investigações, sempre pesarão suspeitas sobre minha pessoa. River Falls não é Seattle. As pessoas aqui não esquecem.

– Se não tem nenhuma culpa, abaixe sua arma. Eu me encarregarei de provar sua inocência. Nenhuma foto sairá no jornal. Prometo.

– Sou inocente, xerife. Mas, pra população, já estou condenado. Sou culpado de ofensa aos bons costumes.

– Abaixe sua arma, eu lhe imploro – reiterou Logan.

Com as mãos para cima, deu dois passos e adiantou-se um metro.

– Pare, ou vou atirar!

O tom era categórico. Logan parou onde estava. A loucura brilhava nos olhos do juiz. Tinha de esfriar o jogo.

– Tenho ainda algumas escrituras por fazer, assim que terminá-las me entregarei – disse McArthur.

– O que está fazendo? – perguntou Logan.

– Organizando minha sucessão. Minha mulher é uma verdadeira puta, não acredite que suas lágrimas são sinceras. Se acha que meus costumes são estranhos, aconselho-o a investigar os de minha mulher: entenderá realmente o sentido da palavra perversão.

Logan não tinha nenhuma opinião a esse respeito e não estava nem aí para aquilo. Cada um podia fazer o que quisesse com o próprio corpo. Desde que houvesse consentimento de ambas as partes e nenhuma criança na parada, aquilo não lhe dizia respeito.

– Por que preparar sua sucessão? O senhor não vai fazer isso!

Desde que entrara no escritório, desconfiara de que as balas não estavam destinadas a ele. Agora tinha certeza.

– Oh, pode crer que sim! Não viverei a vergonha de minha queda. Eu já era, xerife. Você sabe muito bem disso. Quando a máquina judiciária começa a persegui-lo, mesmo inocente, ninguém sai ileso. Pode achar ridículo, mas a função de juiz é minha grande paixão. Sem isso, não sou nada.

O tom era desesperado.

“Caralho!”, pensou Logan. Tinha de ganhar tempo a qualquer custo.

– E sua filha? Não se importa com ela?

O juiz riu, desiludido, enquanto clicava no mouse.

– Sequer tenho certeza de que ela seja minha. No entanto, adoro-a. É por isso que ainda estou aqui, xerife. Tenho a intenção de legar tudo a ela, de uma maneira que minha mulher não possa embolsar sua herança.

Logan estava a três metros da escrivaninha. Ainda muito longe para conseguir dominá-lo com um pulo. Se o juiz se matasse, nunca se perdoaria.

“Se não tivesse dado ouvidos a Hurley”, pensou, maldizendo sua decisão de adiar o interrogatório.

– O senhor é um homem corajoso e respeitado, juiz. Peço-lhe, não faça isso. Suicidando-se, fará a suspeita recair sobre si. Mas, se lutar pra provar sua inocência, terá a chance de restabelecer sua honra.

– Pare com essa ladainha – disse o juiz, cujo olhar passava do xerife à tela do computador. – Agradeço sua tentativa de me ajudar, mas minha decisão está tomada. A verdade é que eu sabia que um dia essa história acabaria mal.

De repente, o juiz colocou o cano da arma na própria boca.

– Não! – gritou Logan com todas as forças.

Mas o indicador do juiz, sem hesitar, apertou o gatilho. Heldfield saltou para dentro do escritório com a arma apontada para o juiz.

A cabeça de McArthur caiu para trás e um esguicho de sangue se espalhou pela parede atrás dele.

– Caralho! – praguejou Logan – fechando os punhos.

– Oh, não, merda! – disse Heldfield.

Escutaram o barulho de passos precipitados na escadaria.

Logan saiu do escritório.

Vinda do topo da escada, a filha de McArthur corria pelo corredor com a mãe atrás dela.

Logan impediu a passagem da menina diante da porta que Heldfield fechara atrás de si.

– Você tem de descer. Não pode ficar aqui.

– O que aconteceu? Diga-me o que aconteceu! – implorou a senhora McArthur, realmente consternada.

Logan ergueu a cabeça.

– Vocês têm que descer. Acabou.

– Papai, papai! – gritava a menina.

Heldfield saiu do escritório abrindo a porta o mínimo possível.

– Cuide dela – disse Logan, indicando a senhora McArthur.

Ela caíra no chão e soluçava com o rosto entre as mãos.

Logan pegou a menininha no colo e conseguiu controlá-la enquanto ela se debatia. Levou-a até a escada.

– Quero ver meu pai!

Logan estava atônito. Revia a cena em câmera lenta. A parte de trás da cabeça do juiz explodindo na parede.

Diante do pesar sincero da viúva, que Heldfield tentava acalmar com gestos e palavras de compaixão, percebia o quanto aquela mulher amava seu marido. McArthur fora um grande imbecil!

Desceu as escadas. Chegando ao térreo, sentou a menininha a seu lado num sofá.

Pegou seu celular e ligou primeiro para o hospital, em seguida, para a delegacia. Pediu que três agentes viessem cuidar da esposa do juiz e de sua filha.

O calvário delas ainda não terminara. Teriam que interrogá-las. A morte do juiz não provava sua inocência quanto ao assassinato de Lucy e Amy.

A menina parara de espernear. Logan a apertava com força contra si. Ela compreendera que seu pai estava morto.

Que inferno poderia se desencadear naquela cabecinha?

Esperou que a senhora McArthur descesse, amparada por Heldfield.

– Tom, tenho de voltar pra delegacia. Você fica com elas até que cheguem os reforços.

Entregou a menininha à mãe, que a abraçou. Mãe e filha prostradas na dor.

Logan saiu sem olhar para trás.

Entrou no carro, desceu a alameda e abriu o portão. Os jornalistas estavam aglutinados ali como mendigos pedindo esmola.

Lançou-lhes um olhar de desprezo, mas saiu do carro, pronto para enfrentar a matilha.

Uma enxurrada de perguntas o acolheu.

– O que aconteceu? Ouvimos um tiro.

– O senhor matou o juiz McArthur?

Logan assumiu uma pose severa. Finalmente o silêncio se impôs.

– O juiz McArthur pôs fim aos seus dias. Peço-lhes que abram espaço, uma ambulância está para chegar.

As perguntas redobraram. Logan esforçou-se para não perder a calma. Os câmeras o filmavam de todos os ângulos. Tinha de permanecer impassível, embora a vontade de quebrar a cara de um deles fosse grande. Voltou para o carro, deu a partida e foi embora.

Logo pôs-se em contato com a delegacia.

– Aqui Logan. Augeri e Adams foram detidos?

– Positivo, xerife – disse a voz feminina de Plant.

– Chego em quinze minutos – disse – desligando.

Deixou os bairros nobres de River Falls e dirigiu-se ao centro.

"Por que logo comigo?!", pensou, chateado.

Sentado na cama de seu quarto de hotel, Donald assistia à televisão. "Finalmente, aqueles tiras imbecis puseram as mãos nas fotos!", pensou, admirado do tempo que tinham levado.

Fizera um café e o bebia tranquilamente, vendo a jornalista que falava ao vivo da delegacia de River Falls.

Uma reviravolta daquelas no caso era um prato cheio para os jornalistas, mas também o favorecia. Ficaria tranquilo todo o fim de semana.

Até que esclarecessem os testemunhos dos dois suspeitos, teria terminado sua missão e deixado os Estados Unidos da América, indo para o México. Um destino bastante propício ao tipo de delitos que pretendia continuar cometendo.

A jornalista levantava várias hipóteses e se perguntava se o juiz McArthur realmente se suicidara.

Donald sorriu. Quanto menos informações, mais as fantasias dos jornalistas se multiplicam.

"Tanto melhor, divirtam-se. Ainda não chegaram ao fim das surpresas", disse para si mesmo, imaginando de antemão a primeira página dos jornais da semana seguinte.

De volta à delegacia, Logan atravessou o longo corredor e se dirigiu diretamente às celas.

– Lamento muito o que aconteceu – disse Hurley, aproximando-se dele.

– São os ossos do ofício – respondeu, num tom que esperava neutro.

Mas Hurley não se deixou enganar. Sabia que ninguém pode permanecer insensível à explosão de uma cabeça à sua frente.

– Não sei se é uma boa ideia você participar dos interrogatórios...

Logan parou e viu Blanchett, Ascott e Morris que olhavam para ele do fundo do corredor.

– Eu sou a lei nesta porcaria de cidade, não venha me dizer o que devo fazer. Se está aqui, é porque eu permiti. Esse caso não é da alçada do FBI, portanto, não queira me explicar meu trabalho! – disse, ameaçando-a com o dedo.

Hurley não insistiu, mas sabia que ele estava cometendo um erro.

O pouco tempo que tivera para falar com o reverendo Adams, durante o trajeto entre a paróquia e a delegacia, bastara para que percebesse que se tratava de um homem particularmente inteligente.

Seriam necessárias todas as manhas do ofício para conseguir fazê-lo falar, senão corriam o risco de cair no vazio.

Logan chegou diante de seus três tenentes.

– Eles não causaram problemas? – perguntou com voz agressiva.

– Não, Augeri está completamente abatido, e Adams mantém uma calma desconcertante – disse Morris.

– Humm – murmurou Logan.

Abriu a porta que dava para as celas.

Os dois estavam sentados, cada um numa extremidade de uma cela mal iluminada. Suas posturas eram diametralmente opostas.

Augeri estava curvado para a frente, com os braços apoiados nas coxas, as mãos cruzadas, a cabeça inclinada para o chão.

Adams mantinha-se perfeitamente ereto, com as pernas cruzadas. Lançou-lhes um sorriso velhaco.

A vontade de acabar com aquele sorriso se apossou imediatamente de Logan.

– Augeri, levante-se – disse Hurley em tom peremptório.

Logan virou-se e lançou-lhe um olhar glacial.

Hurley não baixou os olhos e enfrentou-o até que cedesse.

– Ok, tem razão, vou me acalmar.

Augeri se levantou desajeitadamente. Tremia. Era patético. Hurley tinha pena dele. Não conseguia imaginá-lo como um matador sanguinário.

Blanchett se aproximou e abriu a porta da cela, sempre sob o olhar faceiro do reverendo.

Hurley amparou o reitor pelo braço e, acompanhados pelos tenentes, dirigiram-se até a sala de interrogatório.

Augeri agradeceu a Hurley por sua ajuda e se sentou de um lado da mesa, enquanto a psicóloga forense se sentava do outro. Ascott entrou e se acomodou em silêncio num canto.

Do outro lado do vidro estava Logan, acompanhado de Morris e Blanchett.

– Desculpem-me, vocês fizeram um bom trabalho – disse Logan, acendendo um cigarro.

– Nenhum de nós gostaria de estar no seu lugar. Como vai Heldfield? – perguntou Blanchett.

Era o que gostava no xerife. Mesmo quando estava furioso, conseguia logo recuperar a calma e sempre se desculpava por seu comportamento. Uma qualidade rara entre os homens de poder.

– Deve estar ok. Não teve nenhuma culpa. Não foi ele que não conseguiu dominar o juiz – disse Logan, lembrando-se da cena.

“Se tivesse encontrado as palavras certas, se tivesse tentado algo...” Mas não, apenas assistira, como espectador involuntário, à morte do juiz McArthur.

– O senhor arriscou a pele. Ele poderia tê-lo matado a qualquer momento. Não tem nada a se censurar. Fez o que podia fazer.

Por mais que ainda estivesse chateada com ele por sua intervenção da véspera, Blanchett sabia que o xerife não poderia ter feito melhor em relação ao juiz. Quando um homem quer realmente se matar, sempre consegue.

– A propósito, Hamilton sobreviveu às duas balas que levou na barriga – acrescentou.

Por um instante, Logan ficou sem saber do que ela estava falando, então o rosto de Hamilton voltou-lhe à memória. Finalmente, uma boa notícia!

– Xerife, se me permite uma observação, acho que o juiz não era culpado. Se fosse o mandante dos assassinatos, não teria hesitado em eliminá-lo.

Logan fizera a mesma reflexão quando estava voltando da casa do juiz. Nada que se pudesse verificar, mas aumentava as chances de que o culpado fosse um de seus dois outros pensionistas.

– Senhor Augeri, quer um copo d’água? – perguntou Hurley com voz suave.

O reitor olhou-a como que ausente. Hurley perguntou-se se ele teria ouvido sua questão.

– Sim, por favor – respondeu ele finalmente, após alguns segundos.

Hurley se virou para Ascott, que fez um sinal com a cabeça e saiu da sala.

– Fazia muito tempo que elas o chantageavam? – começou Hurley, sempre com voz suave.

Augeri soltou um longo suspiro.

– Desde que puseram os pés na universidade, tomaram-me como alvo – disse , abaixando o olhar.

– A relação com sua esposa talvez não andasse muito bem, e elas se aproveitaram disso – insinuou Hurley.

Augeri balançou a cabeça negativamente.

– Não é nada disso, amo minha mulher e nunca a enganara em quinze anos de casamento, mas... – ele parecia perdido. – Com duas garotas bonitas como Amy e Lucy dando em cima o tempo todo e me levando a acreditar que as atraía, duvido que algum homem de minha idade conseguisse resistir.

Hurley lançou-lhe um olhar compreensivo. Mas não estava nem um pouco de acordo com ele. Augeri estava tentando se desculpar usando o argumento da fatalidade masculina!

Em todo caso, estava falando e ainda não pedira para ver seu advogado. “Não vamos assustá-lo”, pensou ela, sabendo que estava pisando em ovos.

– Imaginava que elas lhe pediriam dinheiro em troca de seus favores?

– Não, é claro que não. Sempre me achei bonito e sou alguém importante. Tive a ingenuidade de acreditar que aquilo era apenas o efeito de meu charme natural.

Deu uma risadinha de desprezo enquanto Ascott voltava à sala com uma garrafa de água e um copo. O tenente colocou-os sobre a mesa e voltou para seu cantinho.

– Ele precisa ficar aqui? Não vou atacá-la, agente Hurley – disse Augeri.

Hurley fixou-o por um longo momento. Estava satisfeita de que o homem voltasse à tona. Mas a regra implícita de qualquer interrogatório era nunca deixar um suspeito sozinho com seu examinador.

– Confio no senhor, reitor. – E, virando-se para o tenente: – Pode nos deixar.

Ascott hesitou, mas, diante do olhar inflexível de Hurley, resignou-se a deixar a sala.

Do outro lado do vidro, Logan praguejou baixinho e ordenou que Ascott ficasse atrás da porta, pronto para intervir ao menor sinal seu.

– Acha que fui eu que as matei? – perguntou Augeri.

– Todo ser humano pode cometer uma loucura sob o impulso da paixão.

Augeri serviu-se um copo d’água e o bebeu com avidez.

– Não matei essas garotas. Minha mulher pode testemunhar sobre minha presença em nosso domicílio durante todo o fim de semana, e meus vizinhos também.

– Já sabemos disso – disse Hurley, que não queria forçar as coisas.

Devia sentir o terreno, estudar o comportamento de seu suspeito. Se falassem demais do presente, ele usaria uma linguagem estudada e esconderia suas verdadeiras emoções.

– Esteve na cama várias vezes com elas ou apenas uma?

– No que isso muda as coisas?

Hurley manteve silêncio, continuando a demonstrar uma atitude afável.

– Uma vez! E dizer que só estive na cama com elas uma única vez!

Mergulhou no passado, depois acrescentou:

– Se quisesse matá-las, teria agido desde o início. Você não vai acreditar, mas, com o passar do tempo, acabamos nos acostumando a conviver com a chantagem.

Pelo contrário, Hurley acreditava naquilo. As pulsões violentas costumam ocorrer em reação a um acontecimento marcante. Quanto mais a chantagem dura – se ela não é supliciante demais para a

vítima –, mais esta prefere continuar a pagar do que ver seu segredo vir a público.

"É assim que a Máfia controla a maior parte das cidades do sul da Itália", lembrou-se Hurley.

– Quanto elas lhe pediram?

– Dez mil dólares no primeiro ano, e a mesma quantia nos dois anos seguintes. Tinha também que conseguir as questões dos exames pra elas com antecedência.

O homem parecia realmente disposto a jogar o jogo. Ela não percebia nenhuma armadilha. Mas talvez ele apenas estivesse ainda sob o choque de ter sido preso.

Hurley bateu o pé no chão sem fazer barulho e tomou uma decisão que, sabia, faria Logan subir pelas paredes.

– Por que ainda não pediu pra ver seu advogado?

De fato, atrás do vidro, Logan quase teve um ataque, e teria entrado na sala se Blanchett não tivesse barrado sua passagem.

– Ela sabe o que está fazendo. Confie nela – ficou repetindo até que ele se acalmasse.

– Por que sou inocente. Podem vasculhar meu passado, minhas contas bancárias. Não há nenhuma transferência duvidosa para a conta de um matador de aluguel, se é nisso que estão pensando.

"Muito bem, senhor reitor", pensou Hurley, sem deixar transparecer nenhum sentimento.

– Aquelas garotas souberam adular um ego ávido de reconhecimento, mas fui eu que me deixei cair na armadilha. Mais uma vez, você não vai acreditar, mas lamento sinceramente que estejam mortas. Acredito na justiça, agente Hurley. Se não estivesse contente com minha sorte, bastaria prestar queixa. Preferi me punir cedendo à chantagem delas. O que obtiveram de mim foi por que aceitei dar.

– É a favor da pena de morte, senhor Augeri?

– Acho que você já sabe minha resposta.

Hurley começava a apreciá-lo de verdade. Não era reitor a troco de nada. Recuperava rapidamente seu autocontrole. Era o momento de estabelecer sua convicção íntima.

– Quero escutá-lo dizer.

Augeri respondeu como se aquilo fosse evidente:

– Sou contra. Assim como sou contra o porte de arma e a favor do direito das mulheres de decidir se querem ter um filho. Mas isso não faz de mim inocente, não é mesmo?

– Não, mas, quando eu tiver provado que você foi o mandante dos assassinatos, estarei pronta a testemunhar que se tratou de uma loucura passageira.

O ataque foi certeiro. O rosto de Augeri se descompôs. Não havia nenhum vestígio de raiva ou de ódio, apenas a mais completa incompreensão. Ou ele podia se candidatar ao Oscar de melhor ator, ou era realmente inocente.

Hurley ficou aliviada. Embora em seu primeiro encontro ele tivesse parecido um cara que não gostava que fossem fuçar em seu território, estava longe de ser um mau sujeito.

Um detalhe que ele tivera a delicadeza de calar também chamara a atenção de Hurley: aquela universidade tinha a maior porcentagem de negros e hispânicos de toda a região.

– Não pode fazer isso! Suplico-lhe, tem de acreditar em mim. Nunca organizaria tamanho horror. E pense nos garotos Sheppard! Acha que eu também os teria matado?

Estava realmente em pânico.

A porta se abriu. Ascott entrou na sala.

– Está tudo bem? – perguntou, aproximando-se.

Hurley se virou para o vidro sem estanho e articulou silenciosamente: "idiota".

Logan decifrou a mensagem e sorriu. Depois, ouviu alguém entrando. Virou-se bruscamente. Seu sorriso se desfez: era o prefeito, Clive Nolden.

– Quero conversar com você imediatamente – disse, em tom peremptório –, a sós!

Logan limpou a garganta.

– Agora mesmo, senhor prefeito. Siga-me, por favor – concordou, dirigindo-se a seu escritório.

Depois de ter convidado o prefeito a se sentar, Logan fechou a porta do escritório e se sentou por sua vez.

– Diga-me tudo o que sabe. Espero que seja capaz de me convencer. Senão, nem imagina o que posso fazer, se isso tudo se revelar uma grande farsa.

– Compreendo, senhor prefeito – disse Logan em tom humilde.

Tirou o *pen drive* do bolso e o inseriu no computador.

Nolden esperou em silêncio. Quando viu as primeiras fotos, seu rosto acusou uma estupefação total.

– Não consigo acreditar – disse, enquanto Logan continuava a mostrar as fotos. – Tem certeza de sua autenticidade?

Logan não tivera tempo de ler os e-mails enviados de Seattle, mas o suicídio do juiz e a confissão de Augeri eram mais do que suficientes para provar sua veracidade.

– Não há sombra de dúvida – afirmou Logan, seguro de si. Gostava desses efeitos cênicos. Agora era ele que estava por cima, enquanto Nolden perdera toda a animosidade.

– Não consigo acreditar. Conhecia muito bem o juiz McArthur. Um homem dedicado e correto! – retomou Nolden, coçando o queixo.

Logan dirigiu-lhe um olhar compreensivo.

– Mike, entre você e eu. Ele realmente se suicidou ou você meteu uma bala na cabeça dele?

– A perícia será feita. Ela provará que a bala que perfurou o crânio do juiz saiu de sua própria pistola.

– Humm – murmurou Nolden. – Acha que ele pode ter sido o assassino?

Logan acomodou-se em sua poltrona e lhe explicou sua teoria de que Brooks podia ter mudado de lado e se aliado a uma de suas vítimas para executar as duas estudantes.

– O que Augeri disse? – perguntou Nolden, recuperando a calma.

– Ele não nega o fato de ter estado na cama com Lucy e Amy. Confessou também ter sofrido chantagem, mas jura de pés juntos que é inocente.

– E você acredita nele?

Logan respirou fundo, com os lábios apertados.

– Não sei. Ainda é muito cedo pra dizer. Ele parece realmente abatido. Não é impossível que tenha pagado Brooks apenas para assustar as garotas, e que as coisas tenham escapado completamente de seu controle.

Ambos mergulharam em suas reflexões. Houve um longo silêncio. Nolden o rompeu:

– Quero que esses acontecimentos sejam completamente esclarecidos. Não deixe nada na sombra, utilize todos os meios que forem necessários pra descobrir qual dos três suspeitos foi o mandante. Ainda que o juiz esteja morto, quero saber se foi ele o culpado.

– Pode contar comigo.

– Sei que sim, Mike. Você tem feito um bom trabalho. Se quiser ser reeleito, não podemos deixar que pensem que vamos enterrar o caso por se tratar de figurões – disse, em tom vingativo. – Estou pouco me lixando pra respeitabilidade desses caras. Você vai descobrir pra mim qual dos três foi o canalha que pagou pelo assassinato das garotas.

Era divertido: Nolden se preocupando com ele. “O que ele teme é perder seu posto de prefeito!”, pensou Logan com ironia, mantendo uma expressão impassível.

– Talvez leve algum tempo. Teremos de vasculhar suas casas de cima a baixo, examinar suas contas bancárias, interrogar todos os seus conhecidos e solicitar testemunhas. Sabe como é.

Nolden aprovou:

– Terá todo o meu apoio. Se precisar de verbas suplementares, sabe onde me encontrar.

– Lembrarei disso – respondeu Logan, quando seu celular tocou. – Com licença.

O nome de Blake apareceu na tela do telefone. Aceitou a chamada.

– Oi, Nathan, não posso atendê-lo agora.

Mas Blake interrompeu-o e deu uma informação que acabara de receber. Logan não pôde evitar um palavrão.

Desligou e olhou bem nos olhos de Nolden:

– Talvez tenhamos nosso homem.

O prefeito teria gostado de ficar para o interrogatório do reverendo, mas sua agenda estava cheia. Deixou Logan, pedindo-lhe que o mantivesse a par dos progressos da investigação.

Logan acompanhou-o até a porta, de onde pôde constatar que uma multidão de jornalistas fervilhava lá fora.

Nolden parou no patamar e, com um gesto, pediu silêncio para que pudesse fazer uma declaração.

Logan fez uma expressão de perplexidade e voltou para a sala de interrogatório.

– Xerife, preciso lhe falar – disse a sargento Martinez com voz insegura.

– Não dá pra ser depois? – respondeu ele, mal contendo sua impaciência.

Martinez ficara fragilizada desde que vira os corpos perto do lago.

– Sim, tudo bem – disse ela, lançando olhares inquietos na direção dos colegas que a observavam.

– Falo com você mais tarde – disse Logan, colocando a mão afetuosamente em seu ombro.

Atravessou os corredores e juntou-se a Hurley, que acompanhava Augeri de volta à cela. Esperou que ela o trancasse para falar longe dos ouvidos dos dois suspeitos.

– Ele confessou?

– Não, mas estou convencida de que não é culpado.

Logan concordou.

– Pois bem, pela primeira vez, acho que estou de acordo com você. Blake acabou de telefonar. Não imagina o que ele me disse.

– Estou escutando.

– Nosso bom reverendo Adams já foi incomodado pela justiça por assédio a menores, cerca de dez anos atrás, no estado de Montana.

Hurley ficou estupefata. Aquela era uma notícia e tanto!

– Foi condenado a quantos anos de prisão? – perguntou ela, admirada de que ele tivesse voltado tão rápido à Igreja.

Logan soltou um grande suspiro.

– Os pais da vítima retiraram a queixa quando um acordo financeiro foi feito com as autoridades religiosas de Montana. O caso foi arquivado, o reverendo enviado pra outros céus, e é isso!

Hurley pensou na jovem vítima. Ela nunca poderia fazer o luto de seu sofrimento. A justiça fora sufocada a golpes de dólares. Todos tinham ficado satisfeitos, menos a vítima.

– Às vezes, sinto vergonha de ser americana!

Logan gostou de seu ar vingador. Iam se regalar apertando o reverendo.

– Vamos buscá-lo?

– Sim – disse ela, com uma luz estranha no olhar.

O reverendo se sentou diante de Logan, enquanto Hurley ficava no canto da sala. Blanchett, Morris e Ascott vigiavam a cena do outro lado do espelho falso.

– Será que posso finalmente saber de que estou sendo acusado? – indignou-se Adams, fulminando Logan com o olhar.

– Temos motivos de sobra para pensar que o senhor está envolvido de alguma forma no assassinato de Lucy Barton e Amy Paich.

O reverendo não manifestou nenhuma reação. Continuou com aquele sorriso de superioridade no canto dos lábios.

– Ora, ora, pensava que vocês tivessem assassinado o culpado – retrucou.

Logan o detestou ainda mais.

– Brooks não agiu sozinho. O saldo de sua conta demonstra que ele recebeu uma grande quantia de dinheiro no começo da semana passada. Em outros termos, alguém o pagou para executá-las – mentiu Logan com segurança.

– Quanto? – perguntou o reverendo.

Logan conteve-se para não falar um palavrão. Mesmo que fosse inocente desses crimes, uma coisa era certa: aquele reverendo era um verdadeiro filho da puta.

– Em quanto estima a vida de uma pessoa, senhor Adams? – respondeu Logan.

– Não tenho a mínima ideia e é por isso que gostaria tanto de saber qual foi essa soma.

Logan esboçou um sorriso forçado. Tinha de manter a calma a todo custo.

– Acho que o senhor já deve ter uma ideia. Não pagou a família Trudell por ter tocado sua filha com suas patas sujas?

O sorriso do reverendo se desfez e foi substituído por uma expressão bem mais severa.

– A Igreja nos ensina a perdoar. Esses fatos remontam a muitos anos, mas é verdade que não costumo vê-lo na paróquia.

“Não costumo vê-lo!” Aquilo era um eufemismo. Logan jamais pisara num lugar de culto, a não ser em alguns enterros!

– Nem tanto tempo assim, senhor Adams. Está esquecendo que reincidiu recentemente com Lucy Barton e Amy Paich.

Adams virou a cabeça e lançou um longo olhar para o espelho falso. Logan se perguntou o que ele esperava ver ali.

– Aquelas jovens sequazes de Satã eram maiores de idade, e, se quiser minha opinião, o Senhor ouviu minhas preces.

Logan sentiu a raiva subir das tripas até o cérebro.

– O que está querendo insinuar?

O reverendo recuperou o sorriso.

– Não se faça de mais idiota do que já é, xerife! O rosto do diabo tem muitas facetas. Ele está sempre disposto a tudo pra macular a reputação dos servidores de Deus.

– Elas tiveram o que mereceram. É isso que quer dizer, não é?

– Sem dúvida alguma. Estavam possuídas pelo Mal e pelo vício. Pensei poder ajudá-las assim que nos encontramos, mas aqueles pérfidos demônios confundiram meu espírito. Assim como a jovem Trudell, Amy e Lucy eram o Mal encarnado. Como quer que um simples mortal possa resistir às tentações do Mal encarnado?

– Sua fé devia tê-lo protegido – disse Logan, estupefato de que o reverendo confessasse tão rápido.

Manteve, entretanto, o autocontrole. Se ele confessara metade de seu crime, restava ainda o mais importante: que confessasse ter pagado para que morressem.

– Como qualquer outro homem, sucumbi a um momento de fraqueza. Mas foi o que bastou pra que Lúcifer me pegasse naquele momento. Saiba que só cedi à tentação uma única noite.

– Deve ter sofrido muito por ter tido essa recaída, não é mesmo? – perguntou Logan em tom quase amigável.

Não conseguia acreditar na facilidade com que o reverendo se entregava. De repente, sua raiva praticamente desaparecera, substituída por uma sensação de quase euforia.

– Saiba que rezei muito. Dias e noites pedindo perdão ao Senhor. Não pode imaginar a dor que senti. Pensava ter me livrado dos demônios do passado. Voltara a ser o mais fiel servidor de Deus. Minha vinda para River Falls foi uma verdadeira ressurreição pra mim. As pessoas desta cidade são verdadeiros penitentes. Reina em suas almas tanta bondade que eu acreditava também estar ao abrigo do demônio.

Suspirou, balançando a cabeça.

– Como estava enganado! O Maligno não suporta que se resista a ele. Corrompera-me uma vez. Eu me reerguera. Foi por isso que ele usou de maior vigor pra me fazer cair ainda mais baixo.

– Deve tê-las odiado por terem-no feito sofrer tudo isso, reverendo – disse Logan, utilizando de propósito o título eclesiástico.

Hurley fingiu tossir atrás dele, mas Logan não se virou.

Sentia que Adams estava prestes a confessar tudo.

– Não sou um homem rancoroso, xerife, muito pelo contrário. Rezei pra que o Senhor lavasse suas almas possuídas pelo demônio.

– Infelizmente, elas não pararam de chantageá-lo – continuou Logan, com o mesmo tom de compreensão.

O reverendo balançou lentamente a cabeça.

– Sim, seus espíritos estavam tão gangrenados pelo Mal que mesmo noites e mais noites de prece não puderam reconduzi-las à razão.

– Então, o que fez, afinal? – perguntou Logan, mantendo com dificuldade o controle de sua voz.

– Deixei River Falls sábado à noite e fui para Seattle – começou o reverendo, lentamente em tom solene. – Fui ao encontro da única pessoa que podia me ajudar.

“Continue, continue”, incitou-o mentalmente Logan, que sabia estar chegando ao fim do pesadelo que transtornava River Falls desde o início da semana.

Mas o reverendo não continuou. Logan contou os segundos e disse a si mesmo que o estava perdendo. “Dane-se”: resolveu arriscar.

– Larry Brooks – disse, em tom fingidamente doce.

O reverendo mudou subitamente de atitude e recuou na cadeira.

– Não entendeu nada?! Quem teria mais do que eu o poder de se dirigir ao Senhor pra que ele respondesse a suas expectativas?

– Não sei – reconheceu Logan na defensiva.

“Merda, agora não. Estamos quase lá. Tenho que manter a calma.”

– O arcebispo Wester, evidentemente. Passamos a noite rezando pra salvar suas almas e, segunda de manhã, compreendemos que o Senhor nos escutara. Respondera a nossas preces liberando as almas delas de sua carne, maculada pelo demônio.

Então a raiva subiu como um relâmpago.

– O que está dizendo?! Está zombando da minha cara?! – enfureceu-se Logan, levantando-se de um salto.

Sua cadeira foi para trás e caiu no chão. Hurley se adiantou e segurou Logan firmemente pelo braço. Ela também estava com raiva. Mas não só do reverendo.

– Deixe-me com ele – disse, num tom que não pressagiava nada de bom.

Logan lançou-lhe um olhar venenoso; depois, rapidamente, baixou os olhos. Reconhecera aquele olhar. Hurley estava realmente fora de si, e ele sabia muito bem por quê.

"Estraguei tudo, porra, estraguei tudo!", disse para si mesmo, saindo obedientemente da sala.

– Até mais, xerife. Até logo, estou ansioso pra vê-lo em minha paróquia – zombou ainda o reverendo.

A porta bateu ao fechar-se atrás de Logan.

Hurley juntou a cadeira caída, recolocou-a diante da mesa e se sentou.

Seguira, totalmente impotente, o desenrolar do interrogatório. Logo compreendera que o clérigo estava levando Logan na conversa. Cego pela esperança de encurralar o reverendo, Logan não percebera nada. Mesmo no último instante, ainda acreditava que ia pegá-lo.

– Divertiu-se bastante, senhor Adams?

– Não entendo do que está falando, senhorita.

Hurley percebeu imediatamente que ele estava bem menos à vontade diante de uma mulher do que diante de um homem.

– O senhor é muito inteligente. Seus estudos o comprovam, e sua facilidade de manipular os espíritos o demonstra.

– Cuidado com o que diz, senhorita. Posso processá-la por calúnia.

– Torço pra que o faça, senhor Adams. Ficarei felicíssima de revê-lo numa corte – disse ela em tom sádico.

O reverendo não estava mais sorrindo.

– Quero ver meu advogado – disse, por fim.

"Eis que ele mostra seu primeiro sinal de fraqueza!", pensou Logan, desolado, do outro lado do espelho falso. Nunca deveria ter conduzido o interrogatório. Hurley era muito melhor do que ele.

– Pobre idiota! – injuriou a si mesmo, sacudindo a cabeça.

– Um verdadeiro canalha – reforçou Morris ao seu lado, pensando que se tratava do reverendo.

Na sala, a tensão subiu mais um grau.

– Acredita que sua tese bastará pra perdoar seus crimes? Que o *lobby* cristão de River Falls será mais forte do que a justiça? Que o perdão lhe será concedido graças à sua confissão patética? Que suas ovelhas acreditarão que o Senhor pôde encomendar a um ser humano a morte daquelas duas pobres moças?

– Quero ver meu advogado. Não tenho mais nada a dizer – informou o reverendo com uma voz bem menos firme.

Hurley foi mais para a frente na cadeira e mergulhou um olhar cruel no olhar fugidio do reverendo.

– Conheço muito bem o arcebispo de Seattle. Assim como o senhor, sei que ele está envolvido em casos suspeitos. Acha que ele vai encobri-lo? Pois saiba que ele não fará nada quando o FBI pressioná-lo um pouco mais.

– Vocês não têm nada contra ele! – afirmou o reverendo, no entanto, tomado pela dúvida.

– Por enquanto, não, senhor Adams. Por enquanto – respondeu Hurley, com uma voz tão serena que provocou um arrepio de angústia no reverendo. – Sabe o que eu penso? Penso que o senhor não se contentou apenas com a jovem Trudell e essas duas estudantes. Fique sabendo que nossos serviços vão

publicar sua foto nos quatro cantos dos estados de Washington e Montana. Não tenho a menor dúvida de que desentocaremos outras pequenas Trudell que, finalmente, encontrarão a coragem e a força de testemunhar contra o senhor, reverendo Adams.

– Cale-se, não tem o direito!

– Será julgado por seus crimes – continuou ela ainda mais severamente. – Enquanto durar seu processo, farei com que nenhum pedido de fiança lhe seja concedido. Aguardará na prisão. Pode estar certo do que eu digo. Na prisão, os pedófilos costumam sofrer acidentes bem desagradáveis. Saiba que farei de tudo pra que não tenha direito a isolamento!

O suor escorria da testa do reverendo. Estava realmente com medo. Havia mesmo outras Trudell, pensou Logan, admirando-se da argúcia de Hurley.

– Pouco me importa se pagou ou não a Brooks pela morte dessas pobres estudantes. O senhor é um homem acabado, reverendo Adams – disse ela, levantando-se da cadeira.

– Sua vagabunda! Vai me pagar por isso! Juro que vai! – exclamou o reverendo, expondo finalmente seu ódio pelas mulheres.

– A seu dispor, meu reverendo – respondeu Hurley sem perder o controle.

Saiu da sala e deixou Adams a sós com seus demônios.

– Foi perfeita – parabenizou Blanchett.

– Adoro você – disse Logan.

– Preciso me sentar, estou esgotada – disse Hurley.

Seu rosto ainda estava vermelho por causa de seu discurso vingativo.

Logan puxou-a pelo braço e a conduziu em silêncio até seu escritório.

Ela se sentou maquinalmente e aceitou de bom grado a garrafinha de água que Logan lhe estendeu. Bebeu-a de um só gole e fechou os olhos.

Tinha de se acalmar.

Havia muito tempo que não sentia tamanha raiva de alguém. Adams representava tudo o que ela detestava no ser humano. A perversão, o sadismo e a loucura!

– Volte pra casa, fez um excelente trabalho – disse Logan, de pé a seu lado.

– Sim – disse ela.

Sentia em todos os músculos as sequelas de seu acidente. Estava esgotada, mas satisfeita.

– Desta vez, acredito realmente que chegamos à solução desse caso – disse Logan, saindo do escritório.

– Espero que sim. Em todo caso, uma coisa é certa: mesmo que não seja o mandante, Adams tem o perfil perfeito.

– É ele! – afirmou Logan. – Quem mais poderia ser?!

Hurley não tinha nada a responder. Pensava a mesma coisa. Sua única dúvida era sobre a implicação de Brooks nos assassinatos. Ele não tinha o perfil.

Adams poderia muito bem ter contratado um outro matador. Mas a investigação sobre o reverendo estava apenas começando. Com o apoio do FBI, Jessica não tardaria a conhecer cada instante da vida daquele homem.

Logan interpelou Portnoy e pediu-lhe para acompanhá-la até sua casa. Embora não tivesse dito nada, logo se espalhara o boato de que ela estava hospedada na casa dele. Para que negar?

– Xerife?

Logan se virou e viu a sargento Martinez.

– Sim, agora podemos falar. Vamos ao meu escritório – chamou, lembrando que ela tinha algo a lhe dizer.

Quando já estavam sentados, Logan, com um gesto, convidou-a a falar. Martinez evitava olhá-lo nos olhos.

– Desculpe incomodar, mas tenho que lhe dizer uma coisa.

Ela estava realmente constrangida. Logan foi para a frente em sua poltrona e colocou os braços sobre a mesa.

– Pode me contar tudo.

Martinez levantou a cabeça.

– Todos estamos sabendo do inquérito que o senhor vai conduzir em relação aos tenentes.

Logan imaginara que os agentes não guardariam isso só para eles.

– Sim, não posso suportar a ideia de que haja um informante dentro da delegacia.

– Tem razão, mas acho que não se trata de um dos tenentes.

Logan redobrou de atenção.

– Estou escutando.

– Pois bem, ontem, antes do final de sua reunião com eles, vi Spike sair do corredor que leva à sala de reuniões. Estava com um sorriso satisfeito nos lábios. Naquele instante, me perguntei se ele teria participado da reunião, depois, voltei ao meu trabalho. Mas hoje de manhã, quando soube que o senhor revelara aos tenentes as suspeitas que recaíam sobre os três figurões, logo estabeleci a conexão. Mas não tenho certeza de nada e, por favor, não conte a ele que eu lhe disse isso.

Logan recompensou-a com um sorriso reconfortante. Martinez certamente não era sua melhor agente, mas era conscienciosa e se esforçava sempre para fazer o melhor.

– Fico contente que tenha vindo me falar. Prometo que esta conversa ficará entre você e eu.

– Obrigado. Confio no senhor. Verdade, não vai dizer nada?

– Prometo. Vamos, volte a seu posto. Os outros podem começar a suspeitar de alguma coisa.

Ela se levantou e deixou rapidamente o escritório.

Logan compreendia que ela tivesse medo de Spike. Ele era um falastrão e gostava de bancar o fortão. “Está na hora de colocá-lo definitivamente em seu lugar”, pensou, aliviado por saber que nenhum de seus tenentes era o informante.

– Poderia imaginar qualquer coisa, mas não isso – admirou-se Shanice.

As aulas do dia tinham acabado. Estavam todos reunidos num bar para combinar os últimos detalhes da excursão do dia seguinte. Mas não tinha jeito, um único assunto dominava a conversa: as últimas revelações sobre o assassinato de Lucy e Amy.

– Ou seja, elas enganaram todo mundo. Nunca imaginei que tivessem colhões pra chantagear três das mais altas personalidades da cidade! – continuou Lisa.

– Pense nesse coitado do Augeri! Mesmo que seja inocente, vai demorar pra que possa voltar a pôr os pés na universidade – disse Sam.

– Bom, quanto a isso, não vejo problema. Aquele cara é um babaca! – interveio Edward, passando o braço em volta dos ombros de Shanice.

– Não seja tão duro! Ele não é tão ruim assim – defendeu-o Brian.

– É um imbecil de um democrata! – replicou Edward – e um baita de um perverso, com certeza!

– Desculpe, mas, até onde sei, você também já transou com duas garotas ao mesmo tempo... – disse Courtney.

Não que gostasse de Augeri, mas não gostava de hipocrisia. Os homens eram todos iguais!

– Você fez isso?! – espantou-se Shanice.

Edward fulminou Courtney com o olhar.

– Estava bêbado. Foi numa noite, depois de um jogo que tínhamos ganhado. Foram elas que vieram pra minha cama. Também não ia expulsá-las!

– Então não acuse Augeri de ser um perverso! – concluiu Courtney, feliz de colocá-lo em seu devido lugar.

– Mas elas tinham minha idade, e eu não as matei! – replicou ele com violência.

Sentindo a situação degenerar, Lisa interveio:

– Ei, vamos com calma! Estamos aqui pra preparar nosso fim de semana, não pra ficar brigando.

Edward murmurou um assentimento e Brian tomou a palavra:

– Tenho certeza de que foi Adams. Sou profundamente crente, mas nunca engoli os reverendos. São todos uns pedófilos.

Lisa ergueu os olhos para o céu.

– Pare de clichês, não se pode julgar toda uma corporação por alguns casos de desvio, por mais terríveis que sejam.

– Não estou nem aí, não gosto deles! O que acha, Sarah?

Ela ainda não tomara parte na conversa. Embora seu rosto demonstrasse interesse, mantivera-se em silêncio.

– Espero que aquele que matou Lucy e Amy torre numa cadeira elétrica! – disse ela com autêntica raiva.

Aquilo acalmou todo mundo.

– Você as conhecia bem. Acha que elas já faziam isso em Silver Town? – perguntou Shanice com voz suave.

– Elas nunca teriam feito isso! – insurgiu-se ela. – Mesmo agora não consigo acreditar no que ouvi!

– O que quer dizer com isso? – perguntou Brian, assustado com sua veemência.

Sarah respirou fundo antes de responder.

– Tenho certeza de que isso não foi ideia delas. Certamente, foi esse Larry Brooks que as obrigou. Talvez vocês as considerem umas safadas, mas eu sei que elas nunca se rebaixariam a ponto de vender seus corpos pra chantagear uns canalhas daqueles.

Havia tanta emoção na voz de Sarah que ninguém ousou retomar a palavra.

– O principal é que os tiras consigam fazê-los falar. Por enquanto, restam dois suspeitos – disse finalmente Sam.

– Em todo caso, se foi o juiz, fico feliz que ele tenha estourado os miolos – acrescentou Edward.

Lisa preferiu ficar calada a ter de explicar mais uma vez o quanto era idiota pensar assim.

– Augeri não teria colhões para fazer aquilo. Está na cara, foi o reverendo – disse Brian, voltando ao ataque.

– Escutem, ou paramos de falar nisso ou vou embora – disse Lisa.

Percebia que Sarah não estava suportando aquilo. Tinham sido amigas, devia ser terrível para ela ficar sabendo até onde Amy e Lucy haviam chegado.

– Ok, tem razão. Falaremos disso amanhã. Teremos todo o tempo do mundo! – disse Edward, provocando-a com um sorriso.

– Pergunto-me o que você faz com um babaca desses – suspirou Lisa, olhando para Shanice.

Mas o tom não era cruel.

– Eu gosto de *freaks*! – replicou ela com humor.

E, para alívio de Sarah, a conversa voltou lentamente ao assunto do dia: o fim de semana na

floresta.

2

– Até amanhã, xerife! – disseram vários agentes passando diante de Logan.

Era o fim da jornada de trabalho; apoiado ao balcão, Logan passara os últimos dez minutos conversando com o agente encarregado da recepção. Esperava o momento oportuno para intervir.

– Até amanhã – respondeu, com um sorriso acompanhado de um gesto.

Então, vendo passar a silhueta fugidia de seu homem, interpelou-o.

– Clark, posso falar com você um instante?

Spike parou e assumiu uma atitude interrogativa.

– Já cumpri meu expediente, xerife – ele disse, numa tentativa de humor.

Logan respondeu com um sorriso.

– Vamos, venha comigo, preciso falar com você – disse em tom agradável.

Spike olhou para o relógio.

– Ok, mas que seja rápido. Vou ao cinema hoje à noite.

– Não se preocupe, é só um instante.

Voltaram até o escritório de Logan que fechou a porta atrás de si.

– Sente-se, por favor.

Spike fez uma careta de contrariedade, mas sentou. Não sabia o que o xerife queria com ele.

– Ela é tão gostosa assim? – atacou Logan, sentando-se na ponta da escrivaninha.

– Do que está falando?! – admirou-se Spike.

– Imagino que ela faça coisas maravilhosas com você. A menos que seja apenas uma questão de grana...

– Escute, xerife, já basta, aonde quer chegar? – perguntou Spike, tentando se levantar.

Mas Logan obrigou-o a ficar sentado empurrando-lhe os ombros.

– Não se mexa, desgraçado – disse, num tom que não tinha mais nada de amigável. – Então acha que não está recebendo o que merece? E que vai se dar bem fodendo com a minha cara? Achava mesmo que não seria pego?

– Por que não vai direto ao assunto, xerife? O cinema está me esperando.

Com um movimento rápido, Logan agarrou Spike pela gola da jaqueta e o levantou da cadeira.

– Quanto ela lhe pagou pelas informações? Quanto? – Então, após um curto silêncio: – Espero que ao menos você esteja comendo essa sirigaita!

Spike não desviou o olhar.

– Continuo não entendendo, mas aviso que, se tocar em mim, prestarei queixa contra...

Não teve tempo de terminar a frase. Logan o soltou e lhe deu um soco bem no meio da cara.

Spike caiu para trás. O sangue esguichou de seu nariz quebrado.

– Quer prestar queixa contra mim? Repita isso! Vamos, repita!

Spike se levantou, meio grogue, viu o sangue no chão e colocou a mão instintivamente no nariz.

– Ficou completamente louco?!

– Escute bem, seu imbecil. Você vai fazer uma carta de demissão e me trazer segunda de manhã. Senão, vou processá-lo por divulgação de informações confidenciais que levaram à morte do juiz McArthur. Além disso, abrirei um inquérito sobre as circunstâncias reais da morte de Larry Brooks. Portnoy jurou que tudo ocorreu como você disse – mentiu para cobrir o sargento. – Mas talvez, diante da corte, ele diga a verdade, pois tenho certeza de que você o abateu como a um cachorro.

– Nenhum júri popular me mandará pra prisão por isso! – defendeu-se Spike, alterado pela violência do xerife.

Logan conteve-se para não lhe enfiar mais um soco.

– Por sua causa, um juiz inocente está morto. Sabe como são os magistrados, pode ter certeza de que o procurador saberá encontrar as palavras que o farão ser condenado a uma pena bastante pesada.

Comprimindo o nariz com um lenço de papel que encontrara no bolso, Spike não conseguia aceitar a reviravolta de sua situação. Era o herói da cidade, e eis que o ameaçavam mandá-lo para a prisão.

– Seu veado de merda!

– Repita isso pra ver! – ameaçou-o Logan, aproximando-se perigosamente.

Spike abaixou o olhar.

– Terá minha carta – prometeu, saindo do escritório.

Quando chegou à metade do corredor, virou-se e olhou o xerife nos olhos.

– Seu filho da puta! – xingou-o, enquanto os últimos policiais ainda presentes olhavam para ele sem compreender.

Logan fechou os punhos. Viu-se correndo pelo corredor e acertando-lhe um gancho em pleno maxilar. Mas não se mexeu. Acendeu um cigarro e esperou até se acalmar.

Um cheiro delicioso penetrou suas narinas. Logan fechou a porta atrás de si e se dirigiu à cozinha.

– Você tem de parar com isso ou vou acabar ficando obeso! – disse, aproximando-se de Hurley.

Ela largou a colher de pau que estava segurando na mão e deu um beijo nos lábios de Logan.

– Temos de falar sobre isso – disse ele, depois de deixar que o beijasse.

Se o frenesi do dia lhe permitira evitar o assunto, sabia que agora não teria mais nenhum pretexto.

– Conto com isso, Mike. Mas não esqueça que foi você que me agarrou hoje de manhã.

Não, ele não esquecera. E não sabia o que pensar daquilo.

– Como foi o resto do dia? – perguntou ela, voltando para o fogão.

Logan tirou a jaqueta e a colocou numa cadeira.

– Augeri e Adams continuam detidos. Começamos a ouvir seus conhecidos. Tudo leva a crer que não puderam cometer o crime eles mesmos.

Hurley terminou de mexer a panela e baixou o fogo.

– Não chega a ser realmente uma surpresa – disse, encostando-se na borda da pia.

– Sim. As primeiras buscas feitas em suas casas também não deram em nada até agora. Blake e sua equipe estarão aqui amanhã de manhã pra ajudar, mas não creio que vão encontrar muita coisa.

Hurley aquiesceu.

– Augeri é inocente, não tenho dúvida – disse –, e Adams nunca se entregará, por mais que nos esforcemos.

Logan abriu a geladeira e pegou duas cervejas. Estendeu uma para Hurley e se sentou à mesa.

– Fui verdadeiramente um zero à esquerda. Agradeço-lhe por ter salvado a pátria.

Hurley desligou o fogo, colocou o conteúdo da panela num recipiente grande, pegou a salada já preparada, colocou-a sobre a mesa, e sentou-se diante de seu amante.

– Você é impulsivo demais, Mike – disse, servindo a cerveja em seu copo.

– Se você não estivesse lá eu teria me metido em apuros – admitiu ele.

Não era um elogio, apenas a análise de uma realidade. Estivera a um passo de estragar tudo.

“Obrigado, Hurley”, pensou, olhando-a beber.

– Não exagere, ainda não temos nada. Apenas a certeza de que nem o juiz nem Augeri são

culpados. Mas, por enquanto, nada temos contra Adams.

– Ah, sim! Vi a cara dele quando você falou de outras pequenas Trudell. Você acertou em cheio.

Hurley desviou o olhar. Sempre ficava constrangida com elogios.

– É verdade, mas devo confessar que também tive medo. Ainda bem que deu certo.

Logan serviu a entrada para os dois.

– Você falou com o pessoal do FBI?

– Sim, amanhã sua foto vai começar a circular em todas as mídias. Haverá até uma recompensa pra quem nos der informações sobre o passado dele.

Logan sorriu. Como dissera Hurley durante o interrogatório, mesmo que não conseguissem provar sua participação no assassinato de Lucy e Amy, pegariam Adams por pedofilia. Com um bom procurador, ele talvez passasse o resto da vida na prisão!

– A propósito, descobri quem era o informante da jornalista. Adivinhe só.

– Quem?

– Clark Spike! O mesmo que abateu Brooks.

Hurley sabia muito bem de quem se tratava.

– Se lhe disser que não chego a me surpreender muito...

– Em todo caso, acho que agora acabou. Intimei-o a entregar sua carta de demissão, ameaçando persegui-lo na justiça.

– Como ele reagiu?

– Foi tudo bem. Ele baixou a cabeça – mentiu Logan.

Hurley lançou-lhe um olhar desconfiado, mas resolveu ficar na dela.

– Aliás, terei de sair daqui a pouco – retomou Logan, esperando assim adiar o momento da verdade. – Vou ligar para o *Daily River* e tratar de falar com essa Callwin depois do jantar. Tenho duas palavrinhas a dizer para ela.

Hurley suspirou olhando bem nos olhos dele.

– Você não vai escapar e faltar à sua palavra. Vai finalmente me explicar a razão de nossa separação e de sua vinda para River Falls.

Logan jurara que nunca falaria daquilo. Fazia meses que escondia o segredo no mais profundo de si mesmo. Por que remexer naquilo?

“Porque você fez amor com ela hoje de manhã, seu cretino!”, respondeu para si mesmo, suportando o olhar acusador de Hurley.

– Está bem, mas depois de ter falado com Callwin.

– Não – disse Hurley em tom peremptório –, você não.

Logan franziu a sobrancelha e largou o garfo.

– Eu é que vou vê-la. Precisaremos da imprensa nos próximos dias. Não quero que você faça um escândalo. Sabe como são os jornalistas. Se ameaçá-la, toda a classe ficará contra nós e tentará nos sabotar. Deixe-me falar com ela.

Logan não tinha como se opor. Mais uma vez, ela tinha razão.

– Está pensando em fazer um relatório sobre minha incompetência ou tem a intenção de me chantagear? – brincou.

Hurley sorriu.

– Não é todo dia que se vê um homem dar um tiro na cabeça.

Mesmo quando fazia tudo errado, ela arranjava uma desculpa para ele. E, neste caso, não deixava de ter razão.

De maneira que foi mais forte do que ele: levantou-se e beijou-a.

3

Callwin chegou adiantada ao encontro no Uncle Tom, um bar localizado bem no centro de River Falls. Sentou numa mesa do fundo e pediu uma cerveja.

Um quarteto composto por um pianista, um contrabaixista, um saxofonista e um baterista tocava *standards* de jazz numa atmosfera intimista.

À noitinha, Callwin recebera uma ligação de Spike, que lhe contou sua altercação com o xerife. Ele queria que ela fizesse um artigo na primeira página denunciando as violências de Logan. Mas ela logo o fizera compreender que, tendo em vista a relação que tinham, aquele tiro corria o risco de sair pela culatra.

Prometera então vê-lo durante o fim de semana e pensar junto com ele na posição a adotar. Acabava de jantar quando recebeu outro telefonema. Olhou para a tela do celular: número não identificado.

Aceitou a chamada e, para sua surpresa, a psicóloga forense de Seattle pedira para encontrá-la naquela mesma noite. Perguntara-se se aquilo tinha alguma relação com Spike.

Hesitara um instante. Mas a curiosidade vencera e acabara aceitando.

Agora, sentada no fundo da sala, não estava mais tão segura de si. Mas, antes que decidisse ir embora, Hurley entrou no bar. Seus olhares se cruzaram. Hurley se aproximou da mesa.

– Jessica Hurley, do FBI – apresentou-se ela. – Você é Leslie Callwin?

Só vira seu rosto numa foto na internet. “Ela é bem mais bonita ao vivo”, pensou.

– Sim – respondeu Callwin, estendendo-lhe a mão.

Hurley apertou-a e se sentou à sua frente.

– Agradável aqui. Vem com frequência? – perguntou Hurley, enquanto um garçom se aproximava.

– Às vezes – respondeu simplesmente Callwin.

Hurley sorriu e pediu uma cerveja.

– Deve estar se perguntando por que quis vê-la.

Callwin confirmou.

– Seu artigo desta manhã nos causou muitos problemas. Espero que esteja ciente disso.

– Fiz apenas meu trabalho. Nossos concidadãos têm o direito de estarem informados. A liberdade de expressão, já ouviu falar?

– Se seu artigo não tivesse saído, o juiz McArthur ainda estaria vivo.

Callwin se arrependeu de ter se deslocado para ouvir aquilo.

Não precisava que viessem lhe dar lição de moral. Fora fortemente abalada pelo suicídio do juiz. Por mais que pudesse se embarricar atrás do direito de informar, uma parte dela se questionava.

– É você que está dizendo. Não estou na cabeça do juiz. Vai saber as verdadeiras razões de seu suicídio – replicou.

– Exatamente. Não há nenhuma certeza. Tenho, no entanto, a pretensão de acreditar que, se o tivéssemos detido antes da aparição de seu artigo, não o teríamos deixado se matar. Ele agiu sob o domínio do pânico – retomou Hurley. – Sabe que é muito provável que ele seja inocente.

– Como pode saber? Há uma chance em três.

O garçom veio trazer uma cerveja para Hurley. Ela a pegou e tomou um gole.

– Não mais – respondeu –, tudo leva a crer que se trata do reverendo.

Callwin arregalou os olhos. Nunca imaginara que aquela mulher fosse lhe fazer uma revelação

dessas.

– Como assim? – perguntou, não acreditando em sua sorte.

Hurley decidiu lhe contar como tinham se desenrolado os dois interrogatórios. Callwin escutou com toda a atenção. Quando a exposição acabou, colocou os dois cotovelos sobre a mesa e avançou o rosto em direção a Hurley.

– Não entendo. Por que está me contando tudo isso?

Callwin pensara numa armadilha, mas registrara tudo no gravador colocado em cima da mesa. Hurley não podia não ter notado.

– Porque não consigo acreditar que você seja tão corrupta e abjeta quanto pensa o xerife Logan.

Callwin recuou em seu banco. Não sabia muito bem que sentido dar a essa última frase.

– Explique-se, por favor.

Hurley, com uma mão distraída, juntou sua cabeleira de um lado. Assumiu uma atitude decidida.

– Sou uma psicóloga forense e, sem querer me gabar, sou bastante competente nesse domínio. – E, em tom mais benevolente: – Não penso que você seja um ser frio e sem piedade. Tendo a acreditar que seja uma cínica. Tem uma visão lúgubre da humanidade, principalmente dos homens. Não alimenta nenhuma ilusão quanto ao destino funesto do mundo e resolveu se dar bem aproveitando as baixezas humanas.

Interrompeu-se para tomar um gole de cerveja. Callwin encarava-a com olhar provocador, mas aquelas palavras a tocavam. Era, de fato, mais ou menos o que pensava.

– E então? – disse, desdenhosa.

– Interrompa-me se estiver enganada, mas a garota que você era deve ter sonhado com a profissão de jornalista. Sair em busca da verdade, percorrer o mundo em territórios hostis, desentocar a mentira de nossos políticos, ou talvez entrar para uma grande revista de moda e ir de capital em capital entrevistar os maiores costureiros do planeta.

– É a sina de todos os adolescentes, não? Haverá um único americano que não tenha tido sonhos de grandeza? – perguntou Callwin, sentindo-se cada vez mais desconfortável.

Mas permaneceu sentada. Precisava saber aonde ia chegar aquela conversa.

– Tem razão. Mas o retorno à realidade é mais ou menos difícil pra cada um. Pra você, deve ter sido particularmente terrível.

Callwin suspirou olhando-a com crueldade.

– O que você sabe disso?! – disse com desprezo.

– Leslie, você pode mentir pra muita gente, mas não pra mim. Sei que seu instrumento para obter informações está no meio de suas pernas, e não tente me fazer acreditar que trepar com canalhas fazia parte de seu ideal jornalístico.

Num impulso, Callwin lançou o resto de sua cerveja no rosto de Hurley.

– Imbecil! – disse, levantando-se da mesa.

– Está com medo de mim? – disse Hurley com absoluta calma, enquanto os olhares se viravam para elas.

– Não, mas você me enoja!

Callwin pegou sua bolsa.

– Leslie, antes de partir, responda apenas a uma pergunta.

Callwin permaneceu de pé diante de Hurley e hesitou por um instante em lhe cuspir na cara.

– Você acha que a agredi, mas só estou tentando ajudá-la. Olhe nos meus olhos e me diga que ama Clark Spike.

É claro que não, ela não o amava. Sim, vendia sua boceta e, de agora em diante, seu cu por

informações. Não, não se orgulhava disso, pelo contrário, odiava-se. Mas que escolha tivera?

– Você não entende! – disse, enquanto seu súbito acesso de raiva passava diante da triste imagem dela mesma que Hurley acabava de lhe oferecer.

– Sente-se, ainda não acabamos de conversar.

Callwin hesitava entre lhe dar um soco na cara ou explodir em soluços nos braços de Hurley.

Acabou dando uma gargalhada ao se dar conta da situação absurda de Hurley: impassivelmente calma enquanto seu rosto, seus cabelos e mesmo suas roupas pingavam cerveja.

– Vamos ao toalete, você está toda molhada.

Hurley estava aliviada. Sabia que a coisa que as pessoas mais detestam no mundo é serem postas diante de si mesmas.

A maioria delas fica com raiva da pessoa que lhes estendeu o espelho, quebram-no e fogem. Outras, muito raras, aceitam a terrível imagem e tentam falar sobre ela.

Callwin pôs a mão no pulôver encharcado de Hurley.

– Vamos passar lá em casa. Eu lhe emprestarei um pulôver limpo. Depois você me devolve.

– Gentil de sua parte. Um banho de cerveja não é algo muito agradável! – conveio Hurley.

Callwin sorriu e deixaram o bar.

– Como você veio?

– De táxi – respondeu Hurley.

– Ótimo, então venha comigo.

– Sabe, Leslie, não estou julgando-a. Não vou lhe contar minha vida, mas nem tudo foi fácil pra mim também. A coisa toda é que um dia isso precisa parar.

Callwin não estava se reconhecendo. Normalmente, teria ido embora na hora, mandando-a à merda. Mas Hurley era diferente. Não havia nenhuma malícia nem em suas palavras nem em sua atitude.

Ao contrário de seus informantes e de seu próprio patrão, que só viam nela um objeto sexual, Hurley lhe falava como a uma amiga. Algo que não tivera mais desde a escola.

– É o seu trabalho ser simpática com psicopatas como eu? – ironizou.

– Não, mas sou da velha escola. Ainda acredito na causa feminista. Unidas, seremos mais fortes.

– Não vai me dizer que é lésbica – sugeriu Callwin, temerosa.

Hurley começou a rir.

– Esqueça isso. Tente pensar, pelo menos uma vez, que alguém pode se interessar por você e não pela sua xoxota.

Xoxota! Como essa palavra destoava daquelas empregadas por Spike e pelos outros!

– Perdão, mas, embora tenha uma opinião pouco lisonjeira a respeito dos homens, sou totalmente heterossexual.

– Eu também – concluiu Hurley.

Chegaram ao carro. Callwin abriu a porta.

– Sabe, não precisa vir até minha casa. Aprendi a lição. A partir de amanhã, só farei menção àquilo que vocês me autorizarem a revelar. Pode confiar em mim.

Ao dizer isso, Callwin admirou-se de si mesma, pois, pela primeira vez em sua vida de jornalista, sabia que não estava mentindo.

Hurley estava louca para voltar para casa. Estava cansada e, sobretudo, queria encontrar Logan e saber enfim a verdade sobre sua separação.

– Quer que eu chame um táxi para você? – propôs Callwin.

O tom de sua voz não era muito firme. Sentia uma verdadeira vontade de falar. Hurley olhou para

ela e não ousou decepcioná-la.

Aquela mulher precisava de ajuda. Logan podia esperar.

– Não, vou com você.

Um grande sorriso desabrochou no rosto de Callwin.

Eram quase duas horas da manhã quando Hurley deixou o apartamento de Callwin. Esta tinha os olhos vermelhos e ardentes de tanto chorar. Aquela Hurley era mesmo danada de esperta. Conseguira fazê-la confessar todas as suas humilhações.

A cafajestice dos homens e suas mentiras. Os pequenos comprometimentos dos ideais que foram se agravando ao longo do tempo até fazer dela uma cínica desenganada em busca de um sucesso profissional que tardava a chegar...

Balançou a cabeça e foi tomar um banho.

Voltando à sala percebeu que sua secretária eletrônica estava piscando. Uma mensagem em espera. Ligou o aparelho.

Uma voz masculina ressoou no apartamento.

– Boa noite, senhora Callwin, aqui é Ronnie Williams, o padrasto de Lucy. Vi no noticiário que os tiras descobriram fotos comprometedoras de Lucy e de sua amiga. – Fez uma pausa, depois continuou: – Você tinha me dito pra ligar caso tivesse coisas a lhe dizer, então pensei em você. Vasculhando as coisas de Lucy, encontrei algumas fotos. Estou disposto a vendê-las por vinte mil dólares. Espero seu retorno. Até breve.

Callwin ficou estarrecida diante da janela da sala. As ruas estavam desertas. Todo mundo dormia.

Não conseguia acreditar. Aquele cara era um verdadeiro crápula! No entanto, oferecia-lhe a chance de aumentar ainda mais sua moral com seu chefe.

Lembrou-se da conversa com a agente do FBI. Hurley tentara provar que ela podia agir de outra forma. Que ainda era jovem e tinha tempo para mudar de conduta e voltar a seus ideais.

Mas havia esperança quando um pai estava disposto a lançar a memória de sua filha na lama por um pacote de dólares?!

Enrolada no penhoar, Callwin permaneceu um bom tempo diante da janela, com lágrimas nos olhos, enojada com este mundo.

Sábado, 28 de abril de 2007

1

O sol começava a surgir no horizonte quando os estudantes se encontraram diante da casa dos pais de Edward.

– Eu vou atrás – declarou Courtney.

Tinham acabado de colocar suas bagagens nos carros. Estavam prontos para partir.

– Estamos realmente com sorte. Viram como está o tempo? Nenhuma nuvem no céu! – entusiasmou-se Shanice.

– Não podia ser melhor – acrescentou Lisa.

– Vamos esperar que dure – disse Sam, pegando a chave do carro alugado.

– Não venha com mau agouro! – interveio Edward. – Se começar a chover, você vai me pagar!

– Terá primeiro de passar por cima do meu corpo! – interpôs-se Lisa.

Todos sorriam. A atmosfera era descontraída. A ideia de respirar o ar puro da montanha dali a algumas horas deixava-os felizes.

– Cuidado com o que diz, poderia tomar isso ao pé da letra – respondeu Edward, com um ar de *latin lover*.

– Ei, volte aqui agora mesmo! – Shanice intimou o namorado.

– Ai, ai, que bando de bobocas! – disse Brian, segurando a mão de Sarah.

Ele também estava muito tranquilo. Não precisava mais se esconder e sabia que iam passar um fim de semana inesquecível.

– Ed, tem certeza de que pegou as chaves da casa? – perguntou Sam, antes de entrar no carro alugado.

Edward pôs a mão no bolso e fingiu que estava procurando, então fez uma expressão de “essa não!”, antes de tirar o molho do bolso e agitá-lo orgulhosamente.

– Imbecil! – resmungou Sam, balançando a cabeça.

– Vamos, não demorem! Seguiremos você, Edward, não corra demais – recomendou Lisa.

– Não se preocupe. Não vou despistá-los. Eu me entediaria se não tivesse vocês pra encher o saco!

– Pare com isso, não tem graça – disse Shanice, puxando-o pelo braço.

Sam abriu a porta e assumiu a direção. Lisa sentou-se ao seu lado, enquanto Sarah e Brian se instalavam no banco traseiro. No outro carro, Edward dirigia, com Shanice a seu lado, e Courtney tinha o banco traseiro todinho para ela.

Edward deu a partida.

– Isso realmente vai nos fazer bem. Vamos poder relaxar um pouco – disse Sam, começando a segui-lo.

– Sim, temos de esquecer um pouco River Falls. E chega de falar de assassinatos, estamos viajando pra relaxar. Francamente, seria uma pena estragar um tempo desses – concordou Brian.

Colada nele, Sarah agradeceu com um sorriso. Quase não fechara os olhos durante a noite, e sentia o cansaço submergi-la.

– Ficam chateados se eu tentar dormir um pouco? – perguntou.

– Não, fique à vontade. Eu conversarei com seu namorado: afinal, ainda nos conhecemos bem – disse Lisa, virando a cabeça para trás.

– Sem problema, mas também vai ter de responder às minhas perguntas – disse Brian.

– Se estiver atrapalhando, posso sair – ofereceu Sam em tom falsamente ultrajado.

– Meu chuchuzinho, está se sentindo deixado de lado, que fofo! – disse Lisa, dando-lhe um beijo no rosto.

Brian se adiantou no banco para passar a mão nos cabelos dele.

– Pare, levei uma hora me penteando – reclamou Sam, que andava sempre descabelado.

Sarah sorriu e se deitou com a cabeça sobre os joelhos de Brian. Fechou os olhos e em poucos instantes já estava dormindo.

– Acorde, Sarah! – chamou Brian, acariciando seu rosto.

Sarah abriu os olhos e se endireitou.

– Chegamos?

– Não – respondeu Sam em tom jocoso. – Parada pro xixi.

Estavam rodando havia mais de duas horas, e fazia tempo que tinham deixado para trás qualquer vestígio de civilização. Apenas alguns lugarejos isolados os lembravam, de tempos em tempos, da existência de seres humanos na região. As imensas florestas que separam o estado de Washington do da Colúmbia Britânica, no Canadá, são um dos espaços mais selvagens do continente norte-americano.

Saíram dos carros e saborearam o espetáculo. Por onde quer que seus olhos errassem, só havia montanha e floresta. O céu era de uma azul límpido e o sol brilhava, quase no zênite.

– Que lindo! – exclamou Shanice.

– O ar é tão puro – comentou Lisa.

– E esse silêncio! É demais... – acrescentou Edward.

Brian e Sam já tinham deixado a estrada para fazer xixi; Courtney fora para o lado oposto.

– Ainda falta muito? – perguntou Sarah, contente por ter vestido seu pulôver.

Embora o sol brilhasse, o ar matinal ainda estava fresco.

– Logo chegaremos a um entroncamento; depois, mais uns trinta quilômetros de estrada de terra – respondeu Edward, que pegara um mapa da região.

Poderiam ter ido para algum lugar mais próximo, mas os pais de Edward possuíam uma antiga fazenda, que tinham reformado, conferindo-lhe todo o conforto possível, e que alugavam eventualmente.

O lugar ideal para um bando de estudantes.

– Tem certeza de que sabe onde é? – perguntou Lisa.

– Sim – disse Edward, com os olhos fixos no mapa. – É verdade que não vou lá com frequência, mas não é difícil, basta seguir o mapa.

Brian e Sam voltaram. Lisa saiu com Shanice.

– Parece que estou em *Shining* – disse Courtney.

– O filme foi mesmo rodado por aqui, bem nesta região – confirmou Edward.

– Espero que não haja aqui um maluco com um machado! – brincou Brian.

– Eu não estou nem aí, posso correr depressa... Já as garotas não contem comigo para salvá-las – disse Edward.

Sarah e Courtney dirigiram-lhe uma careta de desprezo. Sam sorriu.

– Você não me abandonaria, não é? – disse Sarah com voz melosa, segurando o braço de Brian.

– Eu não sou um cagão como Ed – disse, mostrando os músculos. – Nunca a abandonaria nas mãos dos selvagens que assolam a região!

– E eu, quem vai me salvar? – choramingou Courtney, colocando as mãos nos quadris.

– Ninguém! – responderam Sam e Edward ao mesmo tempo.

Todos gargalharam. Courtney assumiu uma atitude falsamente desolada.

Lisa e Shanice voltaram.

– Bom, próxima parada: fazenda dos Spatling! – disse Edward em alto e bom som.

– Sinto pena de você, minha pobre Shanice. Espero que nunca se case com ele. Shanice Spatling soa realmente mal! – zombou Courtney.

Todos riram de novo. Edward dobrou o mapa, fazendo ouvidos moucos.

Com o coração leve, todos voltaram para os carros, sem perceber que um veículo parado uns duzentos metros atrás também voltara a andar.

2

– Não consigo acreditar que liguei pra você! – disse Callwin.

– Um resquício de escrúpulos – respondeu Hurley, sorrindo.

Seu celular a despertara ao amanhecer. Ela também ficara surpresa ao ouvir a voz de Callwin transmitindo-lhe a mensagem do padrasto de Lucy.

"Por mais podre que esteja um fruto, sempre resta uma parte comestível", ensinara-lhe um professor na academia de polícia.

O único problema é que perdera a chance de conversar com Logan sobre a relação deles.

Quando chamou um táxi para encontrar Callwin, Logan acabava de se levantar. Não houve tempo para uma conversa.

Encontrou a jornalista no centro e entrou em seu carro.

– Espero que não me arrependa disso esta noite! – disse Callwin.

– Acha mesmo?

Segurando a direção com firmeza, Callwin rodava em direção a Silver Town no limite da velocidade permitida. Sabia que tinha tomado a decisão certa. Devia retomar sua vida nas mãos e sair daquela cidade assim que toda aquela história acabasse.

– Não.

O tom era firme e definitivo.

Chegaram a Silver Town por volta das dez horas. Williams combinara de se encontrar com Callwin no Wild Bunch, um bar localizado na frente da prefeitura.

Callwin seguiu as placas e, cinco minutos depois, estacionava na praça central.

Naquela manhã de sábado, a cidade parecia morta. Apesar do bom tempo, os habitantes ainda estavam em suas casas ou já tinham saído da cidade para passear.

– Deve ser ali! – indicou Callwin, avistando o único bar da praça.

Entraram no Wild Bunch.

Callwin logo identificou Williams, sentado perto de uma janela.

Assim que as viu, seu olhar se tornou desconfiado.

– Bom dia, senhor Williams, apresento-lhe a agente Jessica Hurley, do FBI – disse Callwin, com um grande sorriso.

Imediatamente, o rosto de Williams empalideceu. As duas se sentaram sem lhe pedir licença.

– Então tem informações a nos dar? – atacou Hurley, olhando-o bem nos olhos.

– É... não sei... você é realmente do FBI? – gaguejou Williams.

Esperava qualquer coisa, menos aquela traição. Passara a noite sonhando o que faria com os vinte mil dólares. Um carro novo, uma grande viagem e outros pequenos prazeres.

Hurley pegou sua insígnia e esfregou na cara dele.

– Sua sorte é que estou de bom humor. Poderia prendê-lo por dissimulação de provas, sem falar na reputação que poderia lhe arranjar.

– Não entendo do que está falando – disse Williams, mas sua expressão corporal indicava o contrário.

– Não se faça de mais idiota do que já é – reforçou Callwin. – Que tipo de sujeito é o senhor? Estava prestes a sujar a memória de sua filha apenas por algum dinheiro!

Williams olhava para a direita e para a esquerda; no seu desconforto, ficou feliz em constatar que

o bar estava quase vazio.

– Não era minha filha, só minha enteada, e o que posso fazer se era uma piranha?

Nenhuma compaixão. Hurley bem que gostaria que Callwin lhe jogasse cerveja na cara!

O garçom se aproximou. Elas pediram dois cafés.

– O senhor é um sujeito ignóbil – disse Hurley, que já escutara o bastante. – Entregue-me as fotos, e vou avisando: se, por infortúnio, elas aparecerem na imprensa, voltarei aqui e o senhor passará o resto do seus dias na prisão.

Era apenas um blefe, mas o homem não sabia de nada. Ignorava completamente seus direitos, e o medo transpirava de seus poros com um cheiro de bolor.

Williams pegou o grande envelope a seu lado e estendeu-o para Hurley.

– Juro que são as únicas que tenho.

– Como as encontrou? – interveio Callwin, desconfiada.

– Minha esposa não quer mais entrar no quarto de Lucy, então fui eu que me encarreguei de arrumá-lo. Encontrei isto numa gaveta.

"Mentira!", pensou Hurley.

– Não comece a mentir! – disse Callwin, na mesma frequência de ondas.

Williams suava cada vez mais.

– Quer realmente acabar na prisão? – ameaçou-o Hurley, para acabar de intimidá-lo.

– Ela tinha um pequeno cofre onde guardava seus segredos. Eu não tinha a chave, mas forcei-o, dizendo-me que talvez encontrasse indícios que pudessem ajudar a polícia. Juro que esta é a verdade – defendeu-se ele.

"Certamente – a não ser pelo fato de que, quando se deu conta de que poderia vender esses indícios, tudo se confundiu em sua cabeça", deduziu Hurley.

Bem que gostaria de saber como aquele homem tinha educado a pequena Lucy. Vai saber o que a tinha feito sofrer? Mas agora era tarde demais. Lucy estava morta e ninguém responderia a essa questão.

– Vá pra casa, e não quero mais ouvir falar do senhor – ordenou Hurley.

Williams se levantou, lançou-lhe um olhar hesitante, entre medo e ódio. Então pegou seu casaco e saiu do bar.

– Que grande filho da puta! – disse Callwin.

– Sim, um belo exemplo de psicopata que não sabe que é! – disse Hurley.

Estava com o envelope na mão e temia olhar para as imagens. Nunca fora chegada a voyeurismo, mas não podia fugir a essa obrigação.

Abriu o envelope e tirou a primeira foto. Callwin colara-se a ela. Assim que viu o rosto das duas garotas, abafou um grito.

– Que porcalhão! – exclamou Callwin, vendo um homem de cerca de quarenta anos inteiramente nu, com duas garotas também nuas ao seu lado.

Olhou para Hurley e percebeu o quanto estava perturbada.

– O que foi? – perguntou, preocupada.

– As duas garotas não são Lucy e Amy.

Callwin examinou a foto.

– Sim, essa é a Lucy, pode ter certeza.

Hurley desviou o olhar e respondeu:

– Quis dizer que a outra garota não é Amy Paich – declarou Hurley, compreendendo uma série de coisas.

Logan acabara de sair da cela onde estava o reverendo quando seu celular tocou.

– Oi, Jessica, sua viagenzinha com a inimiga valeu a pena? – perguntou.

Hurley contou-lhe sua descoberta.

Logan fechou os punhos de frustração. “Sarah Kent! Não pode ser!”, pensou, abatido. Essa história não vai acabar nunca!

Lembrou-se daquela jovem estudante e de sua insistência em falar com ele, na segunda-feira. Não levara aquilo a sério e enviara Hurley em seu lugar.

“Perdi a oportunidade de ouvir suas confidências!”, se deu conta.

Quando conversou com Sarah na universidade, ela já devia ter ficado com medo e se esquivara contando sua briguinha com Jennifer Shawn. E ele não percebera nada!

O que era certo era que aquilo mudava sua visão dos fatos. Uma pilha de novas questões se amontoou em sua cabeça.

Se Sarah fazia parte do trio, qual era o papel desempenhado por Larry Brooks? Será que ele teria pegado as fotos sem o consentimento das garotas? Será que tentou chantageá-las? Por que não havia nenhuma foto de Sarah no *pen drive* de Brooks? E, última pergunta, mas não menos importante: Sarah teria matado as duas amigas, com ou sem a ajuda de um cúmplice?

– Algum problema, xerife? – perguntou Blanchett, ao ver a expressão de seu chefe.

– Sim – respondeu ele laconicamente.

Com passo decidido, deixou a delegacia, sabendo que só havia uma maneira de obter respostas: interrogar Sarah.

No entanto, não queria cometer o mesmo erro que cometera com o juiz. Ninguém devia saber de nada enquanto não tivesse certeza do envolvimento de Sarah no assassinato de Lucy e Amy.

Entrou no Cherokee e rumou direto para a universidade.

Hurley não tinha a mínima vontade de mostrar as fotos, mas, se queria saber o nome do homem deitado junto a Sarah e Lucy, não tinha escolha.

– Me espere aqui. Não demorarei – disse Hurley.

Callwin, que acabava de estacionar na frente da delegacia, não insistiu. Hurley prometera lhe dar o nome do homem assim que o tivesse.

A psicóloga forense entrou na delegacia e foi direto para o balcão de recepção. Um agente a atendeu.

– Gostaria de falar com o xerife – disse ela, mostrando sua insígnia do FBI.

O agente assumiu um ar concentrado e lhe pediu para esperar.

Um minuto depois, um homem mais perto dos sessenta do que dos cinquenta se apresentou:

– Bom dia, sou o xerife Peart – disse, apertando-lhe a mão.

– Jessica Hurley, do FBI. Podemos falar a sós?

Peart fez que sim com a cabeça.

– Está aqui por causa da história das duas garotas, não é?

– Sim.

– Acompanhe-me.

Atravessaram um corredor e se fecharam no escritório do xerife. Ele convidou Hurley a se sentar diante dele e colocou os dois cotovelos sobre a mesa.

– Uma história horrível, daquelas que desejaríamos que nunca tivessem acontecido – disse. – Vocês acreditam que têm o culpado?

– É possível. O reverendo Adams tem o perfil ideal, mas ainda não temos nenhuma prova. Apenas conjecturas.

Peart franziu as sobrancelhas.

– Não é uma acusação leve. Sei que em Seattle a religião parece um conceito obsoleto, mas não acham que estão indo um pouco rápido demais?

– Se quiser, posso lhe enviar as fotos em que, em êxtase, o reverendo está sendo chicoteado por Lucy e Amy. O hábito não faz o monge, xerife.

Peart fez uma careta, depois esboçou um sorriso.

– Acredito na sua palavra. Então, a que devo a honra de sua visita?

Hurley pegou o grande envelope e tirou as fotos, entregando-as a Peart.

– Droga, é a pequena Kent! – admirou-se ele ao reconhecê-la – O que isso quer dizer? Novas fotos foram encontradas?

– Sim, vou lhe explicar como. Mas, antes de mais nada, sabe quem é este homem?

Na primeira foto, não dava para distinguir muito bem o rosto; mas quando Peart viu a segunda, não pôde reprimir uma exclamação de surpresa:

– Paul Ringfield! E essa, agora! Nunca imaginaria isso dele!

Hurley ficou aliviada. Temia que o xerife não o reconhecesse.

– O senhor o conhece?

– Com certeza, um bom homem!

Não disse mais nada, tão fascinado estava pela visão de seu concidadão na cama com as duas garotas nuas. Hurley não gostava do jeito que ele olhava as fotos.

– Teremos de detê-lo para um interrogatório. Preciso que o senhor me acompanhe com dois de seus homens.

Peart largou as fotos sobre a escrivaninha e finalmente desgrudou seu olhar delas.

– Posso acompanhá-la sozinho. Não creio que ele oporá muita resistência.

– Prudência nunca é demais.

Peart riu de modo constrangedor.

– Já viu mortos saírem de seus túmulos? – ironizou.

Hurley não escondeu sua surpresa.

– Gostaria mesmo assim de inspecionar o quarto dela – disse Logan a *miss* Dickinson.

– Claro, xerife. Eu o acompanho.

Logan acabava de chegar à universidade. *Miss* Disckinson dera alguns telefonemas e os estudantes lhe informaram que Sarah saíra a passeio com amigos naquele fim de semana.

Um jogador da equipe de futebol chegou mesmo a detalhar que tinham ido para uma velha fazenda pertencente aos pais de Edward Spatling.

– Acha que ela participou daquelas sessões de fotos escabrosas? – perguntou *miss* Dickinson ao deixarem a secretaria.

– Não, mas ela era amiga de Lucy e Amy. Quero interrogá-la para que me fale delas – mentiu, enquanto caminhavam pelo gramado que levava ao dormitório feminino.

– E Augeri, acha realmente que ele pode tê-las matado? – acrescentou ela.

Logan perguntara-se quando alguém ousaria formular a sacrossanta pergunta.

Parou e olhou bem nos olhos de *miss* Dickinson.

– No ponto da investigação em que estamos, não temos nenhuma acusação contra ele. E, se quiser minha opinião, ele não tem nada de um assassino.

Sabia que aquilo não aquietaria os rumores, mas ao menos tentara.

– É este – disse *miss* Dickinson, quando chegaram diante do quarto de Sarah.

– Ok, me dê a chave. Devolverei assim que tiver terminado.

Algumas estudantes lançaram-lhe olhares intrigados, mas não ousaram se aproximar.

"Todas essas garotas têm segredos a esconder", pensou Logan, abrindo a porta.

O quarto estava bem arrumado. Nada jogado pelo chão. Fechou a porta, colocou suas luvas de látex e começou a busca.

Começou pela gaveta da escrivaninha. Logo foi atraído por um envelope com o nome de Sarah. Pegou-o e tirou uma carta de dentro dele.

"Isso é que é sorte!", disse para si mesmo depois de tê-la lido. Era um convite de Lucy e Amy para juntar-se a elas na Kingdom's Tavern no domingo em que desapareceram.

Não conseguia acreditar que Sarah pudesse estar realmente envolvida na morte das amigas. Se fosse assim, não teria deixado aquela carta em evidência. Mas não havia dúvida: ela sabia coisas e teria de falar.

Esperando que a sorte não o abandonasse, continuou a inspeção, mas não achou mais nada.

Sabia que devia chamar os especialistas do FBI, mas preferia ter uma conversa com Sarah antes de acionar toda a máquina. Existia uma pequena probabilidade de que ela não estivesse envolvida nos assassinatos. Não valia a pena chamar atenção sobre ela.

"Pelo menos por enquanto", pensou, saindo do quarto.

– Como ele morreu? Não parecia muito velho... – perguntou Hurley, olhando novamente para as fotos.

– Aceita um café? – convidou Peart.

Hurley compreendeu que o xerife tinha uma história para contar e queria causar algum efeito.

– Com certeza – respondeu Hurley, escondendo sua frustração.

O xerife se levantou e foi até a máquina de café.

– Sabe, ele era realmente um bom homem. Até a morte, permaneceu com a esposa, uma alcoólatra inveterada. Não sei como pôde suportá-la por tanto tempo.

Quando o café ficou pronto, estendeu uma xícara para Hurley e serviu uma para si mesmo.

– Devia amá-la muito – disse Hurley.

Peart olhou ostensivamente para as fotos.

– Se você diz...

Hurley resolveu não dizer nada. Não gostava do ar altivo e condescendente de Peart. O velho reflexo da superioridade do homem do campo sobre as pessoas da cidade!

– Uma noite, recebemos um telefonema. Aquela cadela simplesmente o apagara quando ele estava voltando do trabalho. E não foi só isso.

Fez uma pausa e levou a xícara à boca.

– Bom, não é? – perguntou, saboreando o café.

– Sim – disse ela, obrigando-se a sorrir.

Mas a raiva fervia em suas veias. "Vai desembuchar ou não vai?"

Peart voltou a sentar e contou finalmente a continuação do drama.

3

Fazia duas horas que Donald terminara sua jornada de trabalho quando voltou para a casa dos pais.

Ele trabalhava na usina siderúrgica, no norte da cidade. Uma das últimas da região. Como todos os dias, fora a um bar onde, discretamente, se divertia observando as mulheres que jamais ousaria abordar.

Estacionou o carro ao lado da caminhonete do pai e tirou sua arma do porta-luvas. Só se separava dela para trabalhar. Gostava de tê-la sempre consigo. Sem ela, sentia-se menos do que um homem.

Saiu do carro e pôs a pistola no cinto, escondido por sua longa camisa.

Naquele fim de agosto, o ar ainda estava quente, embora o sol já estivesse se pondo.

Donald andava no caminho calçado que levava até a porta de entrada. Sabia que mais dia, menos dia, partiria dali. Mas temia perder as estribeiras se estivesse totalmente entregue a si mesmo.

O assassinato da prostituta ocorrera havia cerca de dois meses. Estava se controlando para não recomeçar imediatamente.

O caso saíra na primeira página de um jornal sensacionalista de Seattle. O jornalista estabelecera uma aproximação com o assassinato de outra prostituta ocorrido um mês antes. Donald não tinha nada a ver com aquilo, mas o jornalista não se dera ao trabalho de investigar. Ligara os dois assassinatos no intuito de criar uma espécie de psicose entre aquelas mulheres.

Estava no patamar quando seu sexto sentido o alertou. Pôs a mão na maçaneta e compreendeu o que o estava incomodando. Não havia barulho algum. E, àquela hora, seu pai devia estar na frente da televisão assistindo a uma série qualquer.

Sem se dar conta, levou a mão ao cinto, abriu o coldre, pegou a pistola e destravou-a antes de recolocá-la no lugar.

Abriu a porta. Nenhum barulho. Atravessou o corredor e espiou na sala. Ninguém.

Não estava gostando daquilo. O carro de seu pai estava lá. Ele também devia estar. Talvez ainda estivesse trepando com a cadela da sua mãe?

Passara a infância ouvindo os gemidos orgásticos e teatrais daquela louca. Ela nunca o poupara daqueles sons e palavras íntimas.

– Donald?

Era a voz da mãe. Vinha da cozinha. O tom era estranho.

Donald não respondeu e avançou até a cozinha. O que viu o deixou paralisado.

Seu pai estava arriado sobre a mesa, com uma imensa poça de sangue sob sua cadeira. Virou a cabeça e viu sua mãe, sentada diante dele, apontando-lhe um fuzil de caça.

– Ele teve o que merecia. Seu pai me traiu, e agora...

Donald compreendera imediatamente o que ela ia fazer. Olhou com ar surpreso para a janela. E, por mais pueril que fosse, sua artimanha funcionou.

Sua mãe desviou o olhar um instante para saber o que ele vira, instante que bastou para Donald sacar sua arma e lhe meter uma bala na cabeça.

– Sua puta! – xingou ele, aproximando-se lentamente.

Sua mãe caíra da cadeira. Uma poça de sangue ia se formando em volta de sua cabeça.

Donald deu-lhe um leve pontapé, pelo simples prazer de sentir sua carcaça morta sem reação.

Olhou de novo para o pai e viu uma foto em cima da mesa. Pegou-a e compreendeu o que acabara

de acontecer. Viam-se claramente duas garotas nuas cujos rostos haviam sido apagados no cutter*, e seu pai, igualmente nu. Nunca pensara que o pai frequentasse putas. "Somos iguais!", pensou, sem sorrir.*

– Essas piranhas o fizeram pagar – disse, supondo uma chantagem.

Seu pai não tendo querido ou podido pagar, a foto devia ter sido enviada em represália.

Donald não sentia a mínima dor diante dos pais mortos e ensanguentados. Apenas ódio e raiva. A única pessoa por quem tinha estima estava morta. O único ser que o amara.

Pegou a foto de novo, examinou-a um momento e descobriu, num canto, uma camiseta em cima de uma cadeira. SEX PISTOLS, estava escrito em letras grandes.

Um flash se acendeu em sua cabeça. Já tinha visto aquela camiseta em uma das três piranhas que viviam no All Night Long*, um bar frequentado, em grande parte, por jovens na moda.*

"Ninguém mais usa uma camiseta de um grupo tão démodé*!", pensou, seguro de sua descoberta.*

Olhou os corpos sem cabeça na foto. Correspondiam perfeitamente ao gabarito delas. Supôs então que quem tirara a foto fora a terceira garota do trio.

A raiva fervia em seu crânio. Uma vontade imperiosa de descarregar seu ódio sobre qualquer mulher o paralisou.

Passou algum tempo controlando as emoções e então foi esconder a foto num lugar onde ninguém procuraria.

Desceu novamente até a sala e pegou o telefone. Por um momento, pensara em fugir dali. Mas teria parecido suspeito. Não, era melhor chamar os tiras.

Quanto à morte da mãe, alegaria legítima defesa. Sem dúvida conseguiria um sursis*. As análises provariam que seu pai fora morto pela arma de sua mãe e que esta morrera depois dele. Uma coisa era certa: não falaria da foto, não sujaria a memória do pai.*

Digitou o número da polícia e começou a imaginar o que faria aquelas três piranhas sofrerem quando seu processo tivesse terminado.

4

– Pobre rapaz, não teve sorte. Embora o legista tenha demonstrado claramente que o pai fora morto antes da mãe, o procurador não lhe deu arrego. Sem prova alguma, rejeitou a legítima defesa. Fez todo um discurso sobre a vingança e seus efeitos perversos sobre a sociedade. O júri engoliu suas palavras e condenou o filho a cinco anos de prisão.

– Talvez ele realmente fosse culpado – arriscou Hurley.

– Não. Eu assisti ao processo. Devia ter visto sua cara quando compreendeu que o estavam acusando de assassinato de primeiro grau. Ele gritou sua inocência. Explicou a um júri intransigente como a mãe batera nele anos a fio. Mas isso só fez piorar um pouco mais sua situação.

Hurley imaginava muito bem a cena. Não há nada mais difícil do que julgar se um assassinato foi mesmo cometido em legítima defesa. Sobretudo quando as partes, sabidamente, se odiavam.

– E o advogado dele?

– Um auxiliar de escritório – respondeu Peart. – Um incompetente de marca maior. Sabe, Donald é um bom rapaz, tímido, fechado em si mesmo, mas um caçador sem igual. É uma vergonha o que lhe aconteceu.

Hurley sentiu pena. Perder o pai, a mãe e se ver metido na prisão por ter defendido a própria pele... Mais um jovem que a justiça moera.

– Bom, não vou mais incomodá-lo. Muito obrigada pelas informações – disse Hurley, levantando-se.

– O prazer foi todo meu – respondeu o xerife.

Hurley vestiu o casaco e, acompanhada por Peart, saiu da delegacia.

Callwin estava apoiada no carro e aproveitava os raios de sol que banhavam a praça.

– Então, conseguiu um nome?

– Paul Ringfield. Sua mulher o matou há pouco mais de três anos. Isso nos dá um suspeito a menos.

De repente, uma ideia lhe atravessou o cérebro. Era uma ideia estranha, mas ela costumava confiar em seu instinto.

– Que cara é essa? Esqueceu alguma coisa? – disse Callwin.

– Ringfield tinha um filho. Um excelente caçador. Ele foi preso pelo assassinato da mãe. Então, me pergunto se ele não conhecia Lucy, Amy e Sarah. Afinal, Silver Town é uma ervilha.

– Ele matou a própria mãe? Explique isso – disse Callwin, na mais total incompreensão.

Hurley lhe fez um resumo do relato de Peart. Não conseguia tirar da cabeça aquela ideia bizarra.

– A pena de Donald Ringfield vai até 2009. Mais dois anos entre quatro paredes, a menos que...

– Francamente, acho que você está viajando – disse Callwin, compreendendo aonde Hurley queria chegar.

Hurley ligou para o FBI de Seattle. Dez minutos depois seu celular tocou.

– E aí?

O agente do outro lado da linha lhe deu a resposta. Ela agradeceu e desligou.

– Donald Ringfield foi solto por boa conduta há exatamente um mês.

– E daí? – disse Callwin. – Isso não prova nada. Esse pobre rapaz não tinha nenhuma razão pra atacar essas garotas. Como ele poderia saber que elas tinham chantageado seu pai? E isso seria razão suficiente para que um garoto sem problemas se tornasse de repente um sádico perverso?

Callwin tinha toda razão. Nada ligava Donald às garotas. No entanto, era uma estranha coincidência que os assassinatos tivessem acontecido justamente depois de ele voltar à liberdade.

– Eu sei. Mas suponhamos que seja ele. Isso implicaria que nosso assassino continua livre e que Sarah Kent é a próxima da lista.

Callwin balançou a cabeça.

– Gosto de você e não quero questionar sua perspicácia de psicóloga forense, mas essa história é completamente forçada. Não tem nada contra ele além de suposições. Em todo caso, não conte comigo pra fazer um artigo a esse respeito.

Hurley sorriu e abriu a porta.

– De qualquer jeito, vou telefonar pra Logan. Se eu conseguir encontrar uma ligação entre o reverendo Adams e esse Donald Ringfield, então não haverá mais dúvida.

– Tem certeza de que Adams está envolvido no assassinato?

– Tenho certeza de que Larry Brooks era inocente e de que, se Adams foi realmente o mandante, ele recorreu a algum outro matador de aluguel. Talvez Adams tenha sido capelão na prisão de Ringfield e o tenha encontrado lá? – disse Hurley, elaborando uma nova hipótese.

Anotou num cantinho de seu cérebro que precisava verificar aquilo, pegou seu celular e ligou para Logan.

– Jessica, descobriu o nome do cara nas fotos? – perguntou Logan, sem rodeios.

Acabava de sair da casa dos pais de Edward.

Hurley relatou sua conversa com o xerife Peart e aproveitou para contar o que pensava dele. Depois, expôs suas novas teorias.

– Chega, Jessica – interrompeu-a Logan, indo em direção ao Cherokee. – Esse rapaz acaba de sair da prisão. Além disso, pelo que você me contou, ele foi condenado injustamente, já que matou em legítima defesa. Desculpe-me por fazê-la voltar à realidade, mas as pessoas normais não costumam sair torturando e matando garotas. Esse cara deve estar aproveitando a liberdade e certamente não tem a mínima vontade de voltar pra prisão. Até que se prove o contrário, Donald Ringfield não tem nada a ver com esse caso e não tem nenhuma razão para matá-las.

– A menos que tenha visto as fotos – teimou Hurley.

– Nada indica que isso tenha acontecido – retorquiu Logan, enquanto se instalava no carro e, preferindo voltar a coisas mais concretas, acrescentava: – Não vai me perguntar se encontrei Sarah?

– Sim, é claro! – respondeu Hurley, que estava louca para falar com ela.

Sarah era a única pessoa que podia lhes trazer novos elementos.

– Ela foi passar o fim de semana na montanha com alguns amigos. Estou saindo da casa dos pais de um dos rapazes. Eles lhes emprestaram uma antiga fazenda reformada. O problema é que ela fica a três horas de carro daqui, ao pé das Rochosas! Eles me emprestaram um mapa, mas, mesmo que eu não me perca, só estarei de volta no começo da noite, na melhor das hipóteses.

– O que disse a eles?

– Apenas que precisava conversar com Sarah para que ela me falasse de Lucy e Amy. Não se preocupe, não despertei suspeitas. Não quero queimar essa garota, se é isso que a incomoda.

– Prefiro que sejamos discretos enquanto não soubermos mais nada.

Logan ligou o carro.

– Ah, já ia esquecendo, encontrei uma carta no quarto de Sarah. Ela tinha um encontro com Lucy e Amy no domingo do desaparecimento delas. Sarah tem muita coisa a nos dizer.

Hurley concordou.

– Bom, vou desligar. A propósito, não poderei ligar – continuou Logan –, parece que os celulares

não funcionam lá. E a fazenda não tem nem luz nem telefone. Então não se preocupe se ficar sem notícias minhas.

Enquanto o escutava, o cérebro de Hurley continuava funcionando a mil por hora.

Uma nova ideia surgiu. Uma das mais aterradoras.

– Se Donald Ringfield é o culpado, não acha que essa fazenda longe de tudo seria o cenário ideal pra ele cometer sua vingança?

Logan engatou a primeira e começou a andar. Ao mesmo tempo, deu uma grande gargalhada.

– Você devia parar de ver filmes de terror ruins! – zombou. – Digo mais uma vez: estamos na realidade, Jessica. Mesmo que Donald seja o assassino, no que não acredito nem um pouco, ele não iria matar Sarah sob os olhos de seis outras pessoas! Acalme-se e vá descansar.

– Sim, suponho que tenha razão.

– E tenho. Vamos, beijo. Ligo para você assim que estiver de volta com Sarah.

Ela lhe mandou um beijo e desligou.

Logan continuava se divertindo com a preocupação de Hurley. O que ela não era capaz de inventar!

Depois de muitos anos conduzindo investigações, Logan sabia muito bem que a realidade é bem menos complexa do que sugerem os romances policiais.

Não havia centenas de *serial killers* assolando os quatro cantos dos Estados Unidos, hordas de estupradores e pedófilos em cada esquina ou, ainda, milhares de assassinos de colarinho branco que matavam seus sócios por um pouco de dinheiro!

Sem parar de rir, Logan ligou o rádio para ouvir música, imaginando Hurley aterrorizada com a ideia de que ele encontrasse Jack Nicholson em seu caminho!

5

Os dois carros estacionaram bem na frente da fazenda. Todos saíram precipitadamente para esticar as pernas. O caminho que os levara até lá era extremamente pedregoso. Tiveram de andar numa velocidade de tartaruga para não estragar os amortecedores.

– Uau! Que maneiro! – disse Courtney ao ver a casa.

A fazenda conservava seu aspecto rústico, mas fora recentemente reformada. Iam passar um fim de semana memorável, pensou ela enquanto se alongava.

– Estamos realmente sozinhos no mundo. É maravilhoso – disse Lisa, cujo olhar se perdia na floresta que os cercava.

Ela adorava a natureza e lamentava não poder curti-la com mais frequência.

– Ed, você precisa dizer pros seus pais arrumarem a estrada, está uma buraqueira medonha! – disse Brian.

Tinham feito vinte quilômetros numa estrada razoável, de onde avistavam de tempos em tempos algumas casas isoladas, depois tinham tomado uma estradinha toda esburacada para chegar até ali.

– É isso que faz o seu encanto. É preciso sofrer pra atingir o paraíso! – replicou Edward, orgulhoso como um galo.

– Que loucura. O que levou famílias inteiras a se instalarem tão longe de tudo? – admirou-se Shanice.

– No século XIX, havia uma cidadezinha um pouco mais adiante. Hoje não resta mais nada. Os moradores migraram para as grandes cidades. Apenas alguns refratários ao sonho urbano permaneceram na região, vivendo de plantações e de gado – respondeu Edward.

– Gado por aqui? – admirou-se Sam.

– Pequenos rebanhos. Mas isso faz quase cem anos.

Sam tentou se impregnar daquela noção de tempo. Pessoas tinham vivido ali bem antes da invenção da eletricidade. Tinha a impressão de dar um salto para o passado. Uma emoção particular se apossou dele.

– Tá tudo muito bem, tá tudo muito bom, mas eu estou morrendo de fome – disse Courtney, mais prosaicamente.

Era quase meio-dia, a hora ideal para uma pequena refeição.

– Tem razão, vamos comer! – disse Edward.

Abriram os bagageiros dos carros e descarregaram tudo que estava dentro, antes de se lançarem à casa com passo conquistador.

Edward pegou o molho de chaves e inseriu a maior no buraco da fechadura. Deu duas voltas na chave e abriu a porta.

– Tã-rã! – disse, convidando os amigos a entrar.

Reinava a mais completa escuridão. Brian e Sarah foram os primeiros a entrar. Um cheiro de ambiente fechado, mas que nada tinha de desagradável, invadiu suas narinas. Foram logo abrir as janelas.

Uma onda de luz revelou um interior bastante moderno. Os proprietários tinham sabido restaurar com bom gosto o piso, os madeiramentos e as vigas, conjugando-os com uma mobília de boa qualidade.

Lisa e Sam subiram ao primeiro andar. Três quartos espaçosos os esperavam. Abriram todas as

venezianas, depois voltaram ao primeiro quarto.

– Ficamos com este! – decidiu Sam, designando as Rochosas que podiam ser vistas pela janela aberta.

Lisa soltou sua mochila e testou a maciez do colchão.

– Sim, sinto que estaremos bem aqui! – disse com um sorriso safado.

Escutaram passos na escada.

Shanice e Edward apareceram.

– Uau! É realmente incrível! – exclamou Shanice.

– Caramba! Não é que era verdade. E eu que pensei que fosse um barraco caindo aos pedaços! – disse Brian, chegando atrás deles.

Colocou suas coisas no segundo quarto, enquanto Shanice e Edward pegavam o terceiro.

Courtney chegou por último e fez cara de emburrada.

– E eu, onde é que eu durmo? – queixou-se, pondo as mãos no quadril.

– Com a gente, é claro – disse Edward, com um olhar lúbrico.

Shanice lhe deu um tapa nas costas.

– Está bem, já entendi, vou dormir sozinha lá embaixo. Bacana! – disse Courtney, descendo com sua mochila.

– Ninguém a proibiu de trazer um namorado! – replicou Edward.

– Não vem com desculpa, odeio você – disse ela, sem se virar.

Mas o tom era agradável. Todo mundo riu.

Depois de terem arrumado suas coisas, instalaram-se na vasta cozinha ao lado da sala e colocaram sanduíches sobre a grande mesa para almoçar.

– Que tal irmos comer lá fora? O sol está magnífico, não vamos ficar enfiados aqui dentro, né? – propôs Lisa.

– Ótima ideia – disse Brian.

Pegaram algumas cadeiras e uma mesa, instalaram perto dos grandes pinheiros e aproveitaram a beleza do espetáculo circundante.

– Como isto faz bem! – disse Edward, com a boca cheia.

Sarah pegou uma garrafa de água e se serviu um copo.

– Todos correm atrás da modernidade, mas às vezes me pergunto se a verdadeira vida não é esta: estar em contato com a natureza – disse Lisa.

– Sim, e esse idiota do Bush que não quer nem assinar o protocolo de Kyoto! – acrescentou Sam.

– Ei! Nada de política – interveio Brian. – Não vamos começar a brigar, ainda mais que, no fundo, não estamos nem aí.

Lisa e Sam não pensavam assim, mas decidiram que era melhor deixar quieto. Estavam ali para relaxar, não para debater o destino do planeta.

– E o primeiro que falar de sexo morre – disse Courtney, desviando o assunto.

Os risos explodiram, e Sarah teve de cuspir a água que estava tomando para não engasgar.

– Coitadinha, vamos ter de cuidar de você – disse Edward. – Você não é tão feia assim, não entendo por que está sempre sozinha!

– Os rapazes são todos uns babacas, o que quer que eu lhe diga?! – replicou ela.

Os garotos a olharam com despeito, e as garotas a aplaudiram.

– Além da nossa bunda, o que interessa a eles? – continuou Courtney.

– Os seios! – replicou Edward na lata.

Os papéis se inverteram. As garotas vaiaram a fala misógina, aplaudida pelos rapazes.

A tarde começava sob os melhores auspícios.

Sarah voltou lentamente a sorrir e quase conseguiu esquecer o choque das revelações da imprensa.

Fizera tudo para nunca mais ouvir falar das fotos e eis que, no pior momento, essa lembrança era lançada bem na sua cara.

– Realmente se está bem aqui! – extasiou-se Edward, afundando-se na cadeira assim que conseguiu parar de rir.

Escondido na vegetação, Donald observava a cena com a ajuda de binóculos. Sete presas.

Era uma manada e tanto, mas ele tinha a vantagem da surpresa.

E, sobretudo, a de ter armas, pensou, tirando uma longa faca da bainha.

– Podia ter me contado antes! – disse Edward.

– Você não teria conseguido guardar segredo! – replicou Brian.

Esquecendo as regras básicas da digestão, tinham decidido dar uma corridinha na floresta assim que acabaram de comer.

– Em todo caso, você não escolheu a mais feia. Sarah é realmente uma bela garota.

Seguindo uma trilha natural, subiam a costa de uma colina sob a cobertura dos pinheiros. Algumas clareiras deixavam passar o sol no auge de seu brilho.

– E não é só isso. Você vai me achar besta, mas acho que a amo.

Sem parar de correr, Edward soltou uma risada de desdém.

– Pare com isso. Ainda somos muito jovens pra isso. Não me diga que está pensando em permanecer com ela? – zombou.

Brian gostava de Edward, mas às vezes sentia vontade de estrangulá-lo.

– E você? Faz mais de um ano que está com Shanice. Deve ter algum sentimento por ela – disse.

– Ela me diverte e, além disso, é ótima na cama. Mas – isso fica entre nós – você não acha que eu permaneci fiel todo esse tempo, acha?

Brian sempre desconfiara, mas admirou-se de que Edward se gabasse daquilo com tanta desenvoltura.

– Você é inacreditável. Não tem vontade de fundar uma família, de ter filhos?

– Pare com isso, está parecendo meu pai! – ironizou Edward.

Pularam por cima de um tronco e continuaram a corrida.

– Escute, cada um tem seu jeito. Sarah tem todas as qualidades que procuro numa garota. Acho que encontrei a tampa da minha panela.

– Em todo caso, não sei o que ela tem, mas anda meio de cara fechada.

Brian também já notara isso. Achava que podia ser efeito de seu pedido de casamento. Isso provava que ela o levara a sério e que queria um tempo para pensar antes de se comprometer para a vida toda. Não era uma inconsequente, e ele gostava dela também por isso.

– Acho que é a morte de suas antigas amigas que a incomoda – mentiu.

– Não entendo por quê! Se encontrasse você morto, juro que faria uma festa sobre seu túmulo! – brincou Edward, antes de dar uma gargalhada.

– Abestalhado! – disse Brian, que quase tropeçou numa raiz aparente.

Naquele instante, deixou de olhar para Edward por um instante. Ao recuperar o equilíbrio, ouviu um grito.

Edward tinha caído no chão.

Brian explodiu de rir e deu um leve pontapé no amigo caído. Foi então que viu a flecha que atravessara seu peito, e o sangue escorrendo.

Virou instintivamente a cabeça para a floresta, mas, antes que pudesse entender o que estava acontecendo, uma flecha penetrou em seu olho esquerdo e atravessou o cérebro.

– *Two points!* – disse Donald, abaixando o arco.

Colocou-o a tiracolo, pegou a mochila e, com passo lento e firme, andou até suas duas vítimas.

Não sentia nenhum orgulho especial, a não ser o do trabalho bem feito.

Apesar dos três anos passados atrás das grades, não perdera nada de seu talento de caçador. Uma flecha para cada vítima. Os humanos eram bem menos resistentes do que os outros animais.

Parou bem perto dos dois corpos.

O sangue escorria da órbita perfurada do olho de Brian. Uma flechada magnífica.

Olhou para sua segunda vítima e teve uma expressão de contrariedade. Edward ainda não estava morto. Seu peito se erguia e abaixava de maneira grotesca.

– Por quê? – gemeu ele, com os olhos embaçados.

Donald ficou em cima dele sem responder, olhando a vida se extinguir em seus olhos, mas não sentiu nenhum prazer.

Fora bem diferente com a prostituta. Pudera ler um verdadeiro terror em seus olhos. Um momento que nunca esqueceria.

Edward parou de respirar. Donald retirou as flechas, enxugou-a nas roupas dos jovens estudantes e as recolocou na aljava.

As coisas iam começar a ficar mais interessantes. Ele vira uma das garotas indo em direção ao riachinho que ficava a menos de cem metros da fazenda.

Courtney deitara perto do riacho e estava aproveitando o sol. Sentia-se melancólica.

O lugar era encantado. Estava com seus melhores amigos, e a natureza em volta transmitia uma calma sem igual.

Entretanto, não estava feliz. Nunca se sentira tão só.

Todas as garotas de sua idade tinham namorados. Mesmo garotas bem mais feias do que ela! Por que não conseguia encontrar um garoto que pudesse amar?

Os caras que encontrava só queriam saber de sua bunda.

Sabia que bastava mudar de tipo de homem e se concentrar em caras mais intelectuais, no estilo de Sam. Mas, bem, ele não era muito bonito. Só mesmo Lisa para sair com um cara daqueles, por mais simpático que fosse!

Lembrou-se do último namorado. Um estudante argentino que fizera dela gato-sapato. Acreditara realmente que ele estava apaixonado por ela e já até se imaginara indo para Buenos Aires nas férias. Mas aquele babaca a largara uma semana depois de sua primeira noite de amor!

Courtney sentiu o coração palpitar de emoção ao recordar aquela traição. Por que os homens eram tão insensíveis?

Uma sombra passou por cima dela. Virou a cabeça e viu a silhueta de um caçador. Não o escutara

chegar. Soltou um pequeno grito de surpresa e se levantou de um salto.

– Desculpe tê-la assustado, não era minha intenção – disse Donald, em tom amigável.

– Não foi nada, mas tinha tanta certeza de estar sozinha!

Donald lhe dirigiu seu melhor sorriso.

– É temporada de caça, devia tomar cuidado. Mas acho que você não está muito acostumada à floresta. Estou enganado?

Seu tom não era de desprezo, muito pelo contrário.

Courtney não pôde evitar notar seu físico de atleta, e confessou a si mesma que seu rosto era bastante bonito.

– Não, sou estudante. Vim passar o fim de semana com alguns amigos na fazenda que fica logo ali – disse ela, apontando em direção à casa. – Bom, não é mais realmente uma fazenda, mas já foi.

Donald balançou a cabeça com ar de compreensão.

– Não vou mais incomodá-la. Cuide-se bem.

“Merda, merda, merda! Não o deixe ir embora!”, implorou Courtney para si mesma.

Tomara aquela aparição como uma surpresa divina. Ele parecia gentil e não lhe dera aquele olhar lúbrico que os garotos mais novos costumam dar. Parecia ter cerca de vinte e cinco anos. Não era mais um adolescente.

– Talvez até logo? – disse, com uma voz quase sumida.

“Que idiota! Diga-lhe para ficar, convide-o para ir à fazenda!”, lamentava-se interiormente. Mas as palavras não saíam.

Seus olhares se cruzaram. Ele se reaproximou.

– Posso lhe pedir um favor? – disse ele.

– Sim, é claro – respondeu ela, sem saber muito bem o que esperar.

E, sem que tivesse tempo para nada, ele se lançou sobre ela e agarrou sua garganta.

Jogou-a no chão e se colocou sobre ela sem relaxar a pressão.

– Fique quieta!

Ele reconhecia aquele olhar. Era exatamente o mesmo com que o gratificara a prostituta. Um terror absoluto e sem fundo.

Courtney tentou se soltar. Um pânico histérico apoderou-se dela. Mexia-se para todos os lados, mas o homem era bem mais forte do que ela. Não conseguia mais respirar.

“Não pode ser, não quero morrer!”, pensou, aterrorizada.

Donald sentiu sua excitação chegar ao paroxismo. Seria uma pena acabar tão rápido.

Mas não podia perder tempo. Aqueles que permaneciam na fazenda iam se dar conta de que alguma coisa estava errada. O tempo jogava contra ele.

O olhar da garota estava se tornando vítreo. Donald esqueceu sua regra de conduta: tirou uma mão da garganta da garota, fechou o punho e lhe deu um forte soco na cara.

Courtney desmaiou. Donald beliscou-a bem forte no braço, mas ela não reagiu, não estava fingindo. Satisfeito, soltou-a e pegou no alforje uma bobina de fio de ferro.

Amarrou as mãos de Courtney nas costas e colou um poderoso adesivo em sua boca. Depois puxou a faca e cortou seu tendão de Aquiles esquerdo.

Com a dor, Courtney despertou, mas Donald conseguiu controlá-la e cortou-lhe o outro tendão.

– Não saia daí, eu já volto – disse ele.

Incapaz de se mover e de gritar, Courtney estava à beira da loucura. Um medo infinito a torturava.

“Ele vai me matar! Ele vai me matar!”, repetia.

Donald achou que ela estava muito perto do riacho. Para evitar que rolasse até a água e tentasse se

afogar, arrastou-a até uma árvore. Pegou a bobina de fio de ferro e prendeu-a ali.

– Até logo – disse ele, salivando de antemão com a ideia do que ia lhe fazer.

Courtney fechou os olhos e deixou correr milhares de lágrimas.

Logan parou na beira da estrada, saiu do carro e desdobrou o mapa.

Lembrou-se das placas que acabara de ver e sua dúvida se transformou em certeza. Tinha passado do entroncamento.

– Idiota! – disse, dobrando novamente o mapa.

Tinha de voltar mais de quarenta quilômetros para pegar a estradinha que dava na fazenda.

Telefonou para Hurley e ficou feliz ao constatar que ali ainda havia sinal.

– Oi, Jessica, escute, não sei bem que horas vou voltar. É a segunda vez que me perco!

– O senso de orientação nunca foi seu forte! – zombou ela.

Logan pegou um cigarro e o acendeu.

– Em todo caso, o espetáculo vale o desvio. Estou na beira da estrada e tenho as Rochosas inteirinhas só para mim. Um dia você tem de ver isso de perto.

Sentada na poltrona do carona ao lado de Callwin, Hurley estava feliz com a entonação da voz dele. Nada estava perdido entre eles.

– Espero que sim – respondeu ela. – Escute, estamos quase em River Falls. Assim que chegar, ligo pra você.

Logan tragou seu cigarro. Tivera vontade de ouvir a voz dela. Sabia que não podia mais mentir para si mesmo.

– Até a noite, Jessica, e dê minhas saudações a *miss* Callwin – disse, em tom irônico.

– Pode deixar. Beijo.

Ele guardou seu celular e, após lançar um último olhar panorâmico ao horizonte, voltou para o carro e fez uma meia-volta perigosa naquela estrada montanhosa.

– Não tire, deixe terminar esta música – disse Shanice.

Lisa ia desligar o *CD player* para ir ao encontro de Courtney, que estava se bronzeando ao sol.

Tinham acabado de arrumar as coisas. As férias podiam começar!

– Não é a melhor música do disco – respondeu Lisa, esperando para desligar o som.

– Mas é o melhor disco do The Doors! – respondeu Shanice, levantando-se.

Estavam descansando havia alguns minutos nas confortáveis poltronas da sala.

Sarah se levantou e pegou a caixinha do CD.

Bateram à porta.

– Quem vai abrir? Com certeza são Brian e Edward voltando – disse Lisa.

– Mas ninguém trancou a porta! – interveio Sarah.

– Esses rapazes realmente têm excelentes maneiras – apreciou Shanice, sorrindo.

Saiu da sala e atravessou o estreito corredor que levava até a porta. Abriu-a e, para sua surpresa, deu de cara com um desconhecido.

Um tiro ressoou na casa.

Antes de poder dizer uma palavra, Shanice caiu no chão. Uma bala bem no coração.

Num pulo, Donald entrou na sala. Percebeu Sarah, mas focalizou a outra garota. Esboçou um sorriso demente e atirou em Lisa.

Sam descera a escada assim que ouvira o primeiro tiro. Chegou à sala bem a tempo de ver Lisa cair no chão.

Sem procurar entender, lançou-se sobre Donald. Os dois caíram no chão.

A raiva dava forças a cada músculo de Sam. Aquele desgraçado atirara em Lisa! Com os punhos, pôs-se a bater no caçador, mas logo este tomou vantagem.

Horrorizada e desorientada, Sarah saiu correndo da fazenda.

"Não é possível! É um pesadelo!", dizia para si mesma, sem fôlego.

Ao chegar diante dos carros, constatou que os pneus estavam furados.

– Oh, não! – exclamou, com o rosto inundado de lágrimas, completamente fora de si.

Dentro da casa, Donald controlara Sam. Com uma raiva feroz, bateu sua cabeça no chão até que o sangue escorresse pelo assoalho. Levantou imediatamente e saiu correndo da casa.

Do lado de fora, viu Sarah tentando fugir para a floresta. Seu rosto se congelou numa expressão sádica. Lançou-se ao encalço dela.

Menos de trinta segundos depois, estava em cima da garota, jogando-a ao chão.

– É muito feio tentar escapar ao próprio destino – disse com voz cruel. – Escute bem, cadelinha, vai se comportar direitinho a partir de agora.

Sarah estava estarrecida. Reconheceu o rapaz.

– Você é o fotógrafo de Seattle. Por que está fazendo isso? Eu lhe suplico, solte-me. Não quero morrer, não direi nada a ninguém – gaguejou ela.

Era patético. Donald lhe deu uma bofetada e forçou-a a segui-lo.

– Não vou matá-la, a não ser que me desobedeça.

Sarah não acreditou naquilo um só instante. A única razão que a impedia de enlouquecer era a esperança de que Brian e Edward voltassem logo.

– Temos muito que conversar, você e eu.

Sarah sabia que precisava se acalmar. Se perdesse o sangue-frio, ele a mataria. Tinha de tentar amansá-lo. Era assim que as mulheres conseguiam escapar, nos filmes. O problema é que aquilo não era um filme!

O pânico invadiu de novo seu cérebro aterrorizado.

– Acalme-se, vai dar tudo certo! – tentou tranquilizá-la Donald.

Pegou-a pelo braço e encostou a pistola entre suas escápulas.

– Vamos entrar tranquilamente na casa e conversar – acrescentou.

Sarah se deixou levar até a casa e teve um sobressalto de náusea ao ver os corpos de seus companheiros estirados no chão.

Donald levou-a para cima. Sem opor resistência, Sarah se deixou amarrar às grades da cama.

"Ele vai me estuprar!", pensou, aterrorizada.

Devia ter reagido, mesmo que morresse de uma vez. Mas não podia, estava paralisada pelo horror da situação. Não era tão forte quanto acreditara até aquele momento.

"Brian, volte, eu suplico!", rogou, voltando a chorar.

– Lembra-se de Paul Ringfield?

Ela teve um *flash*.

Entendeu finalmente por que aquele rosto não lhe parecera desconhecido. A luz se acendeu como um relâmpago nas trevas de sua memória.

– Não, isso é asqueroso, já humilhamos bastante esse pobre coitado – disse Sarah.

Tinham acabado de entrar no primeiro ano de universidade em River Falls. Lucy, Amy e Sarah, as três amigas inseparáveis.

– Não podemos fazer nada, quem ele acha que somos?! Se cedermos, perderemos nossa credibilidade. Vamos mostrar pra ele quem é mais forte! – impôs Amy.

Sarah não estava absolutamente de acordo. Não podia esquecer aquele momento de desatino em que acompanhara suas duas amigas naquela operação maquiavélica contra Paul Ringfield. Mas, com a ajuda do álcool, caíra na tentação e jogara o jogo.

Como estava arrependida agora!

Não por ter transado com um velho. Já fizera amor com vários caras mais velhos do que ela, mas aquele era apenas um pobre imbecil.

Nunca esqueceria a cara que fizera no dia seguinte, quando o encontrara num bar e lhe explicara a chantagem. O homem tinha ficado completamente descomposto.

Nem violência nem raiva, apenas um abatimento total.

Por mais que ele tentasse explicar que não tinha o dinheiro, Amy e Lucy foram implacáveis. Tinha de pagar!

Três semanas depois, Amy se preparava para enviar uma foto de seus jogos amorosos à esposa dele. Evidentemente, tivera o cuidado de apagar seus próprios rostos.

Sarah tentou dissuadi-las. Detestava a ideia de prejudicar ainda mais aquele homem.

– Não concordo – afirmou novamente.

Mas acabou cedendo, mais uma vez.

Desde aquele dia, sua relação com as amigas se tornou mais distante. Amy e Lucy não paravam de provocá-la a respeito de seu sentimentalismo piegas.

Mas, três dias depois, quando soube que a esposa de Paul Ringfield o assassinara, experimentou um profundo sentimento de culpa que remexeu suas entranhas. Ainda mais quando soube que o filho deles presenciara tudo e matara sua mãe para vingar o pai. Nunca se perdoaria por aquilo.

A única boa notícia era que, aparentemente, os tiras não tinham encontrado a foto.

Desde então, Sarah se libertara definitivamente do domínio de Amy e Lucy e evitara toda oportunidade de encontro.

– Lamento muito, eu não queria, juro! – chorou Sarah.

As lágrimas eram bem reais. Assim como as de Amy e as de Lucy. Donald esperara tanto por aquele momento durante os novecentos dias trancado entre quatro paredes... Agora era sua vez de gozar.

Ao sair da prisão, não fora difícil encontrar o rastro delas, e, ainda menos, atrair o namorado de Lucy dizendo que queria comprar drogas. Ele o obrigara a ligar para Lucy e Amy, chamando-as para um encontro importante.

As garotas não fizeram perguntas. Compareceram ao encontro numa casa que alugara. Ele prendera Brooks num dos quartos.

Quando elas chegaram, acolheu-as com um sorriso, dizendo que Brooks estava esperando na sala. Elas não pareceram surpresas e o acompanharam assim que trancou a porta atrás de si.

Ele bateu nelas até desmaiarem, levou-as para o porão e acorrentou-as à parede.

Passou horas torturando-as. No início, tentaram mentir, mas logo compreenderam que a única maneira de evitar o pior era dizer a verdade. Ele soube então que tinham recomeçado com a ajuda de Brooks. Mas também que Sarah se afastara delas.

Ele obrigou Lucy a escrever uma carta para Sarah, pedindo que as encontrasse domingo à noite na Kingdom's Tavern.

Então recomeçara as sessões de tortura.

Lucy e Amy morreram alguns minutos depois.

No fim da tarde, Donald entregara a carta a uma das faxineiras da universidade, fazendo-se passar por um tímido apaixonado.

A mulher ficara tocada e se divertira com a brincadeira. Prometera-lhe que colocaria a carta embaixo da porta da garota.

No dia seguinte, esperara longas horas na Kingdom's Tavern. Mas Sarah não veio. Ele teve de modificar seu plano.

Sabia que o desaparecimento das garotas preocuparia a polícia. Passou horas ruminando a melhor maneira de afastar a investigação do passado de piranhas delas.

As garotas tinham jurado que Brooks não conhecia o passado de Sarah. Teve a ideia de transformá-lo no culpado ideal, soltando-o. Enquanto estivesse fugindo, as investigações se concentrariam nele. Se a polícia o encontrasse, falaria do juiz, do reverendo e do reitor Augeri.

Nada o ligava a Brooks e a Sarah.

...a música do The Doors continuava ressoando na sala.

Donald se deleitava com o terror que podia ler nos olhos de Sarah. Só achava uma pena ter tido de amordaçá-la. Embora estivessem longe de tudo, seus gritos poderiam ser escutados por alguém que estivesse passeando por ali, mesmo a dezenas de metros.

Aproximou-se de Sarah e começou a retalhar suas roupas com a faca. Lentamente, com gestos precisos: sua intenção era fazê-la sofrer longamente.

Logan amaldiçoava a estrada pedregosa sobre a qual estava rodando. O Cherokee se arrastava como uma tartaruga. Com o vidro aberto, assobiava, tentando acalmar os nervos.

Estava prestes a acender mais um cigarro quando avistou, longe, a traseira de um carro parado no meio da estrada.

A satisfação distendeu seus traços crispados. Finalmente chegara. Desde que aquele fosse o lugar certo! Mas não queria nem pensar na possibilidade de ter se enganado.

Chegou perto do carro.

Pela estreiteza da estrada, percebeu que não poderia ultrapassá-lo. Entretanto, ainda não conseguia ver a fazenda. Lembrou então que os estudantes tinham ido em dois carros.

Desligou o motor, desceu e se encontrou em meio ao silencioso murmúrio da natureza. Inspecionou o carro, tentou abri-lo, mas estava trancado.

Coçou o queixo, passou adiante do carro e deu alguns passos. Pareceu-lhe ouvir uma música distante. Um som quase imperceptível, mas que destoava dos sons suaves dos arredores.

Eram jovens. Onde quer que fossem, tinham de fazer barulho!

Voltou ao Cherokee, trancou-o e não teve outro remédio senão terminar o caminho a pé. A fazenda não devia estar longe.

Não fizera mais de quinze metros quando seu olhar foi atraído por alguma coisa. Parecia um... corpo?!

Logan sentiu a pulsação se acelerar. Pôs a mão na pistola e tirou a trava de segurança.

“Esqueça as idiotices de Jessica!”, disse para si mesmo, imaginando o pior.

A imbecil colocara aquelas ideias absurdas em sua cabeça. Não era um corpo, tentou se convencer, sem conseguir deixar de acelerar o passo.

Dez metros adiante, seu coração saltou no peito quando a dúvida virou certeza. O corpo de uma garota jazia diante dele. Hurley tinha razão.

“Donald Ringfield devia ser o assassino e viera concluir sua vingança!”, compreendeu Logan, sob choque.

Estancou, ficando imediatamente à espreita.

Lançou um olhar de 360° à floresta circundante. A paisagem era de uma serenidade indiferente. Nenhum barulho além daquela música ao longe.

Com todos os sentidos em alerta, retomou sua caminhada, com a pistola na mão, pronto para atirar.

Chegou ao corpo de Lisa. Estava deitada de bruços. Um longo rastro de sangue indicava o caminho que percorrera.

Abaixou-se sem fazer barulho e pôs a mão na garganta da garota. Não sentiu nenhuma pulsação. Logan apertou os dentes. Ela devia ter se arrastado até que suas pernas não conseguiram mais suportá-la. Ele fechou os olhos, proibiu-se de gritar sua raiva e retomou o controle das emoções.

Tinha de chamar reforços de qualquer jeito. Pegou o celular e teve de dar razão aos pais de Edward: nenhum sinal!

Ficou num impasse: voltar para o carro e dirigir até encontrar sinal ou tentar salvar, sozinho, quem ainda pudesse salvar.

Não hesitou nem um segundo. Foi até a floresta e continuou por um caminho paralelo à estrada. Finalmente, viu a casa e reconheceu a música. “The End”, um velho standard dos Doors.

Amaldiçoou-se por não ter chegado mais cedo. Não tinha a menor ideia do que ia encontrar dentro da casa, mas, depois do corpo sem vida da garota, temia o pior. Havia sete estudantes, e ele não ouvia nenhuma voz. Quantos já estariam mortos? Dois, quatro, seis... todos?

Obrigou-se a afastar aqueles pensamentos mórbidos. Uma coisa era certa: a presença do carro provava que o assassino ainda estava por ali. Dentro da casa?

Aproximou-se dos carros dos estudantes. Os pneus estavam furados. Sempre com extrema precaução, continuou avançando em direção a casa e deu de cara com mais um corpo estendido na entrada.

Apertou instintivamente sua pistola e avançou, lançando olhares rápidos para todos os lados. Retomou o controle da respiração e subiu os dois degraus do patamar. A madeira rangeu sob seus pés.

Parou, à escuta do menor ruído suspeito. Apesar da música, percebeu o som de uma voz proveniente do segundo andar. Um timbre masculino.

A música o impedia de entender o que Ringfield estava dizendo, mas aquilo lhe deu a esperança de que restasse algum sobrevivente. A menos que, em sua loucura, ele estivesse falando sozinho?

Logan avançou silenciosamente pelo corredor. Graças a Deus, o assoalho não fez nenhum barulho.

A escada estava bem à sua frente. Morria de vontade de subir os degraus de quatro em quatro e abater Ringfield. O que quer que Hurley pensasse, não lhe daria a honra de prendê-lo. Deixara Snider com vida e nunca mais pouparia um *serial killer*.

Não obstante, devia manter o sangue-frio. Continuou avançando lentamente. O efeito surpresa era seu único trunfo.

À sua direita, havia uma grande sala. Dois outros corpos sem vida jaziam no chão. Uma nova onda de ódio o invadiu. Suas falanges ficaram brancas pela força com que apertava sua arma.

Aproximava-se da escada. Colocou delicadamente a ponta do sapato no primeiro degrau. Houve um pequeno rangido.

"Merda!", praguejou Logan.

Parou, pronto para atirar, mas Ringfield continuava seu longo monólogo.

– Que bonitinho. Uma calcinha rosa. Você tem bom gosto, Sarah.

Logan sentiu o estômago se retorcer. Certamente, Sarah ainda estava viva, mas Ringfield estava torturando-a!

Logan sofria a dor de milhares de mortes. Estava morrendo de vontade de subir a escada correndo. Mas Ringfield podia entrar em pânico e acabar de uma vez com Sarah.

Logan deixou essa opção de lado e pôs o pé no terceiro degrau. Agradeceu ao céu quando a madeira não rangeu.

Os três minutos seguintes foram dos mais longos e terríveis de sua vida. Imaginava Ringfield reproduzindo em Sarah os horrores que praticara com Lucy e Amy. Os mesmos entalhes, os mesmos martírios sobre aquele corpo jovem.

Logan percebeu que Ringfield se calara. Um péssimo sinal.

Chegou finalmente ao último degrau. O suor escorria por todo o seu corpo. Seus olhos ardiam, a testa pingava, o coração batia forte.

Logan estava em transe.

Escutou um barulho à sua esquerda. Fechou os olhos, fez uma prece a um deus em que não acreditava e começou a andar pelo corredor.

Viu os dois quartos da esquerda. As portas estavam abertas.

Numa delas, distinguiu a extremidade de uma cama. Duas pernas estavam fortemente amarradas e se debatiam inutilmente.

Logan continuou a andar suavemente pelo corredor.

Quanto mais avançava, melhor era sua visão do interior do quarto. O corpo de Sarah revelou-se lentamente a ele. Estava inteiramente nua, amarrada, amordaçada, mas, até onde podia ver, não tinha nenhuma marca de maus-tratos.

Ringfield devia estar do outro lado da cama, perto da parede do quarto.

A música parou.

Logan estancou. Tinha a impressão de que as batidas de seu coração ressoavam tão forte quanto tambores na noite.

Piscou os olhos. O tempo pareceu se tornar mais lento.

Primeiro uma sombra, depois uma silhueta que apareceu na soleira da porta. Um rosto demoníaco.

Ringfield se jogou em cima dele. Logan atirou duas vezes às cegas. Ringfield o esfaqueou e caiu ao seu lado.

No mesmo instante, uma dor terrível invadiu a barriga de Logan.

Deitado de costas, Logan virou a cabeça. O rosto sem vida de Ringfield o olhava com olhos mortos.

"Assim devem terminar os crápulas!", pensou.

Tomou consciência, então, de seu ferimento. Uma faca estava enfiada em seu abdômen.

Continuava ouvindo os gemidos de Sarah e o barulho que fazia agitando-se desesperadamente na cama.

Logan sabia que um homem ferido não deve se mexer, e ainda menos tirar a arma atravessada em

suas tripas. Mas não tinha escolha.

Se não se levantasse, quando Hurley compreendesse que acontecera algo seria tarde demais. Teria perdido todo o sangue.

Assim, apesar da dor lancinante, num esforço de sobrevivência, conseguiu ficar de lado.

Estava recuperando o fôlego quando ouviu passos precipitados subindo a escada. Logan amaldiçoou sua estupidez. Havia dois assassinos! Dois assassinos!

Sua pistola estava a um metro dele. Não teria tempo de pegá-la.

O segundo assassino se debruçou sobre ele. Tinha estragado tudo!

– Xerife?! – disse Sam.

Logan deu uma gargalhada nervosa quando compreendeu seu engano.

Sam olhou para ele, depois viu a pistola no chão. Pegou-a e, sob o olhar impotente de Logan, apontou-a para Ringfield.

Aquele crápula matara Lisa e levara seu corpo para não sei onde.

As lágrimas jorraram, depois ele deixou seu ódio explodir.

– Maldito, vou matá-lo! – explodiu Sam esvaziando o resto do carregador sobre a carcaça do assassino.

– Acalme-se – disse Logan, deitado no chão.

Mas Sam continuava apontando para Ringfield.

– Aproxime-se, garoto, e me escute! – continuou Logan, embora a dor quase o impedisse de falar. Sarah está nesse quarto. Solte-a, não há tempo a perder.

Sam olhou-o com seus grandes olhos perdidos e, sem uma palavra, de maneira mecânica, entrou no quarto.

Logan repousou a cabeça no chão. Escutou o barulho de um adesivo sendo retirado e, em seguida, os choros de Sarah.

– Solte-me, Sam, por favor – disse ela.

Logan sentiu seu coração se apertar e achou que também fosse chorar.

Então Sam voltou até ele. Continuava completamente fora de si.

Logan conseguiu tirar dos bolsos a chave do carro e seu celular.

– Vocês vão pegar meu Cherokee. Está estacionado na estrada. Assim que tiverem sinal, ligarão para Jessica Hurley.

– Ok – disse Sam com uma voz neutra.

– Vai ter de ser forte, rapaz. Haverá tempo pra chorar, mas vocês têm que manter a lucidez a todo custo. Está entendendo?

Sam balançou a cabeça.

Naquele momento, Sarah saiu do quarto. Colocara as roupas de qualquer jeito.

Assim que viu o corpo de Ringfield jogado de barriga no chão, deu-lhe um violento pontapé e cuspiu em cima dele. Depois se virou para Logan.

– Vamos ajudá-lo, xerife – disse ela, debruçando-se sobre ele para levantá-lo.

Sam foi ajudar.

– Não, se me mexer, vou perder sangue ainda mais rápido. Vão e chamem socorro. Não fiquem aí parados.

Afinal, não era impossível que houvesse outro assassino. Era só o que faltava! No meio de todo aquele horror, Logan estava aliviado por constatar certo sangue-frio naqueles meninos. Fechou de novo os olhos.

– Seremos rápidos, prometo – disse Sarah, recomeçando a chorar.

Sam passou o braço em volta de seus ombros e eles se levantaram.

– Sarah? – disse Logan.

– Sim?

– Diga à agente Hurley que eu a amo, que sempre a amei.

As lágrimas correram ainda mais abundantes no rosto de Sarah.

– O senhor não vai morrer, xerife, aguente firme. Eu lhe suplico, aguente firme.

Sam puxou-a pelo braço. Era difícil deixar o xerife naquele estado, mas era a única solução. Não podiam perder mais tempo.

Desceram correndo a escada, depois tiveram de vencer a si mesmos para não se deter junto ao corpo de Shanice.

Lá fora, nada mudara. O sol continuava brilhando acima das copas das árvores.

Refizeram o caminho que tinham tomado algumas horas antes.

Sam não pôde reter as lágrimas quando compreendeu aonde levava o longo rastro de sangue que estavam seguindo.

Saiu correndo e se agachou diante do corpo de Lisa.

Pensou que fosse ficar louco. Urrou sua raiva e sua dor a um deus surdo e impassível.

A mão de Sarah pousou sobre seu ombro.

– Sam, temos de salvar o xerife. Não me deixe sozinha.

Ele olhou para ela como uma criança perdida.

– Venha comigo, preciso de você – acrescentou Sarah.

Sam soltou o corpo de Lisa e se levantou. Com os olhos vermelhos, estendeu para Sarah a chave do Cherokee.

Entraram rapidamente no carro. Assim que ela virou a chave, o motor deu a partida sem problema. Ela deu meia-volta e, sem se preocupar com buracos e pedras, rodou o mais velozmente que pôde.

– Sam, está me escutando?

Ele estava sentado a seu lado. Totalmente prostrado.

Ringfield não o fizera apenas desmaiar. Todo o sangue de que estava coberto provinha de um grande corte no couro cabeludo. Tivera muita sorte.

– Sim – respondeu num tom frio, impessoal.

Então tirou o celular do bolso, esperando até que houvesse sinal.

Sarah estava concentrada dirigindo. Só devia olhar para a estrada. Sobretudo, não devia pensar em Brian. Sem dúvida, estava morto. Tinha de ser forte.

O xerife estava morrendo. Só ela podia salvá-lo. Não podia entrar em pânico.

Sabia que teria toda a vida para chorar sua dor.

Hurley estava com Callwin quando seu celular tocou.

Assim que chegaram de Silver Town, decidiram parar num bar para continuar sua conversa.

Callwin não se parecia nem um pouco com a caricatura que podia traçar de si mesma. Hurley esperava de verdade que ela se mantivesse firme, mesmo sabendo que as coisas não seriam fáceis em Seattle. Mas, eventualmente, poderia ajudá-la.

– É Logan – disse Hurley, vendo o nome aparecer na tela.

Callwin sorriu e tomou um gole de cerveja. Para sua surpresa, o rosto de Hurley empalideceu.

– Ele disse que a ama, que sempre a amou, acrescentou Sam do outro lado da linha.

Hurley estava aos prantos.

Callwin foi de uma eficiência a toda prova. Até que Hurley se recuperasse, ela já tinha ligado para a polícia e para o hospital. Depois entrara em contato com os Spatling para que lhe dessem o endereço exato da fazenda

– Obrigada, disse Hurley, quando Callwin terminou de escrever o endereço num pedaço de papel.

– Não é nada, entre mulheres é preciso se ajudar, não?

Hurley conseguiu esboçar um sorriso.

– Tenho certeza de que o xerife é um osso duro, ele vai sair dessa. Confie nele! – disse Callwin, levantando-se da mesa. Aproximou-se de Hurley, ignorando os olhares curiosos dos outros clientes.

– Vamos, você não pode amarelar. Tem de ir, tem trabalho a fazer.

O tom era tranquilo, embora estivesse falando de inspecionar o lugar onde vários estudantes acabavam de ser assassinados. Mas tinha razão, tinha de colocar de lado suas emoções, se não, corria o risco de ficar louca.

– Topa ser minha copilota?

Callwin esperava que ela lhe propusesse isso, mas nunca teria a audácia de pedir. A nova Leslie não estava mais disposta a tudo por uma boa manchete.

As duas saíram do bar e entraram no carro.

Quinze minutos depois, deixavam River Falls em direção às Rochosas.

O helicóptero conseguiu pousar perto do riacho. Blanchett saiu da cabine e se dirigiu à fazenda, ao longe. Uma enfermeira e um cirurgião foram atrás dela. Por causa do tamanho da aeronave, não havia como trazerem mais gente.

O sol começava a se pôr. Sob as árvores, a escuridão ia se instalando.

Nenhuma luz provinha da fazenda. Blanchett sabia que não havia energia elétrica ali, mas aquilo não pressagiava nada de bom.

Chegou perto da porta e logo percebeu o corpo de Shanice bloqueando a entrada.

Ofegante, o cirurgião chegou por sua vez, abaixou-se e tomou o pulso. Mas, por experiência, já sabia que estava morta.

Blanchett não o esperara e, lembrando-se das indicações de Sarah, subiu a escada e percebeu dois corpos inanimados.

Precipitou-se sobre Logan e colocou os dedos sobre sua garganta.

Seu pulso estava fraco. Ele estava inconsciente.

– Doutor, depressa! – gritou.

O cirurgião e a enfermeira chegaram e depositaram no chão todo o seu aparato.

A enfermeira começou a rasgar a camisa manchada de sangue, enquanto o cirurgião se preparava para uma perfusão.

Blanchett estava febril. Fechou os punhos e encontrou forças para não desfalecer.

– Precisamos de mais luz – ordenou o cirurgião.

Sarah dissera pelo telefone que eles tinham trazido lamparinas que estavam nos quartos. Blanchett foi buscá-las e colocou duas perto de Logan.

Então, compreendendo que sua presença só podia atrapalhar o cirurgião, decidiu sair em busca dos três estudantes de que nem Sarah nem Sam sabiam o paradeiro.

Tomando uma direção ao acaso, começou a andar a procura dos rastros de Brian, Edward e Courtney.

Por mais de quinze minutos, gritou seus nomes na esperança de uma resposta. Nada. Abatida,

compreendeu que a chance de encontrá-los vivos era zero.

Estava voltando para perto da fazenda quando escutou um grito.

Saiu correndo e reconheceu então a voz do piloto do helicóptero, que continuava gritando o mais alto que podia. Blanchett seguiu suas pegadas. O que estava acontecendo?

Na escuridão crescente, distinguiu primeiro uma estranha silhueta, até compreender que se tratava do piloto carregando Courtney nos braços.

– Temos de chamar o doutor! – gritou o homem.

Courtney estava viva e soluçava nervosamente. O sangue se coagulara em seus tendões de Aquiles.

– Encontrei-a amarrada a uma árvore, explicou o piloto.

Com um nó na garganta, Blanchett agradeceu com um movimento da cabeça.

"Pobre garota!", pensou, amaldiçoando a carcaça de Ringfield.

Alguns minutos depois, o helicóptero subia ao céu com Logan a bordo. O cirurgião conseguira estancar a hemorragia, mas não tinha certeza de nada. O tempo jogava contra eles.

Diante da recusa histérica de Courtney de subir a bordo, Blanchett decidira permanecer ali com ela. Ninguém insistira, cada segundo podia ser decisivo.

O sol desaparecera por trás das montanhas quando a fila de viaturas policiais e de ambulâncias chegou à fazenda.

Sem perder tempo, uma batida foi organizada para encontrar Brian e Edward antes que a noite fosse total.

Os dois cachorreiros foram os primeiros a iniciar a busca.

Hurley saiu do carro de Callwin e entrou direto na fazenda.

Quando descobriu o corpo sem vida de Ringfield, não sentiu a menor compaixão.

– Vamos levá-lo – disse um dos socorristas, chegando atrás dela.

Hurley se afastou. Tinha como regra de conduta nunca demonizar os assassinos. Mas nesse caso era diferente. Contra todos os seus princípios, não conseguia lamentar aquela morte.

Voltou a descer; uma má notícia a esperava quando saiu da casa.

– Os corpos de Brian e de Edward foram encontrados – disse Blanchett em tom desolado.

Hurley abanou lentamente a cabeça.

Nesse momento, deitada em uma maca, Courtney foi transportada para uma das ambulâncias a fim de receber novos cuidados.

Embora estivesse distante, Hurley pôde perceber diversas marcas de violência.

Grandes hematomas na garganta e nas têmporas. Feridas abertas nos punhos e tornozelos. Os dois tendões de Aquiles cortados.

O médico injetara um poderoso sedativo em Courtney, que parecia apalermada. Um olhar terrível que Hurley não pôde sustentar. Sabia o quanto seria difícil para aquela garota se reconstruir.

– Nunca entenderei como alguém pode ter prazer fazendo as pessoas sofrerem! – exclamou Callwin.

Frase estúpida, mas que saíra espontaneamente.

– Os *serial killers* são tão vítimas quanto carrascos. Graves traumatismos psicológicos sofridos na tenra infância, dos quais ninguém cuidou. Desvio congênito ou maus-tratos que implicam em disfunções comportamentais, etc., etc. – disse Hurley, recitando seus clássicos em tom desenvolto.

Não sentia vontade de compreender Ringfield. Precisava detestá-lo. Precisava daquele ódio para manter sua dor à distância.

Logan estava entre a vida e a morte, e aquele homem era o culpado.

Hurley tentou não pensar mais naquilo e voltou para junto dos outros policiais a fim de conduzir as primeiras investigações.

Domingo, 29 de abril de 2007

Hurley acordou. Depois de um instante de desorientação, lembrou onde estava. Sentia-se quase serena. Era o efeito dos medicamentos, mas não achava ruim ter sido obrigada a tomá-los.

Lembrou-se de ter passado uma boa parte da noite segurando a mão de Logan, até ser vencida pelo cansaço e ir dormir num dos quartos do hospital.

Vestiu-se, olhou-se no espelho e levou um susto. Estava cadavérica. Deu de ombros e saiu do quarto.

Certa efervescência agitava os corredores.

Hurley imaginava a multidão de jornalistas que devia estar amontoada às portas do hospital. ABC, NBC, CB8, FOX, CNN, todos aquelas mídias para as quais aquele drama era um prato cheio.

Ao contrário de Logan, ela não culpava apenas as mídias, mas também os milhões de telespectadores que passariam o fim de semana diante da televisão para ver uma das vítimas ou ainda o rosto traumatizado dos sobreviventes.

O fascínio com o sofrimento. O voyeurismo banalizado.

Hurley não tinha nenhuma ilusão quanto à parte sombria que dorme em cada ser humano. Ringfield não era um monstro. Apenas um ser humano ordinário que se deixara dominar por essa sombra.

"Não é preciso muito para que o homem solte o freio da fera que traz em si", pensava ela, rememorando como pessoas de bem, sob todos os aspectos, tinham se tornado os piores criminosos durante as guerras do século XX, em particular, mas também em todas as outras.

Atravessou um corredor. Peter Nunn, um médico, a reconheceu e a tomou pelo braço.

– Ele tem boas chances de escapar dessa. Perdeu muito sangue, mas é um guerreiro. Todos nós rezamos por ele – tranquilizou-a, enquanto a levava para o elevador a fim de irem até uma pequena unidade de cuidados onde estavam isoladas todas as vítimas de Ringfield.

Pararam diante de uma porta de vidro. Do outro lado, Sam, Sarah e Courtney estavam conversando.

– Eles pediram para ficar sozinhos. São muito corajosos. Vão precisar de muito mais ajuda do que imaginam – disse Nunn, colocando as mãos no bolso do jaleco.

Hurley concordou.

– Gostaria de falar com Sarah – disse ela.

– Só se ela estiver de acordo – autorizou Nunn.

Entrou no quarto, e a conversa cessou imediatamente.

De pé, atrás da porta de vidro, Hurley o viu falar com Sarah, que, parecendo aceitar sua proposta, saiu do quarto na companhia do médico.

– Ali vocês estarão tranquilas – disse Nunn.

Abriu a porta de outro quarto.

– Vou voltar para junto de Courtney e Sam – acrescentou, deixando-as a sós.

Hurley agradeceu e convidou Sarah a se sentar na cama.

– Como está se sentindo?

Sarah tentou sorrir, mas apenas uma careta deformou seus traços.

– Meus amigos estão mortos, o homem que eu amava também, o que tenho a esperar da vida?

Hurley gostaria de encontrar as palavras que pudessem curá-la, mas não conhecia nenhuma. Só o tempo podia tratar esse tipo de ferimento, e mesmo assim...

– Não deve se deixar abater: por mais forte que seja sua dor, um dia ela vai passar e, você verá, vai reencontrar o gosto pela vida, e...

– Pare com essa psicologia barata! Foi para me dizer essas idiotices que quis falar comigo?! – arrebatou-se Sarah, levantando-se com um salto.

Hurley recuou um passo. Não esperava aquela reação. Sarah tinha tanta raiva dentro de si!

– Desculpe-me, mas preciso lhe falar de uma coisa. Ainda que o momento seja inoportuno, isso não pode esperar.

Sarah conseguiu se controlar e encarou Hurley.

– O que é, vão me acusar de ser cúmplice, é isso?

Hurley balançou a cabeça negativamente.

– Eu vi as fotos em que você está com Paul Ringfield e Lucy.

Sarah ficou um momento atônita, depois suspirou e foi se sentar de novo na cama.

Acreditara que com a morte de Donald seu segredo ficaria enterrado para sempre junto com Lucy e Amy. Mas realmente nascera sob uma má estrela.

– Se só eu tivesse visto, juro que não falaria com ninguém sobre isso. Mas o xerife de Silver Town está a par, e o FBI vai ter de investigar pra saber o que levou Donald Ringfield a atacá-los. O calvário de vocês vai sair na primeira página de todos os jornais. O FBI terá de esclarecer todos os pontos. Compreende?

Sarah pegou o travesseiro e ajeitou-o antes de deitar completamente na cama.

– Nunca me deixarão em paz! – suspirou, desviando o olhar.

Lá fora, o céu estava do mais intenso azul.

– O que fiz para merecer isso?

Hurley guardou para si mesma as frases feitas que a polícia costuma dizer em tais circunstâncias.

Aproximou-se de Sarah e colocou a mão em seu ombro.

– Deve entender que terá de deixar a cidade. Todos vão responsabilizá-la pela morte de seus amigos. E, acredite ou não, não vou deixar que façam de você um bode expiatório.

Sarah compreendia exatamente o que ela estava querendo dizer. Rapazes e garotas de boa família tinham acabado de morrer. Quem melhor do que uma antiga libertina para levar a culpa? Sua vida seria um inferno se permanecesse ali.

– O que vai ser de mim?

Nunca se sentira tão desamparada. Não tinha mais nenhuma esperança. No entanto, Deus sabia o quanto ela amava a vida!

– Vou cuidar de você, Sarah. Confie em mim.

Sarah olhou para ela com o rosto desfeito, e Hurley teve de morder os lábios para não se derreter em lágrimas.

– Não vai me deixar na mão, promete?

– Prometo – respondeu Hurley, com a voz vibrando de emoção.

Saíram do quarto e Jessica assegurou que passaria ali de novo durante o dia.

Enquanto Sarah voltava para seus companheiros, Nunn se aproximou de Hurley.

– Vou acompanhá-la até o xerife – disse o médico.

Atravessaram o longo corredor e chegaram enfim diante do quarto de Logan.

– Vá. Espero você aqui – disse Nunn.

Se alguém ainda ignorava sua relação com o xerife, desde a véspera toda a cidade estava a par.

Ela entrou devagar. Seu coração se apertou quando viu aquele tubo que continuava na boca do ferido. Não era nada, não devia se deixar enganar pelas aparências.

Logan continuava inconsciente.

Aproximou-se dele. Uma onda de amor se apoderou dela.

Ele era magnífico; mesmo assim, deitado e imóvel, emanava de seu corpo uma força tranquila, uma segurança que ela jamais tivera.

“Se Logan tinha um defeito, era o de nunca duvidar. Se tinha uma qualidade, era a de nunca duvidar!,” pensou, acariciando as pontas dos dedos dele.

– Mike, você vai sair dessa. Eu amo você – disse com uma voz frágil.

Um sorriso se desenhou no rosto de Logan. Ele abriu os olhos.

Títulos da Vertigo

SETE DIAS EM RIVER FALLS | Alexis Aubenque
Algumas garotas escondem terríveis segredos
O mundo de Sarah transforma-se num pesadelo quando suas duas melhores amigas do passado, Amy e Lucy, são encontradas no fundo de um lago terrivelmente mutiladas. Sarah parece esconder um terrível segredo. É como se um laço misterioso ainda a ligasse a elas…

MEU PRIMEIRO ASSASSINATO | Leena Lehtolainen
Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...
Em sua primeira investigação criminal, a policial finlandesa Maria Kallio tem um grande desafio: desvendar o misterioso assassinato de um jovem que passava um fim de semana na casa de seus pais em companhia de sete outros membros de um coral. Ele foi encontrado morto, afogado. Todos são suspeitos, mas apenas um é o culpado…

OS SETE CRIMES DE ROMA | Guillaume Prévost
Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...
Na Roma do século XVI, são cometidos assassinatos tão violentos quanto estranhos. Encabeçam a investigação um jovem estudante de Medicina, Guido Sinibaldi, e nada menos que o gênio do Renascimento, Leonardo da Vinci. Um romance policial diabólico que, dos mistérios da biblioteca do Vaticano aos segredos das ruínas antigas, nos arrasta num jogo de pistas eletrizante, erudito e macabro.

A FERA INTERIOR | LotteHammer e Søren Hammer
Podemos fazer justiça com as próprias mãos?
Cinco corpos masculinos mutilados – castrados – e um rico empreendedor que denuncia na mídia a falta de firmeza da justiça dinamarquesa para com os pedófilos. O inspetor Simonsen, que tem experiência demais para não desconfiar das coincidências, logo compreende que está diante de um plano de grandes dimensões, cujos pormenores ainda desconhece...

ESTAVA ESCRITO | Gunnar Staalesen
O que realmente sabemos sobre nossas crianças?
As aventuras do detetive Varg Veum o levam a um mundo obscuro onde adolescentes privilegiados são atraídos para as drogas e a prostituição. E a situação fica ainda pior quando o juiz local é encontrado morto em um hotel de luxo, usando lingerie feminina, e pais desesperados imploram para que ele encontre uma garota desaparecida.

Copyright © 2008 Calmann-Lévy
Copyright da tradução © 2013 Editora Nemo/Vertigo

TÍTULO ORIGINAL
Sept jours à River Falls
CAPA
Diogo Droschi (sobre imagem de Kcxd/flickr)
TRADUÇÃO
Fernando Scheibe
PREPARAÇÃO
Sonia Junqueira
REVISÃO
Renato Potenza Rodrigues
DIAGRAMAÇÃO
Christiane Morais
Coleção dirigida por Arnaud Vin

Revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

VERTIGO
Av. Paulista, 2073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar,
Conj. 2301, Cerqueira César . São Paulo . SP .
CEP 01311-940 Tel.: (55 11) 3034 4468

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Aubenque, Alexis
Sete dias em River Falls: algumas garotas escondem terríveis segredos... / Alexis Aubenque; tradução Fernando Scheibe . – São Paulo: Vertigo , 2013.

Título original: Sept jours à River Falls.
ISBN 978-85-8286-016-8

1. Ficção policial e de mistério (Literatura francesa) 2. Ficção francesa I. Título.

13-05605 CDD-843.0872
Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção policial e de mistério:
Literatura francesa 843.0872